

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Dissertação

JOGOS OLÍMPICOS: ESPETÁCULO DE ENTRETENIMENTO PLANETÁRIO

Evelize Dorneles Minuzzi

Pelotas, 2013

EVELIZE DORNELES MINUZZI

JOGOS OLÍMPICOS:
espetáculo de entretenimento planetário

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à defesa de dissertação para a obtenção do título de Mestre em Ciências (área de conhecimento: Educação Física).

Orientador (a): Dr^a.Elizara Carolina Marin

Pelotas, 2013

Dados de catalogação Internacional na fonte:

M668j Minuzzi, Evelize Dorneles

Jogos Olímpicos: Espetáculo de Entretenimento /
Evelize Dorneles Minuzzi; Elizara Carolina Marim,
orientador. – Pelotas, 2013.
198 f.

Dissertação (Mestrado em Educação Física), Escola
Superior de Educação Física, Universidade Federal de
Pelotas. Pelotas, 2013.

1. Jogos Olímpicos. 2. Esporte de Alto Rendimento.
3. Entretenimento. I. Marim, Elizara Carolina, orient.
II. Título.

CDD:796

Catalogação na Fonte: Patrícia de Borba Pereira CRB:10/1487
Universidade Federal de Pelotas

Banca examinadora:

Dr^a.Elizara Carolina Marin (Presidente)

Dr^o.Giovanni Frizzo

Dr^o.Luiz Fernando Camargo Veronez

Agradecimentos

Este estudo contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC) por doze meses.

Quero agradecer, alguns dos meus colegas e professores da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas que me trouxeram a companhia de autores com os quais pude dialogar. Agradeço, em especial, à Joice Lopes, à Gabriela Machado Ribeiro, à Luciane Collares, à Isabella Filippini e ao Everson Amaral. Também especial ao Profº. Luiz Fernando Camargo Veronez, que soube partilhar comigo sua experiência e ajudou-me a descobrir esse novo campo de pesquisa.

A minha gratidão à Profª. Elizara Carolina Marin, minha orientadora, em quem desde graduação aprendi a confiar e que se tornou uma grande amiga. A ela pertencem muitos dos méritos deste estudo.

Por fim, ao Luiz Carlos Minuzzi, meu pai, à Vera Lúcia Dorneles, minha mãe, à Maiara Dorneles Minuzzi, minha irmã e ao Eleandro Soares Rodrigues, meu namorado, cuja colaboração foi fundamental para que este trabalho ficasse pronto dentro do prazo, e cuja compreensão e carinho foram essenciais para que esta tarefa não se tornasse sem sentido.

Resumo

MINUZZI, Evelize Dorneles. **Jogos Olímpicos: espetáculo de entretenimento planetário**. 2013. 198f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Esta pesquisa buscou compreender os Jogos Olímpicos como espetáculo de entretenimento, explícito na dimensão da infraestrutura, na expectativa quanto ao desempenho dos atletas, na midiaticização do evento, nas razões do Estado e nos interesses privados em sediar, no montante dos custos econômicos, nos exemplos de superação e na possibilidade de enaltecer ou abalar o orgulho nacional. Para tanto realizamos pesquisa bibliográfica a partir de materiais de domínio científico, primordiais tanto para a coleta de dados quanto para realizar a análise do objeto de estudo; e pesquisa documental, via análise da mídia impressa “Folha de S. Paulo”, sobretudo, entre o período de 1991 a 2012. Como procedimento de interpretação, utilizamos análise de conteúdo. A problematização da temática leva em consideração as mudanças operadas na concepção de tempo e de tempo livre, como o aumento da oferta de produtos destinados aos usos do tempo, dentre eles, o espetáculo. Situamos o surgimento, a invenção, a instalação e a reinvenção dos Jogos Olímpicos na sociedade capitalista contemporânea, buscando aproximações entre os Jogos Olímpicos e o espetáculo de entretenimento. Em síntese, procuramos demonstrar que os Jogos Olímpicos trata-se de um exemplo singular da mundialização do entretenimento, um fenômeno planetário de controle ideológico da sociedade capitalista, transformado em mercadoria para a satisfação imediata do público, rentável para a indústria do entretenimento e estruturadora da ideologia capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Entretenimento. Esporte alto rendimento. Jogos Olímpicos.

Abstract

Minuzzi, Evelize Dorneles. Olympic Games: world entertainment spectacle. 2013. 198f. Thesis (Master's Degree) - Graduate Program in Physical Education. *Universidade Federal de Pelotas, Pelotas*.

The following research aimed to understand Olympic Games as a spectacle of entertainment, explicit in the dimension of the infrastructure, in the expectation for the performance of athletes, in the media coverage of the event, in the grounds of the State, and in the private interests in hosting the games, in the amount of the economic costs, in the examples of overcoming limits, and in the possibility of enhancing or undermining national pride. For such, a bibliographic research has been conducted from scientific domain material, primary both for data collection and to perform the analysis of the object of study; and documentary research, through the analysis of print media "Folha de Sao Paulo" especially in the period from 1991 to 2012. As for the interpretation procedure, content analysis has been employed. The topic questioning takes into consideration the changes in the theoretical concept of time and free time, as the increased supply of goods for the time use, amongst them the spectacle. The emergence, the invention, reinvention and installation of Olympic Games in contemporary capitalist society is situated in this study, seeking similarities between the Olympic Games and entertainment spectacle. In summary, we aimed to demonstrate that the Olympic Games are a unique example of the globalization of entertainment, a planetary phenomenon of ideological control of capitalist society, transformed into merchandise for the immediate satisfaction of the public, profitable for the entertainment industry and somehow structuring capitalist ideology.

KEYWORDS: Entertainment. High performance sport. Olympic Games.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição das categorias conforme a presença nas matérias	30
Quadro 2: Comparação das categorias dos Jogos Olímpicos de 1992 a 2012	99
Quadro 3: Número de matérias e de pessoas envolvidas com a midiatização de cada edição dos Jogos Olímpicos	100
Quadro 4: Distribuição das matérias da categoria Atleta por Jogos Olímpicos	101
Quadro 5: Percentual de mulheres participantes em relação ao total de inscritos a partir dos Jogos Olímpicos de Sydney-00	108
Quadro 6: Números referentes à política antidoping do COI	111
Quadro 7: Distribuição das matérias da categoria Espetáculo olímpico/Entretenimento planetário por Jogos Olímpicos	113
Quadro 8: Demonstrativo da Cerimônia de Abertura	114
Quadro 9: Número de ingressos comercializados por modalidades nos Jogos de Atlanta-96	121
Quadro 10: Distribuição das matérias da categoria Infraestrutura por Jogos Olímpicos	122
Quadro 11: Despesas em segurança e número de seguranças envolvidos	123
Quadro 12: Valor despendido com as obras de infraestrutura	125
Quadro 13: Distribuição das matérias da categoria Nacionalismo por Jogos Olímpicos	130
Quadro 14: Valor ofertado ao ouro olímpico	131
Quadro 15: Distribuição das matérias da categoria Midiatização por Jogos Olímpicos	135
Quadro 16: Número de Telespectadores e valor pago pela NBC aos direitos de retransmissão	135
Quadro 17: Distribuição das matérias da categoria Marketing Olímpico por Jogos Olímpicos	140
Quadro 18: Número de comitês nacionais patrocinados pelas marcas esportivas nos Jogos de Atlanta-96	141
Quadro 19: Distribuição das matérias da categoria Política por Jogos Olímpicos	144
Quadro 20: Distribuição de cada edição dos Jogos Olímpicos	

no patamar de países desenvolvidos ou emergentes	145
Quadro 21: Distribuição das matérias da categoria Investimentos Econômicos conforme por Jogos Olímpicos	148
Quadro 22: Distribuição das matérias da categoria Manifestação Social por Jogos Olímpicos	151

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABC- *American Broadcasting Company*

BBC- *British Broadcasting Corporation*

COI- Comitê Olímpico Internacional

CONs- Comitês Olímpicos Nacionais

COB- Comitê Olímpico Brasileiro

EUA- Estados Unidos

EBU- *European Broadcasting Union*

FIFA- Federação Internacional de Futebol Associado

IAF- *International Athletic Foundation's*

IAFF- *International Association of Athletics Federations*

ISL- *International Sport and Lesiure*

NBA- *National Basketball Association*

NBC- *National Broadcasting Company*

TOP- *The Olympic Partners*

URSS- União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

WIPO- *World Intellectual Property Organization*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – PREMISSAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS	16
1.1. Desenho metodológico	16
1.2. Pesquisa Documental: os registros dos eventos	19
1.3. Pré-análise: a configuração do conjunto de documentos	25
1.4. Transformação dos documentos em dados organizados: indicações das nove categorias de análise	26
CAPÍTULO II – TEMPO LIVRE, ENTRETENIMENTO E ESPETÁCULO: ELEMENTOS ESTRUTURANTES DA EXPERIÊNCIA HUMANA NO CAPITALISMO	32
2.1. Tempo Livre: de direito a tempo de consumo	32
2.2. Tempo livre e entretenimento na lógica do capitalismo	48
2.3. Espetáculos Esportivos: um dos entretenimentos mais difusos do século	52
CAPÍTULO III – JOGOS OLÍMPICOS: DA TRADIÇÃO ANTIGA À PRODUTO MODERNO	57
3.1. Os Jogos Gregos: a gênese dos Jogos Olímpicos	57
3.2. Os Jogos Olímpicos: um produto recriado na Era Moderna	61
CAPÍTULO IV – ESPETÁCULO OLÍMPICO DE ENTRETENIMENTO PLANETÁRIO: SENTIDOS A PARTIR DA “FOLHA DE S. PAULO”	99
CONCLUSÃO	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160
APÊNDICE A-1	169
APÊNDICE A-2	172
APÊNDICE A-3	176
APÊNDICE A-4	182
APÊNDICE A-5	185
APÊNDICE A-6	190
APÊNDICE B-1	195
APÊNDICE B-2	198

INTRODUÇÃO

É crescente a presença do termo entretenimento no discurso cotidiano contemporâneo, principalmente, no da mídia escrita, falada e televisiva. No entanto, o entretenimento está longe de ser neutro, pois serve ao metabolismo do capital, tanto desdobrado na configuração de necessidade funcional de evasão quanto na de tempo para o consumo de mercadorias, marcando a falsa oposição entre tempo livre e trabalho. Pois, tanto o tempo de trabalho, momento de produção, como o tempo livre, momento de consumo, estão dialeticamente articulados no processo geral de trabalho: produção-distribuição-troca-consumo.

Na atual conjuntura, os espetáculos esportivos mundiais assumem estreita relação com a forma assumida pelo entretenimento na fase atual do modo de produção capitalista, pois provocam fortes emoções, sensação de fruição e prazer, os quais são comercializados como ínfimas demandas do tempo livre. A análise proposta neste trabalho está vinculada a um dos maiores espetáculos esportivos mundiais, os Jogos Olímpicos. Englobam *show* e competição, heroísmo e fatalidade, nacionalismo e mundialização cultural.

Os Jogos Olímpicos marcam e carregam marcas daquilo que é universal, ou seja, narram a própria história da sociedade capitalista, conforme diria Eric Hobsbawm, da Era dos Impérios (1875-1914) à Era dos Extremos (1914-1991). Então, como sendo um evento particular, incorporaram rapidamente a dinâmica do capital, reproduzindo suas estruturas e sustentando suas relações. Desde o princípio serviram para objetivar as demandas do sistema e, hoje, tendo em vista sua dimensão global apresentam-se como espetáculo de entretenimento de âmbito planetário.

Nessa perspectiva, cabe ressaltar que os Jogos Olímpicos, em seu esplendor tem alienado o trabalhador em favor do esporte contemplado, isto é do esporte-espetáculo, uma vez que quanto mais o trabalhador se entretém, menos vive. Quanto mais aceita reconhecer-se nas práticas dominantes de outrem, por exemplo, da instituição do COI, das diferentes mídias e das grandes empresas, menos compreende sua própria existência e seus desejos autônomos, enquanto classe e protagonista da história. Desse modo, os Jogos Olímpicos ao se tornarem

um espetáculo delegam para seus protagonistas as práticas que deixam de ser de todos e passam a ser de outros que os representam.

Ciente das alusões que caracterizam os Jogos Olímpicos como próprios da dinâmica capitalista de produção e reprodução das relações sociais alienadas e alienantes da sociedade, este estudo teve como motivação original de subsidiar a compreensão da maneira como os Jogos Olímpicos passam a ser produzidos como espetáculo de entretenimento planetário a partir de 1991. Em razão da consolidação do COI como uma organização empresarial e da revisão da Carta Olímpica, em 1991, que abriram as portas ao profissionalismo, ao marketing e à comercialização, sob o contexto do fim da polarização na geopolítica internacional, capitalismo *versus* socialismo.

Acenamos para a necessidade de reflexão e de produção de conhecimento, acerca do entendimento dos Jogos Olímpicos como espetáculo de entretenimento planetário, tendo em vista a justificativa da metamorfose na estrutura organizacional e na natureza econômica e social dos Jogos Olímpicos e, do domínio do entretenimento.

Os Jogos Olímpicos desde 1980, sob o comando de Juan Antônio Samaranch, vem sendo reinventados como um espetáculo dirigido pela lógica do mercado e pelos interesses do mundo dos negócios e, orientado a satisfazer a próspera indústria do entretenimento. Como fica explícito pela dimensão gigantesca da infraestrutura, pela expectativa quanto ao desempenho dos atletas, pela midiatização do evento, pelas razões do estado e pelos interesses privados em sediar, pelo montante dos custos econômicos, pelos exemplos emocionantes de superação e pela possibilidade de enaltecer ou abalar o orgulho nacional. Enfim, os Jogos Olímpicos foram tratados como produto de dimensão planetária, que diverte, atrai e envolve um público expressivo, pois provoca emoções e sensações.

Além disso, a pesquisa também agrega relevância acadêmica, principalmente, se considerarmos a pouca ocorrência de pesquisas do tema sob a dimensão do espetáculo de entretenimento. O mapeamento realizado por Miranda e Mascarenhas (2011) sobre os estudos olímpicos no Brasil a partir dos periódicos científicos da Educação Física brasileira expõem também esta problemática.

Diante da importância social e das lacunas acadêmicas frente ao tema, procuramos neste trabalho, investigar, sistematizar e compreender como os Jogos

Olímpicos passam a ser produzidos como espetáculo de entretenimento via análise dos produtos midiáticos, mais especificamente, do jornal “Folha de S. Paulo”, sobretudo, entre o período de 1991 a 2012. Porém, temos clareza que buscar compreender a configuração dos Jogos Olímpicos como espetáculo de entretenimento via “Folha de S. Paulo” coloca limites, em virtude das concepções políticas e econômicas da empresa e da própria lógica do fazer jornalismo. Todavia, a produção jornalística atua por meio da agenda e cria realidade aceita pelo campo da recepção.

A temática dos Jogos Olímpicos foi desenvolvida numa abordagem alternativa aos chamados Estudos Olímpicos, pesquisados por Otávio Tavares, Kátia Rubio, entre outros pesquisadores. Significa dizer que, assumiu a centralidade uma abordagem que, sob a lógica histórica, a partir do princípio da totalidade, envolve a análise dos determinantes econômicos, políticos e culturais, que atravessam o fenômeno, a espetacularização e a produção dos Jogos Olímpicos como entretenimento.

De tal modo, estabelecemos como objetivo principal desse trabalho investigar as estratégias que os Jogos Olímpicos, a partir de 1991, utilizaram para produzir um espetáculo de entretenimento planetário. Para alcançarmos tal propósito foi suscitada uma série de indagações: 1) O que faz dos Jogos Olímpicos um excelente espetáculo esportivo? 2) Como se estrutura a logística organizacional de cada país-sede a partir de 1992? 3) Quais os tipos de cobertura midiática são usados na reprodução do espetáculo olímpico, simultaneamente, para todos os continentes? 4) Qual a função das estratégias políticas na agenda do evento? 5) De que forma a resistência social da população penetra no espetáculo olímpico? 6) Qual a imagem e a importância dos atletas olímpicos para o espetáculo? 7) A propaganda e a publicidade valorizam o espetáculo olímpico, e como o fazem? 8) Qual o papel do nacionalismo no envolvimento do espectador com o espetáculo olímpico? 9) Quanto se investe na produção dos Jogos Olímpicos na sociedade capitalista? 10) Como as atividades de tempo livre contemplam os Jogos Olímpicos em termos de mercados consumidores potenciais?

A pesquisa levada a efeito, desenvolvida em dois anos (de 2011 a 2012), demandou a adoção de diferentes procedimentos para percorrer o caminho teórico-metodológico sob o entendimento do pesquisar como processo. Realizamos a

pesquisa da pesquisa, a partir de materiais de domínio científico, os quais foram primordiais tanto para a coleta de dados quanto para realização da análise do objeto de estudo. E, a pesquisa documental, via análise da mídia impressa e da digital “Folha de S. Paulo”, sobretudo, entre o período de 1991 a 2012, com o objetivo de extrair traços peculiares e gerais para mostrar como os Jogos Olímpicos passam a ser produzidos como espetáculo de entretenimento a partir de 1991.

As matérias, referentes aos Jogos Olímpicos, foram coletadas da cobertura impressa e da digital do jornal “Folha de S. Paulo” publicada no caderno de esporte, ao longo do mês anterior à data de abertura e do mês posterior à data de encerramento no ano do evento, e nos cadernos especiais intitulados de: Barcelona-92; Atlanta-96; Folha Sidney 2000; Atenas 2004; Pequim 2008; e Londres 2012.

Foram selecionadas 734 matérias, conforme a representatividade e a pertinência da natureza do conteúdo, considerando, primordialmente, aquelas que contribuíssem com as singularidades de cada evento, por conseguinte, desviando de matérias que tratavam, especificamente, dos resultados das delegações olímpicas. A interpretação das matérias seguiu as fases da Análise de Conteúdo de Bardin.

O primeiro capítulo, designado “Premissas teórico-metodológicas”, acena o tipo de pesquisa desenvolvida e a metodologia de análise adotada. Expõe, ainda, as etapas desenvolvidas na pesquisa, o *corpus* de análise, o processo de coleta de dados, bem como, o processo de organização, de categorização e de tratamento dos resultados acerca dos dados da pesquisa documental.

O segundo capítulo, intitulado “Tempo livre, entretenimento e espetáculo: elementos estruturantes da experiência humana no capitalismo”, trata das mudanças operadas na concepção de tempo e do tempo livre. O foco situa-se na mundialização do entretenimento, através do aumento da oferta de produtos, destinados aos usos do tempo, entre eles, o espetáculo, que, ao espetacularizar as esferas sociais, acaba por ditar as relações estabelecidas na sociedade de produção e acumulação de capitais.

O terceiro capítulo, denominado “Jogos Olímpicos: da tradição antiga à produto moderno”, situa o surgimento, a invenção, a instalação e a reinvenção dos Jogos Olímpicos, a partir de recursos históricos que embasam os fatos de modo que também assentam sua inserção na sociedade capitalista contemporânea. Partimos do entendimento de que os Jogos Olímpicos apresentam-se como um evento que

incorpora rapidamente a dinâmica do capitalismo e reproduz suas estruturas e sustenta suas relações.

O quarto capítulo, com o título “Espectáculo Olímpico de Entretenimento Planetário: sentidos a partir da “Folha de S. Paulo””, ostenta a análise dos Jogos Olímpicos de Barcelona (1992) aos de Londres (2012), realizada por meio da descrição e da interpretação das nove categorias empíricas, as quais estão ilustradas através de fragmentos dos registros e dos dados quantificados pela frequência de aparição nas edições analisadas do jornal “Folha de S. Paulo”, na busca pelos sentidos que se corporificam no espetáculo de entretenimento planetário.

CAPÍTULO I- PREMISSAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Neste capítulo, serão descritas e alicerçadas as premissas teórico-metodológicas que nortearam a coleta e a organização dos dados evidenciados pela pesquisa. Acreditamos que o direcionamento do tipo de pesquisa está interligado com a natureza do objeto, o problema investigado, e, principalmente, a corrente epistemológica, a qual nutre o pensamento e as escolhas do pesquisador.

1.1. Desenho metodológico

Partimos do entendimento de que pesquisar é muito mais do que instituir teoricamente as ideias, as hipóteses e os afazeres empíricos com o apoio técnico de procedimentos metodológicos de modo redutor e previamente estabelecido. Nas palavras de Maldonado (2002, p. 03), a prática de pesquisar não significa acompanhar um “percurso burocrático e classificatório, que reduz a problemática teórica a uma mera adequação de conceitos e a interesses pragmáticos de curto prazo”.

Nessa direção, Marin (2006b, p. 66) afirma que pesquisar tem a implicação de provocar o olhar do pesquisador sobre a realidade, fazendo com que seja alicerçada a relação entre a desconstrução-construção-reconstrução do conhecimento e os saberes historicamente acumulados, numa “interação agressiva, afetiva e poética com o seu problema investigado”.

Considerando tais colocações, podemos dizer que pesquisar passa a ser um movimento de observação, experimentação, vivência e sistematização do problema/objeto, condicionado pelo ritmo da inquietação, da inspiração, da compreensão e da apreensão. Na comparação feita por Marin (2006b, p. 66) à luz de Wraith Mills, o pesquisar confunde-se com o ofício de um artesão, pois tanto no processo de construção do artefato quanto do saber perpetua “um estado confuso, com hesitações, renúncias, decisões para chegar ao acabado”.

Diante dessa aproximação, é interessante começar a perceber o ato de pesquisar semelhante a uma ação de conceber uma obra de arte, a qual é mobilizada pela dúvida, pela paciência, pela reciprocidade, pela empatia, pela

aposta, pela sensibilidade e pela percepção do pesquisador em relação aos materiais e ao fazer. Marin (2006b, p. 70) destaca que esse modo de fazer pesquisa não cabe apenas em modelos, pois “instiga a alma e se constrói no processo, no percurso, a cada caminhada, passo a passo”.

Pesquisar é como atravessar um processo sistematicamente refletido de renovação, que vai emergindo conhecimentos a partir do estado de ir e de vir, constituídos entre o fenômeno pesquisado e o pesquisador no quadro teórico e empírico.

É a partir dessa renovação que o pesquisador-artesão lapida a sua pesquisa sob o chão epistemológico, realocando uma significação particular para o fenômeno investigado. São “as perspectivas, os detalhes, os arranjos, as táticas e os estilos de pensar do pesquisador que dão vitalidade a práxis teórica” (MALDONADO, 2006, p. 291). Sem deixar de fundar o recorte da pesquisa na totalidade da realidade, pois é nessa dialética de “situar em”, que se dá conta do papel e da função de se produzir conhecimento científico.

Na medida em que o processo de produção do conhecimento vai sendo constituído pelo artesão intelectual¹, na acepção de Mills (1982), passa a existir a forma mais aprimorada da sua obra científica, a pesquisa, que espelha muito a interpretação do seu instituidor e indica possibilidades de mudanças entre as relações, através do aparato de significados e de sentidos combinados nos seus elementos textuais. Significa dizer que, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, a organização das palavras nas páginas imprime a concepção de homem, de educação, de trabalho, de sociedade e de mundo que se sustenta o pesquisador.

Além de conter os traços do pesquisador-artesão, a pesquisa também atenta para linhas estruturais institucionalizadas, que a legitima como saber científico. Bonin (2006) recomenda alguns movimentos para que se tenha uma pesquisa consolidada, a pesquisa da pesquisa, a pesquisa exploratória e pesquisa metodológica. Maldonado (2006) ainda adiciona a pesquisa teórica.

Como caminho para a consecução dos nossos objetivos lançamos mão da pesquisa documental e bibliográfica, que Bonin (2006) prefere denominar de “pesquisa da pesquisa”, ou seja, o exercício de mapear e de garimpar, o que tem

¹ Mills (1982) caracteriza como artesão intelectual o pesquisador que tem presente na sua rotina de pesquisa o estudo, a reflexão, as explorações, manutenção de um arquivo, vivência em várias pesquisas, a reflexão e a reciprocidade entre a vida e o trabalho.

sido produzido sobre o tema da pesquisa. É a partir desse fato de conhecer acerca da totalidade dos estudos que se traça o “estado da arte”² ou “o estado do conhecimento” da pesquisa. Bonin (2006, p. 31) esclarece que a pesquisa da pesquisa é o próprio “revisitar”, com interesse e reflexão. Interesse na busca de elementos que possam contribuir para o projeto de pesquisa e reflexão para “trabalhar em processos de desconstrução, de tensionamento e de apropriação” com o que o pesquisador labora.

Maldonado (2006) observa a prevalência da pesquisa teórica sobre a revisão de literatura, já que a investigação teórica trabalha com o confronto entre as redes de ideias existentes e a dinamicidade da realidade, bem como, com a especificidade da pesquisa. Por ser a teoria a sustentação de uma pesquisa, o uso dos conceitos precisa provir de um exercício de apropriação “sistemático de exploração, aprofundamento e compreensão” (MALDONADO, 2006, p. 288), que se dá por intermédio de um coeso e denso plano de estudo, que procura extrair “reflexão, apontamentos, sistematização, descrição, explicação” das teorias analisadas.

Para tanto, é possível observarmos que a pesquisa de outrem poderá ser o princípio para outra, pois ao considerar-se o que já foi feito, o como foi feito, os tensionamentos norteadores, as lacunas deixadas, os vieses abordados, os avanços apontados nos estudos realizados e o diálogo com o campo empírico a ser problematizado tem-se pontos de partida para a iniciativa científica.

Maldonado (2001, p. 63) também aponta que as técnicas “trazem inseridas, na sua estrutura e nas suas proposições, teorias que as fundamentam; acreditar na neutralidade das técnicas e na sua independência de conteúdos teóricos é ingenuidade ou acomodação”. Afinal, ao pesquisar têm-se as opções de se envolver com o método que mais se aproxima do entendimento do pesquisador e de se inserir num empreendimento coletivo³.

² O “estado da arte” pode ser entendido, conforme Ferreira (2002), como uma pesquisa de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado tema ou, então, como uma quantificação do que já foi construído e produzido, tendo o objetivo de buscar o que ainda não foi feito.

³ É a definição dada à ciência por Bonin (2006), pois ao se produzir é necessário considerar os conhecimentos cientificamente, culturalmente e historicamente apropriados pela humanidade, logo o tema investigado terá a possibilidade de contribuir em aspectos teóricos, metodológicos, epistêmicos, incorporando relevância social e prática.

Iniciamos a pesquisa da pesquisa no mês de junho de 2011 na internet por meio da consulta de teses, de dissertações e de artigos nos *sites* do Banco de Teses e do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC) e dos periódicos científicos indexados de Educação Física. Para constituir o estado da arte dessa pesquisa, realizamos o levantamento da produção científica sobre o tema dos Jogos Olímpicos na perspectiva de espetáculo de entretenimento sob a abordagem das Ciências Sociais e Humanas. Meticulosamente destacamos, no Banco de Teses da CAPES 25 dissertações/teses; e nos principais periódicos científicos da área de Educação Física 16 artigos, os quais propiciaram conhecer, analisar e desconstruir caminhos teórico-metodológicos desenvolvidos por outros pesquisadores.

Mediante a exploração desses recursos metodológicos, a construção da pesquisa deu-se por meio de viés teórico-crítico a fim de sistematizar, descrever e compreender a relação entre Jogos Olímpicos e espetáculo de entretenimento via análise dos produtos midiáticos, mais especificamente, da edição impresso e digital do jornal “Folha de S. Paulo”. Para tal, utilizamos a pesquisa documental.

1.2. Pesquisa Documental: os registros dos eventos

A pesquisa documental recorre diretamente a registros que não receberam trato analítico para identificar e extrair, cuidadosamente, informações, que darão conta de objetar as questões de interesse do estudo, dessa forma, tem como objeto de investigação e de análise os registros de eventos da realidade empírica.

Tendo em vista que os documentos, na sua diversidade, recuperam momentos históricos, espaços e relações sociais, situando os eventos em seu tempo e contexto, May (2004, p. 213) os reconhece como materiais ricos para compreensão e análise, tanto pelo que explicitam quanto pelo que deixam de fora. Por isso, adverte que a “leitura não pode ser de uma maneira desligada, pois os documentos estão engajados em um contexto político e social, refletindo, e construindo a realidade social e as versões dos eventos”.

Consoante com Cellard (2008, p. 296), documentos são “tudo que é vestígio do passado e serve de testemunho”, podendo estar arquivados ou não, serem de domínio público ou privado. Os documentos, no seu sentido mais amplo, abrangem

desde textos escritos, como relatório, até registros não escritos, como fotografias. Quando tratados pelo pesquisador, seguem por trilhas metodológicas, que se faz por meio de etapas e procedimentos de manuseio, organização, categorização dos detalhes consideráveis para, posteriormente, serem analisados e inferidos.

Na perspectiva de Cellard (2008), a apreciação inicial dos documentos é feita por um olhar crítico com o foco em cinco dimensões: 1) o contexto social em que o documento foi produzido, a partir do qual o autor situa-se e, os prováveis leitores encontram-se; 2) a identidade do autor dada por seus interesses e seus motivos; 3) a autenticidade e a confiabilidade das informações transmitida pelo documento; 4) a natureza do texto que varia conforme o momento histórico, tempo e espaço, no qual foi redigido; 5) e a utilização dos conceitos-chave pelo autor na lógica interna do texto.

Escolhemos como documento para esta pesquisa o jornal, o qual é considerado por Bruggemann, et al. (2011, p. 68) “o mais antigo meio sistemático de difusão da informação à sociedade”. Na atualidade, o jornal tem se reinventado, na tentativa de transformar a redação num centro captador de notícias 24 horas por dia e produtor de informação nas plataformas impressa e digital, refirmando o papel de formador de opinião por meio do seu produto, ou seja, da notícia criada do fato.

O jornal, como a mídia em geral, faz parte da cadeia da produção de novas tecnologias, do desenvolvimento das redes da comunicação e do processo de expansão do capital. Por conseguinte, tem servido como aparato legitimador do capitalismo, pois representa um meio de transmissão e de circulação de informações, ou seja, de formações discursivas, textos e imagens de fatos demandados pelo sistema.

Estamos cientes que o jornal, como uma mídia, encontra-se articulada com o Estado e com as grandes organizações comerciais e industriais de espectro local, nacional, regional e mundial, evidenciando sua importância na organização sistêmica do capital. Estamos cientes também que cada empresa jornalística articula um discurso midiático que envolve seleção, produção e transmissão de interpretações dos fatos. Podemos dizer, amparados na perspectiva de Sodré (2002), que a midiatização, neste caso, via jornal, passa a interferir no modo como os fatos são percebidos e socialmente representados, já que os padroniza para o

público, por meio de mensagens modeladas, de informações fragmentadas e de imagens selecionadas.

A adoção pelo jornal impresso e digital para a realização da pesquisa se deu por sua periodicidade diária de publicação, sua diversidade de jornalistas, de colunistas e de cronistas, sua amplitude de cadernos especializados, sua pluralidade de editoriais textuais (crônicas, colunas, reportagens, charges, entrevistas, opiniões, manchetes), sua aceitação social e, sua escrita opinativa e investigativa, quando se trata de imprimir possíveis explicações para os eventos noticiados.

Enfim, o jornal impresso e digital contempla material empírico periódico, sobre o qual se pôde recorrer para retomar, analisar ou confrontar a história via conteúdo. Como assinala Charaudeau (2006, p. 113) “o que foi escrito permanece como um traço para o qual se pode sempre retornar; aquele que escreve, para retificar ou apagar, aquele que lê para rememorar ou recompor sua leitura”.

Mais especificamente, a adoção do jornal “Folha de S. Paulo” justifica-se pelo fato de ter a segunda maior tiragem diária do país⁴ e de atender 2,4 milhões de leitores diários. Além da larga circulação do jornal “Folha de S. Paulo”, contempla um sistema *online* que disponibiliza suas matérias anteriores e atuais na forma digital e possui uma variedade e qualidade textual nas coberturas publicadas pela editoria do esporte, composta por nomes vinculados ou não à área esportiva, propiciando a exploração dos posicionamentos e das deliberações relacionados às questões políticas, econômicas e sociais, que contextualizam os Jogos Olímpicos.

Cabe destacar, de maneira breve, que até 1960 o jornal “Folha de S. Paulo” aparece em três edições diárias. Souza (2003), ao pontuar fatos e rumos da história da “Folha de S. Paulo”, demarca que o jornal surge em 1921 com o nome de “Folha da Noite”. Quatro anos depois, foi lançado um segundo jornal pertencente aos mesmos proprietários, denominado de “Folha da Manhã”. E, em 1949, entrou em circulação o jornal “Folha da Tarde” de outros proprietários. A primeira edição do jornal denominado “Folha de S. Paulo” foi publicada só em janeiro de 1960, após a fusão dos jornais “Folha da Manhã”, “Folha da Tarde” e “Folha da Noite”, com o lema “Um jornal a serviço do Brasil”, sob a direção de Frias e Caldeira. Desde então,

⁴ Segundo os dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), a tiragem média diária do Jornal “Folha de S. Paulo” superou o número de 294 mil exemplares em 2010, isso representa a segunda posição no ranking anual dos maiores jornais do Brasil. Fonte: <http://economia.ig.com.br/empresas/comercioservicos/em+ano+de+pib+recorde+circulacao+de+jornais+cresce+15+em+2010/n1237971626214.html>. Acesso em 05 de julho de 2011.

passou por diversas alterações e variações, tanto de caráter organizacional quanto de político, as quais decorreram para atender os interesses dos seus proprietários⁵.

Atualmente, o jornal “Folha de S. Paulo” tem um traço jornalístico definido pela última reformulação do projeto gráfico e editorial, ocorrida em 2010, que anuncia um jornal mais sintético na sua forma e mais analítico e interpretativo no seu conteúdo⁶. Um jornal com o discurso focado, minucioso, incisivo com a função de satisfazer quem o folheia e quem mergulha no conteúdo.

A última reforma gráfica efetuada teve o objetivo de produzir o aumento da legibilidade de textos e de infografias, por meio de um padrão de títulos maior e mais evidente, de um número restrito de cores e de uma série de sinais gráficos para captar a atenção do leitor mais rapidamente; o aperfeiçoamento da organização dos elementos que integram uma página, hierarquizando melhor o noticiário; e a legitimação da identidade dos cadernos e das páginas⁷. Em suma, o jornal “Folha de S. Paulo” agregou novos mecanismos para entreter o leitor.

Essa nova configuração voltada ao entretenimento faz destaque à ampla e diversificada cobertura dos cadernos especializados, dada pelos correspondentes das várias regiões do país, a qual abrange cinco cadernos diários: o caderno “A” que contém a capa da “Folha”, as editorias Opinião, Poder (mais conhecida como Política) e Mundo, o “B” leva a editoria Mercado, o “C” fica com o Cotidiano

⁵ Segundo Souza (2005), a primeira mudança ocorreu em 1962 com a compra da empresa jornalística pelo Grupo Frias-Caldeira. O perfil do jornal passou de agrarista para fiscalista e modernizador. A segunda alteração incidiu em 1981, quando a “Folha de S. Paulo” instituiu metas para a confecção do discurso na perspectiva da informação correta, com interpretações competentes, da pluralidade de opiniões, entre outros. Em 1984, a “Folha de S. Paulo” assumiu um modelo de jornalismo crítico, pluralista, apartidário e moderno, dando-lhe a primeira colocação na imprensa nacional. Na interpretação da autora, em 1989, para manter-se como o veículo de informação de maior circulação e mais influente no cenário brasileiro, aliou-se a campanha das Diretas Já!. Tornando-se um jornal de cunho liberal-democrático. Outra grande mudança ocorre em 1992, onde a Folha posiciona-se como empresa regida pela lógica do mercado, onde o conteúdo passa à escala do consumo, o leitor à condição de consumidor e o jornal à natureza de mercadoria. Em 1997, com o mercado como um regulador da sua atividade jornalística, a “Folha de S. Paulo” adotou uma nova versão do projeto editorial, que ultrapassou a ênfase normativa anterior e condensou os princípios de um jornalismo mais interpretativo, com disposição crítica e certa liberdade estilística. Cristóvão (2009), ao analisar o projeto editorial 97, constatou que o jornal propunha matérias mais investigativas, que além do material enviado pelas agências de notícias, introduzem novos personagens, ou seja, produzem matérias menos oficiais e mais diversificadas.

⁶ Conceituação prevista nas mudanças editoriais da “Folha de S. Paulo” de 2010, conforme consta na fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2305201011.htm>. Acesso em 20 de julho de 2011.

⁷ Informação em conformidade com Sérgio Dávila, atual editor executivo do jornal “Folha de S. Paulo”. Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/739057-informacao-exclusiva-de-cara-nova.shtml>. Acesso em 20 de julho de 2011.

(cidades), Saúde, Ciência e Folha Corrida, o “D” apresenta o Esporte e no “E” está Ilustrada (cultura) e Acontece. O jornal contempla, também, 13 suplementos semanais, a maioria de circulação nacional, publicados em diferentes dias: Folha Tec, na segunda-feira; Folha Equilíbrio, na terça-feira; Folha Comida, na quarta-feira; Folha Turismo, na quinta-feira; Guia da Folha, na sexta-feira; Folhinha, no sábado; Folha Ilustríssima, Revista Serafina, São Paulo e Classificados, no domingo.

Para fins da pesquisa documental, centramos a análise nas edições impressa e digital dos textos referentes aos Jogos Olímpicos. Foram coletados na cobertura veiculada no caderno de esporte e no caderno especial, concernente a cada evento, no período do corte temporal de 1991 até 2012. Dessa forma, a investigação seguiu, essencialmente, por duas estratégias articuladas e integradas no período de julho de 2011 a setembro de 2012, objetivando identificar a relação entre Jogos Olímpicos e espetáculo de entretenimento.

Como primeira estratégia, colocamos em prática o procedimento de navegar no *site* da “Folha” através da Internet, buscando a familiarização com o corpo da respectiva página principal. A partir dos acessos aos hipertextos, visualizamos dentro do *site* uma parte subscrita como acervo Folha, endereçado de *site acervo.folha.com.br*, o qual contempla matérias na forma digitalizada, desde 1960. As reportagens estão veiculadas num quadro de busca detalhada em uma estrutura organizada por jornais, tendo como opções “Folha de S. Paulo”, “Folha da Manhã” e “Folha da Noite”, período temporal (ano a ano, mês a mês e dia a dia) e cadernos, com suas páginas. Após as primeiras visitas de reconhecimento do *site acervo.folha.com.br*, adotamos como índice de localização das matérias as palavras-chave Olimpíada e Jogos Olímpicos, as quais são consoantes aos objetivos da pesquisa.

Posteriormente, realizamos pesquisa exploratória *in loco* no acervo do Banco de Dados do jornal “Folha de S. Paulo”. Prendemos a atenção na consulta das pastas etiquetadas por Jogos Olímpicos e Olimpíada de Barcelona (1992), as quais reúnem um vasto material impresso como textos, fotos, artigos e *folders* referentes ao ano de 1989 até 1992. Para a pesquisa sobre os Jogos Olímpicos de 1996, 2000, 2004, 2008 e 2012 investigamos na rede⁸ do jornal “Folha de S. Paulo”,

⁸ A rede da “Folha de S. Paulo” é uma plataforma personalizada de armazenamento de dados,

que dispõe matérias por editoria e assuntos principais, por meio das palavras-chave como Jogos Olímpicos e Olimpíada.

De maneira geral, no âmbito da fonte documental impressa e digital, reconhecemos, preliminarmente, tudo o que há de publicado sobre o assunto, ou seja, precisamente 15.141 páginas redigem a palavra-chave Olimpíada, e 06.239 páginas registram o termo Jogos Olímpicos ao longo das matérias. Isso contabiliza um total de 21.380 páginas exibidas em um ciclo de publicação que varia de dois a dois anos até cinco a cinco anos.

Para realizar a organização, a discussão e a interpretação do conteúdo presente nos documentos, adotamos o referencial teórico-metodológico da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2007), o qual traçou outras técnicas de interpretação à rede de conteúdos e continentes de comunicação oriundas de diferentes fontes, ou seja, para as mensagens faladas, escritas, icônicas e semióticas.

Em seus escritos, Bardin (2007, p. 37) define a Análise de Conteúdo como um:

conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Nesse sentido, Minayo (2003, p. 74) complementa que a análise de conteúdo visa verificar hipóteses e/ou descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto, ou seja, “o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente à identificação do conteúdo manifesto (seja ele explícito e/ou latente)”. Logo, a Análise de Conteúdo deve desvendar o não-aparente e apontar o inédito retido em qualquer mensagem para compreender o além dos significados contíguos.

Para isso, a análise do conteúdo deve enquadrar-se na condição metódica dos passos (ou processos) a serem seguidos sem os transpor, sob uma espécie de precisão minuciosa, como forma de não se perder na heterogeneidade do objeto. O rigor, portanto, é o fundamento das contribuições oferecidas pela Análise de Conteúdo, uma vez que, por intermédio dessa característica, articula-se a

prioritariamente de uso interno dos funcionários do jornal, que dá conta de satisfazer as necessidades específicas. Por ser restrito a um grupo determinado, o acesso a essa rede ocorreu ao longo de três dias de visitação no departamento do acervo da “Folha de S. Paulo”, em São Paulo.

possibilidade de ultrapassar as aparências com neutralidade e objetividade.

Todavia, ao mesmo tempo, é exigida uma predisposição ao caráter provisório, pois a ruptura com as primeiras impressões sobre o tema em estudo também é rigor. Cellard (2008) explica que a apreciação minuciosa de alguns documentos aponta, às vezes, inúmeros caminhos de pesquisa e, leva a formulação de outras interpretações, ou mesmo a transformação de alguns pressupostos iniciais.

Desse modo, os resultados da investigação são apresentados como a descoberta de algo que possui existência independente e anterior à elaboração do projeto de pesquisa. Tais proposições descobertas validam a cientificidade do aparato teórico-metodológico utilizado, visto que o resultado obtido, a saber, a “revelação” de uma realidade dada *a priori*, legitima-o como tal.

Por conta disso, a análise dos dados desta pesquisa, advindos do discurso midiático, seguiu as fases da Análise de Conteúdo de Bardin (2007), quais sejam: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação para desvendar os sentidos que se corporificam na espetacularização olímpica de entretenimento.

1.3. Pré-análise: a configuração do conjunto de documentos

Com o recurso metodológico de consulta foi possível manusear, levantar e acoplar informações que possam atravessar as questões geradoras e mediar a construção do *corpus* de análise da pesquisa.

Observamos que as páginas dedicadas aos assuntos esportivos dispõem grande parte das suas seções voltadas às matérias sobre futebol. Marques (2004, p. 53) explica que esse amplo espaço faz jus ao “status atingido pelo futebol no final do século XX como fenômeno de importância social, política, mercadológica, econômica e cultural”.

Entretanto, de quatro em quatro anos, no ano de realização dos Jogos Olímpicos, o jornal “Folha de S. Paulo” edita uma expressiva publicação de matérias jornalísticas sobre o tema. Esse destaque é auferido as páginas dos exemplares, a partir dos anos 90, podendo ser percebido por meio da assiduidade no caderno de esporte e da diagramação do caderno especial com riqueza de elementos gráficos

sobre cada evento olímpico.

Levando em conta a oferta midiática de páginas e a concentração de matérias jornalísticas disponíveis no período entre 1991 a 2012, delimitamos como fontes densas e coesas aos objetivos da investigação, especialmente, as matérias jornalísticas dos Jogos Olímpicos publicadas no caderno de esporte ao longo do mês anterior à data oficial de abertura e do mês posterior à data oficial de encerramento no ano do evento e nos cadernos especiais intitulados: Barcelona-92; Atlanta-96; Sidney 2000; Atenas 2004; Pequim 2008; e Londres 2012.

Diante das consultas, efetuamos a leitura dos títulos e das respectivas linhas finas das matérias jornalísticas filtradas pelo sistema de busca detalhada, para elegermos, homogeneamente, aquelas matérias, que de alguma forma, versavam sobre elementos que preconizam os Jogos Olímpicos modernos como um espetáculo de entretenimento. Com essa primeira intervenção metodológica, selecionamos 734 matérias jornalísticas conforme a representatividade e a pertinência da natureza do conteúdo, considerando, primordialmente, aquelas que contribuíssem com as singularidades de cada evento e as generalidades do evento.

Tal extensão de registros do campo justificou-se pela necessidade de contextualizar as diversas transfigurações e as adaptações pelas quais passam os Jogos Olímpicos modernos a cada quadriênio (transmissão, organização, investimentos, negociação e entre outros); pela acuidade de compreender a estruturação dos Jogos Olímpicos e de sinalizar os encaminhamentos e os rumos adotados por eles na produção de entretenimento nos últimos vinte anos.

Em seguida, com a operação metodológica de organização dos registros de campo, as 734 matérias jornalísticas selecionadas foram sendo arquivadas e alocadas em pastas correspondentes a cada cidade-sede dos Jogos Olímpicos. Em cada pasta realizamos uma leitura flutuante e sobrepusemos fichas de observação, como recurso de catalogação, com o intuito de reescrevermos as informações relevantes da matéria na própria matéria, tais como: título, síntese, autoria, data, edição, página e caderno, o que facilitou e aperfeiçoou a abordagem, o manuseio e o acesso das matérias.

1.4. Transformação dos documentos em dados organizados: indicações das nove categorias de análise

A exploração do material operacionalizou a etapa de codificação e de categorização. A codificação passou a determinar a sistematização dos documentos em unidades de registro e de contexto por meio do recorte, da enumeração e da agregação, o que quantificou o conteúdo do texto na forma de dados sumariados à interpretação e inferência da análise.

Em conformidade com Bardin (2007, p. 98), as unidades de registro “são as unidades de significação a codificar e correspondem ao segmento do conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial”. As unidades de registro mais utilizadas são: as de nível perceptível (palavra, frase, documento material e personagem) e as de nível semântico (tema, acontecimento e indivíduo).

Ao adotarmos a unidade de registro “tema”, que pode estar presente ao longo do texto ou em uma frase, para orientar a leitura das 734 matérias relativas ao tema dos Jogos Olímpicos, identificamos 44 temas, quais sejam: *Comitê Olímpico Internacional, cerimônia, símbolos olímpicos, ingressos, espectadores, modalidades esportivas, megaevento esportivo, informações, apresentação da futura cidade-sede olímpica, segurança, transporte, espaços esportivos, questões ambientais, sustentabilidade, emprego, reurbanização, turismo, vila olímpica, voluntários, relações entre personalidades políticas e os aspectos do evento, internet, televisão, lucro, legado, financiamento público e privado, patrocinadores, astros olímpicos, protestos públicos, paralisações, revoltas nativistas, atentados terroristas, o valor de uma medalha, identidade patriótica, estados nacionais, profissionalismo, participação das mulheres, doping, expectativa de feitos olímpicos, recordes, tecnologia vestuário e equipamentos esportivos, atletas de laboratório, festivais culturais, lazer, consumo de produtos da marca olímpica.*

Além das unidades de registro “tema”, consideramos as unidades de contexto como apoio para compreensão dos eventos registrados nos documentos em seu sentido verdadeiro. As unidades de contexto, de acordo com Bardin (2007, p. 100), “servem de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e correspondem ao segmento da mensagem, cujas dimensões são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro”.

Por compartilhar do entendimento de que as unidades de contexto situam as palavras e os temas no tempo e no espaço político, econômico e social, as

elencamos em: as singularidades dos Jogos Olímpicos a partir de 1992; as estratégias de espetacularização alocadas pelo *marketing* olímpico e pela mídia ao longo dos Jogos de 1992 a 2012; as peculiaridades dos cenários nacionais de cada espetáculo olímpico; os investimentos privados e públicos empreendidos na produção dos Jogos Olímpicos; e o uso do esporte-espetáculo como alternativa representativa de entretenimento.

Trazendo como referência tanto as unidades de registro “tema” quanto às de contexto, passamos a empregar o instrumento de categorização para desvendar e compreender o que está para além da aparência do conteúdo das matérias. Bardin (2007, p. 111) sugere que a categorização “seja uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação, e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero, com critérios previamente definidos”. Logo, categorizar significa condensar as unidades de registros, a partir de uma parte em comum existente entre elas, ou seja, sob uma denominação única e simplificada, que as caracterize e represente.

Importa destacar que a construção das categorias está diretamente ligada a consistência da análise, por isso Bardin (2007) sublinha algumas qualidades para se alcançar categorias coerentes, como uma possibilidade de conhecer os índices invisíveis dos dados brutos, a saber: a exclusão mútua; a homogeneidade; a pertinência; a objetividade; a fidelidade; e a produtividade.

A partir desses nexos tangíveis, codificamos os documentos e estabelecemos o sistema de categorias temáticas, levando em conta duas orientações, que deram a dimensão da análise. Primeira: construímos as categorias empíricas a posteriori⁹, isto é, identificamo-las e extraímos-las a partir do agrupamento dos 44 temas presentes no material coletado. Segunda: contemplamos o ponto de vista da correlação das categorias filosóficas, expostas por Cheptulin (1982), “singular” e “geral”¹⁰ para ilustrar respectivamente o que identifica e o que assemelha ou se aproxima na produção dos Jogos Olímpicos a partir de 1991 como

⁹ De acordo com Vala (1986), essa maneira de formar as categorias concentra-se, principalmente, em pesquisas que envolvem os meios de comunicação como objeto de pesquisa.

¹⁰ Cheptulin (1982, p. 194) define o “singular” como “um conjunto de propriedades e ligações que são próprias apenas a uma formação dada (coisa, objeto, processo) e que não existem em outras formações materiais”. E, o “geral” como “propriedades e ligações que se repetem nas formações materiais (coisas, objetos, processos)”.

espetáculo de entretenimento.

Uma vez sistematizado os registros de campo dos documentos jornalísticos, foram construídas nove (09) categorias empíricas de discussão. Estas estão especificadas nas seguintes definições tipológicas e acompanhadas por seus respectivos temas:

1. *Espetáculo* - definido em função da dimensão dos seus elementos formadores (Comitê Olímpico Internacional, cerimônia, símbolos olímpicos, ingressos, espectadores, modalidades esportivas, megaevento esportivo, informações, apresentação da futura cidade-sede olímpica, festivais culturais, lazer, consumo de produtos da marca olímpica);
2. *Infraestrutura* - definida em função do plano logístico organizacional de cada país-sede (Comitê Olímpico Internacional, segurança, transporte, espaços esportivos, questões ambientais, sustentabilidade, emprego, reurbanização, turismo, vila olímpica, voluntários);
3. *Política* - definida em função das estratégias políticas que envolvem o evento, o Estado e a sociedade civil (Comitê Olímpico Internacional, relações entre personalidades políticas e os aspectos do evento);
4. *Midiatização* - definida em função do tipo de cobertura midiática (Comitê Olímpico Internacional, internet, televisão);
5. *Investimentos econômicos* são definidos em função da economia, dos negócios e do orçamento (Comitê Olímpico Internacional, lucro, legado, financiamento público e privado);
6. *Marketing Olímpico* - definido em função da publicidade e propaganda comercial (Comitê Olímpico Internacional, patrocinadores, astros olímpicos);
7. *Manifestações sociais* - definidas em função da resistência social da população sobre as decisões do país-sede (Comitê Olímpico Internacional, protestos públicos, paralisações, revoltas nativistas, atentados terroristas);
8. *Nacionalismo* - definido em função do sentimento de identificação coletiva sob a nação (Comitê Olímpico Internacional, o valor de uma medalha, identidade patriótica, estados nacionais, voluntários);
9. *Atleta* - definido em função da imagem de herói contemporâneo (Comitê Olímpico Internacional, profissionalismo, participação das mulheres, doping, expectativa de feitos olímpicos, recordes, tecnologia em vestuário e

equipamentos esportivos, atletas de laboratório).

Tendo em vista o fato de que os resultados estarão pautados nas nove categorias temáticas, procuramos compreender a frequência de aparecimento de cada uma das categorias temáticas no quantitativo das 734 matérias revisadas do jornal “Folha de S. Paulo”, a partir da organização do quadro abaixo:

Quadro 1: Distribuição das categorias conforme a presença nas matérias

<i>Categoria</i>	<i>Unidade de registro (tema)</i>	<i>Número de Matérias (Percentual)</i>
<i>Atleta</i>	Comitê Olímpico Internacional, profissionalismo, participação das mulheres, doping, expectativa de feitos olímpicos, recordes, tecnologia vestuário e equipamentos esportivos, atletas de laboratório.	149 (20%)
<i>Espetáculo/Entretenimento</i>	Comitê Olímpico Internacional, cerimônia, símbolos olímpicos, ingressos, espectadores, modalidades esportivas, megaevento esportivo, informações, apresentação da futura cidade-sede olímpica, festivais culturais, lazer, consumo de produtos da marca olímpica.	139 (19%)
<i>Infraestrutura</i>	Comitê Olímpico Internacional, segurança, transporte, espaços esportivos, questões ambientais, sustentabilidade, emprego, reurbanização, turismo, vila olímpica.	131 (18%)
<i>Nacionalismo</i>	Comitê Olímpico Internacional, o valor de uma medalha, identidade patriótica, estados nacionais, voluntários.	118 (16%)
<i>Midiatização</i>	Comitê Olímpico Internacional, internet, televisão.	57 (8%)
<i>Marketing Olímpico</i>	Comitê Olímpico Internacional, patrocinadores, astros olímpicos.	49 (7%)
<i>Política</i>	Comitê Olímpico Internacional, relações entre personalidades políticas e os aspectos do evento.	48 (7%)
<i>Investimentos Econômicos</i>	Comitê Olímpico Internacional, lucro, legado, financiamento público e privado.	26 (3%)
<i>Manifestações Sociais</i>	Comitê Olímpico Internacional, protestos públicos, paralisações, revoltas nativistas, atentados terroristas.	17 (2%)

<i>TOTAL</i>	734 (100%)
---------------------	-----------------------------

Fonte: "Folha de S. Paulo"

CAPÍTULO II- TEMPO LIVRE, ENTRETENIMENTO E ESPETÁCULO: ELEMENTOS ESTRUTURANTES DA EXPERIÊNCIA HUMANA NO CAPITALISMO

Ao longo do capitalismo tem-se registrado alterações tanto estruturais quanto simbólicas nas formas de compreender e vivenciar o tempo, especialmente, o tempo livre. Há uma malha de produtos ofertados pelo mercado destinados ao uso do tempo com o fim de entreter. Dentre os mais comercializados estão os espetáculos, que sustentam a sociedade do consumo, ao acelerarem o tempo de giro do capital.

O quadro de referência deste capítulo tem sustentação nas concepções advindas da teoria social crítica: Harvey (2002); Thompson (1991); Mészáros (2006); Marx (2005); Ortiz (2000); Ianni (1993; 2000); Adorno (1995); Gabler (2000); e Debord (1997). Para as discussões sobre lazer, tempo livre e entretenimento são esteios fecundos: Marcassa (2002), Mascarenhas (2004; 2005; 2006), Marin (2006a; 2008) e Padilha (2000).

2.1. Tempo Livre: de direito a tempo de consumo

Pensar em tempo livre implica, antes de qualquer coisa, circular nos sucessivos desdobramentos do advento da palavra tempo, gerados pelas pressões da produção e acumulação do capital. Nas sociedades pré-industriais a vida humana estava estruturada sob um ritmo natural, ou seja, diante da permuta do ciclo do homem e da natureza. Logo, as tarefas de sobrevivência e a diversão aconteciam no mesmo tempo e espaço.

Já nas sociedades urbano-industriais, não era mais o ritmo natural que organizava a vida humana, sendo que a lógica do tempo passaria a determiná-la. O tempo foi concebido pela racionalidade industrial, uma vez que seria o produto de sustentabilidade de sua produção. Isto é quanto mais o capitalismo desenvolvido tivesse o controle da força de trabalho, traçada como produto de troca, acerca da lógica do tempo cronometrado pelo relógio e pelo calendário, maior seria o regime de lucro da classe burguesa e do sistema de produção. Logo, o tempo contado na forma linear de horas e dias seria sinônimo de capital.

Harvey (2002, p. 218), ao associar o tempo e o espaço como fontes de manutenção do poder político e da hegemonia ideológica, assinala que o avanço do capital, em grande medida, foi estabelecido por meio do lucro gerado pelo domínio do tempo e do espaço. Afirmar ainda, que “o poder que o capital tem sobre a coordenação do espaço fragmentado universal e da marcha do tempo histórico global do capitalismo” é ditador e evade do alcance de qualquer resistência dos movimentos sociais e de luta.

Thompson (1991, p. 71) vai elucidar, em suas proposições histórico-culturais, que a compreensão do tempo transitou de “afeito à percepção cósmica ou cíclica do tempo, para uma percepção linear (do tempo), comandada pelo relógio, pela disciplina produtiva, pela fragmentação, pelo tempo associado ao dinheiro, à mercadoria”. Nessa lógica, o tempo converter-se-ia em produto com valor de troca, não sendo mais uma dimensão neutra e disponível para todos. Naturalmente, emplaça a troca do tempo contabilizado por capital através da força de trabalho.

Estas circunstâncias, que se ligavam, principalmente, ao mundo ocidental, configuraram a mudança no modo de organizar e de empregar o tempo, solidificando o aparente corte do tempo em duas unidades, que basearam os lados formadores de uma sociedade de produção e acumulação de capitais: tempo de trabalho e tempo livre. Estabelecendo as atuais formas particulares de controle e de uso do tempo.

No entendimento pontual de Marcassa (2002), a contabilização do tempo pela sociedade capitalista acabou por estipular o conteúdo de cada unidade. No tempo de trabalho, as atividades foram hierarquizadas em tarefas, setores, escalas e turnos de produção. Já no tempo livre, a educação, o descanso e a diversão foram bem definidos e delineados, tendo em vista o preenchimento da recomposição e da preparação da força de trabalho do trabalhador ao retorno da produção.

Posto isto, percebemos que apesar da falsa oposição entre trabalho e tempo livre sob o mesmo tempo e espaço, o atrelamento entre eles não se desfez. Por isso, a inviabilidade de pensar o tempo livre desassociado do tempo de trabalho, visto que estão dialeticamente articulados ao processo geral de trabalho, produção-distribuição-troca-consumo. Dessa forma, tomamos como ponto de partida as mudanças ocorridas na política, na economia e na cultura a partir do século XX para

demonstrar que no sistema do capital o tempo de trabalho e o tempo livre entrelaçam-se.

Como um modo de produção, o capitalismo ostenta, continuamente, divergências na relação de classe entre capital, Estado e trabalho, que resultam, conforme a gravidade, em crises do sistema do capital. As crises debelam reformas nas estruturas do modelo de gestão e de racionalização da produção capitalista, conseqüentemente, na organização do trabalho e na definição do tempo livre. Dentre essas, destacamos as duas crises de âmbito mundial, ocorridas no século XX: primeiro a de 1930 e, em seguida, a de 1970. Conseqüentemente, considerando a implantação do *fordismo-taylorismo*, a acumulação flexível e a emergência do *toyotismo*.

A crise do sistema do capital de 1930, reconhecida como a Grande Depressão, foi causada por diversos fatores como: a superprodução agrícola, a diminuição do consumo, o livre mercado, mas, principalmente, a quebra da Bolsa de Valores de Nova York. E, como após a Primeira Guerra Mundial, a economia dos EUA era a alavanca do capitalismo mundial e diversos países mantinham relações comerciais com esse país, a crise acabou se espalhando pelo mundo. O que gerou desemprego em massa, insatisfação social e desestabilidade nos níveis de renda e, fortalecendo a ascensão dos regimes totalitários, conforme Hobsbawm (2003).

Diante desses indicativos reforçados pela Grande Depressão e pelo avanço da esquerda, Hobsbawm (2003) considera que o avanço da cúpula do capitalismo, inicialmente centrada em *Washington*, apontou para o fim do liberalismo econômico e o início de uma economia dirigida. No sentido de continuar mantendo e propagando a hegemonia do capitalismo pelo mundo, entraria em cena um Estado mais presente, controlador e regulador, o qual buscava restabelecer a categoria relacional entre o modo de produção, os aparelhos de hegemonia e as novas exigências de acumulação iniciadas desde o plano de ação do *New Deal*.

A intervenção do Estado recuperou a economia e perpetuou o processo de acumulação do capitalismo. Entretanto, Hobsbawm (2003) alerta que a estabilidade do capitalismo pós-guerra procedeu em uma economia mundial mista, com conformações da URSS, no que se refere ao planejamento econômico, e do governo forte dentro do modelo capitalista, aliada ao regime de acumulação *Fordista*.

O *fordismo* é um regime de desenvolvimento da produção norte-americano em série que foi impulsionado pela Grande Depressão. Contudo, para Frigotto (1999), só é no pós-guerra com o fortalecimento da ideia de intervenção estatal na economia, advinda das teses *keynesianas*, e do plano da superestrutura, ancorado na lógica do *Welfare State*, ou seja, na do Estado de Bem-Estar Social, que foi apreendido como uma eficiente estratégia de solução à crise do capital e um verdadeiro modo social e cultural de vida. Pois, lançava os apoios de um sistema que começava a considerar os trabalhadores, até então vistos apenas como fornecedores de força de trabalho, também com o poder de compra.

Nessa direção, Mascarenhas (2005, p. 59), ao situar as etapas do sistema do capital ao longo do século XX, explica o *fordismo* como sendo um:

conjunto de inovações técnicas combinadas a mudanças de gestão que se articulavam visando à produção em larga escala e o consumo em massa, o que se somava a uma forma de organização do trabalho baseada tecnologicamente num sistema de máquinas de caráter rígido e um modo de regulação social com a produção de normas, valores e instituições cuja atuação objetivava o controle tanto dos conflitos intercapitalistas como das tensões entre capital e trabalho.

Ao caracterizar o trabalho a partir do processo produtivo do modelo *fordista*, Antunes (1999, p. 39), sociólogo do trabalho, sobrepõe que se constituía de forma:

parcelar e fragmentada, na decomposição das tarefas, onde restringia a ação operária a um conjunto repetitivo de atividade com a separação nítida entre elaboração e execução. Para o capital, tratava-se de apropriar-se do *savoir-faire* do trabalho, 'suprimindo' a dimensão intelectual do trabalho operário, que era transferida para as esferas da gerência científica. A atividade do trabalho reduzia-se a uma ação mecânica e repetitiva.

O Estado do Bem-Estar Social ao aliar-se ao *fordismo*, simplesmente, busca a reconsolidação do capitalismo, através da organização e da racionalização da força de trabalho, sob os valores e os atributos aparentes do "bem estar". Isto significa dizer que, no momento em que o Estado propicia um conjunto de políticas públicas voltadas aos chamados direitos sociais de cidadania e o *fordismo* investe altas cifras no padrão da produção, conseqüentemente, na força de trabalho com o pagamento de salários propícios. Logo, passam a materializar a estabilidade do sistema do capital com a coexistência pacífica entre o crescimento da economia, a ampliação do consumo massificado e a garantia de direitos, incididas, principalmente, pelas melhorias no padrão de vida do trabalhador.

Sobre os direitos básicos de cidadão alcançados nesta nova etapa do capitalismo, Mascarenhas (2004, p. 76) aponta para o fato que a conquista proletária não foi, exclusivamente, “resultado da ‘engenharia do consenso’ capitaneada pelos organismos supranacionais. Foi também consequência de uma longa batalha social”, advinda da resistência da classe trabalhadora a dinâmica do tempo de giro do capital e as exigências ao tipo de força de trabalho ansiada. De tal modo, devemos considerar que dentre esses se incluía o direito ao lazer.

O direito ao lazer foi potencializado como dispositivo utilitário de compensação e de manutenção das próprias relações geradas pelo trabalho (alienado). Sob essa perspectiva, Mascarenhas (2005, p. 106) associa o lazer como direito a um conjunto de “estratégias de financiamento público da produção e reprodução da força de trabalho, além de incrementar a produtividade e preservar o salário para o consumo em massa de bens-duráveis”.

No entanto, a partir de 1960, o modelo de acumulação do capital fundado no *fordismo* e no *keynesianismo* passou a dar sinais de um quadro crítico, na medida em que se mostrava impossibilitado de dar conta das contradições essenciais à base da fase vigente do próprio capitalismo. Dentre as incoerências que impulsionaram a ebulição, posteriormente, a crise, assinalamos a excessiva produção em massa que requeria: um trabalhador despreocupado com a aplicação do seu salário; a massificação da força de trabalho repetitiva e desprovida de sentido, que emergiu um novo tipo de trabalhador em busca de uma maior participação na organização e no controle social da produção; a garantia das políticas públicas do Estado de Bem-Estar Social, que exigia uma forte arrecadação de recursos da classe trabalhadora; e o movimento de resistência do trabalhador, dado pelas lutas sociais que intensificavam o poder de manifestações autônomas ao invés de sindicais.

Antunes (1999, p. 44), ao discorrer sobre o boicote e a resistência ao trabalho despótico, taylorizado e fordizado, assegura que a reação do trabalhador assumiu dois modos diferenciados:

a forma individualizada do absenteísmo, da fuga do trabalho, do *turnover*, da busca da condição de trabalho não operário e a forma coletiva de ação visando a conquista do poder sobre o processo de trabalho, por meio de greves parciais, operações de zelo, contestações da divisão hierárquica do trabalho e despotismo fabril.

Em linhas gerais, o esgotamento do modelo *fordista* e do Estado intervencionista começou a se fazer sentir realmente no início da década de 1970, através da crise estrutural do sistema do capital. Resumidamente, desencadeada pelo movimento de mobilização dos trabalhadores contra a forma como eram organizadas as relações de trabalho. Os trabalhadores alçaram-se no funcionamento das empresas, infringiram a disciplina estabelecida à atividade produtiva e reordenaram as hierarquias internas através da tomada de decisões que atendessem as expectativas da sua geração de trabalho.

Diante da ativa situação de comando assumida pela classe trabalhadora, os capitalistas compreenderam que se explorassem a versatilidade apresentada pelos trabalhadores poderiam multiplicar seu lucro. Em outras palavras, parariam de despojar as potencialidades da força de trabalho diante de um sistema rígido e disciplinador e, passariam a reconhecer a imaginação, a iniciativa organizacional, a capacidade de cooperação e todas as virtualidades da inteligência na realização da atividade produtiva.

Nesta medida, os capitalistas enfraqueceram a resistência dos trabalhadores ao movimento do capital, o que foi um fator importante para recompor as bases de acumulação diante do processo de crise. Conforme consta nos apontamentos de Antunes (1999, p. 47) foi a “derrota da luta operária pelo controle social da produção que deu as bases sociais e ideológicas para a retomada do processo de reestruturação do capital, porém num patamar distinto daquele efetivado pelo *taylorismo* e *fordismo*”.

E, além disso, os capitalistas, em especial os dos EUA, descobriram como adiar os efeitos da crise estrutural do sistema do capital de 1970 por meio do ciclo do endividamento maciço, dado pelos florescentes empréstimos ao consumidor durante as décadas de 1980 e 1990. Inicialmente, isso se deu com a desaceleração do ritmo ascendente dos salários reais dos trabalhadores por um longo período para que o único meio de comprar a produção decorresse dos empréstimos financiados por empresas. E, em seguida, com a exploração do congelamento dos salários, através do avanço da divisão do trabalho, isto é, com a inserção da força de trabalho das mulheres americanas e imigrantes e a substituição de trabalhadores por aparatos tecnológicos e de informática.

Não por acaso, o sistema de crédito procedeu em investimentos à crise estrutural do sistema do capital de 1970. As empresas arrecadavam duplamente, pois além de lucrarem com a manutenção da estagnação dos salários em baixo nível. Também emprestavam esse mesmo lucro, advindo do não pagamento real do salário, correspondente ao ritmo de produção, ao trabalhador sob a forma de juros. Dada à configuração como voltou a funcionar o modo de acumulação do capital, o capitalismo.

Sendo assim, a alternativa ofensiva que marca a nova fase do modo de produção capitalista apoiou-se na substituição de paradigmas saturados para os exigidos, vejamos: de cidadãos a consumidor; de políticas públicas a prevalência de privatizações; de estabilidade empregatícia a desregulamentação; e de trabalhador especializado a um único tipo de operação a trabalhador polivalente, que executa um maior número de operações, pois se utiliza de processos tecnológicos como ferramenta de trabalho. Nesta direção, Mascarenhas (2004, p. 75) aponta para a disposição do “padrão de acumulação flexível, que sustentaria os processos produtivos, do mercado, dos produtos e do consumo” e da emergência do *toyotismo*.

Ainda em relação à provisória resposta encontrada às questões da própria crise estrutural do capital, Antunes (1999) evidencia o avanço do neoliberalismo, com a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos do trabalho e a desmontagem do setor produtivo estatal. Essas novas formas organizacionais, sob a direção da desintegração vertical, reestruturaram a produção e o trabalho em escala planetária para assegurar os processos de maximização e de acumulação, já atingidos em outras fases do capitalismo. Deste quadro, deduz-se que o trabalho antes estável, realizador e bem remunerado passa a precarizado, ou seja, autônomo, parcial, subcontratado, domiciliar, terceirizado, informal, temporário, o qual nega a acomodação e ressalta o esforço e a conquista individual.

Como o espectro do trabalho passou de elemento de realização e de satisfação das necessidades pessoais e coletivas à mera forma de obtenção, quando muito, da subsistência individual. Explorado por um mercado dividido, individualista e competitivo, que induz o trabalhador a abdicar suas condições de trabalho, seus salários equitativos e seus direitos para permanecer trabalhando. De igual modo, o tempo livre, como binômio do trabalho, também sofre readequações.

Há a naturalização da diminuição do tempo livre, como efeito, impugnação do direito ao lazer, uma vez que o sistema ao possibilitar a liberdade de escolhas perante a organização individual do trabalho permitia que o trabalhador aparentemente independente e autônomo regresse sua jornada de trabalho, podendo prolongá-la e intensificá-la desde mais horas diárias até dias da semana, sob o intuito de que sua remuneração aumenta conforme sua produtividade individual. E, a ideologia da livre concorrência exigia que os trabalhadores estivessem cada vez mais capacitados e atualizados, obrigando-os a dedicarem-se mais tempo a iniciativas de aperfeiçoamento da sua própria força de trabalho.

É sob esse contexto pós-crise de 1970, que o lazer começa a assumir a condição de objeto de compra, incentivada pela liberdade de mercado efetivada através da expansão da privatização de serviços antes, restritamente, travada pelo estado através da garantia dos direitos sociais. No Brasil, de acordo com Mascarenhas (2005, p. 11), a refuncionalização do lazer aconteceu a partir dos anos 1990, quando tal fenômeno, anteriormente vinculado “às necessidades de produção e reprodução da força de trabalho, subsunção formal, passa a subordinar-se diretamente à produção e reprodução do capital, sucumbindo à forma mercadoria, subsunção real”. Isto é, o lazer transcorre como mercadoria ou tempo e espaço estratégico de produção e reprodução do capital.

Depois de sucumbir à forma mercadoria, o mesmo autor explica, de forma sistemática, que tal ligação do lazer ao momento de produção e reprodução do capital ocorre das seguintes formas: (i) como mercadoria propriamente dita; (ii) como “valor de uso prometido”, quando seu poder imagético, como coisa significativa, aparece involucralmente colocado ao corpo de outras mercadorias; (iii) como “palco de vivências”, servindo de atrativo divertido e emprestando estatuto do lazer a um conjunto de pontos de venda ou de equipamentos de comércio; e (iv) como “compra divertida”, quando o próprio processo de troca assume a identidade de uma atividade de lazer. No primeiro caso, o lazer é o objeto de troca e consumo no mercado e nos demais desempenha a função de indutor da troca e do consumo.

Doravante, acentuamos a apreciação diante de algumas determinações, que julgamos essenciais à compreensão deste processo de transição do tempo livre de direito a tempo de consumo, instituídas pela economia, pela política e pela cultura do

sistema do capital. À luz das proposições de Mascarenhas¹¹ destacamos:

- Taxa decrescente de valor de uso das mercadorias e a ascensão da Sociedade Involucral;
- Taxa crescente de exploração do trabalho e a tendência de diminuição e/ou fragmentação do tempo livre, com a aceleração dos ritmos e dos processos cotidianos de vida;
- Disjunção entre produção de riqueza e necessidades humanas, com a relativização do luxo e da necessidade;
- A emergência do sistema de mediações de segunda ordem;
- A mundialização da cultura e o surgimento da Indústria Cultural Globalizada.

Começamos com os apontamentos sobre a taxa decrescente de valor de uso das mercadorias e a ascensão da Sociedade Involucral, que se revelam, hoje, como necessidades imperativas para a reprodução ampliada e dinâmica do capital. Para Mészáros (2006), um dos mais destacados pensador marxista da atualidade, foi a partir da separação do duplo caráter da mercadoria, ou seja, do valor de uso e do valor de troca. Este último como prioritário, que houve a produção de riquezas como finalidade humana.

O valor de uso de um produto está vinculado a sua funcionalidade prática, a utilidade da mercadoria em satisfazer necessidades humanas, enquanto, em contraste, o valor de troca pressupõe a contraposição de outra mercadoria como equivalente, o que regula a produção. Desse modo, o valor de troca tinha que se sobrepor as limitações do valor de uso numa exponencial crescente, ou seja, precisaria que a escala de tempo entre a produção, circulação e o consumo, deliberadamente, o tempo de giro de bens de consumo, fosse reduzida para que o capital viesse a atingir seu incomensurável crescimento, a obsolescência programada.

Em face, a menor velocidade de giro de bens de consumo só seria possível com acelerações paralelas internas, tais como: a diminuição da durabilidade dos ciclos de vida útil dos produtos e dos serviços, dada pela qualidade total aparente, uma vez que a concorrência intercapitalistas violenta provoca a produção de produtos

¹¹ Orientações subscritas no parecer referente ao projeto desta dissertação intitulado “Jogos Olímpicos: espetáculo de entretenimento planetário”, enviado no dia 23 de maio de 2012 pelo professor Fernando Mascarenhas.

com custos cada vez mais baixos, e pelo consumo do descarte e do supérfluo, seja por esgotamento, ultrapassagem antecipada, incompatibilidade com o atual padrão estético ou mesmo pela superação com outros inventos.

Harvey (2002, p. 257) agrega imperativos externos como o advento “de sistemas aperfeiçoados de comunicação e de fluxo de informações associados com as racionalizações nas técnicas de distribuição”. Em outras palavras, a redução do tempo de giro também foi possível devido à aniquilação das barreiras espaciais e do espaço pelo tempo, gerada através do barateamento dos meios de transporte e de comunicação, o qual estabeleceu novas relações econômicas transnacionais, sociais e globais.

Valendo-se deste artifício compatível com a lógica da produção destrutiva, o capitalismo avançado obtém a dinamicidade do seu ciclo produtivo e reprodutivo. Nessa direção, Mészáros (2006, p. 635), ao dedicar um dos seus compilados ensaios a taxa de utilização decrescente no capitalismo, na sua obra de maior envergadura, expõe que “a medida do progresso do ‘capitalismo avançado’ tornou-se a eficácia com que o desperdício pode ser gerado e dissipado em escala monumental”.

Atualmente, segundo Harvey (2002, p. 258), “a aceleração do tempo de giro na produção tem forçado a pessoas a lidar com a descartabilidade, a inovação e as perspectivas de obsolescência instantânea, isso significa mais do que jogar fora bens produzidos, significa atirar fora valores e virtudes”, em escalas significantes pela produção generalizada do desperdício, a qual responde a sociedade involucral.

Solda-se, então, o desenvolvimento da sociedade involucral, isto é, da sociedade dos descartáveis, que se utiliza das mudanças da aparência das mercadorias, mais especificamente, da estética reificada das coisas, para determinar o que é necessidade humana a ser suprida pelo desejo de posse, estimulando o trabalhador à compra.

Em suma, a ascensão da sociedade involucral é uma consequência da taxa decrescente de valor de uso das coisas, ou melhor, das mercadorias, que como mecanismo do capitalismo avançado, conforme Mészáros (2006, p. 642), “impõe a humanidade o mais perverso tipo de existência que produz para o consumo imediato”. Se inserirmos a relação entre o trabalhador e sua diversão nessa lógica da superficialidade, percebemos que o capital converte tanto a busca do prazer quanto a afirmação da felicidade ao consumo imediato. Dessa forma, de tempo em tempo, os

gostos, os desejos e tudo aquilo referente às práticas de lazer também saem da moda, entram em desuso e são descartadas.

Perante esta perspectiva, Mascarenhas (2005, p. 94) coloca o lazer como chave na fechadura do capitalismo, ou seja:

passou de um serviço público a um serviço cada vez mais privatizado e se converte numa mercadoria singular, encaixando-se perfeitamente no recorte das novidades e perspectivas abertas pela taxa decrescente do valor de uso, especialmente, aquelas despertadas pela inovação estética, pela obsolescência prematura e pela obsolescência instantânea das mercadorias.

A despeito da segunda tese, a taxa crescente de exploração do trabalho e a tendência de diminuição e/ou fragmentação do tempo livre, com a aceleração dos ritmos e dos processos cotidianos de vida, tem sua decorrência do processo de recombinação das formas de extração da mais-valia absoluta e mais-valia relativa, que nada mais é do que o alcance máximo de lucro.

Diante da presente conjuntura do padrão de acumulação flexível e da economia internacional globalizada, Mascarenhas (2005, p. 68), fundamentado na teoria de Marx, explica que a exploração da mais-valia absoluta advém do “prolongamento das horas de trabalho e da queda no valor das remunerações” e a da mais-valia relativa procede do “corte de empregos e dos custos do trabalho decorrente da reorganização da produção, somado à inovação tecnológica, converte a grandeza extensiva em grandeza intensiva”.

Sob esse entendimento, as relações de trabalho podem ser caracterizadas como precarizadas e informais. Consequentemente, o trabalhador, como subempregado e subcontratado, se vê submetido às condições salariais e de trabalho brutais, quase animalizadas, impostas pelo mercado, caso contrário torna-se um desempregado. Dessa forma, a sombra da instabilidade, da insegurança e da subproteção no trabalho faz com que o trabalhador disponha mais do seu tempo à produção e a prestação de serviço, prolongando e intensificando sua jornada de trabalho, desde o cumprimento de horas-extras até o aumento da média geral de horas semanais, em troca de uma baixa remuneração.

Nessa estruturação do trabalho por peça, denominação organizada por Marx (2005), o trabalhador tem que produzir de maneira mais acelerada e intensiva possível, o que permitia a exploração do sistema do capital sobre a força de trabalho. Como efeito mais visível desse aumento do tempo de trabalho, temos a aceleração dos ritmos espaciais e temporais e dos processos cotidianos de vida, em

contraponto a diminuição e/ou fragmentação do tempo livre. Aliás, de acordo com Harvey (2002, p. 199), “a modernização envolve a disrupção perpétua dos ritmos espaciais e temporais, e o modernismo tem como uma das suas missões a produção de novos sentidos para o espaço e o tempo num mundo de efemeridade e fragmentação”.

O que constatamos, portanto, é que houve uma alteração na referência do uso e do significado de tempo e de espaço, sobre a qual são organizadas a rotina da vida social e as vivências culturais, em especial, as práticas de lazer. Na medida em que o tempo bem demarcado em tempo de trabalho e tempo livre passa a tempo flexível, sem clareza onde termina o tempo de trabalho e começa o tempo livre.

Mascarenhas (2005, p. 84) ao corroborar com esses lapsos temporais, acena para um lazer:

sem um contorno mais preciso, ficam cada vez mais curtos, quase sempre fragmentados, descontínuos, incertos e, para muitos, inexistentes. Quando raramente ou rapidamente ocorrem, nada mais conta a não ser o desejo e a vontade imediatos. Deixando-se seduzir, o indivíduo não resiste, curva-se ao prazer, a promessa da felicidade e ao consumo instantâneo dos objetos de fruição hodiernamente despejados no mercado.

A terceira tese corresponde à disjunção entre produção de riqueza e das necessidades humanas, com a relativização do luxo e da necessidade, que está relacionada com a taxa decrescente de valor de uso das mercadorias, anteriormente, já desenvolvida por nós. Discorrendo nesse sentido, é possível percebermos que para haver expansão na produção e na reprodução do capital, o valor de troca das coisas precisou submergir as necessidades humanas, antes contempladas pelo valor de uso.

A prevalência do valor de troca das coisas promoveu a diversificação e a inovação da produção, a exacerbação dos modismos e o apelo indiscriminado ao consumo, o que redefiniu os estilos de vida, em especial, as rotinas de consumo de um número mais ampliado de trabalhadores. Relativizando o luxo, a necessidade e, conseqüentemente, os valores morais.

Mészáros (2006, p. 643), ao ver o luxo como uma esfera presente em estágios anteriores dos desenvolvimentos capitalistas, assinala que, atualmente, fica mais claro o posicionamento de aceite em relação a ele. Já que sua reabilitação é “inerente ao modo pelo qual o capitalismo define sua relação com o valor de uso e o valor de troca das mercadorias, investindo contra os valores associados à produção orientada para o valor de uso”.

Em relação a essa mudança incidida no comportamento do trabalhador, Mascarenhas (2005, p. 113) define o processo de relativização e de legitimação do luxo “como o consumo de bens e serviços de segunda ordem, outrora moralmente condenado”. Tal consumo de coisas supérfluas “não representa outra coisa senão um ingrediente a mais na dinâmica de disjunção da necessidade e produção de riquezas que hodiernamente se processa”.

Ao repassarmos as páginas da história, veremos que o processo de difusão do luxo contou com uma situação política e econômica favorável. Pois, com a adoção da acumulação flexível pelo sistema do capital, o proibicionismo e o puritanismo, valores do modelo *fordismo*, que regulavam o tempo livre, foram perdendo destaque em relação à cultura do luxo e da prodigalidade, que constrangia o relaxamento da antiga conduta da frugalidade e da poupança. Situando essa totalidade, Hobsbawm (2003, p. 238) detalha que “gastar tornou-se pelo menos tão importante quanto ganhar. Mesmo os, relativamente, menos opulentos aprendiam a gastar para o próprio conforto e prazer”.

Com a liberação moral e a acessibilidade do alargamento do círculo de consumo do supérfluo, da opulência e da luxúria a um número cada vez maior de trabalhadores pelo sistema do capital, Mascarenhas (2005, p. 126) ilustra que o “horizonte de agora passa a ser o da gastança contínua, não importa a finalidade do objeto de consumo e nem se ele cabe no orçamento de quem compra, pois uma coisa nova hoje nunca, nunca é ‘demais’”. Dirigindo-se a superfluidade do luxo e o consumo dos ‘demais’, isto é do consumo conspícuo.

Desse modo, de acordo com Mészáros (2006, p. 644), a ‘riqueza da nação’ majorou, tendenciosamente, devido à reabilitação do luxo, que instigava ao consumo diversificado e segmentar, propício as necessidades e aos desejos individuais. “É assim que a dinâmica recém-descoberta se torna o objetivo da humanidade e a multiplicação da riqueza se torna o objetivo da produção”.

O estímulo ao consumo para satisfação individual derivou a extração de produtos e de serviços cada vez mais personalizados aos distintos segmentos sociais de trabalhadores. Ou seja, as mercadorias desejadas por cada trabalhador não eram mais tanto os bens duráveis, como nos anos do modelo *fordista*, e sim aquelas com um valor unitário acessível ao consumo imediato, desprendendo o comprar como implicação da economia e da poupança. Enfim, é um consumo que

se universaliza e, simultaneamente, se personifica.

Como consequência, esfacelou-se a ideia única de proveito do tempo livre, retida ao espírito doméstico e ao espaço domiciliar sob os interesses coletivos ou os grupais e os valores da família. Com a desintegração da cultura da casa em curso, Ortiz (2000, p. 211) esclarece que a vida cultural já não seria mais organizada pelos valores clássicos, mas, sim pela “cultura das saídas”, já reconhecida por alguns autores.

A tendência da cultura das saídas representa a ocupação do tempo livre longe de casa com o consumo de produtos e de serviços, que propicia a satisfação e a fruição individual, desde a alimentação divertida até as viagens de lazer. Para Mascarenhas (2005, p. 128) “não é à toa que a mobilidade se torna um evidente sinal de distinção. Julga-se o indivíduo pela frequência e pelos seus tipos de saída”.

Para que esse fervoroso consumo, marcado por uma atitude, frequentemente, orientada para o ‘demais’ e pela cultura das saídas, passasse a ser uma base de sustentação do modelo de acumulação flexível, o sistema investiu na oferta generalizada tanto de serviços de lazer e quanto de turismo. No entanto, temos que atentar para o fato de que, a partir daí, instituíram-se lazeres e lazeres, os quais eram distintos pelos perfis orçamentários do capital simbólico, ou seja, um lazer à elite e outro à classe trabalhadora.

Então, o novo estilo, ostensivamente consumista, de ocupar o tempo livre não é outra coisa senão a manifestação mais aparente da tendência à relativização do luxo e da necessidade. Já que as práticas de lazer foram mercantilizadas sob a orientação do consumo imediato para potencializar ao máximo as sensações de prazer e excitação por elas produzidas, superconcentradas no escape fugaz aos paraísos artificiais, na euforia do consumo e no êxtase da aventura. Além de contribuir, sobremaneira, para o incremento do consumo, desperta, frequentemente, novas necessidades e serve de estímulo a instantaneidade, ao desperdício e à superfluidade, característicos da sociedade involucral e do padrão da acumulação flexível. Assim, o tempo de lazer se volta, crescentemente, ao consumo de bens e de serviços produzidos em massa, só que cada vez mais esse lazer se dá em espaços privados, demarcando as diferenças entre as classes.

Se o capitalismo generaliza-se, aprofunda-se e alimenta-se na hegemonia do ideário neoliberal da política, na reestruturação produtiva flexível da economia e

na mundialização da cultura. Significa dizer que, para compreendermos o tempo livre como estratégia de produção e reprodução do capital, não podemos desconsiderar a dinâmica da propagação dos fluxos de informação, a aceleração das transações econômicas com a criação do mercado mundial e a crescente circulação e a flutuação de valores políticos e sociais em escala universal. A mundialização, portanto, tem a ver com a efetiva transformação na dimensão do espaço e do tempo sob a dinâmica da circulação do capital.

Ortiz (2000), ao indissociar o universo material do da técnica e, do mercado do da cultura, sublinha que a mundialização não está afastada de qualquer ideia da cultura como reflexo da economia ou da ordem mundial, pois é um processo e uma totalidade, que na sua amplitude planetária e diversidade, articula-se ao movimento de globalização da técnica e da economia.

Desse modo, destacamos, sob o processo de mundialização, a intenção de homogeneizar as culturas. Para Ianni (2000), a compreensão da mundialização da cultura implica três características: a desterritorialização das coisas, gentes e ideias, a proliferação de colagens, pastiches e simulacros e, a transfiguração da realidade em virtualidade, ou vice-versa. O processo de mundialização revela as manifestações da cultura como patrimônio de muitos com o alcance mundial por meio dos recursos da mídia impressa e eletrônica, os quais são organizados para distrair, e que, em sua totalidade, formam a indústria cultural. Ainda nas palavras do mesmo autor, a indústria cultural “é uma expressão inegável da cultura mundial e está presente no modo pelo qual os indivíduos e coletividades informam-se, divertem-se, ocupam seu tempo livre, pensam os problemas reais e imaginários” (IANNI, 1993, p. 137).

Para Padilha (2000), a apropriação do tempo e do espaço da vida das pessoas está relacionada à manutenção da lógica totalizante do sistema capitalista contemporâneo, pois as atividades desenvolvidas no tempo livre estão diretamente ligadas ao prazer de consumir, ou seja, ao compro logo existo.

Mascarenhas (2006), ao buscar apreender os ditames do lazer e do trabalho, aponta que o lazer surge como estratégia criada pela classe burguesa dominante, a qual buscava o controle sobre o tempo livre dos trabalhadores e, conseqüentemente, a manutenção da hegemonia das condições do sistema de produção capitalista. Essa cumplicidade objetiva entre o lazer e a classe dominante,

conforme assevera Chauí (1999, p. 49), se dá a partir da criação da “indústria cultural, da moda, do esporte e do turismo, que está estruturada em conformidade com as exigências do mercado capitalista, com isso pôde controlar o tempo livre dos trabalhadores, criando neles necessidades fictícias de consumo”.

Há que se dizer que o lazer segue cumprindo a mesma funcionalidade, imprescindível ao metabolismo do capital, tanto quando desdobrado na configuração de necessidade funcional de evasão ou de tempo para o consumo de mercadorias da indústria do entretenimento. Portanto, é ilusório acreditar que o tempo livre teria a possibilidade de se converter num momento pleno e autêntico de fruição e de emancipação humana, visto que é organizado e autorregulado por um sistema de produtividade que recusa o uso do tempo como “livre” ao criar uma falsa impressão de consciência e liberdade impetrada nos momentos de lazer.

Nessa direção, Marin (2006a, p. 36), tomando como ponto de partida o processo histórico de apropriação do tempo do trabalhador, afirma que “associar o tempo livre como um tempo que por si só seja um tempo de vivência emancipadora ou repleta de sentido é cerrar os olhos aos poderes hegemônicos presente nas diferentes esferas sociais”, uma vez que a própria sociedade controla os desejos e os objetos de desejo.

Adorno (1995) é enfático ao associar o tempo livre como mero prolongamento do tempo da não-liberdade, como uma extensão das formas de comportamento próprias do trabalho, pois o tempo é uma categoria regida pela lógica capitalista e apropriada pelo mercado. Debord (1997, p. 23) complementa fazendo alusão a indissociabilidade existente entre a inatividade e a atividade produtora, expondo que “a própria inatividade é um produto da racionalidade da produção, logo, não pode haver liberdade fora da atividade”. Em outras palavras, a liberação do trabalho não significa a libertação do trabalho, pois o mundo é moldado por esse.

Segundo Padilha (2000, p. 98) “trabalho e lazer não podem ser isolados um do outro especialmente em sua influência sobre as atitudes sociais do indivíduo”. O trabalhador apenas dá continuidade às relações das injunções do trabalho e da fragmentação do tempo, distanciando-se da autonomia de condutor do seu tempo livre.

Com a mediação de unidade social repressiva, intensificam-se duas percepções agudas: o conflito do tédio e a atrofia da fantasia que, de acordo com Adorno (1995), são implantadas, e, incessantemente, indicadas pela sociedade, deixando o trabalhador amarrado e desamparado em seu tempo livre, o que o retira a capacidade de decisão diante de suas vidas. As escolhas são determinadas pelos papéis sociais, na medida em que a aspiração é modelada por aquilo que desejam para se sentirem livres do tempo de trabalho.

Configura-se uma aparente liberdade, legitimada pelo entretenimento que se condensa em atividades superficiais, e se torna dependente do mercado capitalista, que o produz industrialmente, anuncia-o sob a manipulação dos desejos e gostos, e troca-o por capital. Sobre isso, Baudrillard (1995, p. 161), apesar de não ter a orientação histórico-dialética, sustenta a afirmação de que, nesse sistema de produção, o “tempo só pode ser libertado como objeto, como capital, cronométrico de anos, de horas, de dias, de semanas a investir por cada qual a seu bel-prazer”.

O mercado, nas palavras de Adorno (1995), se apodera das necessidades das pessoas sob um sistema funcional, investindo na criação de produtos à necessidade social, e, ainda, nas demandas para os produtos. Significa dizer que a racionalidade do processo de produção parte da demanda para a oferta, e da oferta à demanda. O desenvolvimento contínuo de mercadorias e mecanismos produtores de sensações e falsas necessidades implantadas pela racionalidade instrumental são acionados em função do resultado, ou seja, do capital. Assim, o prazer é imediato e efêmero, exatamente porque é consequência de um desejo sutilmente imposto ao sujeito.

De acordo com o exposto, o tempo livre tem se configurado como um tempo apropriado pelo mercado, cada vez mais, expandido, atraente, adágio e "com poder de absorver pensamentos, corporeidades e estruturar a temporalidade das pessoas", conforme alude Marin (2006a, p. 49).

2.2. Tempo livre e entretenimento na lógica do capitalismo

O tempo livre firmou-se como uma das estratégias de produção e reprodução do capital, grande parte, explorada pelas redes de comunicação por meio do desenvolvimento e da massificação das inovações tecnológicas, ligadas ao

processamento e à transmissão de imagens, de informações e de sons. Os inventos comunicacionais tem a prerrogativa de aumentar a capacidade e a velocidade de circulação de mercadoria e de informações, comprimindo a dimensão de tempo destinado às trocas e ao consumo para impetrar, comumente, a diminuição do tempo de giro do capital. Instala-se o cenário mediatizado, como descreve Mattelart (2001, p. 15), transversalmente, com novos modos de “troca, circulação de bens, mensagens e pessoas, assim como de um novo modo de organização da produção”, mais precisamente, no limiar do século XX.

Marin (2006a, p. 42), ao situar o processo de mediação em todas as esferas sociais, expõem que o “desenvolvimento dos meios de comunicação criou novas formas de interação e de relações sociais mediando uma complexa reorganização de padrões de interação humana espacial e temporal”. Essas concepções racionalizadas do espaço e do tempo indicam o fenômeno de submissão do tempo livre ao mercado de entretenimento, o qual privilegia, unicamente, o prazer e celebra a mercadoria por meio da instrumentalização da dimensão do desejo.

O entretenimento é o expoente gigante da cultura do tempo livre à mercê das diversas mídias, o qual sobredetermina o horizonte da produção de sentidos. Consequentemente, dinamiza modos de ocupação espaço-temporal dos trabalhadores, por meio de investimentos, de arranjos midiáticos e de mecanismos tecnológicos, que clamam, incessantemente, por mais tempo, tais como: *laptops*, *smartphone*, *tablet*, internet, câmera fotográfica, câmera de vídeo, televisão, *Playstation*, *home theater*, *micro system* e tabloides de supermercado, entre outros.

De forma sistematizada, o entretenimento simboliza muito bem a concepção determinista do tempo dada pela sociedade transformada midiaticamente, porque, seduz, se exhibe ao trabalhador no tempo livre e tem a possibilidade de configurar um público ávido pelo império do desejo através das emoções e das sensações. Vale lembrar que o desejo sustenta-se da interdição do gozo, e a publicidade apela ao gozo, assim, as representações recalcadas do desejo impulsionam gostos, ações e decisões objetivadas pelo consumo de mercadorias e de espetáculo.

Ao atravessar o lazer e ao tomar o lugar da emancipação, o entretenimento firma-se como a atual forma de controle e coisificação do tempo, convertida pelo discurso naturalista da indústria de entretenimento, da indústria da evasão e do

marketing. A indústria de entretenimento faz jus da estratégia da apropriação da cultura popular, transformando-a de instrumento de protesto, de reflexão, de conscientização, de humanização e de emancipação humana, à ilusão de escolha sobre o tempo livre através do consumo, que deteriora, mercantiliza, coisifica e empobrece o sentido da dimensão humana lúdica.

Gabler (2000) denomina a sociedade contemporânea como república do entretenimento¹², a qual é mobilizada, incessantemente, pelo prazer e pela felicidade ilusória. Faz-se necessário considerar que o mesmo autor, diferencia entretenimento da arte, pois essa não faz exigência de público apreciador, ou seja, engloba a todos e trabalha a serviço dos sentidos e das emoções, para além do intelecto. Para este autor, a arte é invenção, e o entretenimento é convenção.

As redes de comunicação captaram rapidamente a correlação existente entre o entretenimento e a excitação dos sentidos, por isso, se dispuseram cativar os sujeitos sociais por meio de diferentes estratégias, das quais lançam mão para divertir e dar prazer, a partir do uso da metáfora da própria vida, sustentando a atração com as grandes audiências e tornando o privado em público, por meio da apresentação de histórias particulares.

O primeiro veículo comunicativo a adotar a vida cotidiana como triunfo foi a imprensa escrita (o jornal), que preferiu fazer o uso da notícia, ao invés de folhas opinativas (os editoriais). Pois, a notícia contava a história dos fatos ao leitor, por meio de um contorno narrativo mais emocionante e divertido, oferecendo uma experiência de emoções e de sensações comuns. Numa sociedade dominada pelo entretenimento, conforme concebe Gabler (2000), os diferentes veículos como o jornalismo, o cinema, a televisão, entre outros, convertem os fatos, as notícias, a vida em produtos para entreter.

¹² Conforme Gabler (2000), o entretenimento configura-se como uma reação a tradição da aristocracia cultural e rigidez da religião institucionalizada, especialmente, da Europa. Deste modo, os Estados Unidos assume como principal representante e disseminador, por não haver formação profundamente religiosa, afinidade com a arte, e por suas inclinações democráticas, encorajaram a propagação do entretenimento de massas pela América, iniciando uma revolução cultural, na medida em que uniram o estético ao social, transformaram o gosto e mudaram a formação do que seria gosto ideal, antes ditado, exclusivamente, pelos elitistas e intelectuais europeus. Entretanto, deve-se atentar que tal entretenimento não era bem aquele da cultura de massas, já que a classe média americana tomou as formas de entretenimento populares e as configurou para extrair qualquer elemento subversivo por seus valores. Assim domesticou o entretenimento e removeu o teor democrático para que fosse usufruído sob o seu controle cultural.

Para Marin (2006a, p. 43), o processo de mercadorização faz com que, cada vez mais, as experiências de lazer estejam mediadas pelo uso de aparelhos, ou seja, o homem quando “se encanta, olha com as lentes da câmera fotográfica e da filmadora, deseja peregrinar, curva-se ao peso dos aparatos especializados, precisa estabelecer relações, acessa a Internet, necessita evadir-se, assiste à televisão, a vídeos e joga *videogame*”.

Conforme a projeções do estudo *Global Entertainment & Media Outlook 2010-2014*¹³, produzido pela *Price Waterhouse Coopers* (PwC), o investimento mundial na indústria de entretenimento e mídia atingirá US\$ 1,7 trilhão em 2014, com um ritmo anual de crescimento médio global de 5%. Dentre os setores da indústria de entretenimento e mídia que investirão de forma significativa, localiza-se: o acesso à internet, que saltou de 228 bilhões de dólares em 2009 para 351 bilhões em 2014, e o mercado de *videogames*, que passou de 52,5 bilhões em 2009 para 86,8 bilhões em 2014, a uma taxa composta anual de 10,6%, posicionando-se como o setor de maior crescimento depois da publicidade na Internet. Para a América Latina, o relatório prevê um crescimento mais acelerado nos próximos cinco anos, com uma taxa composta anual de 8,8%, chegando a 77 bilhões de dólares em 2014.

Cabe considerar a capacidade que as redes de comunicação de massa têm para persuadir posicionamentos e construir verdades. Destacamos, principalmente, o poder da televisão de selecionar o que deve ser comunicado, ou seja, de enquadrar a informação, o acontecimento e os personagens, sob o seu foco, utilizando-se de seleção de imagens, de discursos, de entonações e explorando o sensacionalismo em detrimento da razão. Como donos da informação submetiam os trabalhadores ao discurso espetacular dos fatos como realidade, adquirindo o peso indiscutível de prova histórica.

Nessa perspectiva, Debord (1997, p. 24), ao pensar sobre as forças econômicas que dominaram a Europa após a modernização decorrente do final da II Guerra Mundial, é tácito em afirmar que “o espetáculo na sociedade corresponde a

¹³ O relatório *Global Entertainment & Media Outlook 2010-2014* avalia o desempenho de setores como: acesso a banda larga e a redes de telefonia celular, publicidade na internet e em telefones celulares, acesso a vídeo pela internet, assinatura de TV por celular, anúncios televisivos *online* e por celular e distribuição de música por meios digitais, entre outros, nas quatro regiões: América do Norte, Europa-Oriente Médio-África, Ásia-Pacífico e América Latina. Fonte: <http://www.espbr.com/noticias/brasil-china-puxarao-crescimento-area-entretenimento-ate-2014>. Acesso em 23 de abril de 2012.

uma fabricação concreta da alienação”. Afinal, a espetacularização do mundo, da vida, tem um fim em si mesma, na mercadoria, no consumo, sobretudo, na reprodução do capital. Portanto, pode-se constatar que o espetáculo assumiu um valor de troca e passou a ser consumido pelo trabalhador.

2.3. Espetáculos Esportivos: um dos entretenimentos mais difusos do século

Debord (1997, p. 13), referenciando Feuerbach, afirma que “sem dúvida o nosso tempo, prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser”, ou seja, categoricamente, o importante é parecer ao invés de ter ou ainda ser, fazendo com que o sentido humano acusado da contemporaneidade seja a visão, na medida em que tal sociedade se expressa, percebe e reconhece, exclusivamente, por meio do espetáculo.

O espetáculo firma a aparência e toda vida humana como simples representação materializada pela réplica de situações assistidas em outros, que atuam no lugar do trabalhador. Ora, em todo esse palco teatral da vida, onde os atores e as cenas são reais, a vida humana se tornou uma especulação regida pela mercadoria - criada pelo próprio homem -, determinante na sociedade capitalista, a qual, a vida do trabalhador é estimulada por esse abstrato do capital, produzido pela atividade humana, intensificando, contraditoriamente, o processo de desumanização do homem.

Atualmente salienta-se imensa acumulação de espetáculos. Tudo que é vivido tornou-se uma representação, que, por consequência, tornou-se entretenimento. De tal modo, o espetáculo é a demonstração do protótipo do modo de produção existente, que se ancora na ocupação do tempo livre. Nessa direção, Debord (1997, p. 15) compreende o espetáculo como:

o âmago do irrealismo da sociedade do real, que sob todas as suas formas particulares (informação, propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos) constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. A afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha, sendo a forma e o conteúdo do espetáculo é, de modo idêntico, a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente. Assim, a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência, a base e a imagem da sociedade atual.

A categoria de alienação diz respeito não a circunscrição de sentidos, mas a consequência do modelo social capitalista, que assume novas formas e conteúdos

no processo dialético de segmentação e de reificação da vida humana, sendo que o espetáculo corresponde a uma fabricação concreta de dominação das elites sobre a classe trabalhadora e do espetáculo, conseqüentemente, da sociedade.

Nessa perspectiva, Debord (1997, p. 28) assinala que “o mundo presente e ausente que o espetáculo *faz ver* é o mundo da mercadoria, dominando tudo o que é vivido”, ou seja, quanto mais os indivíduos se tornam consumidores dos espetáculos menos vivem, e quanto mais se reconhecem neles menos compreendem sua existência no mundo. Esse ciclo tem significado cada vez mais a reificação do homem.

Na sociedade de produção e acumulação de capitais, o espetáculo ao proclamar a unidade irreal evidencia a mascara da divisão de classes sobre a qual repousa a unidade real do modo de produção capitalista. Por isso Debord (1997, p. 47) revela:

Que o que obriga os produtores a participarem da construção do mundo é também o que os afasta dela. O que põe em contato os homens liberados de suas limitações locais e nacionais é também o que os separa. O que obriga ao aprofundamento do tradicional é também o que alimenta o irracional da exploração hierárquica e da repressão. O que constitui o poder abstrato da sociedade constitui sua não-liberdade concreta.

Partindo da leitura feita por Debord (1997), cuja crítica principal exibida é a passividade com que a ‘sociedade do espetáculo’ absorve a informação, permitindo aos donos da informação o controle massificado e imperando as modernas condições de produção sob as acumulações de espetáculos. Passamos a apreender que a fruição do espetáculo teve nas redes de comunicação a sua maior mediadora, pois essas espetacularizam até as práticas culturais para massificação do consumo no tempo livre. Dentre essas práticas culturais, nos detemos ao esporte de alto rendimento, que foi moldado como espetáculo, com vistas a obter maior valor de troca.

Proni (1998a), ao definir o atual esporte de alto rendimento como esporte-espetáculo em sua tese, opõe-se à ideia aristocrática de prática esportiva e à concepção burguesa clássica, pois entende que o esporte-espetáculo assume uma forma particular desde o alto rendimento espetacularizado até a criação e comercialização de produtos voltados ao entretenimento. Nessa direção, Proni (1998a, p. 94) explicita três traços elementares para o significado de esporte-espetáculo:

- Competições esportivas organizadas por ligas ou federações, que reúnem atletas submetidos a esquemas intensivos de treinamento (no caso de modalidades coletivas, a disputa envolve equipes formalmente constituídas);
- Competições esportivas tornaram-se espetáculos veiculados e reportados pelos meios de comunicação de massa e são apreciadas no tempo de lazer do espectador (ou seja, satisfazem a um público ávido por disputas ou proezas atléticas);
- A espetacularização motivou a introdução de relações mercantis no campo esportivo, seja porque conduziu ao assalariamento dos atletas, seja em razão dos eventos esportivos apresentados como entretenimento de massa passarem a ser financiados (pelo menos em parte) através da comercialização do espetáculo.

Se na sociedade de produção e acumulação de capitais a imagem e a informação são o apelo, esses elementos catalogariam a chave para o esporte de alto rendimento, transformado em espetáculo, alcançar e cativar o trabalhador. A imagem incide nas emoções e a informação persuade as opiniões, o que envolve a necessidade do trabalhador. Dessa forma, o esporte de alto rendimento espetacularizado serve muito bem ao discurso dominante da sociedade espectadora e consumidora, pois tanto suas imagens quanto suas informações teriam a possibilidade de conduzir o público a um grau de tensão, excitação e integração social.

Tal fruição, vivenciada pela comercialização do esporte-espetáculo, retirariam os trabalhadores das nuances da rotina da força de trabalho e os carregariam a momentos de êxtase controlados e de identificação diante dos grupos sociais. Bourdieu (1983), ao discorrer sobre o surgimento do esporte-espetáculo, esclarece que além da perspectiva das necessidades psicossociais dos indivíduos, o espetáculo esportivo também tem que ser entendido pela ótica da oferta esportiva, ou seja, das opções de modalidades e de espetáculos esportivos, que se estruturam num determinado espaço-tempo social.

E, como dissemos, essa forma de vivenciar emoções controladas, na maioria das vezes, passa a ocorrer, largamente, pela contemplação de imagens, de sons e de informações de mercadorias esportivas (apostas, jogos eletrônicos, pacotes de eventos exclusivos para veiculação pelas redes de televisão fechada, enquadramento da programação das redes de televisão, entre outros) e não mais pela prática da atividade esportiva lúdica. O que impulsiona a formação de hábitos esportivos passivos, ou melhor, ao consumo passivo, que fala Bourdieu (1983), que também desempenha a função de liberação controlada das tensões da vida diária.

Além de atender a evasão assistida do trabalhador, o esporte de alto rendimento também se mostrava apto à espetacularização planetária, por causa do seu processo de profissionalização da organização dos eventos esportivos, da lógica e das regras das modalidades esportivas e, das performances dos atletas. Dito em outras palavras, a produção do esporte de alto rendimento sob um regime industrial passou a dispor de informações e de recursos visuais atrativos, dinâmicos e emocionantes.

Conforme ilustra Marin (2006a), é visível que o esporte de alto rendimento tem o poder de convocação e a capacidade de penetração social. Ao mesmo tempo em que encanta e toca, também diverte, o que facilita sua transformação em mercadoria da indústria do entretenimento, profundamente, assumida pelas diferentes mídias, pelas empresas patrocinadoras, em forma de espetáculo.

No caso da mídia escrita, o interesse pelo esporte de alto rendimento, pode ser medido pelo volume da produção de periódicos esportivos nacionais e internacionais. Nessa direção, Proni (1998a, p. 79), ao elucidar sobre a circulação de informações esportiva, aborda o exemplo da “revista norte-americana *Sports Illustrated* que vendeu perto de 03 milhões de exemplares semanais, no ano de 1997”.

Já a mídia televisiva, ao ocupar o papel central na espetacularização do esporte de alto rendimento, realiza uma extensiva oferta na sua grade de programação, uma vez que traduz rentabilidade econômica e simbólica por ser a atração de maior audiência. Marin (2006a), ao analisar a grade de programação dentre os canais de TV aberta brasileira (Rede Globo, SBT, Bandeirantes e Record), evidenciou que a Rede Globo é a emissora que mais destina espaço e tempo ao esporte em sua programação de entretenimento, abrangendo desde programas de informações esportivas até de transmissão de campeonatos. Nos domingos, do percentual de 74,79% da programação de entretenimento, 24,31% é destinado aos conteúdos esportivos sem incluir, como salienta Marin (2008, p. 86) “os tempos que esses conteúdos são chamados à cena dentro de outros programas”.

Ilustrando a ampla venda dos periódicos especializados em esporte e os índices de audiência, alcançados pelos principais eventos esportivos, Proni (1998a, p. 81) aponta que “o grande público se identifica com o esporte espetacularizado, consumindo-o cotidianamente”. Aponta ainda, com os valores dos contratos de

patrocínio e das transmissões exclusivas, que “o esporte-espetáculo tornou-se um grande negócio e está definitivamente inserido na economia capitalista”.

Pires (2002, p. 94), referenciando Helal, complementa que “a produção, venda e consumo do espetáculo esportivo segue uma ordem analógica, isto é, baseia-se em idênticos procedimentos técnicos e iguais interesses comerciais”, cujos objetivos são o controle ideológico dos trabalhadores e a maximização da acumulação do capital pela conquista das audiências, talvez essa seja a explicação para a intensa programação esportiva das redes de televisão diariamente.

Na perspectiva de Marin (2008, p. 87) o espetáculo esportivo na sociedade atual, diz respeito:

Ao entrelaçamento (não significa dizer que se resume neles) entre a expansão do capital, pelo viés dos meios de comunicação; a expropriação pelo capital do tempo de trabalho e de não trabalho; a mundialização do entretenimento e da cultura do consumo; e a força que o entretenimento tem de agregar grande número de pessoas e de seduzir.

Em outras palavras, o esporte-espetáculo resume-se a uma forma de entretenimento que está vinculada a lógica do tempo livre como uma das estratégias de produção e reprodução do capital. Faz parte de uma lógica de acumulação e produção intensa, já que o aumento de produção requer aumento de consumo, que demanda aumento de necessidades. Nessa relação os Jogos Olímpicos apresenta uma singularidade exemplar. Produzidos pelo COI, financiado por grandes empresas mundiais e pelo Estado, vendido por altas cifras aos meios de comunicação e veiculado com as mais sofisticadas tecnologias estruturais, linguísticas e imagéticas para seduzir o público e firmarem-se como um evento de alcance global por meio de imagens esportivas espetaculares.

Gurgel (2009, p. 203) deixa claro que é o “*show de imagens*”, gerado pelo esporte como espetáculo, o ingrediente perfeito para o entretenimento na sociedade contemporânea. Sendo “jogos, jogadores, jogadas, façanhas e narrativas, arenas, torcedores, dirigentes, políticos, produtos e celebridades do (e no) esporte alguns dos itens fundamentais no processo de construção das imagens esportivas espetaculares”.

CAPÍTULO III- JOGOS OLÍMPICOS: DA TRADIÇÃO ANTIGA À PRODUTO MODERNO

Este capítulo trata sobre o surgimento, a invenção, a instalação e a reinvenção dos Jogos Olímpicos, sob a lógica histórica, a partir do princípio de totalidade, que considera a análise dos determinantes econômicos, políticos e culturais.

Os Jogos Olímpicos marcam e carregam marcas daquilo que é universal, a própria história da sociedade capitalista. Isto é, os Jogos Olímpicos, como um evento particular, incorporaram rapidamente a dinâmica do capitalismo, reproduzindo suas estruturas e sustentando suas relações. Desde o princípio serviram para objetivar as demandas do sistema. E, hoje, apresentam-se como produto de entretenimento, na face de espetáculo, de âmbito planetário.

Com o objetivo de garantir acesso à compreensão da transfiguração dos Jogos Olímpicos, partimos da articulação da história do Movimento Olímpico com a da sociedade, a partir da referência do historiador marxista Eric Hobsbawm, que a interpretou, profundamente, da Era dos Impérios (1875-1914) à Era dos Extremos (1914-1991), e da apreensão da trama de estudos já realizados por autores reconhecidos no trato do tema, especialmente: Proni (1998a; 1998b; 2002; 2004; 2008), sob a perspectiva econômica do negócio de esporte; Rubio (2001; 2002; 2010), que percorre o caminho de diálogo com fatos decisórios da política e economia do século XX; e Lancellotti (1996), que mergulha na história de cada edição, enriquecendo as páginas de detalhes pontuais. Também faz parte do aporte teórico: Barrow e Brown (1988), Simononic (2004), De Moragas (2000), Waddington (2006), Simson e Jennings (1992), os quais discutem a propagação dos Jogos por meio de abordagem crítica.

3.1. Os Jogos Gregos: a gênese dos Jogos Olímpicos

Entendemos que o nascimento dos Jogos Olímpicos está atrelado a história da Era Antiga e da mitologia grega. Por isso, iniciamos discorrendo, ainda que de forma breve, sobre o significado atribuído pelos gregos ao termo Olimpíada,

considerando que os Jogos Helênicos, especificamente os de Olímpia, são uma das mais importantes manifestações que delinearam a cultura grega ao longo da Antiguidade.

Conforme Lancellotti (1996), o vocábulo Olimpíada simulava o calendário grego, o qual era contado sob o intervalo de quatro em quatro anos. Ao passar-se a Olimpíada, os patriarcas de Olímpia realizavam uma festa mística e religiosa, de despedida a seus entes falecidos, pedindo aos deuses para que mantivessem as almas de seus parentes nas proximidades, em lugares chamados de estádios.

As primeiras aproximações dessa celebração grega com os Jogos Olímpicos podem ser vistas a partir da abertura daquela cerimônia, quando rapazes disputavam, em uma corrida a pé, a oportunidade de conduzir o fogo simbólico até a pira do templo de Zeus no monte Olimpo, mitologicamente na morada dos Deuses. Assim, o percurso até o centro religioso de Zeus era uma demonstração do ideal grego de destreza, de força, de beleza e de saúde, ou seja, de perfeição do corpo. Ali, só os corpos mais bem preparados fisicamente seriam oferecidos aos deuses nesse rito.

A cada período celebrado da Olimpíada, a cidade de Olímpia foi percebendo que apesar da Grécia estar atravessando períodos turbulentos de rivalidade entre as tribos e os clãs, a chegada da Olimpíada mobilizava um vasto contingente de gregos em direção ao acontecimento com o sentimento de celebrar. Tais festejos, para o historiador Giordani (2001, p. 259), aconteciam sob o caráter pan-helênico, por isso “uniam periodicamente cidadãos afastados entre si não só pela distância, mas pelas mais profundas divergências de ordem social, política e histórica”.

A partir dessa coesão grupal entre as cidades gregas, tomou-se a posição de popularizar uma celebração atlética ligada às atividades religiosas do monte Olimpo, a fim de tentar estabelecer neutralidade nas guerras e nos conflitos de qualquer ordem entre os gregos, sendo amparada pelo acordo cívico e militar da “Trégua Sagrada’ (Ekeheiria)” (LANCELLOTTI, 1996, p. 01).

Para Carvalho e DaCosta (2006) essa proposta deu certo, pois ao se utilizar de crenças religiosas e míticas associadas à inclinação cultural em uma competição, que envolvia a sociedade grega, presenciou-se um compromisso cíclico de peregrinação quando se tratava de retornar para assistir o ritual dos jogos, visto

como um ato de celebração, de devoção, ou, até mesmo, de prazer, derivado do espetáculo estético.

Deste modo, era conveniente aos gregos minimizarem os combates sanguinolentos de sua sociedade a partir da propagação dos jogos atléticos, como os Jogos de Olímpia da Paz. Entretanto, os autores Codea, Codea e Beresford (2002) chamam atenção para o encontro ímpar que acontecia entre os comandantes das cidades-estados no espaço dos Jogos. Esses reuniam-se, comemoravam vitórias, discutiam questões políticas e formavam alianças políticas e militares.

O princípio de cessar a guerra em honra a Zeus era estritamente respeitado e seguido pelo povo grego e pelos seus inimigos, assim, tanto os atletas quanto o público, no período dos Jogos, tinham um facilitado acesso à Olímpia. Conforme Crowther (2001), a trégua teria duração de, aproximadamente, três meses antes e depois dos Jogos, para que o público e os atletas pudessem deslocar-se livremente e participar do festival.

Isso fez com que os Jogos Gregos se perpetuassem como “uma efetiva e deliciosa comemoração da possibilidade da paz” (LANCELLOTTI, 1996, p. 01), e se firmassem como uma importante tradição quadrienal com um forte caráter religioso, artístico, filosófico e atlético.

Ao mesmo tempo, os Jogos Gregos assombraram um espaço de disputa exaltada entre os atletas, sendo possível até assistir a extensão da guerra dentro do sistema de confronto atlético, pois, muitos esportes simulavam as condições do desdobramento dos campos de batalha. Grande parte dos atletas eram os mesmos guerreiros, que congregavam especialidades militares e defendiam sua cidade em troca da própria vida.

Como observamos nas narrativas de Lucian e Pausanias *apud* Carvalhedo e DaCosta (2006, p. 696), os jogos representavam “um imperativo para o povo helênico estar bem preparado fisicamente para ir à guerra e se revelar para os deuses e para si mesmo como virtuosos competidores”.

Portanto, é importante acenar às analogias entre a guerra e os Jogos Gregos, uma delas é subscrita por Lancellotti (1996, p. 03) na reprodução textual do juramento da época, que dizia: “batalhar com seriedade e aceitar a derrota com galhardia”.

Outra semelhança desse arranjo poderia ser vista nas estratégias dos atletas para superarem seus adversários, como aponta o referido autor, ao elucidar o caso de um corredor de velocidade dos Jogos de 720 a. C., que lançou mão do uso da túnica de linho no meio da prova. Essa adaptação no vestuário padrão levou a uma maior eficiência no desempenho atlético, sobrepondo-o aos demais, tal como aconteceu com a transformação do fardamento de guerra.

Nessa batalha esportiva, a vitória não significava a expansão de territórios, mas sim, a aquisição de honraria para a localidade. As cidades-estados configuraram essa atividade como uma forma de glorificação e de exibição dos seus heróis, atletas perfeitos e completos, como efetivos símbolos de força e de genialidade, pois os igualavam a heróis, com capacidade de inibirem possíveis ataques dos inimigos.

A consagração dos vencedores, como heróis, era formalizada através do reconhecimento místico de valor religioso, artístico e material, mais especificamente, glorificados por “uma fortuna de mil dracmas em moedas” (LANCELLOTTI, 1996, p. 02). Pois, os vencedores exaltavam o espírito dos Jogos Gregos, já que a vitória deveria ser um resultado das habilidades dos atletas nas provas.

Tais momentos de prestígio aceleraram a condição de especialização nos Jogos Gregos, pois o *status* de ser vitorioso a qualquer custo forçou uma concorrência na seleção dos atletas olímpicos, exigindo dos futuros representantes das cidades-estados um maior tempo de treino e de preparação especializada, passando a ser mantido com recursos da nobreza e da aristocracia, tendo como intuito disseminar a identidade de sua população por meio desses heróis.

Com isso, gradativamente, os Jogos Gregos afastavam-se dos seus ideais originais de encontrar-se a si mesmo, pois os atletas já não primavam pela estética e pela ética, ou seja, não mais havia a preocupação com a apresentação de corpos perfeitos e simétricos em sintonia com o espírito bom. Soma-se a isso, a expansão territorial dos Jogos Gregos resultante da tomada da Grécia por outros povos, que se apropriaram dessa tradição e incorporaram-nos outras características, como a violência e a brutalidade. Por exemplo, os romanos propuseram uma nova configuração para os Jogos Gregos, pois passaram a usá-los como espaço de enfrentamento direto contra os gregos e de exposição da superioridade romana. Para tal propósito, os romanos utilizaram-se de diferentes artifícios que

desconsideravam a integridade dos ideais dos Jogos Gregos, tais como a subordinação de adversários, a compra de vitórias, as fraudes de resultados e a especialização dos atletas. Indubitavelmente, na concepção de Lancellotti (1996, p. 03), os romanos “degradam o conceito e a transparência dos Jogos Gregos”.

A partir daí, para Barrow e Brown (1988), os Jogos Gregos passaram de uma expressão estético-religiosa para uma diversão dotada de espetáculos circenses, com a finalidade de entreter a população, perdendo, dessa forma, o propósito inicial da tradição sagrada.

Lancellotti (1996), narra que, em 390 d.C., Teodósio, o último imperador romano a reinar em todo império, decretou a extinção dos tradicionais Jogos Gregos, através da proibição de festividades e de ritos que lembrassem o panteísmo (celebração da crença em deuses), como era o caso da Olimpíada, por consequência, os Jogos Gregos foram reduzidos a patrimônio do passado de um povo.

Foi assim que até o século XIX o legado emergido do povo helênico tinha se transformado em cinzas, dissipadas pelo vento da história, mas foi essa mesma história que lhe deu atenção novamente através dos achados arqueológicos da ruína de Olímpia. As escavações reviveram os Jogos Gregos e os aristocratas passaram a vê-los como a resposta para uma série de dissensões da Era Moderna.

3.2. Os Jogos Olímpicos: um produto recriado na Era Moderna

Quando a proposta é discorrer como se produz os Jogos Olímpicos na Era Moderna, a partir do século XIX, consideramos ser importante contextualizar a sociedade que os emergiu. Para tanto, procuramos revisar os fatos históricos, acentuados sob uma ordem cronológica, porém não nos apoiamos na rigidez da categorização do tempo histórico e, sim na espiralidade processual dos períodos históricos. Na busca por questões que atravessaram e foram constituindo os Jogos Olímpicos na história como, por exemplo, o papel da mídia em seu processo de espetacularização.

Nessa direção, referenciamos, primeiramente, o historiador marxista britânico Eric Hobsbawm, que em seu livro a Era dos Extremos (1914-1991), caracteriza a civilização (ocidental) do final século XIX e do início do século XX

como sendo capitalista na economia, liberal na estrutura legal e constitucional, burguesa na imagem de classe, exultante com o avanço da ciência, do conhecimento, da educação no progresso moral e material, profundamente, convencida do Eurocentrismo e tecnológica com o aperfeiçoamento do vapor e do ferro: aço e as turbinas e, a ascensão das fontes de matérias-primas.

A Europa, além de ser o centro original do desenvolvimento do capitalismo, condicionava o mundo, por meio do domínio das colônias. Era, de longe, a peça mais importante da sociedade burguesa. Pois, era o núcleo das revoluções da ciência, da arte, da política e da indústria. E, sua dimensão de economia e de política prevalecia na maior parte do mundo, devido às expedições agressivas imperiais e imperialistas sobre mais de um quarto de outros territórios e, a convergência do Estado em direção à defesa dos interesses das indústrias no plano internacional.

Para auxiliar na defesa de suas fronteiras e na expansão de seus mercados de produtos, no período do Imperialismo, a Europa desenvolveu o esporte moderno e determinou sua organização institucional e suas regras. Cada país europeu sistematizou seu modelo de esporte conforme as suas demandas, que abarcavam desde o fortalecimento do exército dos Estados Nacionais até o aprimoramento e o controle do trabalhador durante o tempo livre. Logo, com o desenvolvimento dos modelos de esporte acirrou-se ainda mais a rivalidade entre os Estados Nacionais.

Dentre os modelos esportivos mais representativos, Rubio (2001, p. 128) destaca o inglês¹⁴, que objetivava a “formação física e moral daqueles que iriam explorar e colonizar o mundo da livre-troca”. Nas escolas públicas ocorriam os jogos organizados, que formavam os futuros líderes empreendedores e os bons oficiais militares. Enquanto, nas escolas primárias, o sistema ginástico e o esporte formavam os bons operários e os soldados, talhados na disciplina e nos efeitos fisiológicos do exercício. Enfim, “o esporte passou a ser uma metáfora do jogo capitalista”.

É fato que a Grã-Bretanha, como potência mundial com um extenso império colonial e idealizadora da revolução industrial e de acontecimentos, que desbancaram a aristocracia em favor da burguesia, promoveu com mais força o

¹⁴ Betti (1991), ao referir-se ao modelo esportivo inglês, afirma que suas origens resultaram um processo de esportivização da cultura corporal das classes populares e da nobreza.

esporte moderno. Assentando-o nas características do avanço da industrialização, da urbanização, do processo tecnológico dos meios de comunicação e dos transportes e, do aumento do tempo livre. Expandindo um esporte moderno com objetivo de produzir capital, através de sua divulgação e sua popularização.

Guttmann (1978, p. 16), ao definir o esporte moderno oriundo da Grã-Bretanha, sintetizá-lo em categorias pontuais, como: “secularidade (rompimento com o sagrado, espiritual); igualdade de chances na disputa; especialização dos papéis; racionalização das práticas e processos; burocracia; quantificação; recordes”.

O sentido de rendimento e de competição, presente no esporte moderno, fez surgir eventos esportivos com normatização de regras e uniformização da ideologia profissional ao longo da Europa, a partir do século XIX, e em nível mundial durante o século XX. Aparece, nesse período, o resgate dos Jogos Gregos, os quais se adequariam muito bem como um instrumento indireto para universalizar o perfil de instituição esportiva da Europa, em especial, o da Grã-Bretanha, e garantir o livre acesso das potências europeias aos territórios do globo. Já que tal evento inter-relacionava as ratificações de conhecimento e as alianças entre pessoas de distintos credos, raças, gêneros, culturas e nações.

Entretanto, a ideia de recriar os Jogos Gregos veio de um aristocrata francês o Charles Freddye Pierre, conhecido pelo título nobiliárquico de Barão de Coubertin. Hobsbawm (2009), ao discorrer sobre a dependência ao velho continente, nos auxilia a entender o fato de um homem da aristocracia estar à frente da organização dos Jogos Olímpicos, através da sua exposição de que a cultura e a vida intelectual europeias, ainda, estavam, majoritariamente, nas mãos de uma minoria próspera e culta, admiravelmente, adaptadas para funcionar nesse meio e para ele. Refere-se à cultura da elite aristocrata do século XIX.

Sob esse contexto, em 1892, Barão de Coubertin divulgou o projeto da versão moderna dos Jogos Gregos, com o nome de Jogos Olímpicos. Pautado em uma combinação da acuidade utilitária do esporte no modelo inglês de educação do século XIX com a manutenção de ideais humanísticos dos Jogos Gregos, na busca por equilíbrio entre habilidades físicas e intelectuais e, consagração da cultura da nobreza.

De certa forma, é importante notarmos que o Barão de Coubertin¹⁵ por ser apaixonado pelo esporte e fascinado pela história dos Jogos Gregos tinha duas inquietações bem claras diante da necessidade de instaurar esses Jogos a serviço da sociedade moderna. A primeira, dizia respeito ao ato de “elitizar” a prática esportiva e fazê-la um instrumento de diferenciação social. Visto que estava ocorrendo um desvirtuamento do teor do esporte, definido pelo ingresso da forte comercialização por parte da classe burguesa emergente. E, a segunda, se referia ao aprender através do esporte, ou seja, difundir o esporte como uma instituição com possibilidade de reformar o homem e a sociedade, por meio do seu caráter regulador e controlador, estabelecido nos conceitos de excelência, de internacionalismo, de desenvolvimento integral e de *fair-play* e, condicionado por um sentido ético positivo.

Diante do pressuposto de afirmação da supremacia social aristocrática, cabe a justificativa trazida pelo Barão de Coubertin de que era “preciso internacionalizar o esporte, mas, para isso se tornar possível, é necessário organizar outros Jogos Olímpicos” (LÓPEZ, 1992, p. 21), em outras palavras, apropriá-los para difundir os valores da nobreza do século XIX.

Conforme exposto na Edição da “Revista Veja na História” (1896), intitulada de A Olimpíada de Atenas-1896, o Barão de Coubertin avistava os Jogos apenas como uma medida praticável para unir e purificar o esporte moderno, que se executaria através de uma competição realizada em intervalos periódicos regulares. Essa convidaria todos os países e envolveria todos os tipos de esportes, sob a égide da mesma autoridade, que poderia lançar sobre eles uma aura de grandeza e de glória – a patronagem da Antiguidade Clássica.

Deste modo, no ideário original do Barão de Coubertin, os Jogos Olímpicos se estabeleceriam como um momento de “celebração do culto da prática atlética no mais puro espírito do verdadeiro esporte” só que, dessa vez, restritamente destinada às elites (PRONI, 2004, p. 03).

Os Jogos Olímpicos, ao estabelecerem-se como um evento cultural tão somente da elite, seriam disputados, apenas, por competidores amadores e o espetáculo do esporte moderno seria patrimônio da classe aristocrata e burguesa,

¹⁵ Este personagem era um pensador, educador e historiador francês, formado pela Escola Politécnica de Paris, que tinha uma relação estreita com os intelectuais, governos e a elite de diversos países, principalmente, Estados Unidos, Inglaterra e Bélgica.

que, para terem acesso, pagariam pelo ingresso de entrada. Isto garantia a independência política e econômica dos Jogos Olímpicos em relação ao Estado, uma vez que era financiado pela elite, através do patrocínio de alguns aristocratas responsáveis e da arrecadação da venda de ingressos. Foi desta forma que aconteceu a reconstrução do principal palco dos Jogos de Atenas-1896, o estádio Panathinaiko, que se ergueu bancado pela aristocracia e pela burguesia atenienses com um custo equivalente a 94.300 dólares¹⁶.

Com tamanha neutralidade esportiva, o Barão de Coubertin sutilmente “queria, de fato, manter o esporte ligado a um ideal aristocrático, a partir do discurso do amadorismo, mas também associar a prática esportiva com a ideologia do liberalismo, por meio do modelo burguês de educação, valorizando a igualdade de oportunidades” (PRONI, 2004, p. 03).

Para a propagação dos Jogos Olímpicos na proposta do Barão de Coubertin, em escala mundial, foi criado em 1894 a organização burocrática internacionalista, não governamental e sem fins lucrativos, chamada de Comitê Olímpico Internacional (COI), presidido primeiramente por Dimítrios Vikéla, a qual, em breve, se tornaria a entidade máxima representativa do Movimento Olímpico.

O COI seguia algumas características e objetivos das organizações e dos movimentos internacionalistas, surgidas no século XIX. Esses elementos que orientariam a organização estrutural do COI foram resumidos por Tavares (2008, p. 77) como a (o):

- (a) seleção dos membros por cooptação; (b) promoção de uma moral, que acontecia de ser uma elite econômica e de status também; (c) noção de representatividade reserva, os membros representavam a instituição nos seus países e não os países na instituição; (d) convicção de estar a serviço de uma ideia e para a humanidade; (e) ênfase nas decisões por consenso ao invés do voto; (g) cioso controle independente sobre os projetos combinado com a *patronage* de chefes de estado.

Para Lancellotti (1996, p. 05), o COI se fez presente com representantes de várias nacionalidades para “supervisionar e controlar os organizadores locais dos Jogos”, normatizar a participação dos atletas e possibilitar a autonomia de indicação da cidade-sede e das modalidades disputadas.

Em 1896, o Barão de Coubertin escreveu a Carta Olímpica para justificar e nortear a recriação dos Jogos Olímpicos. Idealizando os princípios fundamentais do

¹⁶ Fonte: <http://veja.abril.com.br/historia/olimpiada-1896/especial-estadio-olimpico-atenas-gigante-marmore.shtml>. Acesso em 30 de setembro de 2011.

Olimpismo moderno. O texto codificava-o como uma filosofia de vida, que busca exaltar as qualidades do corpo, do espírito e da mente, através do esporte, e associar-se com valores educacionais de bom exemplo e de respeito aos princípios éticos universais, ou seja, coloca o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso do homem para promover uma sociedade de paz e preservar os direitos e a dignidade humana, conforme ainda encontramos no parágrafo 01 e 02 dos princípios fundamentais do Olimpismo, presentes na Carta Olímpica de 2010.

No entanto, os ideais dos Jogos e a iniciativa do Barão de Coubertin foram sendo abandonados, a partir do momento que a classe emergente burguesa percebeu que os Jogos poderiam ser um grande evento de anúncio político, econômico, social, ideológico e cultural, visto que se vinculavam a categoria de nação. Os autores Codea, Codea e Beresford (2002, p. 701) apontam ser “público e notório que o ideal olímpico do Barão de Coubertin nunca chegou a ser aplicado na prática (o que traduz certa obviedade, já que é um ideal e, portanto, nunca pode ser alcançado)”.

Porém, Simonovic (2004) adverte que, por trás do discurso idealista do Barão de Coubertin sobre a recriação dos Jogos Gregos, havia intenções de fazer uso do esporte como um vetor de colaboração para o desenvolvimento da força nacional da França e a própria expansão colonial. Na interpretação de Lancellotti (1996), o Barão de Coubertin corroborava da opinião que a Grécia, somente, atingiu sua Idade de Ouro, por causa do esporte, do culto ao corpo e da busca das potencialidades do físico bem dotado.

Nessa direção, De Moragas (2000) acena que o início dos Jogos Olímpicos não foi, meramente, uma “casualidade” esportiva, mas, sim a articulação de uma organização internacionalista, como tantas do século XIX, designada pela crescente necessidade da sociedade moderna de estender seus laços pelos deslocamentos de bens e de pessoas, de capital e de comunicações, de produtos materiais e de ideias.

Então, não há dúvida que os Jogos Olímpicos instituíram-se diante de rupturas e de continuidades da história da sociedade, tendo de um lado o esporte moderno burguês e do outro os ideais do seu recriador, um representante dos aristocratas. Seguindo essa pressuposição, nos apoiamos nos autores Rubio (2010), Proni (2004) e Lancellotti (1996) para situarmos os momentos mais expressivos da recriação dos Jogos Olímpicos até a atual configuração do espetáculo olímpico.

A autora Rubio (2010) apresenta uma proposta de periodização para os Jogos Olímpicos, organizadas em quatro fases: Fase de Estabelecimento (dos Jogos de Atenas-1896 aos de Estocolmo-1912); Fase de Afirmação (dos Jogos de Antuérpia-1920 aos de Berlim-1936); Fase de Conflito (dos Jogos de Londres-1948 aos de Los Angeles-1984); Fase Profissional (dos Jogos de Seul-1988 até os dias atuais). Já o autor Proni (2004), a partir da análise das mudanças dos Jogos Olímpicos (período de 1896-1996), trabalha com os acontecimentos economicamente determinantes, quais sejam: a concepção amadora; a progressiva comercialização; a crise do Olimpismo; e a reinvenção dos Jogos Olímpicos. E, o jornalista Lancellotti (1996), de modo detido, relata os elementos que interferiram e compuseram cada um dos certames entre os anos de 1896 e 1996.

Inicialmente, podemos dizer que as cinco primeiras edições dos Jogos Olímpicos, (Atenas-1896 a Estocolmo-1912), instituíram-se em uma sociedade que necessitava de eventos internacionais, ou seja, de fenômenos que a população se identificasse, mobilizasse e sensibilizasse a opinião pública, a exemplo do esporte. E, foram acompanhados, rigorosamente, pelo COI e realizados em cidades com valor cultural simbólico para que não se distanciassem do ideário proposto pelo Barão de Coubertin.

Os Jogos Olímpicos, a cada nova edição, foram readequados, na tentativa de melhor fortalecer a sua aceitação e o seu entendimento. Porém, a neutralidade política conservou-se, e, talvez, essa pretensão ingênua de manter os Jogos Olímpicos livre do uso político dos Estados Nacionais seja a explicação para as condições inadequadas da infraestrutura, mais precisamente, as das instalações esportivas. Na medida em que foi desconsiderada a disponibilidade de investimentos públicos e demandado o encargo, apenas, ao empenho da aristocracia e da nobreza.

No que concerne aos competidores, o amadorismo foi, desde o princípio, um ideal presente através, já que a profissionalização e a comercialização das competições compendiam a classe burguesa. Isso permite perceber que, a partir daí, deu-se o aparecimento dos primeiros indícios do aperfeiçoamento, pois grande parte dos competidores dispunha de fontes de rendas próprias e não precisavam envolver-se diretamente com as atividades de produção na forma de trabalhadores. Com despreocupação financeira e disponibilidade de tempo, os contendores foram

descobrimos e introduzindo alguns aspectos de treinamento que, mais tarde, firmariam a técnica no esporte de alto rendimento.

Os Jogos Olímpicos eram organizados com propósitos definidos, todavia, o COI não tinha clareza sobre a melhor forma de atrair o público. Como o esporte era um instrumento de formação humana, um dos caminhos encontrados foi o de estabelecer vínculo com as Exposições Mundiais, as quais tinham especificações itinerantes na Europa e nos EUA, conforme explica Rubio (2010). Entretanto, a escolha de desenvolver os Jogos paralelamente com feiras ou exposições reduziu, nitidamente, o significado da ideia primordial do Barão de Coubertin e o interesse do público.

Sobre o percurso dos Jogos de 1900, dos de 1904 e dos de 1908, Lancellotti (1996) expõe que ao estenderem-se por meses, o público não acompanhou e os competidores não adentraram na ideia da disputa olímpica. Diferentemente, aconteceu na edição dos Jogos de Estocolmo-1912, quando os organizadores assumiram a organização do evento, sob um planejamento integrado entre a infraestrutura esportiva e os recursos financeiros imprescindíveis para envolver o maior número de nações dos cinco continentes. Mostrando ao mundo inovações como: a cerimônia de abertura em forma de espetáculo e a introdução de tecnologias de comunicação (sistema de som e de equipamentos fotográficos e semi-eletrônicos) no espaço das provas.

Para Hobsbawm (2009), o momento histórico vivido pelo Ocidente contribuiu para o sucesso dos Jogos de Estocolmo-1912, pois o mundo tinha tornado-se geograficamente menos e mais global. Sendo que quase todas as suas partes agora eram conhecidas e mapeadas. Assim, as viagens intercontinentais ou transcontinentais haviam sido reduzidas de meses para semanas com a ferrovia e a navegação a vapor, permitindo o transporte em massa de homens e de materiais. E, com a telegrafia sem fio, a transmissão de informação ao redor do mundo era agora uma questão de horas.

Essa mudança, notavelmente, qualitativa na ampliação e na divulgação da estrutura dos Jogos, fez com que, ligeiramente, fosse disseminada a ideia de que o rendimento esportivo mensurado simbolizava também o poder de uma nação. Os governos passaram a dar importância ao esporte, vislumbrando a esse valor político tanto nacional quanto internacional. Na medida em que os Jogos apresentavam-se

em uma configuração propícia para comparar as nações, oferecida por meio dos resultados obtidos no enfrentamento olímpico.

Porém, Rubio (2010) ratifica que as intenções políticas e propagandistas das nações pela liderança na conquista de vitórias, advinham, muitas vezes, de fraudes em resultados, de dificuldades de deslocamento transoceânico dos competidores, mais afastados da Europa, de recordes alcançados por meio do uso de substâncias químicas ou por inovações no vestuário (sapatilhas de atletismo, por exemplo).

Em síntese, é possível certificarmos que o primeiro período dos Jogos Olímpicos, a “Fase de Estabelecimento” como foi indicada por Rubio (2010). Girou em torno da condição de constituir possibilidades e limitações para se efetivar como um evento organizado e atrativo. E, apesar de todas as contradições ao sentido de Olimpismo do Barão de Coubertin, não seriam essas capazes de impedir a sua realização. O único elemento que determinou o adiamento do seu curso em 1916 foi a guerra, alçada entre a Tríplice Aliança (França, Grã-Bretanha e Rússia) e os Impérios Centrais (Alemanha, Áustria-Hungria, Itália e o Império Turco-Otomano) de 1914 a 1918. Mais conhecida como a Primeira Guerra Mundial, o germe das guerras do século XX e XXI.

Vale recordar que a Europa no início do século XX desfrutava dos benefícios econômicos mundiais e das mudanças sociais trazidas pela neutralidade do Imperialismo moderno, sendo que cada país europeu já tinha definido sua importância e sua função como potência internacional, através do desenho dimensional das suas coloniais. Araripe (2009), especialista em História Militar, profere que a Grande Guerra, nome dado a Primeira Guerra Mundial, pôs fim a *belle époque* da Europa, por meio de operações tecnológicas terrestres e navais. Na Grande Guerra, as metas estavam bem limitadas fortalecidas e difundidas pela propaganda nacional, de um lado a França e a Grã-Bretanha lutavam para manter a condição de grandes potências mundiais e de outro a Alemanha duelava em busca de um lugar ao sol, cujos melhores pedaços já estavam definidos. E, os EUA entraram com a justificativa de salvar os valores da civilização, algo defendido por seu presidente Woodrow Wilson, e para finalizar os embates em 1917.

A Grande Guerra gerou densas mudanças tanto territoriais quanto políticas. De acordo com Hobsbawm (2003), redesenhou o mapa da Europa com o Tratado de Versalhes e a Liga das Nações. O Tratado de Versalhes foi assinado pelos EUA,

pela França, pela Grã-Bretanha e pela Itália, traçando ações de paz, especificamente, a serem cumpridas pela Alemanha, como: a privação do quantitativo de homens da marinha e da força aérea e, as reparações de guerra por pagamento de indenização a nações lesadas. E, a criação da Liga das Nações estabeleceu estados independentes que buscavam tornar o mundo seguro, através de soluções pacíficas e democráticas para os problemas internacionais.

Já as mudanças políticas na Europa decorridas da Grande Guerra, primeiramente, abalaram e, posteriormente, ruíram o Imperialismo, consequentemente, provocaram crise na economia capitalista. Trazendo revoluções enraizadas no totalitarismo comunista como uma alternativa global de salvação à democracia. A Revolução Russa, em 1917 foi a primeira viabilizada.

A Revolução de Outubro de 1917 constituiu o campo socialista, através da sigla URSS, e teve como objetivo inicial, conforme Hobsbawm (2003), derrubar o capitalismo, mas acabou por salvá-lo tanto na guerra quanto na paz, por meio do seu triunfo sobre a Alemanha na Grande Guerra. Por um instante acreditou-se que o socialismo teria a capacidade de sobrepujar o crescimento econômico do capitalismo entorno da URSS. Mas, o que realmente houve foi o desaparecimento das instituições de democracia entre 1917 a 1940 com o avanço de movimentos e regimes totalitários pelo mundo. Estabelecendo uma Era de Catástrofes entre 1914 a 1940.

Diante de um mundo reestruturado pela aliança entre o capitalismo e o socialismo, os Jogos retornaram e deram início a “Fase de Afirmção”, como foi denominada por Rubio (2010), abrangendo os Jogos de 1920 até os de 1936. Nesses dezesseis anos, gradativamente, as intenções políticas fortaleceram-se e a sobreposição de elementos consagraram os Jogos Olímpicos como um evento de abrangência global. Basicamente, com o propósito diplomático, que, de acordo com Proni (1998a), o transformou no dissipador da ideologia de coexistência pacífica entre as grandes potências a um maior número de pessoas possíveis, além de cumprir a tarefa de demarcar a presença de uma nação no cenário internacional.

Considerando a asseveração exposta por Rubio (2010, p. 60) de que os Jogos passaram a ser não mais uma “festa de poucos e para poucos, pois tinham ganhado o gosto de praticantes do esporte e do público em geral”. Tanto os organizadores quanto os governos das nações, usaram do sentimento nacionalista

aguçado após a Primeira Guerra Mundial para atrair o interesse da população e usufruir da comparação de rendimentos e supremacia da nação, sob uma única linguagem, pautada em normas institucionalizadas. Dessa forma, começaram a configurar os Jogos Olímpicos com proporções de um espetáculo, porém, enraizado em questões políticas.

Tal espetáculo olímpico seria assegurado por planejamento e estratégias organizacionais do COI, por conjuntos arquitetônicos e pela introdução de investimentos de empresas, por meio de propostas de *marketing* e da invenção de elementos que os simbolizassem universalmente, tais como: a bandeira olímpica com cinco aros entrelaçados, a tocha olímpica, a medalha olímpica em ouro, prata e bronze, o hino olímpico, o juramento, o regulamento geral, o lema (cada vez mais rápido, alto e potente), os cartazes oficiais e os selos comemorativos.

Além disso, os competidores, como símbolos da projeção do espetáculo olímpico, também se reordenaram. Coube ao profissionalismo dar conta da nova conformação, ao invés do amadorismo integral. Os competidores passaram a aceitar incentivos em forma de bolsas de estudos das universidades, de compensação de despesas por nêqueis e até de mimos de fabricantes multinacionais para treinarem intensivamente.

Uma vez que, a competição em forma de espetáculo já alegava a exigência de um competidor com um desempenho eficaz. Ainda mais que o COI tomou a decisão de delimitar o número de competidores por país nos esportes individuais e não mais contabilizar as medalhas por nação, mas por campeões. Como diria Lancellotti (1996, p. 05), a partir desse momento, forçou-se a expansão do chamado “amadorismo marrom, ou seja, o pagamento de salários e de prêmios sem contrapartida do recebimento da ação”.

Portanto, corroboramos da opinião que no período entre guerras o uso político dos Jogos fez com que o espetáculo olímpico fosse valorizado no cenário internacional. No entanto, acrescentamos que a parceria com a mídia da época, mais especificamente, com o rádio (lançamento da indústria Le Radiola) e o telégrafo, foi importante para a ampliação da divulgação descritiva dos Jogos. Essas diferentes mídias, ao ganharem espaço como captadores e distribuidores de informações, aumentaram a emissão de matérias a respeito dos Jogos Olímpicos. Levando a população a acompanhá-los por meio da mídia impressa e falada.

Suscetivelmente, a mídia mediou à propagação dos Jogos para um volumoso público que, necessariamente, não estaria de forma presencial aos estádios.

Diante desse itinerário, não demorou muito para que a apresentação visual dos Jogos Olímpicos fosse incorporada pelo COI como o próximo passo da modelagem do espetáculo. Conforme Rubio (2010), já nos Jogos de Los Angeles-1932, o COI produziu-os sob o padrão “*hollywoodiano*” da indústria cinematográfica, acostumada a lançar espetáculos rentáveis. Mas, para que se associassem a tal padrão visual seu arcabouço sofreu readequações que fizeram diferença, tais como: a redução do período de duração da competição (passou de vários meses para no máximo um mês) e a exploração comercial (fazia-se imprescindível fisgar outros investidores além do governamental).

De todo modo, a dimensão de espetáculo olímpico só foi revelada com o extraordinário sucesso dos Jogos de 1936 na Alemanha, que pretendia demonstrar a superioridade nazista sobre os outros arranjos de Estado, especialmente, o vigente capitalismo dos EUA. Uma das justificativas mais encontradas na literatura para o sucesso dos Jogos de Berlim-1936 foi a combinação entre o sentimento de nacionalismo (dos competidores e público) e o intenso empenho dos organizadores, induzido pelo totalitarismo nazista.

Proni (2004), ao recorrer a dados numéricos para demonstrar as logísticas dos países-sedes diante da organização dos Jogos, expõe que no caso de Berlim o valor de partida foi de 30 milhões de dólares, financiado totalmente pelo Estado para a construção de estádios, de ginásios, de piscinas, de pistas e da vila olímpica. Em contrapartida, o público injetou nos cofres dos organizadores em torno de 2.800.000 dólares.

Simplesmente, os Jogos de Berlim-1936 foram utilizados para propagar a eficiência e a onipotência da ideologia política de um governo ao mundo: a do nazista Adolf Hitler. Uma vez que os Jogos permitiam um mecanismo de controle e de quantificação, por meio da sua condição de atrair, de mobilizar grandes multidões e de possibilitar a comparação direta de desempenho. A partir disso, Hitler adotou duas ações ardilosas para configurar um espetáculo difusor do discurso dominador da raça ariana: oferecer uma edição dos Jogos bem planejada e moderna e obter maior número de medalhas de ouro nas provas.

López (1992, p. 77), ao retratar sobre os exemplos de competições de qualidade, destaca que a Alemanha “podia ser execrável, mas os Jogos Olímpicos que organizaram em Berlim, não”. Os Jogos de Berlim-1936 mostraram que a forma como se organizava os Jogos Olímpicos seria o mais eficiente artifício que um país poderia produzir para difundir a sua própria imagem. Lancellotti (1996, p. 05) reitera que a organização dos Jogos, começava a ser “mais do que uma missão beatificante, era um ato ostensivo de propaganda”.

Rubio (2010, p. 61) acentua que na “Fase de Afirmação”:

o espetáculo e os símbolos olímpicos estavam presentes, porém, em processo de evolução e reconhecimento, com a evolução do ritual de forma irretocável para a apresentação de Jogos atrativos e aceitáveis. Assim, o mundo começava a conhecer uma nova maneira de produzir heróis e se posicionar diante dos fatos políticos nacionais e internacionais.

Significa dizer que, a partir dos Jogos de Berlim-1936, alinhava-se o maior evento-espetáculo planetário, contudo, sustentado pelos sistemas políticos. Na análise de Proni (2002) sobre o sistema esportivo, tal situação seria inadiável, já que os Jogos têm como o seu principal jogador, o esporte. O mesmo autor define o esporte como uma instituição social, que sofre um “entrecruzamento de instâncias de uma formação social de todos os níveis, ou seja, econômico, político, ideológico, cultural, outras” (PRONI, 2002, p. 42).

Isso justifica o adiamento de duas edições dos Jogos Olímpicos (1940 e 1944), devido aos anos turbulentos de conflito com tortura e exílio de militares e de civis e aos episódios aéreos de destruição em massa da população pela ocorrência da Segunda Guerra Mundial. Paulatinamente, a Segunda Guerra Mundial definiu o futuro das grandes potências, já que os participantes disputavam mecanismos para controlar fisicamente a economia mundial.

A Segunda Guerra Mundial foi uma consequência da Primeira Guerra Mundial, mais precisamente, do Tratado de Versalhes. Suas inúmeras imposições políticas e econômicas geraram insatisfações, especialmente, na Alemanha, na Itália e no Japão, que se uniram desde 1930, a fim de por reivindicar espaço no mercado internacional. O início da Segunda Guerra Mundial foi alegado com a agressão da Alemanha, a potência mais descontente, sobre a Polônia, território resguardado pela França e pela Grã-Bretanha. Entretanto, Hobsbawn (2003) avisa que no subtexto dos conflitos, a Segunda Guerra Mundial não tinha metas limitadas. Era uma guerra de ideologias, que teria que ser vencida por inteiro ou perdida por completo. Por

isso, esse autor a denomina de Guerra Total.

Na Guerra Total, a economia continuou operando em alta produtividade, uma vez que os governos avaliaram os gastos para planejarem e administrarem sua produção e, conseqüentemente, a economia de seus países. O maior beneficiado com a guerra foi os EUA, que forneciam armamentos a seus aliados e, ao mesmo tempo, estavam longe dos ataques. Para Hobsbawn (2003), o efeito das duas guerras mundiais, em especial, o da Guerra Total, deu aos EUA a preponderância global sobre o 'Breve Século XX'. Fortalecendo-os, enquanto enfraqueciam os concorrentes e os derrotados.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, os EUA tornaram-se uma das potências mais sustentáveis do mundo. Enquanto, a Europa apresentava a sua hegemonia arrasada, os EUA puseram fim a Grande Aliança firmada, desde a Primeira Guerra Mundial, entre a economia capitalista ocidental e o comunismo soviético.

A partir da tomada da economia mundial pelos EUA, Hobsbawn (2003) apreende que os problemas sociais e econômicos do capitalismo, do período das duas guerras mundiais, tinham sumido aparentemente; a economia do mundo ocidental entrou na Era de Ouro (1943-1970); a democracia política ocidental ficou estável; e as colônias imperiais desapareceram. Mas, ao mesmo tempo, o consórcio dos estados comunistas resurge com a URSS, que tinha sido transformada em superpotência disposta a competir na corrida pelo crescimento econômico com o ocidente.

Nesse panorama de disputa entre o mundo ocidental, liderado pelos EUA, e o bloco socialista, sistematizado pela URSS, os Jogos Olímpicos reentraram em cena e, declaradamente, incorporar a simbologia da guerra, as motivações econômicas, as intenções políticas e as estratégias bélicas, ao longo das disputas olímpicas. Todavia, sem perderem a aparência de evento-espetáculo.

No decorrer das edições dos Jogos de 1948 até os de 1984 tornou-se claro o reflexo dos posicionamentos dos países, das alianças firmadas, das divergências e das aproximações por interesses políticos e econômicos, organizados de um lado pelo modelo da URSS e do outro pelo resto do mundo. Um dos manifestos mais orgânicos de apoio ao lado socialista ou ao capitalista foi os boicotes aos Jogos Olímpicos.

Rubio (2010) designa esse período de enfrentamento como “Fase de Conflito”, nessa fase, os Jogos Olímpicos, unicamente, passaram a girar em torno do resultado da Segunda Guerra Mundial, isto é, das coordenadas dos dois extremos blocos de poder, os EUA e a URSS.

As acentuadas tensões entre esses blocos aumentavam a cada ano, logo o anúncio da Guerra Fria era inevitável. Os dois principais envolvidos, os EUA e a URSS, mudaram radicalmente o cenário dessa guerra, ou seja, de conflito direto passou para uma política altamente industrial e tecnológica, mais especificamente, para uma corrida armamentista nuclear.

Isso foi muito bem apreendido por Hobsbawm (2003) quando afirma que o enfrentamento não era apenas entre exércitos, mas, seguramente, entre aparatos tecnológicos. Sendo que tal progresso de especialização da técnica e da tecnologia não teria sido empregado em tempo de paz e, caso tivesse sido aplicado, seria de forma mais lenta e hesitante sob a visão de custo-benefício.

Com a noção de que a superioridade tecnológica em armas era o fator decisivo para a vitória, os segmentos americanos efetivaram o “complexo-militar-industrial-acadêmico”, o que gerou aos EUA um amplo sistema de inovação, movido pelos descobrimentos científicos, advindos da ação de vencer a disputa na Guerra Fria contra a URSS, e impulsionou a expansão da fronteira da ciência, de forma a consolidar a dominação tecnológica americana sobre o mundo, conforme encontramos em Medeiros (2007, p. 225).

Vale lembrarmos que a guerra sempre ocupou o tempo e o espaço das diferentes formas de organização política e econômica, com objetivos específicos e restritos, mas, a partir do século XX, se potencializou como elaboradora de tecnologia. Tal produção e introdução de tecnologia provocaram a metamorfose do velho capital, pois renovou o processo de desenvolvimento do sistema com o expressivo impacto na organização industrial e nos métodos de produção em massa. No entanto, devemos atentar para o fato de que o avanço tecnológico acarreta transformações em um formato acelerado de dominação social.

Diante do contexto da Guerra Fria, os blocos deram-se conta de que o esporte poderia ser uma prorrogação do enfrentamento entre os sistemas. Isto é, um espaço para demonstrar superioridade política, econômica e tecnológica tanto do bloco quanto dos seus aliados, um instrumento nacionalista indispensável ao

Estado. De tal modo, os Jogos Olímpicos foram montados diante de centros vitais de exibição dos regimes imperialistas e dos números de medalhas ganhas pelos EUA e pela URSS, passando a ser um artifício real de equiparação entre atletas, países e sistemas ideológicos.

Mas, para que a estratégica política do uso dos Jogos fosse eficiente, tanto a URSS quanto os EUA, de acordo com a perspectiva social do esporte de Tubino (2004), precisaram aumentar, substancialmente, seus investimentos diante de suas estruturas esportivas de alto rendimento. Para fortalecer a espetacularização do esporte, pois era necessário divulgá-lo, fazer desse fenômeno uma manifestação cultural importante, que gerasse interesse e unificasse formas de comunicação entre a população. Tornando-os mais conhecidos e valorizados mundialmente.

Nessa direção, Waddington (2006, p. 29), além de estabelecer ligação entre política e esporte no contexto de disputa entre Leste-Oeste, também aponta que a “competição esportiva internacional adquiriu um significado que vai além dos limites do esporte, já que tinha virado uma extensão da competição política, militar e econômica dos Estados”. O fato de ganhar medalhas, no período da Guerra Fria, tornou-se um “símbolo não somente de orgulho nacional, mas também de sobreposição de um sistema político sobre o outro” (WADDINGTON, 2006, p. 29).

Para Rubio (2010), o título de vencedor prendia a atenção do mundo inteiro para o culto do melhor e incentivava a naturalização da guerra, através das batalhas esportivas, onde cada movimento era televisionado, noticiado e comentado. O vencer, portanto, tinha um triplo sentido na arena do circo esportivo.

Também Proni (2004) destaca que a tendência para a competitividade povoou os Jogos Olímpicos, de forma marcante, durante o período da Guerra Fria, visto que o importante passou a ser vencer e não mais a forma como se alcançava tal vitória. A saber, o enunciado era vencer de qualquer forma, devido o uso ideário-político do esporte pelos opostos binários, EUA e URSS.

Ao olharmos nessa linha, entendemos que os Jogos Olímpicos tornaram-se uma ferramenta de hegemonia dos países, pois ao buscarem a maior cifra de medalhas conquistavam visibilidade mundial e sobreposição do seu aparelho ideológico. Rubio (2010, p. 62) complementa assinalando que a “as competições esportivas tornaram-se uma das manifestações públicas de maior divulgação do

conflito”, seja das diferentes ordens binárias: socialismo e capitalismo, rico e pobre e desenvolvido e subdesenvolvido.

Mas, foi principalmente na disputa entre Leste-Oeste onde os contendores alcançaram mais destaque. Como escreve Waddington (2006, p. 30), “ao emergirem como vencedores eram tratados como heróis nacionais, com todas as recompensas, por muitas vezes oferecidas pelos governos”. Rubio (2010) destaca que esses ganhos secundários não passavam de uma remuneração maquiada por meio do oferecimento de bolsas universitárias, de auxílio governamental e de generosidade patronal.

Foi esse arcabouço internacional de disputa pela superioridade entre os sistemas, por meio da apresentação de competidores, cada vez mais especializados, o protagonista decisivo para que os Jogos Olímpicos viessem a ser o maior evento do planeta sob a dimensão de espetáculo.

Cabe ilustrarmos, a partir de Lancellotti (1996), as singularidades legadas ao mundo olímpico no período de conflito: o aumento do número de atletas dos países participantes (na disputa de 1948 eram 4.099 atletas e passou para 7.078 em 1984); o aumento do número das modalidades que de 59 chegaram a 141; o crescimento do uso excessivo de substâncias para melhoramento atlético; e a ampliação dos investimentos governamentais.

Ademais, no decorrer do desenvolvimento dos Jogos Olímpicos percebeu-se que o aumento de países, de modalidades, de competidores, de recordes olímpicos e de financiamentos governamentais tinha potencializado a dimensão dos Jogos sob o patamar de maior evento esportivo do planeta.

Mas, ao mesmo tempo, tanto os países organizadores quanto o COI também sabiam que os custos para sediar os Jogos Olímpicos tinham se tornado insustentável. Sendo necessário associá-los a algo que detivesse aplicativos próprios de disseminação de informações e de imagens, de forma rápida e persuasiva. Entrou em cena a mídia televisiva.

Discernindo na transmissão televisiva a presumível ferramenta dinâmica, que universalizaria as imagens dos Jogos Olímpicos ao mundo, o COI retomou o projeto de desenvolvê-los sob a ideia comercial. Para isso, utilizou-se de duas estratégias aguerridas: a exploração da negociação das imagens, por determinados valores às redes de comunicação; e, a projeção do *marketing* olímpico, por via da

comercialização da marca olímpica para empresas interessadas em melhorar e divulgar sua imagem no mercado.

Para o COI, a mídia televisiva foi dotada como fonte geradora de rendas, com uma competência de proporcionar um empreendimento estrondoso. Nesse sentido, Pozzi (1999, p. 67), ao tratar a parceria do esporte com a mídia televisiva como uma sociedade empresarial, menciona que o “esporte satisfaz os dois mercados da TV, o do telespectador, que cada vez mais consome eventos esportivos, e o do mercado publicitário, atraído pelas grandes audiências junto aos seus públicos-alvo”.

Proni (2004) exemplifica que foi a partir dos Jogos de Roma-1960, que houve a vinculação de 46 empresas patrocinadoras e a potencialização da venda dos direitos de retransmissão das principais competições olímpicas. Tais direitos de retransmissão comercializados renderam cerca de US\$ 1 milhão.

Já o projeto de *marketing* olímpico começaria acenar às empresas que patrocinar seria um negócio lucrativo, na medida em que ter seus logotipos vinculados à marca olímpica geraria visibilidade internacional, alçada pela mídia televisiva, aos seus produtos e serviços e, em decorrência, retornaria substancialmente os investimentos aplicados.

Proni (2004) sublinha que o COI colocou em prática diversas ações voltadas à negociação olímpica. Um exemplo claro disso, foi o *merchandising* que perpetuou nos Jogos de Munique-1972, através do fechamento do contrato com uma agência de publicidade, responsável por cuidar do licenciamento da marca olímpica e da comercialização da primeira mascote oficial do evento, o cachorro *Waldi*. Certamente, os Jogos Olímpicos foram se mostrando como um produto rentável no campo mercadológico.

Entretanto, a tendência de comercialização não saiu numericamente como o COI previa. O mesmo autor assinala que apareceram algumas mazelas em relação ao emprego dessa primeira tentativa em relação à execução do *marketing* olímpico, começando pela edição dos Jogos de Montreal-1976. Ao invés do programa de comercialização avançar se desagregou por completo, devido ao aumento exponencial da participação de patrocinadores e de fornecedores (em torno de 628 empresas).

Ao avaliar a situação dos Jogos de Montreal-1976, López (1992) comprovou que esses deixaram um déficit de aproximadamente 1,7 bilhões de dólares, os quais acabaram sendo pagos pela população na forma de impostos até o ano de 2000. Payne (2006), ao elucidar os casos das cidades com dificuldades financeiras em relação à organização do evento, posta a declaração do prefeito da cidade de Montreal, Jean Drapeau, admitindo que os responsáveis por endividar o município em cerca de 01 bilhão de dólares foram os estouros no orçamento da construção do Estádio Olímpico de Montreal, contestando o custo estimado por seu governo, que era de 310 milhões de dólares.

Quatro anos depois, nos Jogos de Moscou-1980, a proposta de *marketing* olímpico também não atingiu as estimativas de acumulação de capital, em detrimento dos olhares estarem voltados para a reação política dos EUA à invasão do Afeganistão pela Rússia, conhecida como Boicote aos Jogos da URSS. A exemplo do que ocorreu em tantas outras páginas da história dos Jogos, a disputa de supremacia ideológica roubava, mais uma vez, a cena. O Boicote aos Jogos de Moscou-1980 foi o meio, altamente estratégico, encontrado pelo governo dos EUA de atacar o "bloco inimigo", a URSS, sem provocar um confronto direto. O apoiar remetia ao não comparecimento dos certos países e, conseqüentemente, de seus atletas a essa edição por determinantes, extremamente, políticos e econômicos favoráveis a certos países.

Os países tinham pleno conhecimento de que os Jogos Olímpicos eram assistidos pelo mundo inteiro e, os EUA, ainda mais, já que usufruíam desse espaço, cercado pela mídia, para divulgar suas intenções de país modelo, as quais eram ditadas como as ideais. Do mesmo modo, o movimento de Boicote aos Jogos de Moscou-1980 não passou de um recurso de repercussão de valores americanos, estreitamente, ligado à manipulação da fala e dos posicionamentos dos leitores e dos telespectadores dos Jogos Olímpicos de 1980.

Lico (2007), ao analisar as matérias do jornal "Folha de S. Paulo", remanescente ao período do Boicote de 1980, em seu trabalho de dissertação, conclui que a manifestação tinha ilustrado dois objetivos, um explícito, que se referia ao embargo do maior número de países participantes. E, outro implícito, atrelado a fatores econômicos, mais precisamente, ao cancelamento do abastecimento de cereais para a URSS.

O Boicote só adquiriu uniformidade, porque os EUA, como líder do movimento, adotaram um discurso de requisição perante os Comitês Olímpicos Nacionais (CONs) e os governos, que eram considerados possíveis aliados na adesão do Boicote contra a URSS. Dessa maneira, muitas respostas de aceite ao Boicote de Moscou, em 1980, vieram, sem dúvida, da pressão feita pelos EUA, que conseguiram proibir a participação de atletas, por meio da interferência dos governos ostensivamente aliados.

A consequência mais insofismável de toda essa deliberação política dos EUA, declarada aos Jogos de Moscou-1980, foi a não arrecadação total dos investimentos feitos pela cidade-sede, consequentemente, pelo país. Diferente de qualquer outra edição, Lancellotti (1996) demonstra que nos Jogos de Moscou-1980 foram gastos um valor considerável dos cofres públicos para aquela época, cerca de 09 bilhões de dólares. Tendo como base a organização, a alimentação dos competidores, a infraestrutura e a cerimônia de abertura. Rigorosamente, programada sob detalhes, como por exemplo, as placas multifaces de papelão, que se encaixavam como mosaicos gigantes, formando desde os aros entrelaçados do COI até a mascote oficial Mischa.

Esse dado, fornecido pelo autor, remete dizer que toda a logística dos Jogos de Moscou-1980 não foi suficiente para travar a potência dos EUA, já que foi atestado o não comparecimento de 61 países e a participação de apenas 5.353 competidores. De acordo com Payne (2006, p. 23), os boicotes foram o "câncer olímpico" para os países-sede.

Determinadamente, os boicotes ilustravam a magnitude da interferência política externa sobre os Jogos Olímpicos, visto que a instituição do COI dependia dos recursos financeiros públicos para manter tanto as equipes olímpicas quanto cobrir a dimensão do evento esportivo. Com tamanhas pressões políticas procedentes da disputa entre o sistema capitalista e o socialista e, contínuas tentativas fracassadas de estratégias de *marketing* e de propaganda, como outra fonte de receita, para fazer do COI o "proprietário" dos Jogos Olímpicos. O Movimento Olímpico¹⁷ chegou à beira de se extinguir.

¹⁷ De acordo Payne (2006), o Movimento Olímpico é formado pelo Comitê Olímpico Internacional, que, hoje, é composto por 130 membros e assessorado por uma equipe administrativa de mais de 250 profissionais, pelas Federações Internacionais, que lidam com os aspectos técnicos de seus

A partir desses fatos, os Jogos Olímpicos aclamavam por remodelações imediatas. A alternativa era torná-los um evento financeiramente independente e emancipado das deliberações políticas. Para isso, o COI precisou mostrar-se com nova roupagem, a de aparelho empreendedor, rubricada, principalmente, com as habilidades políticas e estratégicas do novo presidente, o pragmático Juan Antônio Samaranch¹⁸. Diretamente influenciado pelo pressuposto de organizar o evento, exclusivamente, com recursos privados, a fim de cobrir integralmente os custos e, ainda, gerar lucros a instituição do COI. Delineando, a partir desse momento, o processo de reinvenção dos Jogos.

Antes de prosseguirmos, é pertinente situar como Samaranch alcançou a presidência olímpica. Desde os anos 50, Samaranch mantinha uma relação com o COI, às vezes mais direta e outras nem tanto, devido ao seu envolvimento com a política esportiva da Espanha. Mantida sob o controle do regime repressivo de Franco.

No entanto, a ascensão de Samaranch na elite olímpica internacional só ocorreu ao longo dos anos 70 e por intercessão de dois fatores assentados, conforme constataram os jornalistas ingleses Simson e Jennings (1992): primeiro, o uso do esporte como instrumento para promover a sua carreira política e a imagem da Espanha, pois como membro do totalitarismo não fazia distinção entre o esporte e a política. E, segundo, o seu permanente costume de distribuir presentes para dirigentes europeus e jornalistas, os quais o alçaram no palco do cenário esportivo mundial por meio de benefícios, de suborno e de censura.

A visível generosidade de Samaranch resultou em uma consistente aliança europeia de apoio, que daria sustentação a sua campanha política em direção ao

esportes nos Jogos, e pelos Comitês Olímpicos Nacionais (CONs), os quais administram o Movimento Olímpico dos seus respectivos países e enviam suas equipes aos Jogos.

¹⁸ Descendente de uma família rica da Catalunha, estudou no Instituto de Estudios Superiores de la Empresa (IESE), escola de negócios da Universidade de Navarra, e também em Londres e nos Estados Unidos. Membro e defensor do regime ditatorial da Europa, o Movimento Franquista, dedicou sua vida a fusão da política e do esporte, sendo que em 1980 foi eleito para o cargo político máximo no mundo dos esportes, presidente do Comitê Olímpico Internacional. À frente dessa entidade, sua gestão travou os boicotes políticos aos Jogos, permitiu a participação de atletas profissionais, amenizou a explosão do *doping* e a grave crise com a eleição de Salt Lake City para sede dos Jogos de Inverno de 2002, quando houve a mais explícita acusação de corrupção no círculo olímpico. Fonte: www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JuanSTor.html. Acesso em 09 de novembro de 2011.

cargo presidencial do COI. A Europa tinha uma enorme influência na votação para o comando do COI, mas sozinha não segurava a definição da votação.

Simson e Jennings (1992), ao aproximarem-se dos pontos decisivos do processo eleitoral de 1980, advertem que Samaranch precisou acionar três adesões para vencer a eleição: a dos russos, os quais controlavam um bloco de votos significativos da Europa Oriental como consideração ao seu engajamento na organização dos Jogos de Moscou-1980; a do João Havelange, que entornaria votos latinos, africanos e asiáticos como reconhecimento da alteração no número de países participantes que passou de 14 para 16 países, efetuada por ele em nome do comitê organizador da Copa do Mundo de 1982; e a do Horst Dassler, que era proprietário da empresa *Adidas* e instituidor do 'Clube', uma das sociedades fechadas mais poderosas, lucrativas e secretas do mundo, que indicava "presidentes" para instituições condutoras do esporte mundial.

Optamos por evidenciar a trajetória de Samaranch para aferir que, com sua chegada a presidência olímpica, o COI passa a ser o reflexo do estilo totalitarista de se fazer política, dado através do estabelecimento da agenda olímpica reservada, das reuniões burocráticas em lugares luxuosos, da falta de democracia e de ética diante das decisões sobre a definição da cidade-sede, da imposição na escolha dos novos membros, das condecorações dedicadas aos chefes de estado e aos empresários, da vinculação de empresas especializadas em prestação de serviços, da implantação da unidade olímpica, composta pelas federações internacionais e pelos comitês nacionais, como forma de controle das ações, e da associação dos símbolos olímpicos a imagem de gestão indestrutível.

Além da presença desses ideais totalitários, entornam no COI os interesses comerciais particulares da empresa *Adidas*, visto que Samaranch devia parte de sua eleição a Horst Dassler. Para retribuir o apoio político de Horst Dassler, o COI libera abertura do evento, exclusivamente, à economia. Dessa forma, Dassler entraria como parte integrante da equipe olímpica, na medida em que seria o responsável pelo desenvolvimento do *marketing* no esporte olímpico. No entanto, Dassler, simplesmente, queria aproveitar os benefícios políticos e comerciais, propiciados pelo *marketing* esportivo em proveito de sua empresa *Adidas*.

Nesse sentido, Simson e Jennings (1992) exibem que Dassler focou seu trabalho, principalmente, nas federações internacionais, por ter apoio de dirigentes

eleitos pelo seu 'Clube' e por serem os responsáveis pela escolha dos uniformes dos atletas. A primeira intervenção de Dassler foi na FIFA, que, como qualquer federação, sobrevivia da distribuição da porcentagem dos direitos de retransmissão de imagem. No entanto, esse recurso não era suficiente para manter as federações na lógica comercial, que se pretendia, assim, Dassler propõe a FIFA um complemento orçamentário resultantes da aplicação do projeto de *marketing*, financiado pela empresa *Coca-Cola*.

O patrocínio da *Coca-Cola* mostrou à FIFA a possibilidade de mais uma fonte de arrecadação de recurso e fez com que Dassler assumisse a determinação das novas regras comerciais para as competições oficiais. Simson e Jennings (1992) especificam-nas como: o controle do licenciamento da venda de produtos nos locais do evento, do espaço destinado à propaganda nos estádios e da aparência do futebol, através do uso exclusivo da marca esportiva *Adidas*.

Na segunda intervenção empresarial, Dassler expandiu suas ideias comerciais e buscou a aproximação com a Assembleia Geral das Federações Esportivas Internacionais (GAISF), por meio da iniciativa de instalar a sua sede em Monte Carlo e da divulgação da FIFA como exemplo de entidade com independência financeira.

Com essas estratégias bem-sucedidas, Dassler conseguiu disseminar, livremente, a comercialização do esporte pelas federações, garantindo desde o fornecimento exclusivo de material esportivo até o suporte técnico organizacional. Como foi o caso, da assessoria para o planejamento de calendários esportivos com a presença de campeonatos mundiais, que objetivava a busca de patrocinadores por meio de estratégias.

Categoricamente, Simson e Jennings (1992) explicam que Dassler ao vestir as federações com artigos da sua empresa passava a ter o mito olímpico vinculado a sua marca e, ao mesmo tempo, financiava a preparação especializada das equipes olímpicas. Logo, com o comando do *marketing* do esporte, Dassler manipulou o modo de organização dos eventos esportivos.

Então, notamos que em troca da independência econômica, o COI aceitou Samaranch como líder do esporte olímpico e promoveu o regime totalitário e os interesses comerciais da empresa *Adidas*. Aliás, ao considerar o poder de Samaranch sobre o COI, Proni (2004, p. 09) explicita que a comercialização dos

Jogos Olímpicos e a alteração na condição de amadores dos participantes “foram mudanças inevitáveis e são incontestáveis”.

No que se refere ao novo posicionamento comercial, o COI postulou uma sequência de ações empreendedoras exploradas pela Comissão de Novas Fontes de Financiamento, responsável pela comercialização dos emblemas olímpicos ao mercado. Uma das primeiras ações, conforme elucidam Almeida, Vlastuin e Marchi Júnior (2010), foi a criação da Organização Mundial de Propriedade Intelectual (WIPO), por meio do Tratado de Nairobi em 1981. A WIPO assegurava a proteção comercial dos símbolos relacionados aos Jogos Olímpicos e mencionados pela Carta Olímpica, isto é, impedia o registro da marca olímpica ou o uso sem a autorização do COI.

Em síntese, esse tratado consentiu o controle e a monopolização do direito de uso da marca olímpica, dos símbolos olímpicos e de palavras relacionadas aos Jogos, exclusivamente, pelo COI ou pelos CONs. De tal modo, o COI passa a produzir os Jogos Olímpicos sob o registro de uma marca mundialmente patenteada, que a cada surgimento prende e envolve os olhares do contingente populacional por curiosidade ou pela adoração.

Outra inovação¹⁹ empreendedora pairou na gestão e na organização dos Jogos de Los Angeles-1984. Apesar de se prever mais um movimento de boicote olímpico, aversão aos EUA, nesse momento, por parte da URSS. O COI expôs a sua envergadura diante da iniciativa privada para que os Jogos Olímpicos fossem financiados, unicamente, pela receita de empresas internacionais e pelos direitos de retransmissão das redes de televisão.

Para arrecadar os investimentos das empresas internacionais, nas palavras de Proni (2004, p. 06), o COI lançou um projeto diferente dos demais, ao invés de muitos patrocinadores locais, tabulou os possíveis investidores em apenas três categorias, mais especificamente, em: 34 “patrocinadores oficiais”, 64 “fornecedores oficiais” e 65 “empresas licenciadas”. Normatizando o patrocínio de empresas internacionais, por meio do *marketing* olímpico.

A nova configuração comercial dos Jogos Olímpicos, revelada e efetivada, traduz a peculiaridade levantada por Rubio (2010, p. 64) de que os Jogos de Los

¹⁹ Aqui, adotamos o termo inovação com o significado de um processo que abarca atividades técnicas, gestão, concepção, que resultam na criação ou aperfeiçoamento de produtos ou de processos, pois sendo essa o melhor entendimento para responder ao nosso texto.

Angeles-1984 foram os primeiros a programarem “um novo modelo de gerenciamento e organização, o qual captou 250 milhões de dólares”. Portanto, os Jogos Olímpicos foram emancipados pelas diferentes mídias, pelos patrocinadores, pelas empresas licenciadoras de produtos, dentre outros interessados para não serem dissolvidos.

Após o término dos Jogos de Los Angeles-1984, o COI teve certeza de que o seu modelo de financiamento não poderia mais a priori do poder público. Destacamos três motivos, que interferiram na transformação das fontes de recursos: desde os Jogos de Roma-1960, o estado não suportava um evento de tal dimensão; após a Segunda Guerra Mundial, os Jogos Olímpicos tornaram-se o palco das mais diversas manifestações, resultantes da disputa pela supremacia de poder entre países; e, o novo plano de empreendimento dos Jogos Olímpicos tinha se revelado como uma ferramenta eficiente e eficaz, já que havia recrutado um significativo valor econômico, com oportunidade de projeção futura.

Contudo, para que se efetivasse essa parceria frutífera entre os Jogos Olímpicos e a economia, fez-se necessário aparecer e radicar alguns elementos, como: a *profissionalização* e o profissionalismo. À luz de Rubio (2010), a “Fase de Profissionalismo” nos Jogos Olímpicos teve início em 1984 e prolonga-se até as edições atuais.

A profissionalização atrelou-se ao COI, pois tanto a equipe organizadora quanto a administradora dos Jogos Olímpicos necessitavam estar em um padrão de competência, de formação e de poder personalizado. A excelência na gestão dos Jogos Olímpicos revelaria um negócio financeiro viável e uma marca vantajosa e ascendente às futuras empresas patrocinadoras. Então, os Jogos Olímpicos eclodiram. Ancorados em uma comissão de profissionais especializados em planejamento, organização e *marketing*, o que dinamizou a comercialização dos cinco anéis às empresas multinacionais e tornou-os um poderoso evento na área comercial, tendo o COI como o maior gerenciador.

Já o profissionalismo acoplou-se aos atletas, que na posição de trabalhadores do esporte buscavam mostrar o aperfeiçoamento no nível do desempenho em troca das contribuições financeiras, a remuneração. A conquista do recorde olímpico simbolizava as interfaces da evolução dos atletas, que nutria a imagem da empresa patrocinadora no mercado como bem sucedida. Assim, o que

passa a valer no mercado é a vitória, apesar de ser, muitas vezes, resultante do uso excessivo de substâncias dopantes.

Em linhas gerais, podemos dizer que a incursão comercial dos Jogos Olímpicos foi, categoricamente, adequada às condições do mercado²⁰. E, teve um sentido duplo de transferências, na medida em que os escritores e os atores dos Jogos Olímpicos fizeram-se com características *profissionalizantes*, na busca por captação de recursos financeiros privados. E, as empresas patrocinadoras valorizavam esse nível de *profissionalização* para vincularem suas marcas na forma de propaganda, já que pinçavam cenários vitoriosos.

Diante desse iminente processo *profissionalizante*, situamos o olhar aos tangíveis indícios da investida dos Jogos Olímpicos na conexão codependente entre empresa, mercado, mídia, consumo e esporte. O COI virou uma espécie de empresa, produtora de mercadoria²¹, extremamente, planejada para o mercado, com um altíssimo valor aparente, e que, indiscutivelmente, prende as diferentes mídias no seu entorno e objetiva o consumismo do esporte no formato de espetáculo. Com relação a isso, concordamos com Proni (1998a) quando define o esporte-espetáculo (*in loco* ou mediado por televisão, rádio, jornal, revista, internet) como um dos três tipos básicos de produtos comercializados pela economia do esporte.

Tomaremos como exemplo, a título de ilustração, a organização do sistema industrial, se as matérias-primas após atravessarem o processamento de produção, partem para o setor de comercialização. Com os Jogos Olímpicos não muda muita coisa, depois do COI manufaturar os componentes do “produto evento” num espetáculo. O *marketing* olímpico passa a agir como responsável pela estratégia de comercialização para o mercado, principalmente, ao de entretenimento.

²⁰ Comungamos com Proni (2008), quando entende o mercado para além de um espaço onde se concentram apenas compradores e vendedores de um determinado bem ou serviço, e o define como um campo de interação entre distintos agentes sociais (empresas, consumidores, governo, entre outros).

²¹ Tomamos como referência de mercadoria o entendimento de Karl Marx (2005), advindo da crítica à economia política, que a define como tudo aquilo que é produzido pelo trabalho humano e colocado no mercado para ser vendido.

Para melhor entendermos a lógica do *marketing* olímpico, importa destacarmos a finalidade do *marketing*. Com base na literatura específica da área (Ambrósio, 1999; Kotler, 2002), sintetizamo-las em duas etapas: a etapa estratégica, onde a empresa pondera a situação de oportunidades do mercado e, posteriormente, realiza uma avaliação considerando as capacidades e os recursos da empresa, a partir disso, determina as ofertas da empresa, seleciona o seu público-alvo e analisa as ofertas competitivas e a segmentação de mercado, efetuando o posicionamento do seu produto; e a etapa tática, que se concentra na direção da composição de *marketing*, ou dos 04 P's-mix de *marketing* (Produto, Preço, Ponto e Promoção), baseado nos interesses, nos desejos e nas necessidades do possível consumidor, sendo que no momento em que a empresa instala o programa de *marketing* o plano de ação passa a ser contínuo e espiral.

Em relação ao esporte, Proni (2008, p. 03) infere que o *marketing* organiza-se a partir da exploração do estudo dos hábitos de lazer, das preferências, das tendências esportivas e dos fatores socioeconômicos e psicológicos, pois esses são elementos condicionantes nas probabilidades de escolha do consumidor. Em resumo, defini-o como um ramo de atividades com a função de criar diversos valores e “atender as necessidades e os desejos dos consumidores de esporte, através de processos de intercâmbio”.

Atualmente, de acordo com Contursi (1996), o *marketing* esportivo lança-se sob duas formas: a de *marketing* do esporte (*marketing* de produtos e de serviços esportivos) e, a de *marketing* através do esporte (empresas que fazem uso do esporte como veículo de promoção, associando sua marca ou seu produto à prática de uma modalidade ou à imagem de um esportista medalhista).

Na direção dessas demarcações conceituais, o COI, decisivamente, estabeleceu uma aliança com o *marketing*, em busca de uma comercialização lucrativa e crescente dos Jogos Olímpicos. Para que isso ocorresse, o COI precisou firmar contrato com uma empresa de *marketing* especializada, a qual apreenderia o direito de vender os Jogos aos anunciantes no mundo de negócio. A escolhida foi a *International Sport and Lesiure* (ISL), empresa de *marketing* criada por Dassler e apoiada pela *Coca-Cola*.

Ao assumir o posto, a empresa ISL já teve que subjugar o direito de uso da marca olímpica homologado pela WIPO, instalada pelo próprio COI desde 1981, aos

CONs. Uma vez que era fundamental centralizar a detenção dos direitos de uso dos emblemas e dos símbolos da marca olímpica, sob uma única unidade administrativa, a do COI. Consequentemente, facilitaria as futuras negociações com os investidores.

A ISL concebeu um plano e conseguiu convencer cada Comitê Olímpico Nacional a vender seu direito de uso da marca olímpica. Tendo restituído os direitos ao COI, a ISL instalou o programa olímpico de obtenção de fundos, o Programa do Parceiro Olímpico, (*The Olympic Partner Programme – TOP*), no ano de 1985 com categorias de serviços e de produtos. O TOP centrava-se na ideia de negociar a marca olímpica em ciclos de quatro anos, isto é, comercializar aos patrocinadores, parceiros e fornecedores por valores milionários, rigorosamente, tabulados pela ISL, os direitos de incorporarem com exclusividade a marca olímpica em seus produtos pelo mundo e de se vincularem a um evento de alcance mundial.

O TOP dos Jogos de Seul-1988 arrecadou cerca de US\$ 100 milhões, por meio da adesão de nove empresas, dentre elas: *Coca-Cola, Visa, Federal Express, 3M, Time Life, National Panasonic, Kodak, Brother e Philips*. Entretanto, Simson e Jennings (1992) levantam a hipótese de que a ISL apesar de reter 25% do total pela prestação do serviço, não obteve lucro. Já que investiu um valor altíssimo na compra dos direitos dos Comitês Olímpicos Nacionais.

Contudo, a ISL insistiu na alocação do programa mundial de *marketing* olímpico. Buscou persuadir outras empresas internacionais a valerem-se dos Jogos Olímpicos como ferramenta comercial de seus produtos. Sob a justificativa de que teriam a oportunidade de se ligarem a um evento, segundo Proni (2008), de intenso conteúdo emocional, de sentimento de fidelidade dos torcedores, de caráter intangível, renovável, imprevisível e polêmico, de exibição de ideais olímpicos e de feitos de heróis, saga dos vencedores e drama dos derrotados.

Indiscutivelmente, reconhecemos que a ISL arrecadou valores altíssimos em patrocínio para os Jogos Olímpicos, advindos da adesão de outras empresas ao programa de *marketing* olímpico. Mas, não podemos desconsiderar que em troca o COI efetuou, constantemente, a adequação dos Jogos Olímpicos às demandas do mercado empresarial, mais especificamente, às regras dos patrocinadores.

Em outras palavras, os Jogos Olímpicos foram moldados conforme os interesses privados dos patrocinadores para melhor exhibir a venda do intangível e dos desejos subjetivos. Tão somente, alcançados pela posse dos produtos

associados à imagem simbólica e às aparências emotivas dos Jogos Olímpicos. Simbolizando o aumento da participação no mercado empresarial, do volume de vendas e, conseqüentemente, do capita.

Para Almeida, Vlastuin e Marchi Júnior (2010, p. 03), os Jogos Olímpicos apresentam-se com um excelente empreendimento submerso às regras do mercado empresarial, pois oferece ao investidor:

um benefício proveniente da presença da sua marca na cobertura esportiva feita pela mídia de forma indireta, o que garantirá um alto retorno para sua marca que terá grande visibilidade sem a necessidade de gastos específicos nesses meios. A fixação da marca na mente do consumidor é decorrente dessa visibilidade indireta, que contribui na imagem institucional, ao aliar sua marca aos conceitos olímpicos e imagens de sucesso, vitória, prazer, força, superação, entre outros. Em decorrência desses fatores, promove uma alavanca para as vendas em médio e longo prazo.

De tal modo, Proni (1998b, p. 85) elucida que “as empresas de grande porte perceberam que era mais barato e eficaz associar sua marca a um evento de interesse da mídia (de preferência, com credibilidade internacional), induzindo seus concorrentes a fazê-lo também”.

A esse respeito, Payne (2006, p. 32) afirma que os programas de *marketing* olímpico “tratam-se dos mais poderosos que se pode ter”, pois os dias de competição dos Jogos oferecem as empresas uma oportunidade grandiosa de *marketing* diferente de qualquer outra, na medida em que possibilitam a triagem de novos produtos, novas ideias e outros conceitos.

Além da comercialização maximizada pelo *marketing* olímpico, os Jogos Olímpicos também se alastram como produto através das redes de televisão, que geravam um retorno financeiro muito mais lucrativo ao COI, com a revenda de cenas e de imagens de um dos principais eventos esportivos do planeta. As redes de televisão estabelecem a compra dos direitos de retransmissão, através de altas cifras, estipuladas por contratos firmados com o Comitê Organizador do país-sede e mediadas pelo COI.

Os contratos são, extremamente, particularizados às redes de televisão, na medida em que constam desde garantias oferecidas pelo país-sede, caso o valor pago pelos direitos de retransmissão não seja recolhido, até os procedimentos de proteção voltados aos interesses das empresas participantes do TOP, dos anunciantes das redes de televisão e dos Estados. Ademais, os contratos permitem

acessibilidade e mobilidade aos ambientes de competição às mídias, onde a localização varia conforme os valores pagos aos direitos de retransmissão.

Em relação às concessões e os impedimentos designadas à defesa dos interesses privados, destaca-se as seguintes: a proibição do atleta para fazer chamada midiática de acompanhamento dos Jogos; a ordenação da logística do uso de cada marca dos três efetivos investidores (patrocinadores, parceiros e fornecedores) no projeto gráfico de divulgação das mídias e o tipo de enfoque dado aos produtos oficiais nos espaços de competição ou, ainda, as restrições alimentares sugeridas a equipe de cobertura em respeito à tradição da cultura local.

Já em relação à preservação dos interesses políticos, Simson e Jennings (1992) demonstram que nos Jogos de Seul-1988, a equipe da rede de televisão americana *National Broadcasting Company* (NBC), emissora oficial definida pela mais volumosa soma paga, trabalhou sob o alvo de armas do Estado. Simplesmente, porque o Estado não queria que fosse divulgado ao mundo imagens da cidade de Seul como um campo de batalha. Dessa forma, os repórteres foram monitorados durante a cobertura televisiva Jogos de Seul-1988 pelos soldados coreanos para não focarem as lentes das câmeras nas instalações militares.

Mesmo com um sistema de negócios, estritamente, regado por exigências, advindas tanto do COI quanto do Comitê Organizador do país-sede, as mídias, disputavam, de forma acirrada, um lugar ao sol. Ou seja, um camarote de vidro com o melhor ângulo para a tão famosa retransmissão das imagens dos Jogos Olímpicos.

Em consonância com essa concorrência firmada pelas mídias, em especial, pelas redes de televisão, o COI reconheceu a sua importância para o financiamento dos Jogos Olímpicos. Por isso, os negociou como um produto ideal - o espetáculo olímpico, ao consumo em âmbito planetário, que foi estruturado a partir de dois parâmetros voltados ao atendimento das demandas das redes de televisão.

No primeiro, o COI estendeu os Jogos Olímpicos em dois dias, em busca da probabilidade de vender o espetáculo olímpico com mais facilidade às redes de televisão. Visto que, de acordo com Payne (2006), um fim de semana a mais de Jogos Olímpicos acarretaria um acréscimo de horas no horário nobre para exposição dos anunciantes. Propiciando a garantia do retorno financeiro da compra dos direitos de retransmissão às redes de televisão através da propaganda.

Ainda em relação ao planejamento do período de realização dos Jogos Olímpicos, parece-nos que o COI mostrou-se mais flexível a lógica comercial, no momento em que ajustou a data oficial de abertura e de encerramento e, os horários da programação esportiva olímpica em conformidade com os melhores dias de índices de audiência televisiva. Considerando que grande parte do público, tanto torcedores quanto aficionados, consume-os pelas redes de televisão.

A respeito da inclinação comercial do COI, pautamo-nos em Simson e Jennings (1992), que se valeram dos Jogos de Seul-1988, para demonstrarem que em função da retransmissão da rede de televisão NBC ser ao vivo nos EUA houve antecipação das finais-chaves do atletismo para o meio-dia, ao invés de serem realizadas, tradicionalmente, no final da tarde. Deste modo, iriam ao ar no horário de maior audiência nos EUA, no começo da noite, ostentando a volumosa adesão dos anunciantes. Mas, em troca das finais mais esperadas o Comitê Organizador de Jogos de Seul-1988, com o aval do COI, pagou formidáveis 20 milhões de dólares para o Dr. Primo Nebiolo, no intuito de manter elevado o valor das negociações dos direitos de retransmissão com a NBC.

De fato, como presidente da *International Association of Athletics Federations* (IAAF) e membro do ‘Clube’ de Dassler, Dr. Primo Nebiolo soube aproveitar em benefício próprio o episódio de ter em suas mãos a modalidade-chave para o sucesso ou a ruína dos Jogos de Seul-1988. Ao fim da negociação, o Primo Nebiolo depositou a soma de dinheiro recebida na sua nova instituição, a *International Athletic Foundation’s* (IAF), que teria o objetivo de ajudar a IAAF na promoção e no aprimoramento mundial do esporte de alto rendimento.

O segundo passo do COI foi assinalar os Jogos Olímpicos como sendo um espetáculo, que dispunha de múltiplos episódios emocionantes e fascinantes. Esses poderiam ser filmados e colocados pelas redes de televisão diante das mais diversas formas simbólicas como, por exemplo, o direcionamento da ênfase dada, por cada país, às sagas de seus possíveis atletas medalhistas. Resultando em um aumento do período de audiência nas redes de televisão, através do interesse do público pelas histórias nacionalistas tanto dramáticas de derrota quanto sublimes de vitória.

Para convencer mais ainda as redes de televisão, sobretudo, as privadas, o COI prendeu-se aos dados referentes à audiência televisiva global diante dos Jogos

Olímpicos, através da verificação de quantas horas de televisão eram assistidos, o que detalhava a fatia de mercado e a porcentagem de público que estava assistindo.

Em termos gerais, os resultados serviriam de parâmetros ao COI, às redes de televisão e às empresas financiadoras, como foi o caso dos Jogos de Pequim-2008. Payne (2006, p. 31) enfatiza que com essa sistemática foi possível demonstrar a “duplicação da cobertura dos Jogos Olímpicos, para mais de 220 países, com uma audiência global de 04 bilhões de pessoas, tornando-os o maior evento com transmissão pela mídia televisiva do mundo”.

Nessa lógica, o líder do quadro de audiência dos Jogos Olímpicos foram os EUA, onde o mercado de comercialização do esporte é conduzido e estimulado pelas redes de televisão privadas, em especial, pela NBC, uma vez que cada norte-americano assiste em média vinte horas de retransmissão dos Jogos Olímpicos, só perdendo para o país-sede da edição, o que pode ser explicado pelo sentimento de nacionalismo.

Marin (2006a, p. 53), ao discutir sobre a indústria de entretenimento, argumenta que “nenhum país exerceu ou exerce tanta influência no campo da comunicação como os EUA, e apesar da crise em diversas instâncias, continua com grande força econômica, expressiva e comunicativa, sendo produzida pela indústria do entretenimento”.

Por meio da competência de seduzir o público e de conquistar uma audiência significativa, o COI provou às redes de televisão que as imagens do espetáculo olímpico poderiam ser oferecidas às mais variadas empresas como oportunidade de negócios atrativa. Devido ao seu “amplo apelo demográfico, o alcance global e a sua capacidade de envolver a população” conforme exposto por Payne (2006, p. 43). Desde então, aumentaria o contingente de empresas interessadas em anunciar suas marcas nas redes de televisão oficiais na retransmissão dos Jogos Olímpicos.

A partir da probabilidade de ampliação dos índices de audiência e do crescimento de anunciantes, demonstrada pelo COI, as redes de televisão não hesitariam mais em pagar altíssimas somas de dinheiro para adquirir o espetáculo olímpico. Visto que usufruiriam do privilégio de agregar o apelo dos anúncios aos valores olímpicos e de afivelar o esporte como uma ponte entre o real e a ficção diante do trabalhador.

Sabemos que a soma paga pelos direitos de retransmissão dos Jogos de Los Angeles-1984 já foi impactante se compararmos com os Jogos Olímpicos de Inverno e Verão de 1980, perpetuando cerca de 225 milhões de dólares, destituídos por parte pela *American Broadcasting Company* (ABC). E, a cada quadriênio o crescimento da cifra paga pelos direitos de retransmissão só avança. Tendo o auge nos Jogos de Londres-2012, que excedeu 3,5 bilhões de dólares desprendidos pela NBC e pela European Broadcasting Union (EBU). Desse total arrecadado pelo COI cerca de 50% vai direto para o financiamento da organização dos Jogos Olímpicos, porém, a cada edição dos Jogos tal porcentagem passa a depender das cláusulas do contrato firmado entre o Comitê Organizador e o COI.

Mesmos que tais valores sejam especulações, os números postos nos permitem dizer que as redes televisão só elevaram os investimentos nos Jogos Olímpicos por saberem das suas possibilidades de comercialização com a concepção de imagens ao nível de espetáculo. Então, as redes de televisão usaram o interesse do público pela espetacularização dos Jogos Olímpicos, na tentativa de restituir os altíssimos investimentos pagos ao COI, por meio do entrelace dos apoios comerciais e dos índices de audiências.

Dessa forma, as redes de televisão passaram a exhibir aquilo que o grande público esperava e desejava assistir. Um espetáculo olímpico televisionado que provocava emoções e emergia desejos, por meio da amplitude de ofertas de retransmissão de imagens, desde a imediata, ou seja, ao vivo, até as reprises anguladas de diferentes posições com lances espetaculares e análises esportivas. Exclusivamente, com o intuito de entreter.

No entanto, temos que atentar para a forma como as redes de televisão apresentavam o espetáculo olímpico ao público. Já que a seleção de imagens consentia com as cotas dos interesses privados comerciais e dos índices de audiência, em especial, os dos países economicamente dominantes.

Daí decorre, o fato de que eram exibidas imagens dos esportes e dos atletas de maior repercussão internacional e com a competência de provocar diferentes sensações e emoções. Para que detivessem e envolvessem o maior público durante o maior tempo possível diante do espetáculo olímpico televisionado. Bourdieu (1997), ao entender que a televisão promove e divulga o espetáculo dos Jogos

Olímpicos, alerta para o fato de que a lógica do comercial se impõe às produções culturais, através dos índices de audiências.

Ao mundializar a imagem do protagonista olímpico, Payne (2006) apreende que as redes de televisão, pela primeira vez, interagiram com o imaginário do público olímpico. Pois, começou a construir os mitos olímpicos, por meio da apresentação de estórias de interesse humano com heróis e vilões, ou seja, da divulgação de narrativas de dificuldades, aparentemente, intransponíveis, de determinação e de esforço dos personagens criados, sem deixar de lado as questões nacionalistas e as comerciais. Induzindo o público aos mecanismos de identificação e de projeção com a sua nação e com as marcas comerciais.

Mesmo com toda a influência sobre o imaginário do público, as redes de televisão não se contentaram em explorar apenas os feitos dos atletas olímpicos, tiveram que trazer fatos das vidas privadas para mostrarem que os protagonistas olímpicos também tinham um lado humano como as pessoas comuns. É importante observar que na indústria cinematográfica a prática de transformar a vida num veículo de entretenimento já tinha se tornado comum, pois o filme da vida foi sendo empregado como um poderoso conquistador de leitores, de ouvintes e de telespectadores.

Segundo Ianni (2000), em função de tudo isso, a televisão detém o poder de transformar a 'realidade' que noticia, na medida em que interpreta o 'fato' da forma que melhor atender seus interesses e os de seus aliados. Mobilizar e alinhar opiniões e comportamentos, mercadorias e ideias, com o objetivo de influenciar a realidade e o imaginário dos indivíduos e das coletividades. E, transpor "mercadoria em ideologia, o mercado em democracia e o consumismo em cidadania" (IANNI, 2000, p. 34). Gerando mudanças significativas nas relações socioculturais sob a ótica do capital.

Então, a concorrência pela produção e pela comercialização das imagens e do discurso dos Jogos Olímpicos como espetáculo televisivo pode ser compreendida pelo mecanismo que Bourdieu (1997, p. 125-126) apresenta como transmutação simbólica, onde expõe o conjunto de relações objetivas entre os agentes e as instituições, a serem especificadas:

O Comitê Olímpico Internacional, progressivamente convertido em uma grande empresa comercial com orçamento anual de 20 milhões de dólares, dominado por uma camarilha de dirigentes esportivos e de representantes de grandes marcas industriais (Adidas, Coca Cola, etc.), que controla a

venda dos direitos de transmissão (avaliados, para Barcelona, em 633 bilhões de dólares) e dos direitos de patrocínio, assim como a escolha das cidades olímpicas; as grandes companhias de televisão (sobretudo as americanas) em concorrência (na escala da nação ou da área linguística) pelos direitos de retransmissão; as grandes multinacionais (Coca Cola, Kodak, Ricoh, Philips, etc.) em concorrência pelos direitos mundiais sobre a associação com exclusividade de seus produtos com os Jogos Olímpicos (enquanto fornecedores oficiais); e enfim os produtores de imagens e comentários destinados à televisão, rádio ou aos jornais (em número de 10.000 em Barcelona) que estão comprometidos em relações de concorrência capazes de orientar seu trabalho individual e coletivo de construção da representação dos Jogos Olímpicos, seleção, enquadramento e montagem das imagens, elaboração dos comentários.

Perante esse panorama, não temos dúvidas que o COI mudou os Jogos Olímpicos. Mas, acreditamos que para a legitimação da comercialização do espetáculo olímpico, por meio do programa de *marketing* olímpico e dos direitos de retransmissão de imagens, a queda do muro de Berlim, em 1989, se fez também como símbolo chave. Pois, foi com a demolição da cortina de ferro, que se apontou o fim da Guerra Fria, firmada entre os países capitalistas e os socialistas, ao mundo. E, se mostrou que a dominação, a partir daquele momento, seria, unicamente, da força do sistema capitalista, iniciada por uma nova ordem mundial, a qual foi ditada pelo poder econômico, ou melhor, pela mundialização das empresas.

Consequentemente, com o fim da polarização na geopolítica internacional (capitalismo *versus* socialismo), a relação recíproca que existia há várias décadas entre o movimento olímpico e as questões diretamente políticas, principalmente, advindas dos dois blocos vigentes, foi corrompida. A ponto da nova ordem mundial, fundada numa economia altamente competitiva, também formular para o esporte olímpico uma nova ordem, com todas as implicações comerciais provenientes do processo de mundialização das empresas. Consagrando e emergindo ainda mais a abertura econômica e a mobilidade de interesses comerciais nos Jogos Olímpicos.

Nesta direção, acreditamos que a entrada e a tomada da força do sistema capitalista nos Jogos Olímpicos foram possíveis porque o COI mostrava-se dependente ao capital privado, advindo das empresas internacionais e das redes de televisão, como algo *mister* à realização do espetáculo olímpico. Visto que tinha se articulado a partir da conjuntura externa de mudanças para alçar e justificar a ação do deslocamento da lógica do modelo de financiamento.

Como o sistema capitalista exigia Jogos Olímpicos planejados e programados para o mercado. O COI precisou revisar os ideais olímpicos,

manuscritos na Carta Olímpica²², pois esses eram anacrônicos a concepção do capitalismo. Em 1991, os ideais tradicionais do Olimpismo como amadorismo e *fair-play* foram contextualizados e reinterpretados sob o regente momento da história. O amadorismo cedeu lugar ao profissionalismo e o *fair-play* tornou-se flexível, apesar do COI insistir em manter o diplomático discurso planetário da promoção dos valores socialmente construídos do Olimpismo.

A partir desse momento, a base dos princípios do Olimpismo passa a sofrer seu grande revés. Foi estatuída, de forma explícita, pelo COI para dar suporte a espetacularização dos Jogos Olímpicos, que passou a usá-lo como produto de entretenimento. Nesse sentido, Rubio (2002) explica que como tal deveria estar adequado e satisfazer às exigências de um mercado consumidor, conseqüentemente, as regras de atuação e de conduta do atleta também precisariam estar de acordo.

Ao reescrever o sentido dos ideais olímpicos, propostos por Coubertin, o COI declarou, oficialmente, a abertura das portas do Movimento Olímpico ao *marketing*, ao profissionalismo e à comercialização. Muito provavelmente, indicia uma mudança de paradigma, em que um discurso antigo e desajustado aos tempos atuais estaria dando lugar a um discurso renovador com um misto de idealismo, de positivismo e de pragmatismo, que assumiria que os Jogos Olímpicos tinham a ver com aquilo que entorna sua volta. Atualmente, o COI promove diversas ações para formar um mundo melhor, por meio do esporte olímpico, nas seguintes áreas: meio ambiente, paz, educação, desenvolvimento, gênero e ações locais.

Quanto ao discurso reformulado e atualizado a respeito do ideário, Rubio (2001) chama de Pós-Olimpismo. No Pós-Olimpismo “o amadorismo é abolido do arranjo dos ideais olímpicos e *fair-play* é adequado à necessidade de convivência com os patrocinadores, espaço comercial e novas regulamentações” (RUBIO, 2001, p. 138). Por conseguinte, o COI transpôs os Jogos Olímpicos de veículo político externo para produto moderno de entretenimento, ressignificando o tradicional

²² A Carta Olímpica é o documento oficial instituído como código ao Comitê Olímpico Internacional que sumariza os princípios e os valores do Olimpismo, vigora os direitos e deveres para o Movimento Olímpico e define a organização, administração, participação, programação e o protocolo dos Jogos Olímpicos. Fonte: www.cob.org.br/movimento_olimpico/docs/cartilha_olimpismo.pdf. Acesso em 15 de outubro de 2011.

ideário olímpico para a veiculação e a legitimação pelas mídias, especialmente, as redes de televisão.

Tendo em vista todos os processos tencionados à reinvenção dos Jogos Olímpicos como produto de entretenimento, já apresentados. Atrevemos-nos sinalizar que o COI atestou um despacho decisório nas entrelinhas dos catalisadores da sociedade capitalista. Sobretudo, ao aceitar o suborno da empresa *Adidas*; ao modelar o Movimento Olímpico, conforme o regime Franquista Espanhol; ao permitir que os Jogos Olímpicos tornam-se um veículo de acumulação de capital privado, por via do leilão, simbolizado pelo TOP e pela venda dos direitos de retransmissão de imagens; ao naturalizar a corrupção de seus membros sobreposta por parte das candidatas a sede olímpica; ao liberar a participação de atletas profissionais, ao contemporanizar o discurso sobre o doping; ao enaltecer sua versão do ideal olímpico com amparo das redes de televisão; ao oportunizar condições de prática esportiva em todo mundo, através do Programa de Solidariedade Olímpica; e ao perpetuar a imagem da marca olímpica com a criação do museu olímpico em Lausanne.

Portanto, não há como contestar que o COI ‘metamorfoseou’ os Jogos Olímpicos como produto de entretenimento na forma de espetáculo. Consentido pelo cenário político externo, o fim da guerra fria com a derrocada dos regimes socialistas da URSS, e pelo contexto ideológico interno, a revisão da Carta Olímpica com a adesão crescente do profissionalismo, do marketing e da comercialização no Movimento Olímpico. Assim, nos parece claro, que a partir de 1991, o entretenimento passa de categoria subordinada à central na compreensão, na definição e na explicação dos Jogos Olímpicos.

Proni (2008, p. 11) explicita essa mudança dizendo que os “Jogos de Barcelona, em 1992, selaram a definitiva transformação das Olimpíadas num megaespetáculo dirigido pela lógica do mercado e segundo os interesses do mundo dos negócios”. E, Rubio (2010) complementa que nesses Jogos “apareceu o símbolo da profissionalização do esporte: o time de basquete norte-americano, chamado de *Dream Team*, vinculados a *National Basketball Association* (NBA). A NBA tinha duas funções: o gerenciamento do campeonato norte-americano de basquetebol profissional e o pagamento de altíssimos salários pelo desempenho esportivo de atletas como Michael Jordan, Magic Johnson e Larry Bird.

A partir do exposto, a pergunta científica que se coloca é: como os Jogos Olímpicos passam a ser produzidos como espetáculo de entretenimento a partir de 1991?

CAPÍTULO IV- ESPETÁCULO OLÍMPICO DE ENTRETENIMENTO PLANETÁRIO: SENTIDOS A PARTIR DA “FOLHA DE S. PAULO”

Neste capítulo, passamos a desenvolver a análise dos Jogos Olímpicos de Barcelona (1992) aos de Londres (2012), por meio da descrição e da interpretação das nove categorias empíricas, sendo que, para ilustrá-las, serão incluídos fragmentos dos registros e dados quantificados²³ pela frequência de aparição nas edições analisadas do jornal “Folha de S. Paulo”.

Tendo em vista o objetivo de compreender a produção dos Jogos Olímpicos como espetáculo de entretenimento, a partir de 1991, optamos por descrever os dados na perspectiva descritivo-narrativa, na tentativa de mostrar as semelhanças com a totalidade relacional, a partir da ausência e da presença das unidades de registro “tema” nas categorias. Sinalizando o movimento das prioridades dos Jogos Olímpicos de 1992 a 2012, como ilustra o quadro abaixo:

Quadro 2: Comparação das categorias dos Jogos Olímpicos de 1992 a 2012

<i>Jogos Olímpicos</i>	Barcelona (1992)	Atlanta (1996)	Sydney (2000)	Atenas (2004)	Pequim (2008)	Londres (2012)
<i>Categorias</i>						
<i>Atleta</i>	19%	12%	22%	15%	12%	20%
<i>Espetáculo Entretenimento</i>	10%	27%	21%	10%	13%	19%
<i>Infraestrutura</i>	6%	20%	14%	20%	26%	14%
<i>Nacionalismo</i>	11%	10%	15%	10%	26%	28%
<i>Midiatização</i>	12%	12%	30%	7%	14%	25%
<i>Marketing Olímpico</i>	6%	31%	35%	12%	10%	6%

²³ Cabe esclarecer que não obtivemos informações de todos os dados quantitativos de todos os jogos. Além disso, cabe ressaltar que a maioria dos dados foram extraídos da nossa fonte documental, ou seja, a Folha de São Paulo.

Política	3%	10%	10%	25%	21%	31%
Investimentos Econômicos	3%	11%	11%	8%	8%	59%
Manifestações Sociais	6%	23%	41%	6%	12%	12%

Fonte: "Folha de S. Paulo"

Antes de discorrermos sobre cada categoria de análise, fazem-se necessárias algumas considerações prévias com relação à midiatização das edições dos Jogos Olímpicos, isto é, sobre o número de matérias publicadas e de pessoas envolvidas com a cobertura. A partir da "Folha de S. Paulo" identificamos que o número de matérias relacionadas às unidades de registro "tema" das nove categorias cresceu de forma progressiva até os Jogos de Atenas-04, onde se reduz, e retoma o crescimento a partir dos Jogos de Pequim-08. Os dados assinalam que devido os Jogos de Barcelona-92 começar a serem produzidos como espetáculo, as diferentes mídias também veicularam cada vez mais matérias e espaço no discurso jornalístico. Nos Jogos de Atenas-04, fica claro que houve acentuada redução na publicação das matérias, devido ao cenário internacional de temor aos atentados terroristas, às falhas na organização e ao baixo quantitativo de turistas, o que inviabilizou um evento em macro dimensão, consequentemente, pouco noticiado. A retomada do aumento na veiculação ocorreu nos Jogos de Pequim-08, uma vez que o espetáculo olímpico combinava harmonia, competência, grandiosidade, energia, generosidade, deslumbramento, ética e entendimento, conforme se pode depreender das narrativas das matérias jornalísticas. Destacamos, também, o aumento significativo de pessoas ligadas à imprensa entre os Jogos de Atlanta (1996) e os de Pequim (2008). O quadro abaixo é ilustrativo:

Quadro 3: Número de matérias e de pessoas envolvidas com a midiatização de cada edição dos Jogos Olímpicos

Jogos Olímpicos	Barcelona (1992)	Atlanta (1996)	Sydney (2000)	Atenas (2004)	Pequim (2008)	Londres (2012)
Número de Matérias	77	128	146	100	130	153
Número de pessoas envolvidas com a midiatização		17.000			30.000	

Fonte: “Folha de S. Paulo”

1) A saga do atleta olímpico

As matérias da “Folha de S. Paulo” recolhidas a respeito da categoria atleta totalizaram cento e quarenta e nove (149), sendo trinta e duas (32) dos Jogos Olímpicos em Sydney-00, vinte e nove (29) dos Jogos Olímpicos em Barcelona-92, vinte e oito (28) dos Jogos Olímpicos em Londres-12, vinte e três (23) dos Jogos Olímpicos em Atenas-04, dezenove (19) dos Jogos Olímpicos em Pequim-08 e dezoito (18) dos Jogos Olímpicos em Atlanta-96. Essa distribuição das matérias pode ser melhor visualizada no quadro abaixo:

Quadro 4: Distribuição das matérias da categoria **Atleta** por Jogos Olímpicos

Jogos Olímpicos	Barcelona (1992)	Atlanta (1996)	Sydney (2000)	Atenas (2004)	Pequim (2008)	Londres (2012)	TOTAL
Número de Matérias	29	18	32	23	19	28	149

Fonte: “Folha de S. Paulo”

Na análise da categoria **Atleta** procuramos sintetizar as depreensões temáticas dos Jogos após a revisão da Carta Olímpica, em 1991, a qual abriu as portas ao profissionalismo num caráter mais deliberativo, como uma política da gestão de Samaranch. Inevitavelmente, a representação e a configuração da

participação dos atletas olímpicos mudaram dos Jogos de Barcelona-92 à dos Jogos de Londres-12. Em vista disso, a “Folha de S. Paulo” apontou para o fato dos atletas olímpicos terem se submetido, ainda mais, a um desempenho intencionalmente elaborado, que, conseqüentemente, aumentou o número de recordes, a ingestão de substâncias proibidas pela legislação esportiva e o uso de equipamentos, de roupas de alta tecnologia e de avanços biotécnicos para catalisar o espetáculo olímpico.

Os Jogos de Barcelona-92 foram os primeiros a terem a participação de atletas profissionais liberada legalmente pelo COI, através da Carta Olímpica emitida em 1991. Desse modo, a “Folha de S. Paulo” utilizou como ilustração do fim do amadorismo, o *Dream Team* (Time dos Sonhos), o time de basquete masculino dos EUA, que pela primeira vez era composto unicamente por atletas profissionais da *National Basketball Association* (NBA), a poderosa liga profissional norte-americana de basquete. Dentre as diferentes matérias, esta enunciação é singular: “Eles são a marca de Barcelona, os Jogos nos quais o esporte e o negócio se misturam da tocha olímpica à pelota basca. O basquete vai ao Olimpo” (FSP, Caderno de Esporte, p. 01, 26-07-92).

Por conseguinte, nos Jogos de Atlanta-96, a “Folha de S. Paulo” pontuou a asseveração do profissionalismo, o que alavancou a exploração midiaticizada da saga da competitividade olímpica. A profissionalização dos atletas olímpicos concedia a participação dos melhores atletas do mundo nos Jogos, que exibiam um espetáculo próprio com recordes de tempos, de distâncias e de ouros, principalmente, na pista do atletismo. Como aconteceu com Carl Lewis, que buscava 10 ouros em Jogos e Michael Johnson, que tentava vencer os 200m e 400m, em uma mesma edição dos Jogos.

Ao abordar o episódio de Lewis, a “Folha de S. Paulo” divide as páginas entre a intenção do atleta em disputar o seu décimo título olímpico para se igualar ao recordista, também norte-americano, Ray Ewry, e a decisão do técnico da equipe de revezamento 4x100m em desfazer a formação inicial para dispor uma vaga a Lewis. Já em relação à expectativa na conquista das duas provas por Johnson, a “Folha de S. Paulo”, do dia 02 de agosto de 1996, com o título de “Johnson quebra recorde e tabu”, aponta a consagração como o primeiro atleta olímpico a vencer os 200m e 400m em um mesmo evento e, ainda, com recorde. Assinalou, também, um dado interessante, que diz respeito ao modo o atleta conseguiu alcançar com sucesso seu

objetivo. “Johnson pediu que as datas das corridas fossem alteradas e foi atendido: originalmente, haveria um intervalo de um dia para disputar as duas provas”.

Tais matérias vão na direção da tendência apresentada pelo jornalismo, em especial, o esportivo, ou seja, o de enfatizar a espetacularização, associando com “o show, o profissionalismo e o negócio, sendo a criação, a difusão e o reconhecimento de ídolos e mitos esportivos uma das estratégias na construção do espetáculo”, conforme o Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte (2007, p. 719).

Nos Jogos de Sydney-00, a “Folha de S. Paulo” lança mão do termo “igualdade” nos Jogos, configurado pela mobilização do COI diante do aumento da participação das mulheres nos Jogos e pela presença de mais atletas negros nas provas, em especial, na pista de atletismo, e da massificação dos recordes olímpicos através da imagem do atleta, porém, ainda do gênero masculino.

Diferente da proposta do Barão Pierre de Coubertin, que, por respeito à tradição grega ou por misoginia, deixava o sexo feminino fora das provas dos Jogos, a “Folha de S. Paulo” mostrou a política interna do COI em alegação do aumento da participação das mulheres nos Jogos, através das interposições nas federações internacionais para que destinassem mais vagas femininas nas modalidades, como aconteceu com o judô, que colocou em votação mais uma classe feminina olímpica; das nomeações de mulheres aos cargos do COI, que hoje somam 13 funções políticas; e do apoio à decisão do Comitê Organizador em alinhar os Jogos de Sydney-00 como das mulheres.

Na matéria do dia 29 de setembro de 2000, com o título de “Sydney alinha os Jogos das mulheres”, a “Folha de S. Paulo” descreveu que, nos Jogos de Sydney-00, desde a cerimônia de abertura, com a posse do deslocamento da tocha olímpica, até o recorde do total de atletas femininas em comparação ao número de participantes, as mulheres tiveram destaque. Diante disso, o “COI anunciou o início da era dos direitos iguais entre os sexos na Olimpíada, apesar de nos países árabes a participação feminina não beirar os 5%” por motivos religiosos e culturais.

A outra menção relativa à “igualdade” realizada pela “Folha de S. Paulo” diz respeito ao avanço da participação dos negros nos Jogos, antes proibidos de disputar as competições olímpicas. Isso se deve ao fato dos negros terem alcançado bons resultados na pista, principalmente, nas provas de velocidade, as mais “nobres” do atletismo, ou conforme outra alusão, por terem alcançado uma “imagem

gloriosa" para simbolizar sua superioridade no atletismo no fim de um século. O domínio dos negros no atletismo começou em 1984, desde aí nenhum branco consegue participar do final da prova mais veloz do atletismo. "Em Seul-88 e Barcelona-92, os negros conquistaram dez medalhas em provas individuais do atletismo. Em Atlanta, há quatro anos, foram nove a mais. E, em Sydney, os negros tomaram de vez a hegemonia dos brancos no atletismo" (FSP, Caderno Especial (Folha Sydney 2000), p. 05, 22-09-00).

Já em relação à massificação dos feitos olímpicos por meio da associação da imagem dos atletas, sobretudo, dos masculinos apresentados como semi-heróis, a "Folha de S. Paulo" focou na exposição da geração dos recordistas da natação, ao invés dos atletas do atletismo, como: Ian Thorpe e Pieter van den Hoogenband, já que, mundialmente, eram endeusados, ganhavam capas de jornais e revistas, tinham os nomes repetidos pelas TVs e pelos rádios e assinavam contratos milionários. Isso reforça a estratégia midiática de valorizar somente a vitória, cultivar a *performance* e buscar a excelência.

Para os Jogos de Atenas-04, a "Folha de S. Paulo" enfatizou ainda mais a figura do atleta como um ativo viabilizador do espetáculo olímpico, se comparamos aos Jogos de Sydney-00. A saga do atleta olímpico foi composta por meio dos enredos jornalísticos, como: o da consagração dos bicampeões no pódio, o da importação de atletas e o da aparição dos anônimos atletas chineses nos pódios. O mais evidenciado, contudo, foi a de Michael Phelps, que buscava ultrapassar a marca de sete ouros em uma mesma edição dos Jogos, já alcançados por seu compatriota Mark Spitz em Munique-72.

Rubio (2001) contribui em discutir a constituição do imaginário esportivo contemporâneo do atleta como um herói, a partir da relação estabelecida entre as performances esportivas e as façanhas heroicas da mitologia. Sob esse entendimento, os atletas têm sua imagem vinculada ao espetáculo e ao lazer, que deslumbra multidões com performances ou causa dor e comoção coletivas em casos de acidente ou morte.

A trama Olímpica feita pelos bicampeões foi destaque na "Folha de S. Paulo" do dia 19 de agosto de 2004, pois confirmou a repetição de atletas no pódio, em especial, no da natação. "Das 11 modalidades que já decidiram provas individuais 07 tiveram repetição no topo do pódio". Dentre os mais premiados estavam Michael

Phelps (com seus oito pódios) e Van deen Hoogenband, junto com mais de 50 atletas que ganharam pelo menos duas medalhas.

Nesses Jogos Olímpicos fica claro o princípio da corrente migratória de atletas em várias modalidades, apontada nas narrativas jornalísticas, por meio do quadro de medalhas, como uma vantagem tanto para o país importador, que tem chance de ser bem representado, quanto para o atleta importado, que pode ser reconhecido mundialmente e financeiramente. Tratou-se de uma “Olimpíada recheada de casos de atletas nascidos em um país competindo (e ganhando medalhas) por outro” (FSP, Caderno Especial (Atenas 2004), p. 03, 26-08-04).

Em presença de tantos astros olímpicos, a narração da aparição dos “inominados” também apareceu, com os atletas chineses nos pódios. Na matéria do dia 31 de agosto de 2004 da “Folha de S. Paulo”, ficou evidente que, diferente da maioria das potências ocidentais e da periferia do esporte, a China usou de um exército de “anônimos” para disputar a liderança do quadro de medalhas olímpicas com os EUA. Alcançou os objetivos, já que ficou a apenas três ouros dos americanos, na menor diferença desde 1912 entre os dois primeiros colocados no quadro de premiações. “Se não gera heróis de projeção mundial nem contratos milionários de publicidade, a China caminha a passos largos para tomar dos EUA o topo das premiações com muita variedade”, principalmente, com maior peso feminino (FSP, Caderno Especial (Atenas 2004), p. 02, 31-08-04).

Proni (2008b), ao publicar a leitura econômica dos Jogos Olímpicos, ressalta que a China, no mesmo ano em que foi deferida como cidade-sede, entrou para a Organização Mundial do Comércio (OMC), tornando-se a nação mais populosa do planeta como um *player* global. E, a partir de 2001, o país mostrava-se como potência mundial e principal concorrente dos EUA por mercados mundiais.

Por outro lado, no que tange aos atletas, também o oposto ocorreu. Ou seja, astros olímpicos, semi-heróis olímpicos, passaram, a meros competidores. “Mais badalados esportes olímpicos individuais e acostumados a produzir mitos, como: atletismo, ginástica e natação assistiram em Atenas ao ocaso de ídolos que se acostumaram a reverenciar” (FSP, Caderno Especial (Atenas 2004), p. 31-08-04).

Diante de todos esses enredos jornalísticos, a busca da meta de Phelps, foi a mais ressaltada. A “Folha de S. Paulo” narrou às conquistas do nadador norte-americano, criando expectativas no público, a fim de provocar interesse pelo sonho

olímpico de ganhar oito medalhas de ouro, que renderia 01 milhão de dólares. Porém, Phelps, não atingiu sua meta de ultrapassar Spitz, mas alcançou oito medalhas na piscina, seis de ouro e duas de bronze, dessas, cinco foram em provas individuais, e se igualou ao ginasta russo Alexander Dityatin, como o mais premiado numa mesma edição dos Jogos.

Nos Jogos de Pequim-08, as matérias da “Folha de S. Paulo” seguiram a direção de enaltecer os feitos olímpicos dos semi-heróis internacionais, principalmente, os de Phelps e os de Bolt, mas também os dos nacionais, como César Cielo, no intuito de estimular o público a acompanhar a trajetória dos campeões.

Segundo Rubio (2001), tanto a exposição como a exploração do esporte e dos atletas acabam produzindo uma associação entre a figura do atleta com o mito do herói, reforçado pelo caráter agonístico da disputa esportiva. O papel que desempenham como representantes da comunidade, geralmente, ultrapassando obstáculos intransponíveis, realizando feitos considerados sobre-humanos e a própria vida disciplinada que levam, favorece a construção da condição de herói dos atletas.

Para Phelps foram publicados textos a cada medalha conquistada, sob uma espécie de contagem regressiva para que o público pudesse acompanhar a meta dos oito ouros do atleta norte-americano, ofuscando todos os demais atletas olímpicos. Na matéria do dia 17 de agosto de 2008, a “Folha de S. Paulo” detalhou que ao vencer os 400m medley, o 4x100m livre, os 200m livre, os 200m borboleta, o 4x200m livre, os 200m medley, os 100m borboleta e o 4x100m medley, Phelps conseguiu escrever o seu nome na história da natação e dos Jogos, pois, tornou-se o maior ganhador de medalhas de ouro de uma única edição dos Jogos Olímpicos, com 08 ouros olímpicos, o "maior vencedor da história", com 14 ouros olímpicos e o homem com maior número de medalhas em Jogos, 16 medalhas. “Fica na história como o primeiro Michael Phelps”.

Com relação à Bolt, a “Folha de S. Paulo” monopolizou as atenções para a final dos 100m rasos, que seria a "prova mais rápida" de todos os Jogos, e a quebra de recorde mais esperada pelo público. Afinal, estariam correndo os três homens mais velozes do mundo, Tyson Gayos, Usain Bolt e Asafa Powell. O favoritismo era de Bolt, apelidado de "relâmpago", que confirmou e inscreveu o novo recorde

mundial de 9s69 para os 100m, tornando-se o maior velocista da história do atletismo.

A matéria do dia 17 de julho de 2008 da “Folha de S. Paulo”, intitulada de “9s69 Bolt fácil”, descreveu a vitória absoluta de Bolt com as seguintes palavras:

Bolt venceu ontem a final dos 100 m em Pequim com 41 passadas e baixou em 0s3 a marca que ele próprio havia estabelecido em maio. É o primeiro a correr a distância abaixo de 9s7 e protagonista da décima quebra do recorde em 20 anos. Nos metros finais, Abriu os braços e festejou, como que para mostrar que pode ser ainda mais veloz. Isso numa prova que foi a mais forte da história. Se não pelo desempenho de seus rivais diretos, pela força daqueles que chegaram a Pequim como coadjuvantes: 6 dos 8 finalistas cruzaram a linha abaixo dos emblemáticos 10s, o que nunca havia acontecido numa decisão olímpica. Em Atenas-2004, foram cinco.

Nos Jogos de Londres-12, as matérias da “Folha de S. Paulo” vão na direção de abordar as emoções e os sentimentos que os atletas olímpicos podem provocar no público, quais sejam: o êxtase, o sentimento de igualdade, o encantamento, a afetividade, o espírito olímpico, o desejo e a repulsa. Como acontece com as imagens de Phelps ou Bolt que “arrancam” aplausos e gritos, na tela da televisão prendem os olhares, e nas capas dos jornais e das revistas despertam curiosidade para saber o que está escrito sobre eles. O sentimento de êxtase começou nos Jogos de Pequim-08, devido os seus feitos históricos e se firmou mais ainda nos Jogos de Londres-12.

Em Londres, Phelps excitou o público ao triunfar com 22 medalhas, 18 de ouros, 02 de prata e 02 de bronze em Jogos e uma lista enorme de recordes mundiais e de feitos históricos. Porém, encerrava nesses Jogos sua carreira como maior fenômeno das piscinas da história e maior medalhista dos Jogos. (FSP, Caderno Especial (Londres 2012), p. 08, 05-08-12). Bolt emocionou o público com sua velocidade, que lhe deu as 06 medalhas de ouro em dois Jogos, mais precisamente, foram seis eventos, todos com recordes mundiais. Mas, para a “Folha de S. Paulo” do dia 11 de agosto de 2012, não é isso que o fez dele o maior, e o melhor, personagem destes Jogos:

Bolt simplesmente nasceu para brilhar. Midiático como ele jamais se viu, nem mesmo Muhammad Ali, que tinha uma causa política e religiosa para difundir. O jamaicano não defende ideia alguma, é o chamado homem show, a graça pela graça, a exposição como um fim em si mesmo, na fronteira de ficar excessivo, mas sem ultrapassá-la.

A sensação de igualdade foi configurada pela “Folha de S. Paulo” com as divulgações de que todos os 204 países, presentes na competição, levariam atletas

de ambos os sexos para os Jogos de Londres-12, pela primeira vez na história. Além da referência às mulheres como ganhadoras de forças "no movimento olímpico com a introdução do boxe feminino no programa de Londres. Pela primeira vez as mulheres poderão competir em todos os esportes olímpicos" (FSP, Caderno Especial (Londres 2012), p. 13, 13-08-12).

Vale ressaltar que, desde os primeiros anos da gestão de Samaranch, iniciada em 1980, o COI começou a incentivar a participação das mulheres nos Jogos, com retorno de modalidades que as favorecessem, e na eleição para cargos burocráticos do movimento olímpico. Mas, a maior participação política no COI ocorreu a partir do Congresso Olímpico Centenário, em 1994.

Devide (2005), ao apresentar as mudanças ocorridas em relação à participação das mulheres no movimento olímpico de Pierre de Coubertin à Juan Antonio Samaranch, define a inserção das mulheres no Movimento Olímpico por meio de diversas ações estratégicas do COI, as quais são pontuadas em:

incentivos que encorajam organizações esportivas a providenciarem suporte para a participação feminina, impulsionados pelas duas conferências mundiais sobre mulher e esporte ocorridas em Lausanne, 1996 e Paris, 2000; criação de um grupo de trabalho no COI, em 1995; conferências de Brighton, 1994 e Windoeck, 1998; iniciativas e o compromisso dos Comitês Olímpicos Nacionais e Federações Internacionais em promover o esporte feminino; organização de seminários e congressos para mulheres administradoras e técnicas, entre outros aspectos, o que têm sido um incentivo potencial para a evolução da mulher na arena esportiva mundial e olímpica.

O resultado da intensa política de inclusão das mulheres no movimento olímpico, especificamente, nos Jogos, pode ser visualizado a partir do aumento progressivo do percentual de inscrições femininas, que de 34,2% nos Jogos de Atlanta-96 passaram para 44% nos Jogos de Londres-12. Para os Jogos do Rio-16, a previsão é que esse número alcance os 50% em comparação a participação masculina, conforme explícita o quadro abaixo:

Quadro 5: Percentual de mulheres participantes em relação ao total de inscritos a partir dos Jogos Olímpicos de Sydney-00

Jogos Olímpicos	Sydney (2000)	Atenas (2004)	Pequim (2008)	Londres (2012)	Rio de Janeiro (2016)¹
Percentual de Mulheres (%)	38%	40,6%	42,4%	44%	50%
Total de atletas inscritos²	10.621	10.625	10.942	10.500¹	—

Fonte: “Folha de S. Paulo”

¹Estimativa do COI apresentada pela “Folha de S. Paulo”

²Dados oficial do COI

No discurso do COI dos "Jogos da igualdade" entre os sexos, as mulheres assumiram outro papel, que não se resumia a participação e, sim a uma forma de alavancar a vitória de alguns países na classificação do quadro de medalhas, uma vez que, a partir de 1990, as atletas femininas adotaram os princípios da profissionalização. De acordo com Rail (1990), o corpo da mulher atleta foi apropriado pelo sistema político e econômico. O corpo atlético tornou-se uma máquina em busca de resultados, dando surgimento ao corpo pertencente aos cientistas, medicalizado, computadorizado e farmacologizado.

Como mostrou a “Folha de S. Paulo”, na vitória da China sobre os EUA nos Jogos de Pequim-08, no qual as mulheres consagraram o país ao posto de potência olímpica, através da supremacia no levantamento de peso, no badminton, no tênis de mesa, nos saltos ornamentais e nos esportes de luta, como taekwondo e judô, atingindo 19 medalhas de ouro, contra 12 das americanas (FSP, Caderno Especial (Pequim 2008), p. 03, 10-08-08). E, na dos EUA sobre a China, nos Jogos de Londres-12. De acordo com “Folha de S. Paulo” do dia 13 de agosto de 2012, intitulada de “Na Olimpíada da igualdade, mulheres puxam vitória”, das 104 medalhas conquistadas pelos EUA, 58 pertencem às mulheres e, dos 87 pódios da China, 49 saíram de disputas femininas. E, dos “dez primeiros no quadro de medalhas, quatro países tiveram melhor desempenho feminino: EUA, China, Rússia

(quarta colocada com 44 pódios femininos e 38 masculinos) e Austrália (décima, com divisão de 20 a 15)".

A sensação de encantamento foi publicada na "Folha de S. Paulo" por meio da apresentação da nova geração de nadadores com força, audácia e brilho jovem, que surgiu nas piscinas olímpicas de Londres sem medo de desafiar os grandes favoritos. Na matéria do dia 31 de julho de 2012, a "Folha de S. Paulo" exibiu os campeões olímpicos adolescentes por nomes e seus respectivos feitos olímpicos, em especial, a nova geração de mulheres que chamou a atenção pelos resultados consistentes na piscina, apesar da idade, sendo elas: Missy, 17 anos, que nadou sete provas, "uma espécie de Phelps de saias"; Ruta Meilutyte, 15 anos, ao conquistar os 100 m peito foi a mais jovem atleta a ganhar medalha de ouro na natação desde os Jogos de Atlanta-96; Ye Shiwen, de 16 anos, classificou-se em primeiro lugar dos 200 m medley e quebrou o recorde da prova; e Katie Ledecky, 15 anos, a mais jovem fenômeno da natação norte-americana campeão dos 800 m livre.

Interessante destacar um sentimento que passa a ser evidenciado na mídia jornalística e nos Jogos, ultrapassando a visão do atleta na sua individualidade ou na sua nacionalidade, abrangendo o âmbito familiar, transmitida na relação do apoio, da afetividade e da solidez de valores. Explora a estratégia de tornar o atleta mais humano possível, reservando espaços para os familiares, localizados facilmente no momento em que atleta era anunciado pelo serviço de som da arena. "Na Olimpíada de Londres, quando um atleta ganha medalha ou é anunciado, os familiares que vão à arena também viram celebridade. Dão tchauzinho, gritam os nomes de seus filhos balançam bandeiras e cartazes de incentivo" (FSP, Caderno Especial (Londres 2012), p. 03, 03-08-12).

Nessa percepção, Gabler (2000, p. 14) acena que "as plateias precisam de algum elemento de identificação para que o espetáculo as envolva de fato". No filme da vida, o *status* não vai mais para celebridades surreais, mas sim, para as celebridades reais, que são aquelas pessoas que se sobressaem publicamente sobre a população anônima, como é o caso dos atletas, ícones, estrelas ou heróis planetários.

O espírito olímpico foi revivido pela história do chinês Liu Xiang, que ao competir nas eliminatórias dos 110 m com barreiras, sentiu uma contusão no tendão

de Aquiles, que o afligia há pelo menos cinco anos, que o fez parar no primeiro obstáculo. Porém, após a prova, o chinês deu uma demonstração de esportividade ao cumprir todo o percurso de 110 metros ao lado de fora pista aos pulos com um só pé. “Ao final, abaixou-se e beijou a barreira. Sua corrida ao estilo saci foi aplaudida por todo o estádio” (FSP, Caderno Especial (Londres 2012), p. 09, 08-08-12).

Os atletas alimentam devaneios e esperanças no público. Seus corpos olímpicos tornam-se objetos de desejo quer pela estética ou pela economia. Para a “Folha de S. Paulo” do dia 10 de agosto de 2012, “as opções são infinitas, afinal, os Jogos Olímpicos são, além de um evento esportivo, um negócio bilionário e uma opereta geopolítica, um rico catálogo para as mais diversas fantasias”, transmitidas em alta definição, o que endeusa mais ainda os atletas.

Não foi por acaso que a valorização do espetáculo olímpico pelas diferentes mídias acelerou a aceitação e a exploração da profissionalização dos atletas no mundo olímpico. Caso os atletas dos Jogos Olímpicos fossem profissionais, facilmente apresentariam recordes olímpicos. Prodigamente, as mídias puderam divulgá-los como feitos de natureza heroica, o que provocou interesse do público mundialmente. Todavia, ao profissionalismo associou-se o uso de substâncias ilegais, de tecnologias e de treinamento específico da modalidade esportiva, desenvolvidos por engenheiros e técnicos nos laboratórios, o que aumentou os feitos além dos limites humanos.

A “Folha de S. Paulo” publicou diversas matérias com relação à atitude de repreensão do COI diante do *doping*, pois era a estratégia usada para manter a imagem de competição em condições igualitárias e para ter campeões olímpicos limpos, já que o público não poderia ter dúvida sobre os recordes. Para isso, o COI investiu altamente, por meio de acordo entre as federações internacionais e a Agência Mundial Antidopagem, em: novos aparatos tecnológicos para detectar com mais precisão o eventual uso de substâncias proibidas pelos atletas; um rigor no discurso e nas sanções de suspensão e de expulsão, tanto de atletas quanto de técnicos; e um aumento no número de testes aplicados dos Jogos de Barcelona-92 aos Jogos de Londres-12 e nos investimentos econômicos, conforme mostra o quadro abaixo:

Quadro 6: Números referentes à política *antidoping* do COI

Jogos Olímpicos	Barcelona (1992)	Atlanta (1996)	Sydney (2000)	Atenas (2004)	Pequim (2008)	Londres (2012)
Número de testes antidoping	1.600	2.100	2.500	3.000	4.500	5.000 a 6.000
Número de atletas banidos	04	06	17	25	40	—
Investimentos Econômicos (milhões de dólares)	—	—	25	—	—	63

Fonte: “Folha de S. Paulo”

Todavia, o aumento no número de testes aplicados, de atletas banidos e no orçamento não significa o fim do *doping* olímpico, já que ao longo das edições dos Jogos Olímpicos, em especial, as analisadas, a “Folha de S. Paulo” divulgou outras formas usadas para burlar o programa de testes *antidoping* do COI, como: novas substâncias não detectadas pelos testes aplicados e uso de urina e de códigos genéticos diferentes dos atletas submetidos aos testes.

Nesse sentido, nos apoiamos em Simson e Jennings (1992) para expor que as ações de *antidoping* do COI não passam de um discurso de controle para prestar contas ao público, que deseja acompanhar Jogos limpos. Já que os dirigentes do COI sabem que aplicar testes, nos dias da competição, não passa de um *show*, uma forma de encobrir a verdade, pois os atletas que ingerem drogas recebem orientação médica sobre o tempo necessário para eliminar os traços dessas substâncias do seu organismo. Desse modo, o COI vai ignorando os usuários e, pior, ocultando resultados positivos de atletas que tem chances de medalhas e são amplamente midiaticizados.

Sobre a adesão das inovações tecnológicas pelos atletas para firmarem-se como ídolos esportivos, a “Folha de S. Paulo” demonstrou nas matérias que com o uso da tecnologia ao seu favor, os atletas puderam ser frações de segundos mais rápidos, determinantes nos resultados, em especial, da natação e do atletismo, induzindo à naturalização da indumentária desenhada para revolucionar e amenizar

as imperfeições humanas do atleta, como a roupa do "homem aranha" e o maiô "fast skin".

Couto (2000), ao pensar o esporte como um campo possível de visibilidade dos investimentos técnicos na produção de corpos que beiram o pós-humanismo em função de investimentos das novas tecnologias, apreende que a intervenção tecnológica sobre o corpo atleta, pode produzir uma nova concepção de corpo na qual os aparatos tecnológicos que adentram suas peles (ou cobrem suas superfícies), acabam transformando-se em parte do seu próprio corpo. Não são mais objetos estranhos, artificiais, mas, sim outra natureza e realidade corporal.

Nesse sentido, a "Folha de S. Paulo" publicou na matéria do dia 19 de julho de 1992 a definição para os Jogos de Barcelona-92 como: "um show de atletas e fibras óticas de músculos e de alta tecnologia". Já no informativo do dia 31 de julho de 1992 caracteriza-os como "os de maior desenvolvimento tecnológico na historia da Olimpíada moderna". Porém, temos que atentar que as intervenções tecnológicas sobrepostas aos atletas para o melhoramento de suas *performances* esportiva, na maioria das vezes, são advindas de pesquisas subsidiadas por empresas patrocinadoras dos atletas, especialmente, pelas esportivas. Essas em busca da associação com a *performance* espetacular destinam investimentos às modalidades esportivas individuais, em que o desempenho depende exclusivamente do atleta e não de uma equipe ou time, havendo maior visibilidade da marca e retorno financeiro por meio da ênfase no resultado vitorioso.

2) *Espetáculo olímpico/Entretenimento planetário*

As matérias da "Folha de S. Paulo" recolhidas a respeito desta categoria totalizaram cento e trinta e nove (139), sendo trinta e oito (38) dos Jogos Olímpicos em Atlanta-96, vinte e nove (29) dos Jogos Olímpicos em Sydney-00, vinte e seis (26) dos Jogos Olímpicos em Londres-12, dezenove (19) dos Jogos Olímpicos em Pequim-08, quatorze (14) dos Jogos Olímpicos em Barcelona-92 e treze (13) dos Jogos Olímpicos em Atenas-04. Essa distribuição das matérias pode ser melhor visualizada no quadro abaixo:

Quadro 7: Distribuição das matérias da categoria ***Espetáculo olímpico/Entretenimento planetário*** por Jogos Olímpicos

Jogos Olímpicos	Barcelona (1992)	Atlanta (1996)	Sydney (2000)	Atenas (2004)	Pequim (2008)	Londres (2012)	TOTAL
Número de Matérias	14	38	29	13	19	26	139

Fonte: “Folha de S. Paulo”

Partimos do entendimento de que desde o início da gestão de Juan Samaranch, em 1980, os Jogos Olímpicos passaram por transformações estruturais. Mas, foi em 1991, com a revisão da Carta Olímpica que se erigiu como espetáculo, uma vez que se abriu à profissionalização dos atletas, à comercialização e ao *marketing*.

Nas matérias da “Folha de S. Paulo”, fica visível, a partir dos anos 90, a associação dos Jogos Olímpicos como espetáculo, organizado pela lógica do mercado e com a anuência dos países participantes. Trata-se de um espetáculo em proporção planetária, um dos grandes negócios de entretenimento, demonstrado pelo avanço na dimensão da produção da cerimônia de abertura e de encerramento, pela organização da Olimpíada Cultural paralela, pela representatividade dos símbolos olímpicos, pela anuência do público, ilustrado pelos índices de audiência e pelo número e valor dos ingressos comercializados.

O quadro abaixo ilustra os números relativos aos participantes, os espectadores e os valores dos ingressos (um exposto em dólar, outro em reais - dos demais eventos não conseguimos dados):

Quadro 8: Demonstrativo da Cerimônia de Abertura

Jogos Olímpicos	Barcelona (1992)	Atlanta (1996)	Sydney (2000)	Atenas (2004)	Pequim (2008)	Londres (2012)
Número de participantes	—	7.000	10.500	—	—	—
Número de espectadores	—	—	118.000	—	91.000	80.000

Valor do ingresso

U\$ 636

R\$1.300

Fonte: “Folha de S. Paulo”

Como os Jogos de Barcelona-92 foram o primeiro a ocorrer após a declaração da reinvenção como espetáculo pelo COI, valorizou-os. Nesse sentido, a “Folha de S. Paulo” veiculou o roteiro da cerimônia de abertura e de encerramento num formato cronológico, ou seja, as informações foram apresentadas na sequência dos fatos, de como iam ocorrer e como transcorreram, para naturalizar a lógica do espetáculo a partir dessas. Além disso, caracterizou-as como um *show*, tipicamente, Catalão, devido à proposta do Comitê Olímpico Organizador em utilizar os elementos típicos da Espanha para compor o espetáculo olímpico de 1992.

No entanto, o excesso de catalanismo ao longo da estruturação das cerimônias, principalmente, a de abertura, evidenciou a disputa entre o local e global. Nesse sentido, na matéria do dia 25 de julho de 1992, a “Folha de S. Paulo” assinalou que “Maragall, prefeito de Barcelona, puxa os Jogos para o ângulo ‘são de todos’ ao passo que Pujol acentua o catalanismo”. Por conseguinte, esse tensionamento poderia contaminar uma cerimônia global, com ações advindas do público anfitrião, como por exemplo, aplausos ao hino catalão e vaias ao hino espanhol (derivado das problemáticas da política interna da Espanha).

Nos Jogos de Atlanta-96, a “Folha de S. Paulo” noticiou uma teia argumentativa de fatos otimistas como pano de fundo para convencer o público sobre a conformação grandiosa do evento, apesar de no decorrer dos Jogos há o surgimento de um discurso que apontou falhas da organização.

Primeiramente, a “Folha de S. Paulo” massificou informações e curiosidades sobre os Jogos de Atlanta-96, por meio da exposição de uma série de opções referentes os serviços (desde dicas à torcida até notícias atualizadas, via telefone, à disposição 24 horas, ou seja, quase em tempo real), para saciar o desejo de uns e despertar a curiosidade de outros. De certa forma, a “Folha de S. Paulo” começou a preocupar-se com a dissipação das informações sobre o universo olímpico a um maior público possível, pois entendia que quanto mais informado fosse o público mais informação buscará e comprará.

Pires (2002, p. 36), ao revisitar sobre a relação de indissociabilidade entre as esferas da informação, do entretenimento e da publicidade, conclama que “tudo na mídia é mercadoria, portanto, consumível, assim, elevam-se à condição de informação relevante e de aspectos relacionados à espetacularização da cultura do tempo livre e os apelos ao consumo indiscriminado de bens materiais e simbólicos”. Ficando evidente que, na perspectiva de garantir a acumulação ampliada do capital, a nova ordem dada pelas diferentes mídias destina-se a satisfazer o desejo de vivenciar uma emoção atrás da outra e realimentá-lo, formando, assim, a subjetividade controlada e o consumo dirigido ao espetáculo.

Ao tratar da cerimônia de abertura, não revelou o que estava sendo programado pelos organizadores, conseqüentemente, instigou o público a acompanhar a transmissão pela televisão e a ler o jornal no dia seguinte da realização da cerimônia de abertura. Apenas, afirmou que:

a cerimônia foi pensada, na verdade, como um grande *show* voltado para o público que estará em casa, vendo as imagens pela televisão. Não é por acaso que a festa é dirigida por um especialista em programas de televisão, Don Mischer. Serão 7.000 participantes do *show*, que terá dois eixos principais: celebração do centenário dos Jogos com homenagem a atletas que fizeram história e a polémica exibição sobre o sul dos EUA (FSP, Caderno Especial (Atlanta-96), p. 03, 19-07-96).

Sobre a cerimônia de abertura dos Jogos de Sydney-00, a “Folha de S. Paulo” não divulgou a programação com antecedência, pois o Comitê Organizador (Socog) tinha a intenção de explorar ao máximo o seu novo formato, o de espetáculo televisionado. Todavia, em relação a cerimônia de encerramento pincelou ao público as principais atrações.

Nessa direção, a “Folha de S. Paulo” do dia 14 de setembro de 2000 declarou, nitidamente, o fato da cerimônia de abertura ter sido planejada com exclusividade para a televisão:

a celebração é feita para a TV e não mais para as 118 mil pessoas que pagaram mil e trezentos reais para estar no estádio. Cada ação é sincronizada com o movimento das câmeras da rede norte-americana NBC, geradora de imagens para o mundo.

Mascarenhas (2005, p. 89), ao compreender as mercadorias como derivadas à imagem e semelhança da ansiedade dos consumidores, elucida que a manipulação instantânea tanto de desejos quanto de opinião é feita por meio da imagem, indiscutivelmente, dominada e divulgada pela propaganda, pela publicidade e pela

mídia. Logo, “uma nova imagem não significa outra coisa senão uma nova moda e uma nova necessidade”.

Para que os Jogos de Sydney-00, em especial a cerimônia de abertura e de encerramento, fossem um espetáculo olímpico excepcional para a televisão, o Comitê Organizador (Socog) adotou algumas medidas inéditas. A primeira foi em relação à contenção dos manifestos localizados, para evitar colapsos nos protocolos do espetáculo olímpico, e a padronização dos torcedores *in loco*. Significa dizer que o Socog impôs restrições, consentidas pelo Estado e previstas em lei, diante da propaganda não oficial e da conduta particular com o veto do uso de roupas e de distribuição de panfletos alusivos a motivos políticos, étnicos e que não fossem das marcas dos patrocinadores oficiais. A segunda intervenção foi a de reduzir o contingente de participantes e, de intensificar o diálogo com o COI sobre o controle da distribuição de convites aos países em que seus atletas não tinham índices técnicos de classificação. Ao restringir e selecionar mais os participantes, o Socog exibiria nos Jogos apenas atletas com nível de *performance* espetacular, o que atrairia o público para acompanhar o espetáculo olímpico pela televisão, superando as expectativas de audiências.

A “Folha de S. Paulo” apenas retratou a cerimônia de abertura dos Jogos de Atenas-04 e apresentou-a como um espetáculo olímpico que misturou tradição com modernidade, uma vez ter sido em Atenas que tudo começou. Porém, o protocolo do cerimonial foi mantido em suspense pelo Comitê Organizador até o momento de acontecer, devido os efeitos especiais na teatralização da festa espetacular, que por meio dos elementos da arte da mitologia contaram a história dos gregos imbricada com os Jogos.

Mas, a “Folha de S. Paulo” mostrou que a competência dos gregos em organizar festas não foi suficiente para amenizar o reduzido número de público nas arquibancadas, efeito da alta cotação do euro e do temor de ataques terroristas internacionais (em virtude do ataque de 11 de setembro nos EUA). Todavia, as estratégias de organização dos Jogos como espetáculo televisionado, surtiu efeito no crescimento dos índices de audiência televisiva dos Jogos. De acordo com dados das matérias da “Folha de S. Paulo”, nos EUA, a NBC registrou uma marca de 56 milhões de telespectadores no dia da cerimônia de abertura. Mais do que o capítulo final do seriado “*Friends*”, considerado a maior atração da grade norte-americana. E,

nas finais da ginástica e da natação, com a disputa entre Phelps e Thorpe nos 200m livre, os índices ultrapassaram todos os recordes. No total, significou uma média de 26,5 milhões de televisores dos EUA ligados, diariamente, na cobertura dos Jogos.

Diante do avanço dos índices de audiência televisiva dos Jogos, partimos da acepção de Debord (1997) para explanar que não se poderia esperar outra consequência além da ilusão do espectador diante do objeto contemplado. Isto é, quanto mais se contempla, menos se vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua existência e se perde do seu próprio desejo. Consequentemente, nega-se a própria realidade e reduz-se a simples coisas, transformando-se na própria mercadoria, onde essa forma-mercadoria torna-se preponderante sobre o todo da vida social.

As publicações da “Folha de S. Paulo” sobre a cerimônia de abertura dos Jogos de Pequim-08 mostram, com regularidade, que essa foi usada para afirmar a excelência incomparável da cidade-sede em auferir tamanho espetáculo, consequentemente, apresentam a envergadura do Estado, que fez dessa uma oportunidade para demonstrar a ascensão da China à condição de potência mundial no cenário internacional. De um modo geral, segundo Larson (1991), a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos apresenta-se como um dos melhores espaços para sinalizar as mudanças locais ao global, pois como um espetáculo planetário faz valer sua mensagem e constrói a imagem almejada do povo ou da cultura pelo país-sede, sem precedente nas mídias mundiais.

Por isso, que a China investiu em uma imagem de respeito à diversidade cultural, política e econômica dos países participantes, apesar de estruturar o evento aos seus moldes de repressão e de grandiosidade. A “Folha de S. Paulo” não se eximiu de realizar fortes críticas à forma de condução do espetáculo e de noticiar as repercussões no jogo das forças mundiais. Nessa relação entre política, economia e repressão, a “Folha de S. Paulo” demarcou a questão do governo chinês em ter direcionado questões religiosas aos envolvidos com os Jogos, quando da disponibilização de 50 mil exemplares da Bíblia, com os anéis olímpicos e os atletas na capa, pelo Comitê Organizador.

A grandiosidade ficou por conta da cerimônia de abertura, mantida em sigilo pelo Comitê Organizador dos Jogos de Pequim-08 (Bocog), através de um esquema de inacessibilidade de imagens e informações dos preparativos, por causa das

questões políticas. Transformou-se na mais espetacular abertura dos Jogos Olímpicos. A “Folha de S. Paulo” denominou-a mais *hollywoodiana* do que a própria *Hollywood*. No entanto, a matéria do dia 09 de agosto de 2008 da “Folha de S. Paulo” descreveu a cerimônia de abertura como absolutamente retrô, na medida em que fez menção as invenções da China antiga até a figura do astronauta, tentando eliminar lembranças da China pré-comunista. Em suas palavras: “na superfície, a festa foi moderna, mas a substância foi de passado reciclado”.

A respeito do espetáculo olímpico dos Jogos de Londres-12, a “Folha de S. Paulo” mudou a definição de monumental, da última edição, para funcional. Veiculou, de um lado, a glorificação do Comitê Organizador (Locog) que com planejamento e organização, deixou uma impressão exemplar ao mundo, pois aplicou o dinheiro sem desperdício, em meio à crise européia, desconstruindo a logística de imensas e de caras construções, dando aos atletas condições para competirem em alto nível, não interferindo na rotina da população londrina e muito menos deixando impactos econômicos nacionais desfavoráveis. E, de outro, enfocou na missão e na responsabilidade do Brasil, sobretudo, a da cidade do Rio de Janeiro, em produzir um espetáculo olímpico igual ou melhor do que a cidade de Londres apresentou. As matérias da “Folha de S. Paulo” avançaram em torno da viabilidade e da visibilidade do evento brasileiro, já que o foco voltou para o Rio de Janeiro, antes mesmo dos Jogos de Londres-12 acabar.

Diante do novo conceito de espetáculo funcional, a cerimônia de abertura dos Jogos de Londres-12, que foi no Estádio Olímpico, apareceu, na matéria do dia 19 de julho de 2012 da “Folha de S. Paulo”, com uma redução de trinta minutos, justificada em face da preservação do descanso dos atletas, e orçada em 27 milhões de libras (aproximadamente, 86 milhões de reais), para mostrar, a um público estimado de 01 bilhão de pessoas, uma sociedade britânica em transição e contradição.

E, a cerimônia de encerramento foi descrita no dia 13 de agosto de 2012 na “Folha de S. Paulo” como uma festa original, animada e inovadora, com símbolos da cultura britânica para emocionar os 80 mil espectadores e os 900 milhões telespectadores, a qual mudou o protocolo de entrada dos países no Estádio Olímpico. Ao invés dos atletas ficarem separados por países, acompanharam a festa de encerramento juntos, mostrando que formavam uma só nação sob a bandeira

olímpica. Ou seja, a bandeira olímpica é o símbolo que une tudo e a todos.

A cerimônia de encerramento abarcou oito minutos de apresentação da futura cidade-sede, que misturou clichês da cultura brasileira, com uma pincelada moderna e antropológica. (FSP, Caderno Especial (Londres 2012), p. 14, 12-08-12). A partir dos nuances da cerimônia de abertura e de encerramento do espetáculo olímpico veiculados na “Folha de S. Paulo”, vale lembrar Debord (1997) quando assinala que o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna o seu símbolo. O espetáculo é um *show* alienante de um mundo real. É o meio de dominação do capital, que idolatra a invenção das pseudonecessidades, baseado na produção e no fetichismo das mercadorias, onde a vida humana encontra-se absolutamente submetida a uma forma-mercadoria, a uma visão de mundo.

No contexto do espetáculo planetário, destaca-se a olimpíada cultural, paralelamente organizada pelas cidades-sede, contemplando locutor-animador, *shows*, exposições, teatro, dança, ópera, canto, venda e troca de ‘pins’ (pequenos broches com distintivos, logotipos e marcas olímpicos), apostas olímpicas durante os Jogos, enfim, espaços e objetos para entreter, emocionar, seduzir as diferentes faixas etárias. À luz do que desenvolve Barthes (2003), o espetáculo olímpico com os mais diversos aparatos tecnológicos, sons, cores, imagens e objetos, constitui-se num ambiente propício para criar mitos. Em geral, escreve este autor, o mito atua mais pela emoção do que por processos racionais.

Destaca-se também os anéis olímpicos e a tocha olímpica como símbolos que representam o espetáculo olímpico, emanam poder e evocam sentimentos de unidade, de paz e de esperança planetária. A cada edição dos Jogos Olímpicos, como objetos míticos, são reinventados os modos de serem ovacionados. Nos Jogos de Atenas-04, por exemplo, a tocha olímpica percorreu países em instabilidade política, áreas em conflitos, a fim de fazer lembrar a paz, a trégua num mundo marcado pela guerra e por ataques terroristas. Nos Jogos de Pequim-08, a chegada da tocha olímpica foi marcada pelo sentimento de alegria e de entusiasmo dos chineses, expresso pela quantidade de bandeiras e de camisetas vermelhas nas ruas. E, nos Jogos de Londres-12, no percurso da tocha olímpica houve aglutinação de público para não somente vê-la, mas tocá-la. Todavia, a tocha, como objeto, mítico é intocável, protegido e vigiado por equipes que se revezam a cada turno. O acesso e o transporte da tocha são permitos aos capazes de prover a comoção

mundial, em que se destaca, o atleta olímpico.

A rendição ao espetáculo também pode ser vista pelo número e pelo valor de ingressos comercializados para o evento. Nesse sentido, a “Folha de S. Paulo” destacou o número de ingressos comercializados por modalidades nos Jogos de Atlanta-96, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 9: Número de ingressos comercializados por modalidades nos Jogos de Atlanta-96

<i>Modalidades</i>	<i>Vôlei</i>	<i>Hipismo</i>	<i>Tênis</i>	<i>Esportes Aquáticos</i>
<i>Número de Ingressos (mil)</i>	677,9	372	179,3	416

Fonte: “Folha de S. Paulo”

Com a venda de ingressos superior a cada edição dos Jogos Olímpicos, com exceção nos Jogos de Atenas-04, percebemos que os Comitês Organizadores apostaram em recursos que animassem e provocassem dinamismo e emoção ao público ao longo das partidas. Nos Jogos de Atlanta-96, por exemplo, contemplou *Dj's*, a fim de transformar as arenas, os ginásios e os estádios em pista de dança com os clássicos do *rock in roll*, o *disco music*, os ritmos latinos, os sucessos de clubes e o pop em geral. “O entusiasmo era tamanho que às vezes, o futebol olímpico parece coadjuvante da música. É como se os torcedores saíssem de casa para dançar e aproveitassem o tempo livre entre os hits para assistir a partida” (FSP, Caderno Especial (Atlanta-96), p. 12, 25-07-96).

Nesta direção, é importante evidenciar que os Jogos agregaram o conceito de entretenimento no seu espetáculo olímpico. Essa fórmula sensória prazerosa assentada na diversão, como assinala Gabler (2000), que busca, constantemente, relação com emoções já vividas através do uso de combinação de elementos, como: palavras, símbolos, técnicas ou histórias familiares, na tentativa de replicar, sinteticamente, experiências com as mesmas sensações a um maior número de pessoas possível.

Resultante do espetáculo de entretenimento planetário, altíssimas cifras para participar *in loco* e poucos lugares disponíveis, ou seja, elitização do público nos assentos e massificação das imagens televisionadas.

3) *Infraestrutura*

As matérias da “Folha de S. Paulo” recolhidas a respeito desta categoria totalizaram cento e trinta e uma (131), sendo trinta e quatro (34) dos Jogos Olímpicos em Pequim-08, vinte e sete (27) dos Jogos Olímpicos em Atenas-04, vinte e seis (26) dos Jogos Olímpicos em Atlanta-96, dezenove (19) dos Jogos Olímpicos em Sydney-00, dezoito (18) dos Jogos Olímpicos em Londres-12 e sete (07) dos Jogos Olímpicos em Barcelona-92. Essa distribuição das matérias pode ser melhor visualizada no quadro abaixo:

Quadro 10: Distribuição das matérias da categoria *Infraestrutura* por Jogos Olímpicos

<i>Jogos Olímpicos</i>	<i>Barcelona (1992)</i>	<i>Atlanta (1996)</i>	<i>Sydney (2000)</i>	<i>Atenas (2004)</i>	<i>Pequim (2008)</i>	<i>Londres (2012)</i>	<i>TOTAL</i>
<i>Número de Matérias</i>	07	26	19	27	34	18	131

Fonte: “Folha de S. Paulo”

No quantitativo das matérias pontuadas na categoria *Infraestrutura*, identificamos que a “Folha de S. Paulo” exhibe os fatos sob o pano de fundo da segurança, das obras alusivas a reurbanização da cidade-sede e das instalações esportivas.

A segurança, desde os assassinatos nos Jogos de Munique, em 1972, tem sido uma das preocupações do COI. Em todas as edições analisadas dos Jogos, apreendemos que a segurança foi acentuada, já que por ser um evento de alcance mundial, tanto em relação aos países participantes quanto ao público, possibilitam a divulgação de conflitos políticos, econômicos e culturais. Não obstante, o COI, constantemente, anuncia dados sobre o esquema de segurança nas mídias impressa, falada e televisiva, à medida que os Jogos dependem da imagem de um ambiente seguro para atrair o público ao país-sede, conseqüentemente, aos locais de competição. A respeito disso, Harvey (2006) diz que a cidade-sede dos megaeventos busca apresentar-se ao mundo como uma cidade global, ou seja, como uma cidade favorável e amigável aos negócios, como um lugar seguro para se

morar e visitar, para divertir-se e consumir.

Nesta direção, fica claro que os Comitês Organizadores estruturaram seus esquemas de segurança a partir das demandas das cidades-sede em controlar qualquer tipo de ação imprevista, por meio do uso de novas tecnologias de contenção, da verificação do público e do contingente elevado de agentes nacionais e internacionais, definido pela localização, pela trajetória econômica e política e pelas culturas abarcadas.

O quadro abaixo ilustra as altas cifras gasta com os sistemas de segurança e o número de pessoas envolvidas para prover a segurança:

Quadro 11: Despesas em segurança e número de seguranças envolvidos

<i>Jogos Olímpicos</i>	Barcelona (1992)	Atlanta (1996)	Sydney (2000)	Atenas (2004)	Pequim (2008)	Londres (2012)
<i>Despesas da segurança</i>	_____	70 milhões	_____	1,5 bilhões	_____	1,74 bilhões
<i>Números de seguranças</i>	18 mil	30 mil	12 mil	70 mil	284 mil	17 mil

Fonte: “Folha de S. Paulo”

Os dados destacam o volumoso esquema de segurança dos Jogos de Atlanta-96, o dos de Atenas-04 e o dos de Pequim-08, a fim de evitar e controlar possíveis ações extremistas que poderiam colocar em risco o andamento ou provocar o cancelamento dos Jogos.

Sobre o esquema de segurança dos Jogos de Atlanta-96, o primeiro financiado, exclusivamente, com recursos privados de patrocínios de empresas transnacionais, dos direitos televisivos e da venda de ingresso, a “Folha de S. Paulo” apontou que o Comitê Organizador (Acog), por entender que a cidade-sede teria altíssimas probabilidades de ser atacada, devido ao antiamericanismo, montou um esquema de segurança para os espaços olímpicos e seus arredores com mais de 30 mil agentes policiais, sensores, detectores de metais de alta sensibilidade instalados nas entradas dos espaços de competição, raios X, *chips* agregados nas credenciais, esquadrão antibombas, cercas de três metros de altura suscetíveis a toques leves

ao redor da Vila Olímpica e leitores da palma da mão.

Porém, as diversas medidas de precaução não foram suficientes para intimidarem as ações terroristas que, no início dos Jogos, colocaram em xeque o sistema de proteção de atletas, de dirigentes, de turistas e de moradores, aumentando o temor de novos atentados. O que impeliu ao Acog a reforçar o sistema de segurança, providenciando “peritos em terrorismo e explosivos de *Washington* para participarem da verificação dos espaços olímpicos, soldados das Forças Armadas para reforçar as patrulhas da cidade. E, um número de telefone para receber denúncias e informações” (FSP, Caderno Especial (Atlanta-96), p. 14, 28-07-96). Além disso, intensificou o sistema de segurança com periódicos “esvaziamento e vistorias temporários de ginásios e estádios e posicionamento de carros policial a cada 15 metros nas proximidades das competições” (FSP, Caderno Especial (Atlanta-96), p. 10, 29-07-96).

Os Jogos de Atenas-04 foram os primeiros após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 em Nova York e os de 11 de março de 2004 em Madri. A questão da segurança, portanto, foi elevada ao extremo. O Estado gastou 1,5 bilhão de dólares com câmeras, microfones, vigilância ostensiva de 70 mil policiais e militares, reforço de agentes de outros países e centro de inteligência. Burlou a lei e liberou a proteção armada americana para acompanhar o deslocamento dos seus atletas e de suas autoridades. Consultou a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) de Israel para buscar ações bem-sucedidas no combate ao terror de referência extremista. Grampeou os telefones fixos e móveis no período do evento. Instalou câmeras com alto poder de resolução, incluindo recurso infravermelho, portões com detectores de metais e de explosivos, equipamentos de raios-X, radares e rádios de comunicação. Espalhou 600 microfones e veículos exclusivos de segurança pelos principais pontos da cidade.

O megaesquema ainda contou com um departamento de segurança que agregou a polícia grega, a guarda costeira, o corpo de bombeiros, o serviço de inteligência, as Forças Armadas da Austrália, da França, dos EUA, da Alemanha, do Reino Unido, da Espanha e de Israel. (FSP, Caderno Especial (Anatomia do Esporte), p. 02, 01-08-04). Adequou espaço prisional especial para estrangeiros que cometessem irregularidades, enquanto os Jogos estivessem ocorrendo. Contudo, todas essas medidas do esquema de segurança, visto como o maior da história dos

Jogos, afetaram a privacidade do público local e dos atletas e afugentaram os turistas, em especial, os americanos, que desde os Jogos de Moscou-80 representavam o grupo mais numeroso de turistas presentes nos Jogos. Além disso, interferiram no projeto inicial, ou seja, no comprimento dos contornos de planejamento e de organização, explícitos no plano de candidatura, como o sistema de energia e de abastecimento de água, o programa ambiental e o projeto olímpico, que ficaram aquém das aspirações iniciais.

Nos Jogos de Pequim-08, o esquema de segurança foi estruturado pelo governo, além do COI, com 284 mil homens, entre militares e policiais (muitos deles, a paisana), aviões, helicópteros e navios. O Estado, ainda, fechou todas as pontes que ligavam a China à Coreia do Norte, na tentativa de impedir a entrada de norte-coreanos pela fronteira e de evitar opressão política. (FSP, Caderno de Esporte, p. 01, 22-07-08).

Em relação às obras alusivas a reurbanização da cidade-sede, a “Folha de S. Paulo” expõe que, desde os Jogos de Barcelona-92, os países-sedes, e, mais especificamente, as cidades-sedes têm usado os Jogos como catalisadores de mudanças estruturais, aproveitando as exigências globais do plano geral de organização do COI para suprir demandas locais adjacentes. Além de apostar nas diferentes formas de intervenções tanto públicas como privadas para se promoverem como cidades globais.

Nesse sentido, Preuss *apud* Poynter (2006) aponta que a reurbanização olímpica local tende refletir a natureza dinâmica das economias regionais e nacionais, como foi o caso da infraestrutura dos Jogos de Pequim-08, ou acelerar a relativa falta de dinamismo de suas economias, como nos Jogos de Barcelona-92, nos de Atlanta-96, nos de Sydney-00, nos de Atenas-04 e predito nos de Londres-12.

O quadro abaixo assinala o valor despendido com as obras de infraestrutura:

Quadro 12: Valor despendido com as obras de infraestrutura

Jogos Olímpicos	Barcelona (1992)	Atlanta (1996)	Sydney (2000)	Atenas (2004)	Pequim (2008)	Londres (2012)	Rio de Janeiro (2016)*
------------------------	-------------------------	-----------------------	----------------------	----------------------	----------------------	-----------------------	-------------------------------

Valor despendido	9,3 Milhões	02 Bilhões	1,2 bilhão	8,6 bilhões	40 bilhões	30 bilhões	33 Bilhões
-----------------------------	------------------------	-----------------------	-----------------------	------------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

Fonte: "Folha de S. Paulo"

* Estimativa do Comitê Organizador publicada pela "Folha de S. Paulo", valor já reajustado conforme a inflação.

Fica claro que a trajetória do urbanismo das cidades olímpicas em questão, caracteriza-se, como destaca o geógrafo Mascarenhas (2008, p. 199) "pelo crescente envolvimento com grandes empresas privadas, que fazem prevalecer seus interesses, promovendo um urbanismo de feição neoliberal", combinado com as ações governamentais (nacionais e locais).

As obras de infraestrutura dos Jogos de Barcelona-92 foram as primeiras a englobarem o conceito de "legado urbano", isto é, de usar os Jogos para alavancar o desenvolvimento urbano a partir das demandas imediatas da cidade. Com sucesso, os 9,3 milhões foram destinados à construção de rodovias, de túneis e de dois anéis viários para melhor a qualidade de vida dos barceloneses após os Jogos. (FSP, Caderno de Esporte, p. 06, 12-07-92). Ainda em relação aos legados, os Jogos devolveram o mar Mediterrâneo e revitalizaram uma antiga área degradada por conta da construção da Vila Olímpica.

A esse respeito, Moragas e Botella (2002), ao analisarem a estratégia logística dos Jogos de Barcelona-92, apontam que o grande acerto desses Jogos foi mover vontades e gerar recursos a serviço da cidade, e não o contrário, ou seja, foi planejar e canalizar os investimentos que respondiam à lógica da cidade, a serviço da cidade.

Mascarenhas (2008), ao reconhecer a importância e o papel dos megaeventos esportivos na projeção de reestruturação urbana, percebe que os Jogos de Barcelona-92 materializaram projetos urbanísticos de grande escala, redefinindo e constituindo um verdadeiro marco na evolução urbana. Também projetaram a imagem da cidade em todo o mundo. Todavia, alerta para as diversas críticas recebidas pela ênfase no espetáculo, na imagem e na monumentalidade, pelo aumento dos preços dos terrenos urbanos, pela articulação de interesses privados e pelas ações estratégicas do autoritarismo tecnocrático.

Nos Jogos de Atlanta-96, a infraestrutura da cidade olímpica inovadora e financiada pelo modelo de organização privado não foi tão retratado pela "Folha de

S. Paulo”, devido aos atentados e às falhas no sistema de transporte e de informática. Em compensação, nos Jogos de Sydney-00, a cidade-sede, o país-sede e o COI, por terem uma imagem de potencialidade a ser preservada e perpetuada ao mundo, divulgaram o exclusivo cartão de visita que seria o de Jogos ecologicamente corretos em relação às construções, incorporando valores atuais. O exemplo destaque foi a Vila Olímpica, que expressava o maior grau de sofisticação relacionada à preservação do meio ambiente, uma vez que era movida por energias renováveis, como a solar. No entanto, DaCosta (2002) adverte que a opção de construir instalações em locais em desuso ou ecologicamente degradados, na maioria das vezes, não advém de uma escolha ingênua por motivos ecológicos. Antes, de uma estratégia política, a fim de justificar os custos públicos elevados, na medida em que a recuperação parece compensar o gasto em longo prazo.

Em relação ao modelo de financiamento dos Jogos de Sydney-00 que, novamente, em grande medida, volta a ser financiados por recursos públicos para reduzir erros de organização e a corrupção de membros do COI. Proni (2008b) entende que esses consagraram uma fórmula realista: “o organizador paga a festa, mas não o local da festa”, em outras palavras, a iniciativa privada participa da produção do evento com a perspectiva de retorno financeiro, mas os Jogos Olímpicos continuam sendo financiados pelos governos nacionais, se quiserem impulsionar o turismo e difundir a imagem de cidade cosmopolita, voltada para o futuro.

Nos Jogos de Atenas-04, o conceito de obras sustentáveis retrocedeu pelas decisões do Estado, sobretudo, por causa do atraso na entrega das obras esportivas. O Estado deixou de lado o projeto inicial de construir instalações esportivas que seriam desmontadas e recicladas, em especial, a do parque Faliro. Disfarçou a realidade do descaso ambiental, plantando árvores e colocando placas de grama no entorno dos locais de provas, de acordo com a matéria do dia 05 de agosto de 2004. Além da ênfase no sistema de transporte terrestre e aéreo. A mais grave ação do Estado foi recorrer à força de trabalho estrangeira (recrutada no Oriente Médio e no Leste Europeu) para a construção das obras, isto é, explorando imigrantes trabalhadores da construção civil. Essa denúncia foi apresentada pelo Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil da Grécia e registrada na “Folha de S. Paulo” do dia 12 de agosto de 2004. Conforme o sindicato, 70% dos 11 mil

operários que materializaram o projeto olímpico eram imigrantes e receberam remuneração abaixo do permitido, sem hora-extra e proteção social, além de jornada de trabalho de 14 horas diárias.

Nos Jogos de Pequim-08, a “Folha de S. Paulo” enfatizou a mobilização da República Popular da China para produzir Jogos excepcionais, através da construção de projetos esportivos faraônicos (como o Ninho de Pássaro e o Cubo D'Água) e urbanos (como a ampliação das linhas de metrô), que reforçaria a imagem de sucesso do Estado chinês em nome do ideal olímpico por meio do impacto espacial incontestável.

Para Mascarenhas (2004b), as instalações esportivas além de se apresentarem frequentemente como paisagem durável e de ampla visibilidade, podem ainda constituir importante referência física e simbólica no interior do espaço urbano, o que não diferem de outros grandes objetos geográficos detentores de espaço com poder simbólico, como os *shoppings centers*.

O Estado atentou, cautelosamente, à qualidade da preparação, às condições dos locais de competição e aos detalhes operacionais. Investiu em um padrão de ouro, que custou 40 bilhões de dólares aos cofres públicos. Em cifras numéricas, as instalações esportivas custaram 3,2 bilhões de dólares; o transporte público e a urbanização receberam 24,2 bilhões de dólares; o projeto ambiental ganhou os 07 bilhões de dólares; entre outras. (FSP, Caderno de Esporte, p. 04, 05-09-04)

Entretanto, como a infraestrutura urbana precisava ter uma imagem espetacular, o preço maior foi pago pela classe trabalhadora de Pequim. Isto é, o Estado além de tentar esconder a parte miserável de Pequim, encobrindo as moradias minúsculas e paupérrimas que cercavam o circuito olímpico com muros cinza repletos de cartazes coloridos relativos aos Jogos, obrigou a saída da capital dos operários migrantes que trabalharam na construção das instalações esportivas olímpicas, como ilustrou a matéria da “Folha de S. Paulo” do dia 31 de julho de 2008.

A esse respeito, Uvinha (2009, p. 124), ao questionar-se se o desenvolvimento da China no campo comercial e econômico contribuiu para a melhoria das condições da população, apreende que não, pois ao ter os Jogos Olímpicos como pano de fundo ratifica que “a imagem de uma Olimpíada bem organizada e com o maior orçamento de todos os tempos contrasta com um país

que ainda reluta com índices de pobreza e desigualdade social”.

Sobre a construção da infraestrutura dos Jogos de Londres-12, a “Folha de S. Paulo” mostrou nas matérias que ao invés de esquemas de segurança e de transporte incommensuráveis e, obras faraônicas, o Comitê Organizador (Locog) aplicou esquemas ostensivos, aproveitando aparatos de combate militar; estruturou o plano de transporte, através do melhoramento das estações de trem e de metrô e, da operação da faixa olímpica de trânsito; utilizou estruturas já existentes, aperfeiçoadas com instalações provisórias; mostrou eficiência no cumprimento de prazos das obras e, principalmente, na contenção de gasto do dinheiro público. Depois do encerramento dos Jogos, investiu no conceito de herança sustentada para a cidade, como a transformação do Parque Olímpico em um parque público com espaços de lazer e, a Vila Olímpica, em novas moradias sociais.

Em outras palavras, a estratégia empregada pelo Locog foi a de revitalizar e de construir espaços com instalações provisórias e sustentáveis. Primeiro, para reduzir o excessivo uso do concreto nos Jogos, em contraposição às estruturas grandiosas apresentadas pelos Jogos de Pequim-08. Segundo, para serem reutilizados pela população e em outros eventos esportivos com dimensões menores, ou seja, para que as 61 instalações não esportivas e as 32 sedes de competições não se transformem em um elefante branco dos Jogos. Nesse sentido, a matéria do dia 16 de julho de 2012 da “Folha de S. Paulo” expõe que “as instalações, ou pelo menos parte delas, surgem como as de grandes *shows* de música, montadas e desmontadas em até uma semana”.

Diante do exposto, concordamos com Mascarenhas (2004b) quando associa o urbanismo olímpico vigente acerca da emergência da cidade-empresa no contexto de afirmação do neoliberalismo, pois firmam a concorrência interurbana. Entendendo que os Jogos Olímpicos e seu impacto nas cidades-sedes refletem, em grande medida, as principais transformações das macroestruturas sociais. Mantendo, todavia, sua especificidade local e global.

4) Nacionalismo

As matérias da “Folha de S. Paulo” recolhidas a respeito desta categoria totalizaram cento e dezoito (118), sendo trinta e duas (32) dos Jogos Olímpicos em

Londres-12, trinta e uma (31) dos Jogos Olímpicos em Pequim-08, dezessete (17) dos Jogos Olímpicos em Sydney-00, quatorze (14) dos Jogos Olímpicos em Barcelona-92, doze (12) dos Jogos Olímpicos em Atlanta-96 e doze (12) dos Jogos Olímpicos em Atenas-04. Essa distribuição das matérias pode ser melhor visualizada no quadro abaixo:

Quadro 13: Distribuição das matérias da categoria **Nacionalismo** por Jogos Olímpicos

Jogos Olímpicos	Barcelona (1992)	Atlanta (1996)	Sydney (2000)	Atenas (2004)	Pequim (2008)	Londres (2012)	TOTAL
Número de Matérias	14	12	17	12	31	32	118

Fonte: “Folha de S. Paulo”

Esta categoria aborda como o nacionalismo foi tratado e mobilizado pelos estados, especialmente, a partir do voluntariado, do valor de uma medalha e da atuação do país-sede no quadro de medalhas. Os Jogos Olímpicos ao visibilizarem mundialmente a bandeira nacional no pódio induzem ao patriotismo, dominam o teor das conversas cotidianas e estampam os heróis nacionais nas capas de jornais e de revistas e na televisão. Evidenciando, portanto, a hegemonia econômica e política dos Estados nacionais no momento que se tornam potência olímpica.

O voluntariado é uma das estratégias dos Estados nacionais para aclamar a identidade patriótica nos Jogos Olímpicos, pois o envolvimento dos moradores locais demonstra o sentimento de ufanismo pela nação e do espírito olímpico. Nessa direção, a “Folha de S. Paulo” destaca que nos Jogos de Barcelona-92, nos de Atlanta-96 e nos de Pequim-08, a ação dos voluntários foi definidora para alcançar o formato espetacular. Conforme a “Folha de S. Paulo” do dia 09 de agosto de 1992, o andamento dos Jogos de Barcelona-92 contaram com o apoio de 102 mil voluntários, ou seja, com a convivência de 1,7% da população de toda Catalunha, que trabalhou gratuitamente para mostrar ao mundo a capacidade da cidade de Barcelona em realizar com sucesso o megaevento.

Os voluntários desempenham inúmeras funções, no caso dos Jogos de Atlanta-96, recebiam os bilhetes nas entradas dos ginásios e dos estádios,

posicionavam o público nos setores corretos de localização dos assentos, dirigiam o transporte coletivo, informavam os fatos à imprensa, orientavam o público, marcavam os pontos de passagem de um evento a outro, entre outras, sem receber salários e preparação. (FSP, Caderno de Esporte, p. 09, 11-08-96).

No que tange ao discurso de exaltação do nacionalismo via voluntariado, Taffarel (2012), na crônica “Jogos Olímpicos: exploração via trabalho voluntário”²⁴, ao acompanhar o chamado de lançamento do processo seletivo de voluntários jovens para os megaeventos no Brasil, afirma ser o voluntariado mais uma violenta forma de exploração dos trabalhadores, uma vez que as grandes empresas, como as patrocinadoras, obtêm lucros estrondosos a custa da evocação do sentimento de nacionalismo.

A evocação do sentimento nacionalista também pode ser visto, a partir dos Jogos de Atlanta-96, nas exposições das altas cifras envolvidas na relação nação-patriotismo, sendo o atleta o grande portador/ator, via oferta financeira oferecida pelos comitês olímpicos para a conquista de medalhas de ouro. De um lado, tal prática simbolizava uma política do governo de incentivo ao esporte olímpico. De outro, estimulam a vitória através da premiação para que permaneçam no topo, como é o caso dos EUA e da China. Os dados abaixo demonstram os valores ofertados pelo ouro olímpico:

Quadro 14: Valor ofertado ao ouro olímpico

Jogos Olímpicos	Atlanta (1996)	Sydney (2000)	Atenas (2004)	Pequim (2008)	Londres (2012)
Países					
Israel	166mil	_____	_____	_____	_____
Coréia do Sul	800 ¹	_____	_____	_____	600mil
China	_____	100mil	_____	250mil	100mil
Espanha	80 mil	_____	_____	_____	230mil

²⁴ Fonte disponível em: <http://www.rascunhodigital.faced.ufba.br/ver.php?idtexto=917>. Acesso no dia 24 de outubro de 2012.

França	50 mil	_____	_____	60mil
EUA	15mil	_____	_____	50mil
Itália	_____	_____	_____	350mil
Azerbaijão	_____	_____	_____	1,5milhão
Cingapura	_____	_____	_____	1,6milhão
Cazaquistão	_____	_____	_____	250mil

Fonte: “Folha de S. Paulo”

¹ Valor pago até o atleta falecer.

No Brasil, o reconhecimento pela medalha de ouro só foi anunciado para os Jogos de Pequim-08, mas a estimativa do prêmio aos atletas ficaria a cargo de cada confederação. Pois, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) deixava claro que todos os recursos eram destinados à preparação dos competidores e, o Estado alegava que premiar atleta individualmente não era sua atribuição.

Porém, os dados evidenciam que os valores aumentaram ao longo das edições dos Jogos. Nos Jogos de Pequim-08, o bônus variava de zero a 50 mil reais, conforme a “Folha de S. Paulo” do dia 10 de setembro de 2008. Já nos Jogos de Londres-12 a medalha de ouro no Brasil custaria entre 50 a 100 mil reais.

Portanto, nos Jogos Olímpicos a medalha de ouro vale muito mais que o peso do ouro, tem o peso simbólico, político, hegemônico. Não vale quanto pesa, são diferentes os valores atribuídos à medalha de ouro, dependente da modalidade esportiva.

Outra estratégia recorrente para evocação do sentimento nacionalista está na atuação do país-sede de transformar os Jogos em um sucesso ou um fracasso. A referência de sucesso está em atingir o topo no quadro de medalhas, instigando o orgulho nacional. As matérias da “Folha de S. Paulo” apontaram algumas estratégias que os países-sede (em especial, a Austrália, a China e o Brasil) utilizam para se erigirem como potência olímpica.

A Austrália, como país-sede dos Jogos de Sydney-00, buscava “uma

capitalização turística e econômica por meio dos Jogos, capaz de integrá-la a outros grandes centros do mundo e se tornar mais conhecida e atrativa e se livrar do estigma ‘fim do mundo’” (FSP, Caderno Especial (Folha Sydney 2000), p. 06, 13-09-00). Investiu quase 300 milhões de dólares na preparação dos seus atletas, perdendo apenas para os EUA, cujos gastos ficaram na casa dos 380 milhões de dólares, valor semelhante ao gasto para os Jogos de Atlanta-96. Premiou os atletas medalhistas de ouro com 8,5 mil dólares. Todo o investimento da Austrália gerou bons resultados olímpicos, ou melhor, uma significativa evolução no quadro de medalhas, o que fez dos Jogos um sucesso. Na medida em que despertou o sentimento ufanista do público local, enfatizado pelas redes de televisão locais, que exibiram apenas competições com a participação dos atletas locais, pelos jornais e pelas revistas, que trataram os demais atletas como adversários, às vezes até como inimigos e, normalmente, com desprezo. (FSP, Caderno Especial (Folha Sydney 2000), p. 06, 30-09-00)

A China, desde a sua ascensão nos Jogos de Barcelona-92, tinha um objetivo bem claro, o de ser o primeiro país no quadro de medalha para mostrar-se como uma potência em condições de disputar a liderança dos Jogos com os EUA. Para isso contou com o cenário político favorável, ou seja, o fim da URSS e da Alemanha Oriental, que, conseqüentemente, também decaíram como potências olímpicas. E, além disso, com investimento pesado do Estado chinês no esporte, com destaque às atletas femininas e às modalidades populares da Ásia, incluídas no programa dos Jogos por Samaranch, como: badminton, softbol, tênis de mesa e taekwondo, o que passou a ter grande peso na colocação do país no quadro de medalhas.

Nos Jogos de Pequim-08, a China, como país-sede, aflorou o orgulho de ser chinês e mudou o mapa dos pódios olímpicos. O país elaborou planejamentos específicos focando na conquista de cada medalha em jogo. Apostou numa grande quantidade de atletas em esportes "menos nobres", como saltos ornamentais, tênis de mesa e levantamento de peso, em detrimento das modalidades coletivas. A “Folha de S. Paulo” do dia 26 de julho de 2008, mostrou que a delegação do país anfitrião foi composta por 639 atletas, 43 a mais do que a dos EUA, aumentando 50% da delegação em relação à dos Jogos de Atenas-04. Desse modo, estava travada a disputa entre os EUA, a maior potência esportiva do planeta com suas

superestrelas, e a China, o país obsessivo pelo ouro com sua equipe superpopulosa, mas com a vantagem de competir em casa. Nesse duelo a China foi vitoriosa²⁵.

Dentre os emergentes que ganharam destaque na “Folha de S. Paulo” estava o Brasil, que, como o país-sede dos Jogos do Rio-16, começou a investir na sua atuação, a partir dos Jogos de Atenas-04, quando voltou ao G-20 das posições de medalhas olímpicas, com uma delegação de “246 atletas, 2,23% da soma de esportistas credenciados nos Jogos. A maior participação percentual do país, desde Los Angeles-84 (58 membros, 4,35% do total)” (FSP, Caderno Especial (Atenas 2004), p. 01, 11-08-04). Isso foi possível porque o esporte brasileiro recebeu aporte de recursos públicos de proporções inéditas, mais especificamente, da Lei Agnello/Piva²⁶, uma das estratégias de arrecadação financeira, constantemente atualizada, desde o governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva (2003-2010), para posicionar o Brasil entre os 10 mais, refletindo as pretensões e os interesses da economia no esporte, conforme apontará a categoria ***Investimentos Econômicos***.

Porém, percebemos, a partir da “Folha de S. Paulo”, que apesar do aumento do gasto estatal a cada ciclo olímpico, o Brasil ainda não atingiu a projeção almejada, primeiramente pelo governo do Luis Inácio Lula da Silva e, em seguida, pelo da Dilma Rousseff em relação ao número de medalhas de ouro. As estratégias do COB para o Rio-16 estão no aumento de investimentos em “esportes individuais para tentar ampliar o leque de modalidades que dão medalhas, como canoagem, ciclismo BMX, boxe, ginástica, golfe, rúgbi e hóquei sobre a grama”, conforme

²⁵ Segundo a interpretação da “Folha de S. Paulo”, além do investimento no esporte para divulgar-se como potência olímpica ao mundo, o governo chinês, incentivou os habitantes de Pequim a serem hospitaleiros com os turistas, os privou de diversões e dos seus tradicionais passeios de pijama através das 36 regras sobre roupas e cortes de cabelo adequados aos habitantes contidas nos 04 milhões de exemplares do manual de etiqueta e repreendeu os críticos do sistema com a criação de um campo de “reeducação”. Diante de tantas proibições e direcionamentos, eclodiam manifestos internacionais contra o governo, só que como “a maioria da população via no sucesso dos Jogos uma chance de apresentar ao mundo a “cara e o espírito” verdadeiros da China moderna e, assim, “limpar-se da humilhação” de centenas de anos” (FSP, Caderno Especial (Pequim 2008), p. 02, 10-08-08). Os protestos surtiram um efeito contrário, ao invés de conscientizar o povo para luta, reforçou a unidade do povo e despertou um sentimento de patriotismo, fortaleceram ainda mais o governo comunista. Logo, os Jogos de Pequim-08 além de representarem a questão esportiva, cultural e de ordem econômica, carregaram ainda uma significativa conotação histórica e política.

²⁶ Sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, em 16 de julho de 2001, para destinar 2% da arrecadação bruta das loterias federais do país em favor do COB e do CPB. Dos 85% dos recursos recebidos, o COB investe obrigatoriamente por lei 10% no Esporte Escolar e 5% no Esporte Universitário, e o restante é aplicado nos programas das Confederações e do COB. Fonte: <http://www.cob.org.br/comite-olimpico-brasileiro/lei-agnello-piva>. Acesso em 10 de dezembro de 2012.

evidenciado pela matéria da “Folha de S. Paulo” do dia 13 de agosto de 2012, de título “COB mira esportes individuais para ter mais pódios no Rio”.

5) *Midiatização*

As matérias da “Folha de S. Paulo” recolhidas a respeito desta categoria totalizaram cinquenta e sete (57), sendo dezessete (17) dos Jogos Olímpicos em Sydney-00, quatorze (14) dos Jogos Olímpicos em Londres-12, oito (08) dos Jogos Olímpicos em Pequim-08, sete (07) dos Jogos Olímpicos em Barcelona-92, sete (07) dos Jogos Olímpicos em Atlanta-96 e quatro (04) dos Jogos Olímpicos em Atenas-04. Essa distribuição das matérias pode ser melhor visualizada no quadro abaixo:

Quadro 15: Distribuição das matérias da categoria *Midiatização* por Jogos Olímpicos

<i>Jogos Olímpicos</i>	<i>Barcelona (1992)</i>	<i>Atlanta (1996)</i>	<i>Sydney (2000)</i>	<i>Atenas (2004)</i>	<i>Pequim (2008)</i>	<i>Londres (2012)</i>	<i>TOTAL</i>
<i>Número de Matérias</i>	07	07	17	04	08	14	57

Fonte: “Folha de S. Paulo”

Esta categoria apresenta as adaptações das diferentes mídias à transmissão dos Jogos Olímpicos como um fantástico espetáculo de entretenimento a um maior número de telespectadores, na medida em que pagam altas cifras pelos direitos de retransmissão das imagens ao COI, em especial, a NBC, a rede de televisão norte-americana detentora dos direitos de retransmissão, como demonstra o quadro abaixo:

Quadro 16: Número de Telespectadores e valor pago pela NBC aos direitos de retransmissão

<i>Jogos Olímpicos</i>	<i>Barcelona (1992)</i>	<i>Atlanta (1996)</i>	<i>Sydney (2000)</i>	<i>Atenas (2004)</i>	<i>Pequim (2008)</i>	<i>Londres (2012)</i>
<i>Número de Telespectadores (bilhões)</i>	3,5	3,5	3,7	3,9	4,4	4,8

**Valor pago pela NBC aos
direitos de Transmissão**

**456
milhões**

**715
milhões**

**3,7
Bilhões**

**894
milhões**

Fonte: “Folha de S. Paulo”

Nos Jogos de Barcelona-92, de acordo com a “Folha de S. Paulo”, a Rádio e Televisão Olímpica (RTO’92), responsável pela produção das imagens a serem repassadas ao mundo, investiu em melhorias da produção e da seleção das imagens olímpicas com a utilização de câmeras que aproximavam o telespectador ao atleta; na aceleração da divulgação dos resultados; e na ampliação da cobertura, em busca de um sistema de transmissão de imagens em alta tecnologia. Uma vez que, segundo Altuve (2005), atualmente, o esporte, por conseguinte, os Jogos Olímpicos, assumem-se como um dos quatro grandes negócios mundiais mais rentáveis, ao lado da computação, do petróleo e dos veículos.

Para dar conta de toda estrutura olímpica, a RTO’92 colocou 3.100 funcionários em ação, 50 unidades móveis, 410 câmeras fixas, 36 câmeras especiais e 07 câmeras robôs, que, basicamente, representavam “a mais alta tecnologia em imagens e os computadores de última geração” (FSP, Caderno Especial (Barcelona-92), p. 02, 19-07-92), no processo de transformação dos Jogos em um espetáculo digital. Mesmo assim, descompassos irreparáveis foram detectados, devido aos vários enganos nas imagens, ou seja, “os computadores instalados nas provas deram e tiraram vitórias aos atletas a partir de falhas em seu funcionamento”. Apontando para o fato de que o uso da tecnologia de comunicação ainda não garantia uma transmissão espetacular dos Jogos Olímpicos, como consta na “Folha de S. Paulo” publicada no dia 06 de agosto de 1992.

Após a transmissão dos Jogos de Barcelona-92, os Jogos foram produzidos pelo COI e percebidos pelas redes de televisão como um espetáculo a ser televisionado. Desse modo, os Jogos de Atlanta-96 foram apropriados pelas redes de televisão como uma âncora para atrair audiência, o que fez com essas aumentassem a sua cobertura para 3.000 horas de transmissão ao vivo, fizessem substituições na programação habitual e pressionassem pela presença de alguns atletas em provas para alcançar a tão desejada audiência final de 3,5 de telespectadores no mundo.

Nesse sentido, a “Folha de S. Paulo” pontuou como as redes de televisão,

em especial, as brasileiras, estruturaram suas programações para fazer dos Jogos um *show business*. As redes de televisão brasileiras optaram por priorizar os esportes coletivos, já que de apelo popular, sustentam a permanência do público na frente da TV, com *flashes* nos intervalos e nas pausas das partidas das demais modalidades. Como mostrou a matéria da “Folha de S. Paulo” do dia 18 de julho de 1996:

a Bandeirantes, a Record e a Manchete dedicaram 12 horas da sua programação para a transmissão dos Jogos, incluindo até partidas sem a presença das equipes brasileiras. A Globo e a SBT destinaram 05 horas para destacarem os jogos das equipes nacionais, preservando suas novelas e os programas fixos. E, a ESPN Brasil e *SporTV* voltaram-se 24 horas aos Jogos com *videotapes*, documentários e *flashes* ao vivo dos esportes com chances de pódio brasileiro.

Diante dessa sobreposição, nos apoiamos em Bourdieu (1997) por entender o esporte-espetáculo como uma construção social em dois níveis, o da produção do evento e de performances esportivas propriamente ditas, e o da reprodução do espetáculo em imagens e em discursos, que é feita pela mídia, em especial, e com grande destaque, pelas redes de televisão. Desse modo, o importante, para nós, é que a produção dos Jogos Olímpicos como espetáculo de entretenimento além de ser determinada pelo COI e pelos patrocinadores também é controlada pelas diferentes mídias.

Já nos Jogos de Sydney-00 outro meio de comunicação se destaca, os meios digitais em larga expansão mundialmente. A “Folha de S. Paulo” evidenciou o uso da internet como alternativa de cobertura, sinalizando que as mídias, em especial, a televisiva e a imprensa foram obrigadas a se adequarem ao evento devido à diferença no fuso horário, caso contrário não envolveriam o público estimado. Pela cidade de Sydney estar localizada em um dos extremos do planeta, esse apresentava uma diferença de 14 horas em relação ao fuso horário dos EUA, localização da *National Broadcasting Company* (NBC), detentora dos direitos de transmissão de imagens ao mundo, o que inviabilizaria a cobertura olímpica nos aspectos comerciais. Payne (2006) aborda que a concentração dos direitos norte-americanos para os Jogos de Verão costumavam totalizar aproximadamente 85% da receita global de transmissão até os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996. Consequentemente, os EUA destacam-se na comercialização dos Jogos Olímpicos como uma proposta de entretenimento, enraizada nos sentimentos que o esporte evoca nas pessoas.

É importante expor que foi no fim da década de 1990 e início do ano 2000

que muitos *sites* esportivos passaram a ser desenvolvidos por editoras, empresas jornalísticas e entidades de esporte, os quais disponibilizavam dados estatísticos, tabelas, informes de eventos e históricos, a fim de complementar o noticiário dos jornais e das revistas especializados, como deixa claro o Dicionário Enciclopédico Tubino de Esporte (2007). De tal modo, a alternativa foi a veiculação via internet (que, nos Jogos de Atlanta-96, já havia entrado em funcionamento em menor escala), contribuindo para ampliar a concorrência entre as mídias falada, impressa e televisiva .

Isso pode ser observado na citação da matéria da “Folha de S. Paulo” do dia 20 de setembro de 2000, com o título de “TV empurra internet a goela abaixo dos EUA”:

Com a decisão da NBC de abolir as transmissões ao vivo pela TV, os norte-americanos ligados nos Jogos estão sendo obrigados a acompanharem o desempenho de seus atletas pela internet. Já que a NBC ampliou seus investimentos na internet e convocou 335 profissionais a mais do que os fizeram a cobertura em Atlanta.

A cobertura e a divulgação olímpica via rede mundial de computadores não se furtou de problemas como atrasos na postagem de textos e de imagens nos *sites*, devido aos problemas técnicos, levando o público a acompanhar os Jogos pelas redes de televisão, aos quais, na concorrência comercial, também ampliaram e aperfeiçoaram a transmissão por meio da instalação de câmeras nos estádios, nos ginásios, nas piscinas e nas pistas para captarem detalhes da expressão do rosto dos atletas, o exato momento de um bloqueio ou o minuto em que o nadador coloca a cabeça fora da água. (FSP, Caderno Especial (Folha Sydney 2000), p. 10, 19-09-00)

Se nos últimos Jogos, a midiatização tinha mudado a dimensão, o alcance e o uso de inovações tecnológicas em favor do evento, nos Jogos de Pequim-08 a cobertura jornalística da “Folha de S. Paulo” deteve-se em estabelecer críticas às determinações do Partido Comunista Chinês com relação à cobertura dos Jogos. Nesse sentido, não foi possível identificar os direcionamentos e os investimentos tecnológicos na cobertura, mas, claramente, o jogo de forças que formam redes de diálogos, de interesses, de interferências, de recuos e de interdependências, entre a política e a economia.

E, por fim, a “Folha de S. Paulo” retratou a midiatização dos Jogos de Londres-12 sob o avanço na transmissão *online*, mas também enfatizou a

preponderância da TV, que ao longo das edições tem inovado na transmissão das imagens com o uso de alta tecnologia de comunicação, nesse caso experimentou a transmissão ao vivo em 3D. Anunciando os Jogos de Londres-12 como o primeiro evento com alcance global, devido às redes sociais e, o mais visto na televisão, principalmente, no mercado norte-americano. Corroborando com a interpretação de Bourdieu (1997, p. 124) de que o espetáculo produzido pelas diferentes mídias está sendo “concebido de maneira a atingir e prender o mais duradouramente possível o público mais amplo possível”.

A transmissão em tempo real na internet, *streaming*, dos Jogos de Londres-12, mais pessoas puderam acompanhar ao vivo mais modalidades, mais atletas, por mais tempo e por mais meios de divulgação, dentre eles, destacam-se, a interatividade nas redes sociais, via *Facebook* e *Twitter*, que também admitiu contemplar, comentar, registrar e compartilhar coletivamente mais informações e imagens dos Jogos, e, supostamente, mais aproximação e participação no espetáculo de entretenimento planetário.

Cabe assinalar que a televisão não perdeu importância na cobertura. Apesar da disparidade entre a velocidade de difusão de informações e de imagens da mídia eletrônica e digital, a NBC registrou a melhor marca de audiência da história da televisão norte-americana e a *British Broadcasting Corporation* (BBC) o maior número de telespectadores, mostrando que o *big business* dos Jogos Olímpicos ainda está na cobertura televisiva. O fato dos Jogos de Londres-12 ser o evento mais visto pode ser comprovado a partir dos dados alocados pela “Folha de S. Paulo” do dia 15 de agosto de 2012:

219,4 milhões de pessoas acompanharam as disputas mais do que as 215 milhões registradas nos Jogos de Pequim-08. A cerimônia de abertura teve audiência de 40,7 milhões de espectadores contra 35 milhões de Pequim-2008 e a de encerramento teve média de 31 milhões de espectadores. A BBC, emissora estatal do país-sede, apontou 51,9 milhões de pessoas ou algo como 90% da população acompanharam os Jogos por pelo menos 15 minutos.

Os índices de audiência demonstram que a televisão é a maior mídia divulgadora dos Jogos Olímpicos. As redes de televisão não pararam de investir em tecnologias de comunicação mais avançadas, nos Jogos de Londres-12 experimentaram a transmissão ao vivo em 3D. Foram “só 4% das 5.600 horas de imagens feitas em três dimensões, em esportes como natação, atletismo e ginástica e nas cerimônias de abertura e encerramento” (FSP, Caderno de Esporte, p. 07, 15-

07-12). Há que se dizer, como discute Marin (2006a, p. 61), que no âmbito das mídias em geral, a televisão assume a centralidade, dado seu "poder econômico, de usos e de produção de sentidos no cotidiano das sociedades contemporâneas. Trata-se de um meio de comunicação de entretenimento, informação e publicidade presente no dia-a-dia de indivíduos e coletividades em todo o mundo".

6) *Marketing Olímpico*

As matérias da “Folha de S. Paulo” recolhidas a respeito desta categoria totalizaram quarenta e nove (49), sendo dezessete (17) dos Jogos Olímpicos em Sydney-00, quinze (15) dos Jogos Olímpicos em Atlanta-96, seis (06) dos Jogos Olímpicos em Atenas-04, cinco (05) dos Jogos Olímpicos em Pequim-08, três (03) dos Jogos Olímpicos em Barcelona-92 e três (03) dos Jogos Olímpicos em Londres-12. Essa distribuição das matérias pode ser melhor visualizada no quadro abaixo:

Quadro 17: Distribuição das matérias da categoria *Marketing Olímpico* por Jogos Olímpicos

<i>Jogos Olímpicos</i>	<i>Barcelona (1992)</i>	<i>Atlanta (1996)</i>	<i>Sydney (2000)</i>	<i>Atenas (2004)</i>	<i>Pequim (2008)</i>	<i>Londres (2012)</i>	<i>TOTAL</i>
<i>Número de Matérias</i>	03	15	17	06	05	03	49

Fonte: “Folha de S. Paulo”

Mascarenhas (2012, p. 47) explicita que foi “a evolução do *marketing* esportivo que transformou os Jogos num megaevento empresarial, um empreendimento efêmero, mas enormemente lucrativo e totalmente inserido na economia política global”. Entretanto, o COI estipula diversas restrições publicitárias e cobra milhões de dólares às grandes corporações transnacionais interessadas em participar do programa de *marketing* olímpico por meio da associação com a marca olímpica.

Como o COI menciona, constantemente, o *marketing* olímpico, uma vez que é um dos financiadores da logística organizacional dos Jogos. A “Folha de S. Paulo” não fez referência a tal, ou seja, aos patrocinadores oficiais, mas, sim às estratégias

utilizadas por outras empresas, que não eram patrocinadores dos Jogos, para divulgar e capitalizar seus produtos na maior competição esportiva vista pelo planeta. Vejamos alguns exemplos que ocorreram: investimento no apoio aos comitês e às confederações, aposta na distribuição de brindes aos jornalistas e à torcida, infiltração de propaganda nas arquibancadas e acentuação na veiculação aos atletas.

Nos Jogos de Barcelona-92, a “Folha de S. Paulo” enfatizou o uso do evento como estratégia de propaganda pelas empresas estatais brasileiras, porém, de forma irregular às regras e ao padrão rigoroso do programa de *marketing* olímpico. Dentre as ações estavam: a distribuição de camisetas e de bonés com o logotipo do Banco do Brasil e da Telebrás à torcida, pois essa era um dos focos das mídias, principalmente, das redes de televisão.

Nos Jogos de Atlanta-96, a “Folha de S. Paulo” pontuou a disputa de estratégias alternativas de *marketing*, onde as empresas de materiais esportivos lideraram, uma vez que o COI permite que *logo* do fabricante da roupa esteja estampado nos uniformes, por meio do apoio aos comitês olímpicos nacionais, conforme demonstra o quadro abaixo:

Quadro 18: Número de comitês nacionais patrocinados pelas marcas esportivas nos Jogos de Atlanta-96

<i>Marcas Esportivas</i>	<i>Reebok</i>	<i>Nike</i>	<i>Mizuno</i>	<i>Adidas</i>
<i>Número de Comitês Nacionais</i>	49	44	35	33

Fonte: “Folha de S. Paulo”

Tais dados demonstram que quanto mais comitês nacionais as empresas esportivas associarem suas marcas, mais a marca irá aparecer nas diferentes mídias, sobretudo, na TV, através dos uniformes dos países. O que aumentará a comercialização de produtos, ainda mais se os campeões vestem-na. Logo, essa é vitrine perfeita.

No entanto, nos Jogos de Sydney-00, a “Folha de S. Paulo” apontou que tanto na associação aos comitês nacionais quanto na estratégia de propaganda

irregular prevaleceram à preponderância do econômico. Na primeira, notamos que muitos atletas optaram à favor da imagem dos seus patrocinadores pessoais em detrimento do patrocinador do comitê olímpico nacional. E, na segunda, identificamos que o COI adotou ações de controle à propaganda irregular em camisetas, bonés, faixas e bandanas nos locais de competição para impedir qualquer tipo de propaganda que confrontasse os interesses dos seus 11 patrocinadores oficiais, tais como, *Coca-Cola*, *IBM* e *Visa*, que pagaram 2,6 bilhões de dólares para associarem a marca olímpica as suas empresas.

A respeito da marca olímpica, Payne (2006) esclarece que desde o momento em que o COI, na pessoa do presidente Juan Samarnach, tratou de centralizar a comercialização dos Jogos em nome de todos os comitês nacionais sob o programa de *marketing* olímpico, os valores dos contratos assinados cresceram em progressão geométrica, uma vez que o preço cobrado é assombroso. E, converteram os famosos cinco anéis de Coubertin numa marca mundialmente mercantilizada por altíssimas cifras estipuladas pelo COI. Considerando que esse autor teve um grande envolvimento com o COI, atuando na área de *marketing*, seu discurso exige cuidadosa incorporação.

Desse modo, a alternativa de *marketing* de diversas empresas nos Jogos de Atenas-04, sem a necessidade de gastos estrondosos para ter o direito de uso da marca olímpica, foi a de aderir como estratégia empresarial à veiculação dos seus *logos* aos atletas, pois cada medalha conquistada por um atleta patrocinado pela empresa representaria uma nova chance de expandir a visibilidade da marca e gerar mais vendas globais, a médio e longo prazo. Tendo-o como garoto-propaganda.

Nesse sentido, a matéria da “Folha de S. Paulo” do dia 14 de julho de 2004, destacou o exemplo dos atletas brasileiro, onde mais da metade recebiam patrocínio pessoal de empresas estatais. Diante do alto investimento em patrocínio, cada empresa apresenta uma estratégia de anúncios nas diferentes mídias para reembolsá-lo, como por exemplo, o “BB que gastou 9,5 milhões de reais Brilha Brasil, ambicioso projeto, que englobava desde o uso de símbolos olímpicos para a venda de produtos nas agências até filmes na TV”.

Segundo Melo Neto (2000), as empresas estão destinando cada vez mais investimentos ao esporte e, conseqüentemente, ao atleta, porque, além dele estar associado a uma prática saudável, está presente nos momentos de lazer e

relaxamento das pessoas, envolvendo paixões e emoções de um grande mercado.

Nos Jogos de Pequim-08, as empresas, que buscavam estratégias alternativas ao programa de *marketing* olímpico, estabeleceram de vez o atleta como o mais rentável meio e a mais difusa mensagem de *marketing*, ou seja, o único com capacidade de mostrar marcas em TVs, jornais e *sites*, além de associar as empresas à mensagem de saúde e de ação e avalizar o produto junto ao consumidor. Os atletas Michael Phelps e Maurren Maggi foram os destacados pela “Folha de S. Paulo”. Phelps, ao se propor superar o número de sete ouros em uma única edição dos Jogos, marca atingida pelo compatriota Mark Spitz, monopolizou as atenções das diferentes mídias na competição e fora dela, e ao conseguir a sua meta tornou-se o garoto de ouro aos olhos de seu patrocinador. E, Maurren Maggi, após ganhar o ouro olímpico, enfrentou a maratona em programas de TV, desfile e carreatas no Brasil com o *logo* do seu patrocinador pessoal na roupa.

A partir dessa referência, é possível definir o atleta olímpico como um anúncio ambulante e impactante das marcas e dos produtos de diversas empresas, o qual se dissipa pela imagem heroica, composta pelas *performances* olímpicas. Um tipo de mercadoria capaz de atrair e comover um grande público, sendo, rapidamente, vendida ao mundo.

E, nos Jogos de Londres-12, a “Folha de S. Paulo” centrou a questão do *marketing* olímpico na densidade de informações ambíguas sobre o uso comercial da imagem dos Jogos e dos patrocinadores dos atletas olímpicos com o que divulgam o Comitê Organizador (Locog) e o COI, por meio de seus discursos conservadores.

O Locog apresentou os Jogos de Londres-12 sob a imagem dos mais sustentáveis da história, já que tinha transformado uma área degradada em Parque Olímpico envolvido por verde. Só que a matéria da “Folha de S. Paulo” do dia 01 de julho de 2012 contesta o uso abusivo da propaganda ambiental, mostrando a aliança firmada entre o Locog e alguns patrocinadores responsáveis por desastres ambientais ao executarem seus negócios como: Dow, BP e Rio Tinto. Todas aparentam ser empresa cidadã ao patrocinarem Jogos na teoria sustentáveis.

O COI na regra 40 da Carta Olímpica proíbe as atividades de propagandas durante os Jogos Olímpicos. Porém, a matéria da “Folha de S. Paulo” do dia 09 de agosto de 2012, com o título de “Regras do COI para patrocínios pessoais provocam

dúvida”, explicitou o discurso do COI, quando questionado sobre o que seria infringir a regra 40: “não ferir o regulamento é importante para o financiamento dos Jogos, feito por seus patrocinadores”, ou seja, atletas podem fazer propaganda de seus patrocinadores pessoais desde que esses sejam patrocinadores oficiais dos Jogos, caso contrário pode ser considerado uma pirataria olímpica.

7) *Política*

As matérias da “Folha de S. Paulo” recolhidas a respeito desta categoria totalizaram quarenta e oito (48), sendo quinze (15) dos Jogos Olímpicos em Londres-12, doze (12) dos Jogos Olímpicos em Atenas-04, dez (10) dos Jogos Olímpicos em Pequim-08, cinco (05) dos Jogos Olímpicos em Atlanta-96, cinco (05) dos Jogos Olímpicos em Sydney-00 e uma (01) dos Jogos Olímpicos em Barcelona-92. Essa distribuição das matérias pode ser melhor visualizada no quadro abaixo:

Quadro 19: Distribuição das matérias da categoria *Política* por Jogos Olímpicos

<i>Jogos Olímpicos</i>	<i>Barcelona (1992)</i>	<i>Atlanta (1996)</i>	<i>Sydney (2000)</i>	<i>Atenas (2004)</i>	<i>Pequim (2008)</i>	<i>Londres (2012)</i>	<i>TOTAL</i>
<i>Número de Matérias</i>	01	05	05	12	10	15	48

Fonte: “Folha de S. Paulo”

O trato dado às incidências políticas pela “Folha de S. Paulo”, simplesmente, declarou a tendência do COI em tornar os Jogos Olímpicos apolíticos. Significa dizer, que mostrou, gradativamente, o distanciamento dos Jogos frente às relações políticas locais e globais e aproximou-os da ótica econômica, através das iniciativas do COI, como por exemplo: o diálogo com países emergentes da economia mundial, a busca em selar a paz olímpica, a renúncia da participação de países em conflitos e o impedimento de políticos internacionais no evento, que podem causar aversões e protestos, em especial, a do presidente dos EUA.

Senn (1999), ao ponderar sobre as Assembleias Gerais do COI, elucida muito bem essa situação, demonstrando que durante o período da Guerra Fria as disputas políticas e os blocos internacionais, razoavelmente, se reproduziam nos

encontros e nas convenções do COI. E, recentemente, os escândalos de corrupção no COI evidenciam que motivos abstratos e/ou interesses pessoais mais concretos são também uma variável interveniente nas decisões relacionadas aos Jogos Olímpicos.

Com a deliberação do COI, que permitiu a privatização do esporte olímpico através da revisão da Carta Olímpica, em 1991, empresas financiam o esporte olímpico e os atletas de todo mundo, ocorrendo uma diversificação de nações presentes no pódio olímpico, em especial, a dos países emergentes. Nesse sentido, a “Folha de S. Paulo” destacou a manifestação do COI, através de seu presidente Juan Samaranch, realizada nos Jogos de Atlanta-96, ao aceitar que “cidades de nações em desenvolvimento, têm condições de abrigar os Jogos, apesar dos elevados custos” (FSP, Caderno Especial (Atlanta-96), p. 05, 28-07-96). Desse modo o COI, mostra-se aberto a tendência de descentralizar a realização dos Jogos, retirando das mãos das grandes potências mundiais e intercedendo por países emergentes, como foi o caso da China e do Brasil. Mas, apesar do crescente discurso do COI em incentivar as candidaturas dos países emergentes, a predominância continua sendo das cidades-sede de países desenvolvidos na geopolítica da organização dos Jogos, porque, de acordo com Mascarenhas (2008), são esses que se destacam na colocação no quadro de medalhas e revelam sua enaltecida capacidade (econômica, tecnológica e logística) de realização dos megaeventos, como demonstra o quadro abaixo:

Quadro 20: Distribuição de cada edição dos Jogos Olímpicos no patamar de países desenvolvidos ou emergentes

<i>Jogos Olímpicos</i>	<i>Barcelona (1992)</i>	<i>Atlanta (1996)</i>	<i>Sydney (2000)</i>	<i>Atenas (2004)</i>	<i>Pequim (2008)</i>	<i>Londres (2012)</i>	<i>Rio de Janeiro (2016)</i>
<i>Países Desenvolvidos</i>	X	X	X	X		X	
<i>Países Emergentes</i>					X		X

Fonte: “Folha de S. Paulo”

A partir da declaração do COI quanto ao aceite de países emergentes em receber os Jogos, Carlos Nuzman foi eleito membro do COI após os Jogos de

Sydney-00, e em defesa da América Latina, tinha um discurso que se sobressaia diante dos demais membros, pois manifestava claras intenções de lutar pela candidatura carioca. Em uma entrevista concedida a “Folha de S. Paulo” e publicada no dia 14 de setembro de 2000, Nuzman declarou que por ser um dos membros ativos da instituição “terá mais condições de aprender como funcionam os mecanismos do COI e com isso o Brasil terá mais chances de conquistar um espaço no cenário olímpico”.

Nos Jogos de Atenas-04, é possível dizer que, a partir da “Folha de S. Paulo”, mais uma vez as questões políticas tanto externas como internas, marcadas pela instabilidade vivida depois dos ataques terroristas pelo mundo, e pela diplomação do novo presidente do COI, Jacques Rogge, que sucedeu Samaranch, após sua gestão de mais de 20 anos, entraram em jogo. Mas, não foram decisivas diante da preponderância do poder econômico visto na escolha de Londres para sediar os Jogos Olímpicos de 2012 e no descumprimento do acordo de trégua olímpica, firmada entre o COI e os países participantes.

Em detrimento de consideráveis recompensas, alguns membros do COI não respeitaram a transparência organizacional, proposta pela Comissão COI-2000, no processo de escolha da cidade-sede dos Jogos de 2012, como evidenciou a matéria da “Folha de S. Paulo” do dia 30 de julho de 2004, que noticiava a denúncia feita pelo documentário da BBC sobre o possível suborno dos membros do COI. E, a “Folha de S. Paulo” do dia 04 de agosto de 2004 citou que os votos seriam negociados por 200 mil dólares, além de benefícios como gastos com viagens.

Quanto ao acordo de trégua olímpica, que teve por objetivo, selar a paz internacional no período de realização dos Jogos de Atenas-04, a “Folha de S. Paulo” do dia 11 de agosto de 2004 destacou a distância da práxis do tão idealizado acordo por meio de exemplos contraditórios entre teoria e prática, conforme explícito no trecho abaixo:

A teoria: os Jogos provocaram adesão inédita na história da ONU -190 países assinaram resolução pedindo que fosse respeitada a Trégua Olímpica (ou seja, parar todos os conflitos do mundo durante os 16 dias de disputa). A prática: o Departamento de Estado dos EUA já avisou que nada vai mudar na vida de seus militares no Iraque. A teoria: o *Olympic Truce Centre*, fundação grega que mantém viva a ideia da trégua, publicou um gibi em sete línguas e o distribuiu a crianças de cem países. A prática: nem a própria Grécia nem a vizinha Turquia entenderam a proposta, já que se estranharam há seis dias. A teoria: 386 personalidades (Clinton, Lula e o papa, entre elas) assinaram a favor do cessar-fogo durante os Jogos. A prática: 78 mil homens e US\$ 1,5 bilhão despejados no esquema de

segurança compõem o cenário da Olimpíada mais preocupada com o terror.

Nos Jogos de Pequim-08, apesar de o governo chinês ter sido um elemento determinante na organização dos Jogos, a “Folha de S. Paulo” mostrou que mesmo assim o COI conseguiu manter o discurso apolítico. O principal exemplo foi o comparecimento diplomático do presidente dos EUA, George W. Bush, na cerimônia de abertura dos Jogos de Pequim-08. Assim como o do presidente francês, Nicolas Sarkozy, que também foi motivado em “aprofundar a parceria estratégica [da França] com a China”, e a presença do presidente Luis Inácio Lula da Silva, popularmente, citado como Lula, que aclamou o Brasil como um país pacífico, devido à candidatura dos Jogos do Rio de Janeiro, como consta na publicação da “Folha de S. Paulo” do dia 10 de julho de 2008.

Mascarenhas (2012, p. 44), ao discorrer sobre a importância do Lula na candidatura dos Jogos do Rio de Janeiro, entende que o “projeto olímpico deve muito ao carisma, história e origem de classe do presidente, o que se soma a sua habilidade discursiva, na qual o sentido metafórico do esporte, vale lembrar, é recorrente”.

Por fim, nos Jogos de Londres-12 a “Folha de S. Paulo” focou na intenção do COI em reconhecer que os Jogos continuam sendo um meio para preservar a imagem diplomática do país-sede com os outros países, mas não mais tanto para firmar acordos políticos internacionais. Nesta direção, a “Folha de S. Paulo” publicou a matéria com o título de “Londres se blinda contra a política”, no dia 11 de julho de 2012, para comunicar que “alguns líderes políticos de países que sofrem sanções internacionais, serão impedidos de entrar na Inglaterra”.

No entanto, nos esteamos em Melo (2009, p. 41), que desnudou os documentos dos intelectuais orgânicos da burguesia mundial que abordaram os grandes eventos esportivos, para pontuar que “os encontros esportivos e suas vivências como algo ‘apolítico’ é parte de uma pedagogia da hegemonia que tenham os esportes como contemporâneo da dominação burguesa”.

8) Investimentos Econômicos

As matérias da “Folha de S. Paulo” recolhidas a respeito desta categoria totalizaram vinte e seis (26), sendo quinze (15) dos Jogos Olímpicos em Londres-12,

três (03) dos Jogos Olímpicos em Atlanta-96, três (03) dos Jogos Olímpicos em Sydney-00, duas (02) dos Jogos Olímpicos em Atenas-96, duas (02) dos Jogos Olímpicos em Pequim-08 e uma (01) dos Jogos Olímpicos em Barcelona-92. Essa distribuição das matérias pode ser melhor visualizada no quadro abaixo:

Quadro 21: Distribuição das matérias da categoria *Investimentos Econômicos* conforme por Jogos Olímpicos

<i>Jogos Olímpicos</i>	<i>Barcelona (1992)</i>	<i>Atlanta (1996)</i>	<i>Sydney (2000)</i>	<i>Atenas (2004)</i>	<i>Pequim (2008)</i>	<i>Londres (2012)</i>	<i>TOTAL</i>
<i>Número de Matérias</i>	01	03	03	02	02	16	27

Fonte: “Folha de S. Paulo”

Os dados econômicos dos Jogos Olímpicos não foram o enfoque principal da “Folha de S. Paulo”, mas, mesmo assim, foi possível visualizar que os Jogos se aproximam a um caríssimo evento, sobretudo para competir, baseando-se nos investimentos realizados na preparação das delegações olímpicas para o espetáculo, a exemplo do Brasil que foi apresentado como destaque, bem como os países do G-7 e da União Europeia.

Sobre o financiamento da delegação brasileira, a “Folha de S. Paulo” evidenciou, inicialmente, o custo total da viagem e os seus principais financiadores, e, em seguida, as estratégias voltadas à arrecadação dos recursos, propostas pelo Estado, que apresenta o objetivo de desenvolvimento de uma política olímpica nacional.

Nos Jogos de Barcelona-92, a participação dos 292 atletas brasileiros custou 3,6 bilhões de reais e foi financiada por oito empresas privadas: *Adidas, Philips, Seiko, Cartão Bradesco Visa, Arroz Uncle Ben’s, Coca-Cola, Texaco e Stella Barros Turismo*, uma vez que a Secretária de Desportos só liberou 100 mil reais do seu orçamento para o esporte de alto rendimento, de acordo com o conteúdo da “Folha de S. Paulo” do dia 19 de julho de 1992.

Nos Jogos de Atlanta-96, a “Folha de S. Paulo” ratificou que a viagem dos 353 atletas teve respaldo financeiro do setor privado, em especial, da empresa *Brahma*, que contribuiu com 04 milhões de reais, e da venda pelo COB de produtos

licenciados pelo Comitê Organizador dos Jogos de Atlanta-96, aproximadamente 01 milhão de reais foram angariados. Ainda destacou que a maior parte da preparação das equipes brasileiras foi financiada por empresas estatais, como por exemplo, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Embratel, Correios, Telebrás que firmaram com o governo federal convênios, totalizando um repasse de 2,8 milhões de reais.

Após os Jogos de Atlanta-96, o Estado começou a assumir, ainda que de forma tímida, o financiamento do esporte nacional para melhorar a posição brasileira no quadro olímpico de medalhas. Segundo o estudo de Veronez (2005), desenvolvido a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, os recursos utilizados para financiar os gastos no setor do esporte são apropriados pelo Estado por intermédio de tributação. Nessa lógica, Veronez (2005, p. 324) ainda mostra que, no período entre 2000 e 2003, o governo repassou ao COB 95,6 milhões de reais da Lei Agnelo/Piva e as empresas estatais, como Banco do Brasil, Petrobras, Correios e Caixa Econômica Federal, destinaram 263,5 milhões de reais. “Em total inversão da orientação expressa na Constituição Federal de 1988”.

Apesar disso, foi com a eleição presidencial de Luis Inácio Lula da Silva, um apoiador do esporte, que a proposta orçamentária para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento cresceu. Já nos Jogos de Atenas-04 se comprova esta atitude da política nacional em incentivar o esporte olímpico, quando do envio de 39,2 milhões de reais ao COB através da Lei Agnelo/Piva, conforme veiculou as matérias da “Folha de S. Paulo” do ano de 2004.

Atentamos para o fato de que, além da melhor posição no quadro de medalhas, o aumento de recursos públicos investidos no esporte olímpico estava vinculado ao projeto do Brasil em sediar os futuros Jogos Olímpicos, conferido pela candidatura do Rio de Janeiro, pois Lula percebia a importância dos Jogos no plano das relações externas e na concorrência global. Nessa direção, Mascarenhas (2012, p. 45) menciona que a candidatura olímpica está articulada a um projeto mais geral de desenvolvimento nacional, matizado pelo reposicionamento do país na geopolítica mundial e recuperação do papel do Estado. O melhoramento nos resultados esportivos internacionais do país, além de medalhas, acendem novos negócios.

Para o ciclo olímpico dos Jogos de Pequim-08 (2005-2008), o Estado

aprovou modificações na Lei Agnelo/Piva e aproveitou o legado dos investimentos do Pan-Rio 2007, conforme expõe o trecho do informativo publicado na “Folha de S. Paulo” no dia 04 de setembro de 2008:

Brasil Campeão, o programa do Ministério do Esporte aprovou 55,73 milhões de reais, Bolsa-Atleta, o programa para a formação de campeões, orçou 40,4 milhões de reais e a implantação e modernização de infraestrutura para o esporte de alto rendimento recebeu 14,1 milhões de reais.

Ao ciclo olímpico dos Jogos de Londres-12 (2009-2012), o Estado investiu mais ainda, a fim de aumentar o número de medalhas. De acordo com a “Folha de S. Paulo” do dia 14 de agosto de 2012, foi direcionado ao COB cerca de 1,1 bilhão de reais em investimentos diretos do Estado, advindos da lei de incentivo ao esporte, dos convênios com o Ministério do Esporte e da bolsa-atleta. Porém, esse valor não agregou “os gastos das estatais com patrocínios, e os programas por meio de lei de incentivo fiscal, pois, com eles, a conta sobe para 02 bilhões de reais”. Destas ações, apenas, resultaram em 17 pódios para o Brasil.

Já, para o novo ciclo olímpico (2013-2016), o Estado propôs plano de ações, composto de estratégias para captar mais recursos e tornar o Brasil uma potência esportiva nos próximos quatro anos, uma vez que, é o país-sede dos Jogos do Rio-16. Nesta direção, a “Folha de S. Paulo” expôs algumas das ações do governo, tais como: a aprovação da captação de 1,49 milhões de reais por meio da lei de incentivo ao esporte, a distinção entre a lei de incentivo ao esporte e a lei de incentivo à cultura e a divulgação do ‘Plano Brasil Medalhas’, novo plano de incentivo ao treinamento dos atletas, orçado em 01 bilhão de reais.

No âmbito internacional, a partir da “Folha de S. Paulo”, também percebemos a interferência da economia na colocação dos países no quadro de medalhas, uma vez que, alguns países destacam-se ao aparecer mais no pódio olímpico. Atrelado a esta situação, o quantitativo de investimentos públicos e/ou privados, depende da situação econômica de cada país, o que redesenha a relação de forças e coloca um número maior de países sem tradição na história esportiva, em cima do pódio. Logo, marca o fim da hegemonia e a nova geopolítica olímpica.

A respeito disso, a matéria da “Folha de S. Paulo” do dia 11 de agosto de 2004, assinalou que “os setes gigantes da economia mundial no século 20 mostraram a mesma força no quadro de medalhas histórico das Olimpíadas”. No entanto, a Alemanha, o Canadá, os EUA, a França, a Grã-Bretanha, o Japão e a

Itália, com a ascensão da China e da Austrália e a resistência cubana e de alguns países africanos, tiveram o seu um poderio mais modesto desde Sydney, “ganharam menos de 30% das medalhas em jogo”.

Nos Jogos de Londres-12, a “Folha de S. Paulo” também discorreu sobre a intervenção econômica, adotando como exemplo a redução e/ou estabilização do número de medalhas dos países europeus com tradição esportiva, que formam a zona do euro, devido à crise econômica da União Europeia. Segundo a “Folha de S. Paulo” do dia 07 de agosto de 2012 se “na economia, quem mais contribui para a decadência do bloco são os Pigs, apelido dado ao problemático grupo formado por Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha”, nos Jogos também. Em compensação, a Grã-Bretanha que não adotou o euro, continuou absoluta na terceira posição no quadro de medalhas.

9) *Manifestação Social*

As matérias da “Folha de S. Paulo” recolhidas a respeito desta categoria totalizaram dezessete (17), sendo sete (07) dos Jogos Olímpicos em Sydney-00, quatro (04) dos Jogos Olímpicos em Atlanta-96, duas (02) dos Jogos Olímpicos em Pequim-08, duas (02) dos Jogos Olímpicos em Londres-12, uma (01) dos Jogos Olímpicos em Barcelona-92 e uma (01) dos Jogos Olímpicos em Atenas-04. Essa distribuição das matérias pode ser melhor visualizada no quadro abaixo:

Quadro 22: Distribuição das matérias da categoria *Manifestação Social* por Jogos Olímpicos

<i>Jogos Olímpicos</i>	<i>Barcelona (1992)</i>	<i>Atlanta (1996)</i>	<i>Sydney (2000)</i>	<i>Atenas (2004)</i>	<i>Pequim (2008)</i>	<i>Londres (2012)</i>	<i>TOTAL</i>
<i>Número de Matérias</i>	01	04	07	01	02	02	17

Fonte: “Folha de S. Paulo”

As manifestações sociais ocorridas no cenário dos Jogos Olímpicos mostram as contradições do espetáculo, sustentado pelo COI e veiculado pela mídia. No entanto, apesar do seu papel diante da ciência do prospecto real da

cidade-sede, a “Folha de S. Paulo” veiculou um número baixo de matérias, em grande parte, registradas de forma superficial, porque as manifestações sociais atendem a uma falsa democracia aclamada pelo COI, ou seja, não passam de uma permissão controlada de expressão de opiniões e de canalização de anseios sociais, disposta ao público.

Nos Jogos de Barcelona-92, para que a exploração sexual, legal na Espanha, não se agregasse à imagem dos Jogos, o Comitê Organizador repreendeu a circulação dos profissionais do sexo nas principais vias públicas de Barcelona, por meio da transferência das prostitutas e dos travestis das *Ramblas*, área de maior movimentação, para a periferia, área industrial, sem movimento à noite. Desse modo, acendeu diversas manifestações dos profissionais do sexo. (FSP, Caderno de Esporte, p. 06, 12-07-92)

Nos Jogos de Atlanta-96, a “Folha de S. Paulo” enfatizou as manifestações em defesa dos 20 mil moradores de rua, que desde 1995 sofriam com políticas de limpeza humana da cidade pela prefeitura, que buscava desassociar qualquer tipo de imagem contrária a uma Atlanta próspera. Mas, de acordo com a matéria da “Folha de S. Paulo”, do dia 21 de julho de 1996, intitulada de “Ação contra sem teto cria Olimpíada dos excluídos”, os moradores de rua reagiram por meio de uma ação judicial contra a prefeitura, sob a acusação de violação dos direitos humanos e de discriminação racial aos *‘homeless’* da cidade. Conforme Preuss (2000), o estado tende a usar os Jogos para evacuar bairros inteiros ou realocar as pessoas que perturbam a imagem da cidade, como moradores de rua, vendedores ambulantes, prostitutas e mendigos. Categoricamente, os Jogos costumam propiciar ao Estado o pretexto para suas ações de descaso com os direitos dos cidadãos.

A respeito das manifestações sociais dos Jogos de Sydney-00, a “Folha de S. Paulo” publicou um maior número de matérias, se compararmos com as demais edições dos Jogos, uma vez que o COI os anunciou como ecologicamente e politicamente corretos. Nesse sentido, a “Folha de S. Paulo” anunciou ameaças de paralisações de categorias indispensáveis ao andamento técnico da organização dos Jogos. Dentre elas estavam: a dos carteiros, a dos jornalistas, a dos hoteleiros de Sydney, a dos motoristas de ônibus e a dos taxistas.

Ainda destacou os diferentes manifestos tanto de entidades defensora da preservação do meio ambiente, como a *Greenpeace*, que publicava periodicamente

manifestações escritas, quanto de moradores, em especial, os da praia em Bondi, que eram contrários à instalação de uma arena de vôlei de praia, visto que a estrutura ocuparia 30% dos cerca de dois quilômetros da faixa de areia da praia mais visitada de Sydney (FSP, Caderno de Esporte, p. 05, 04-09-00).

Com relação aos Jogos de Atenas-04, a “Folha de S. Paulo” sintetizou as manifestações gregas de aversão aos EUA, tais como: vaias na entrada da delegação americana durante o desfile na cerimônia de abertura e o manifesto contra a vinda de Powell, secretário norte-americano, para a cerimônia de encerramento. Como consta na “Folha de S. Paulo” do dia 29 de agosto de 2004, cerca de 100 mil pessoas marcharam em direção à embaixada dos EUA exibindo faixas e gritando palavras de ordem: “Powell assassino vá para casa”, “Tirem os imperialistas assassinos da Grécia” entre outros.

Nos Jogos de Pequim-08, a “Folha de S. Paulo” retratou que as manifestações sociais incidiram, porém, somente com a permissão do Estado e em três pontos de Pequim, definidos como ‘protestódromos’, localizados pelo menos à 15 km da Vila Olímpica. Desse modo, as imposições proibiram que o mundo aprendesse sobre a situação real na China e ainda se manifestasse quando e onde quisessem, de acordo com sua consciência. Como exemplo, destacamos o seguinte fragmento, publicado na “Folha de S. Paulo” do dia 24 de julho de 2008, referindo como o Estado controlou a liberdade de expressão na preparação e durante os Jogos:

Na ditadura chinesa, ativistas pró-direitos humanos e ambientalistas costumam parar na cadeia. Nos últimos meses, vários *blogueiros* que criticaram o desrespeito aos direitos humanos na China foram presos após escrever textos críticos. Torcedores e atletas estão proibidos de usar camisetas ou faixas com mensagens políticas dentro dos estádios, como as que pedem a independência do Tibete, Província ocupada pela China desde 1950. Bandeiras de países que não participem dos Jogos estão proibidas, outra medida que impede a presença de bandeiras tibetanas nos estádios.

Por fim, nos Jogos de Londres-12, a “Folha de S. Paulo” descreveu as manifestações sociais contra impactos na sucessão dos dias do morador local. A esse respeito, a matéria da “Folha de S. Paulo” do dia 17 de julho de 2012 mencionou sobre a manifestação dos moradores contra a interdição de 01 km da ciclovia que margeia o complexo esportivo olímpico. E, destacou como os moradores veem os Jogos através das reclamações triviais, que foram: “aumento do preço das moradias, os despejos, as ruas e dos gramados cercados, as vistorias e a

desconfiança de seguranças, o barulho e a poeira” e ainda consideravam-se estar em vivendo como num campo de refugiados. Preuss (2000), ao discorrer sobre o aburguesamento de áreas olímpicas da cidade-sede, elucida que os Jogos de um lado valorizam os imóveis permitindo lucro extra na venda, mas, de outro, a mudança de padrão de consumo engendrada pelo novo perfil da população e o aumento de impostos, como consequência da valorização imobiliária, forçam os proprietários mais pobres a mudarem-se da área olímpica.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, o esforço que empreendemos foi o de compreender as estratégias que os Jogos Olímpicos a partir de 1991 utilizaram para produzir um espetáculo de entretenimento planetário, utilizando como material de análise a cobertura jornalística realizada pela “Folha de S. Paulo”. Destacamos que não se trata de tomar como verdade as narrativas da “Folha de S. Paulo”, ou como singular e absoluta, mas como uma matriz que delineiam as forças objetivas que configuram as mudanças do período em estudo.

Com a preocupação em compreender as especificidades da configuração de espetáculo de entretenimento planetário dos Jogos Olímpicos e sua relação com a totalidade, destacamos como parte constitutiva dessa investigação a explicitação do desenvolvimento do esporte-espetáculo articulado à lógica do sistema de produção capitalista, convertendo o tempo livre, como tempo e espaço do agir humano, em tempo de consumo. Assim como, a história dos Jogos Olímpicos na trama da economia, política e cultura, evidenciando seu ‘metamorfoseamento’ como processo, isto é, um evento particular que, ao mesmo tempo, estampa e carrega as marcas da própria história universal da sociedade capitalista.

Na profusão e variedade das 734 matérias analisadas, ficou evidente que a “Folha de S. Paulo” tanto produz quanto reproduz o espetáculo olímpico de entretenimento num viés sensacionalista no tecido social, explorando estratégias simbólicas, com jogo de palavras e apelos emocionais para caracterizar a dimensão grandiosa. E subtrai as contradições do espetáculo olímpico, ou seja, os valores dos investimentos públicos e privados, as divergências políticas locais e globais, as manifestações sociais, a exploração do trabalho e a corrupção no COI.

No cenário do espetáculo de entretenimento olímpico o atleta vitorioso assume centralidade, sendo tratado, nas diferentes edições, de modo repetitivo com expressões superlativas: “imagem gloriosa”, “semi-heróis nacionais e internacionais”, “astros olímpicos”, “marcas superadas”, “*performance* espetacular”, “ídolos esportivos”, “olimpíada da igualdade e da tecnologia”, “sonho olímpico”, “o maior ganhador”, “o mais rápido”, “o melhor personagem da história dos Jogos”, “homem *show*”, “demonstração de esportividade”, “corpos olímpico”, “família dos atletas”. Por

suas capacidades físicas e humanas, os atletas, como afortunados, são inscritos numa aura de brilho e mitificação.

Como "semi-heróis", os atletas utilizam trajes com alta tecnologia, cientificamente testados, para sustentar a *performance* espetacular ansiada pelo público e consentida pelo discurso conservador e fiscalizador do COI. Raramente a histórias dos atletas do passado, dos que não atingiram o pódio olímpico ou não participaram por motivos diversos são expostas à cena. Destarte, o aparecimento dos recordes olímpicos determinou a ênfase das matérias ora nas pistas e/ou na piscina e ora na superioridade dos negros e das mulheres, os quais assumiram o papel de alavancar a vitória de alguns países na classificação do quadro de medalhas.

No que concerne ao espetáculo olímpico é construído um discurso inovador e mutável com o fim de massificar, justificar e convencer que as mudanças executadas pelo COI, pelas empresas patrocinadoras e pela mídia a cada edição, vão na direção de configurar o melhor e maior espetáculo olímpico de entretenimento já vivido e visto pelo público mundial.

Por exemplo, os Jogos de Sydney-00 divulgado como um espetáculo olímpico planejado exclusivamente para a televisão; os Jogos de Atenas-04, como um espetáculo olímpico que misturou tradição com modernidade; os Jogos de Pequim-08, como um espetáculo olímpico fenomenal e monumental; e os Jogos de Londres-12 como um espetáculo olímpico funcional.

Evidenciamos que no contexto do espetáculo de entretenimento olímpico acontece a Olimpíada cultural, com espaços, objetos e símbolos para entreter, emocionar e seduzir as diferentes faixas etárias. Os símbolos olímpicos, tais como os anéis olímpicos e a tocha olímpica, representam o espetáculo, emanam poder e evocam sentimentos de unidade, de paz e de esperança planetária.

O pódio olímpico, a medalha e as bandeiras nacionais visibilizam mundialmente hierarquias e excitam o patriotismo, dominam o teor das conversas cotidianas e estampam os heróis nacionais. Evidenciam os estados nacionais tanto como potência olímpica quanto como potência econômica e política, e o atleta o grande portador/ator.

A referência de sucesso do país-sede está em atingir o topo no quadro de medalhas, o máximo de participantes, de telespectadores, de lucros, trabalhadores

voluntários, de orgulho nacional e de admiração planetária.

A infraestrutura que compõem o cenário construído ou apropriado para os Jogos Olímpicos são expostos positivamente, como processo de reurbanização das cidades-sedes e estratégia política para alavancar economicamente, por meio de atribuições como: “legado urbano” para os Jogos de Barcelona-92; “Jogos ecologicamente corretos” para os Jogos de Sydney-00; “Jogos verdadeiramente excepcionais” aos Jogos de Pequim-08; e “herança sustentada a para a cidade” aos Jogos de Londres-12. Enfim, os custos elevados com a infraestrutura são em prol dos melhoramentos à população local e mundial.

E nesse âmbito, vale destacar, à exceção nos Jogos de Atlanta-96 que prevaleceu o modelo privado, há um embotamento sobre o papel do estado como o maior financiador da infraestrutura olímpica dos Jogos e sobre a exploração do trabalho na reurbanização olímpica.

Para garantia do espetáculo planetário são montados megasquemas de segurança, especialmente, para os Jogos de Atlanta-96, os de Sydney-00 e os de Pequim-08 sob o conceito de “operação de guerra”, uma vez que a imagem de um ambiente seguro ajuda a atrair os espectadores ao país-sede, os quais, conseqüentemente, deixaram um retorno financeiro. Tal lógica, em grande medida, submete os moradores locais à aparência de estar vivendo como num campo de refugiados com vigilância por 24 horas, de forma explícita por vistorias e implícita pelo monitoramento por imagens.

As mídias e a midiatização dos Jogos Olímpicos têm sido forte aliadas para configuração do espetáculo de entretenimento, tanto se adaptando a eles quanto os Jogos Olímpicos às mídias. Visível no uso de câmeras que aproximam o telespectador ao atleta nos Jogos de Barcelona-92; no aumento nas horas de transmissão nos Jogos de Atlanta-96; no uso da internet na transmissão *online* nos Jogos de Sydney-00; e nos meios de divulgação como *Facebook* e *Twitter*, assim como, no emprego de alta tecnologia de comunicação na transmissão de imagens ao vivo e em 3D, nos Jogos de Londres-12. As diferentes mídias admitem contemplar, comentar, registrar e compartilhar coletivamente mais informações e imagens dos Jogos, e, supostamente, mais aproximação e participação no espetáculo de entretenimento planetário. Mas no conjunto das mídias, a televisão recebe centralidade, com vistas a expandir índices de audiência através da

programação olímpica anunciada como um “*show businnes*” e produzir resposta às altas cifras pagas pelos direitos de retransmissão das imagens ao COI e liderar a concorrência.

O *marketing* olímpico, simplesmente, divulga e valoriza as empresas sob o pano de fundo do maior e mais visto do espetáculo de entretenimento. De tal modo, até os Jogos de Sydney-00, os espaços de competição e comitês olímpicos nacionais foram as principais estratégias de propaganda. E, após os Jogos de Sydney-00 naturalizou-se a veiculação das empresas aos atletas, ou seja, acentuou a colagem das marcas das empresas nos atletas por meio de patrocínios pessoais. O atleta como garoto-propaganda era o garoto de ouro aos olhos das empresas, pois cada medalha conquistada representava uma nova chance de expandir a visibilidade da marca em TVs, jornais e Internet e gerar mais vendas globais, a médio e em longo prazo, uma vez que os atletas associavam-se a mensagem de saúde e ação e avalizavam o produto junto ao consumidor.

No percurso histórico analisado identificamos uma tendência gradativa de tornar os Jogos Olímpicos apolíticos, de distanciar das relações políticas locais e globais e aproximar da ótica econômica. Assim como, para não descaracterizar a aura de entretenimento, há claro embotamento das contradições do espetáculo olímpico, ou seja: as denúncias, espionagem, suborno, negociações claras e escuras do COI; os altos valores pagos pelos países para preparar e levar as delegações olímpicas para o país-sede (consequentemente, a exclusão dos países pobres); a associação do esporte olímpico a serviço dos interesses das empresas transnacionais e do Estado, em especial, dos países emergentes; desvalorização e desqualificação das manifestações sociais ocorridas no cenário dos Jogos Olímpicos; a exploração da mão de obra denominada de “voluntária”; os legados (infraestrutura, conhecimento, economia, comunicações e cultura) e repercussões objetivadas em favor da população do país-sede; as coerências e incoerências das propostas do Dossiê de Candidatura do país-sede; os avanços e retrocessos das políticas públicas derivados do fato de sediar os Jogos Olímpicos; entre outros tantos.

À luz do exposto os Jogos Olímpicos são, estrategicamente, produzidos e organizados a partir do seu conteúdo emocional, movendo sensações de ufanismo, superação, oblação e união entre povos, países e continentes. Entrelaça o público,

replica as palavras, os símbolos e as técnicas. Mais especificamente, os Jogos Olímpicos entretém o público pelo sentido e sentimento espetacular, pela gigantesca dimensão estrutural, pelos altos investimentos econômicos, pela inserção na agenda política internacional e nacional, pelo uso da tecnologia na mediatização que transpõe a sensação de estar no lócus dos Jogos, pela acentuação da identidade nacional, pela *performance* dos atletas que enlaça uma série de expectativas e discursos, pelo *marketing* olímpico que impõe desejos e necessidades humanas.

Trata-se de um exemplo singular da mundialização do entretenimento, um fenômeno planetário de controle ideológico da sociedade capitalista, transformado em mercadoria para a satisfação imediata do público, rentável para a indústria do entretenimento e estruturadora da ideologia capitalista. Elementos que firmam a rendição dos Jogos Olímpicos ao entretenimento como uma festividade original, animada e inovadora, entretanto, organizado sob os interesses econômicos do COI e das empresas patrocinadoras, auferido por países desenvolvidos e emergentes, consagrado por atletas profissionais, vivido pela elite e assistido pela classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. Tempo livre. In: ADORNO, Theodor. **Palavras e sinais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 70-82.

ALMEIDA, Bárbara Schaustek de; VLASTUIN, Juliana; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Proteção à marca versus liberdade de expressão? Discussões emergentes a partir dos Jogos Olímpicos. Itajaí, 2010. In: **V Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte**, Itajaí, 2010. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/sulbrasileiro/vcsbce/paper/view/2093>. Acesso em 10 de setembro de 2011.

ALTUVE, Eloy. Mentiras y Mitos de los Juegos Olímpicos. In: **“La Peonza”-Revista de Educación Física para La paz**, nº. 7, p.08-10, janeiro/2005. Disponível em: <http://www.lapeonza.unlugar.com/peonza7.pdf>. Acesso 13 de novembro de 2012.

AMBRÓSIO, Vicente. **Plano de Marketing Passo a Passo**. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso, 1999. 152p.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999. 264p.

ARARIPE, Luiz de Alencar. Primeira Guerra Mundial. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). **Historia das Guerras**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 319-355.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007. 223p.

BARROW, H.M. & BROWN, J.P. **Man and movement - Principles of physical education**. Filipinas: Leo &Febiger, 1988.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. 216p.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa (PT): Edições 70, 1995. 272p.

BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991. 184p.

_____. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. 1997. P.278f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

BONIN, Jiani Adriana. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, Alberto Efendy; GUTERRES, Aline (orgs.). **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, Trilhas e Processo**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 21-40.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo?. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

_____. Os Jogos Olímpicos. In: BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 120-128.

BRUGGEMANN, Angelo Luiz et al. Folha de São Paulo: um jornal a serviço (da copa) do Brasil. In: Pires, Giovani de Lorenzi (org.). **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil: registros de agendamento para 2014 na cobertura midiática da Copa da África do Sul**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011. p. 67-115.

CARVALHEDO, Arianne; DaCOSTA, Lamartine. Viagem nos Jogos Olímpicos: uma perspectiva histórica. In: DE MORAGAS, Miguel; DaCosta, Lamartine (org.). **Universidade e estudos olímpicos: Seminários Espanha-Brasil 2006**. Ministerio de Educación y Ciencia – España; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil, 2006. p. 691-697.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p.295-316.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006. 288p.

CHAUÍ, Marilena. Introdução. In: LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1999. p. 09-56.

CHEPTULIN, Alexandre. **A dialética materialista- categorias e leis da dialética**. São Paulo: Alfa-Omega. 1982. p. 354.

CÔDEA, André Luiz de Britto Teles; CÔDEA, Janaina de Souza Marinho Teles Côdea; BERESFORD, Heron. Uma perspectiva histórica sobre os Jogos Olímpicos: da pré-história dos Jogos a Barão de Coubertin e o Ideal Olímpico. In: TURINI, Marcio; DaCOSTA, Lamartine Pereira. (ed.). **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2002. p. 691-703.

CONTURSI, Ernani Bevilaqua. **Marketing Esportivo**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996. 370p.

COUTO, Edvaldo. **O homem-satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica**. Ijuí: Unijuí, 2000. 292p.

CRISTÓVÃO, Assunção. Tempo e espaço no projeto editorial da Folha de S. Paulo. Uma aplicação do conceito de cronótopo, do círculo de Bakhtin. In: **Revista Uniara**, São Paulo, nº. 21/22, 2008/2009. Disponível em: http://www.uniara.com.br/revistauniara/pdf/21/12_assuncao.pdf. Acesso 08 de julho de 2012.

CROWTHER, Nigel. Visiting the Olympic Games in ancient Greece: travel and conditions for athletes and spectators. In: **The International Journal of the History of Sport**, London: Frank Cass, v.18, nº. 4, p.37-52, 2001.

DACOSTA, Lamartine. Olympism and Environment: na Overview. In: TAVARES, Otavio; DACOSTA, Lamartine; MIRANDA, Renato (eds.). **Esporte, olimpismo e meio ambiente: visões internacionais**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002, p.77-95.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237p.

DEVIDE, Fabiano. Coubertin e Samaranch: da exclusão à inclusão das mulheres nos jogos olímpicos modernos. In: **Corpus et Scientia**, Rio de Janeiro, v. 1, nº.1, p. 00-00, 2005. Disponível em: <http://www.unisuam.edu.br/corpus/pdf/devide.pdf>. Acesso 15 de outubro de 2012.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. In: **Revista Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº. 79, p. 258-272, agosto/2002. Disponível em: <http://www.propp.ufms.br/ppgedu/geppe/textoestadodaarte.pdf>. Acesso 10 de julho de 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1999. 231p.

GABLER, Neal. **Vida – O Filme: como o entretenimento conquistou a realidade**. São Paulo: Companhia da Letras, 2000. 273p.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da Grécia: a Antiguidade Clássica I**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. 520p.

GURGEL, Anderson. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. In: **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXI, nº. 32/33, p. 193-210, junho-dezembro/2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/15582/14119>. Acesso 18 de julho de 2012.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993. 196p.

_____. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 319p.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 11ª ed. São Paulo: Loyola, 2002. 352p.

_____. **A produção capitalista do espaço**. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Impérios: 1875-1914**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009. 608p.

_____. **Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 585p.

KOTLER, Philip. **Administração de Marketing**. 10ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000. 764p.

LANCELOTTI, Sílvio. **Olimpíada 100 anos: história completa dos Jogos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1996. 676p.

LARSON, James. Commercial imperatives: NBC's construction of the Seoul olympic games opening ceremony. In: LANDRY, Fernand; LANDRY, Marc; YÉRLES, Magdeleine (eds.). **Sport...The Third Millennium: Proceedings of the International Symposium**. Quebec: LesPresses de L'Université Laval, 1991. p. 73-78.

LICO, Flávio de Almeida Andrade. **O boicote aos Jogos Olímpicos de Moscou - 1980: uma análise da reação do movimento olímpico brasileiro e internacional**. 2007. p.149f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

LÓPEZ, Antonio Alcoba. **La aventura olímpica**. Madrid: Campamones, 1992. 373p.

MAY, Tim. **Pesquisa Social. Questões, métodos e processos**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 288p.

MALDONADO, Alberto Efendy. Práxis teórico/metodológica da pesquisa em comunicação: fundamentos, trilhas e saberes. In: MALDONADO, Alberto Efendy; GUTERRES, Aline (orgs.). **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, Trilhas e Processo**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 271-294.

_____. Produtos Midiáticos, Estratégias, Recepção. A perspectiva transmetodológica. In: **CIBERLEGENDA**, Niterói, nº. 9, 2002. Disponível em <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/299/182>. Acesso em 22 de julho de 2011.

_____. **Teorias da comunicação da America Latina: enfoques, encontros e apropriações da obra de Verón**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001. 272p.

MARCASSA, Luciana. **A invenção do lazer: educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo (1888-1935)**. 2002. p. 213f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

MARIN, Elizara Carolina. **A ágora midiática: entretenimento via programas de auditório Domingão do Faustão (Rede Globo) e Domingo Legal (SBT)**. 2006. p.305f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Centro de Ciências da

Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo, 2006a.

_____. O ofício da pesquisa: processos do fazer. In: MALDONADO, Alberto Efendy; GUTERRES, Aline (orgs.). **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, Trilhas e Processo**. Porto Alegre: Sulina, 2006b. p. 65-90.

_____. O espetáculo esportivo no contexto da mundialização do entretenimento midiático. IN: **Rev. Bras. Ciência do Esporte**, Campinas, v. 30, nº. 1, p. 75-89, setembro/2008. Disponível em: <http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/192/199>. Acesso 15 de fevereiro de 2012.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Centauro Editora, 2005.

MARQUES, José Carlos. Futebol de Celebridades: o jornalismo de referência no Brasil e a cobertura das últimas Copas do Mundo. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, Espanha, vol. 2, nº. 1, p. 43-55, 2004. Disponível em: <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/viewArticle/1154>. Acesso 05 de setembro de 2011.

MASCARENHAS, Fernando. “Lazerania” também é conquista: tendências e desafios na era do mercado. In: **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 10, nº. 2, p.73-90, maio/agosto de 2004. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewArticle/2841>. Acesso 28 de maio de 2012.

_____. **Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer**. 2005. p. 308f. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

_____. Em busca do ócio perdido: idealismo, panacéia e predição histórica à sombra do lazer. In: PADILHA, Valquiria (org). **Dialética do Lazer**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 75-103.

_____. Megaeventos esportivos e Educação Física: alerta de tsunamis. In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, nº. 01, p. 39-67, janeiro-março/2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/25260>. Acesso 18 de junho de 2012.

MASCARENHAS, Gilmar. A cidade e os grandes eventos olímpicos: uma geografia para quem? In: **Lecturas: EF y Deportes**, Buenos Aires, ano 10, nº 78, novembro/2004b. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd78/geo.htm>. Acesso em 16 de outubro de 2012.

_____. Megaeventos esportivos e urbanismo: contextos históricos e legado social. In: RODRIGUES, Rejane; TERRA, Leila; DACOSTA, Lamartine (orgs.). **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p.195-199.

MATTELART, Armand. **Comunicação-mundo**. Petrópolis: Vozes, 2001. 368p.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar. In: FIORI, José Luís (org.). **O poder americano**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 225-252.

MELO, Marcelo Paula de. Organismos Internacionais e Grandes Eventos Esportivos: novas dinâmicas da dominação burguesa para o século XXI. In: **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXI, nº. 32/33, p. 28-48, junho-dezembro/2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/15566>. Acesso 28 de agosto de 2012.

MELO NETO, Francisco. **Marketing Esportivo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 252p.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002. 1102p.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Tradução de Waltensir Dutra. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982. 246p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. 80p.

MORAGAS, Miguel de. **Claves para interpretar los juegos olímpicos**. Barcelona: Centre d' Estudis Olímpics i de l'Esport, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2000. Disponível em: http://olympicstudies.uab.es/pdf/od007_spa.pdf. Acesso em 05 de maio de 2011.

_____; BOTELLA Miquel. **Barcelona: l'herència dels Jocs (1992-2002)**. Barcelona: Centre d' Estudis Olímpics i de l'Esport, Universitat Autònoma de Barcelona, Ajuntament de Barcelona, Planeta, 2002. 365p.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000. 234p.

PADILHA, Valquiria. **Tempo Livre e Capitalismo: Um Par Imperfeito**. São Paulo: Editora Alínea, 2000. 111p.

PAYNE, Michael. **A Virada Olímpica**. Trad. Dayse Batista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2006. 319p.

PIRES, Giovani De Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002. 336p.

POYNTER, Gavin. **From Beijing to Bow Bells: Measuring the Olympic Effects** (London East Research Institute. Working paper in Urban Studies). Londres: London East University, 2006. Disponível em: http://www.confef.org.br/arquivos/texto_introducao_seminario_megaeventos.pdf. Acesso 10 de dezembro de 2012.

POZZI, Luiz Fernando. Reflexões sobre o futebol empresa no Brasil. In: COSTA, Marcia Regina; FLORENZANO, José Paulo; QUINTILHO, Elizabeth; D'ALLEVEDO, Silvia C.; SANTOS, Marco Antonio (orgs.). **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa, 1999. p. 41-60.

PREUSS, Holger. **Economics of olympic games: Hosting the Games 1972-2000**. Sydney: Walla Walla Press, 2000. 291p.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. p. 275f. Tese (Doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998a.

_____. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte espetáculo. In: **Revista conexões**, Campinas, v. 1, nº. 1, p. 82-94, julho-dezembro/1998b. Disponível em: <http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/view/12/5>. Acesso 05 de outubro de 2011.

_____. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo (orgs.). **Esporte: história e sociedade**. São Paulo: Editores Associados, 2002. p. 31-62.

_____. A Metamorfose dos Jogos olímpicos (1896 – 1996). In: **XVII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – O lugar da História**, Campinas, 2004. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XVII/ST%20IX/Marcelo%20Weishaupt%20Proni.pdf>. Acesso 15 de abril de 2011.

_____. Economia do Esporte: Um Campo de Estudo em Expansão. In: **I ENCONTRO DA ALESDE - “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas”**, Curitiba, 2008. Disponível em: <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/economia-esporte-um-campo-estudo-expansao.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2011.

_____. ; ARAUJO, Lucas; AMORIM, Ricardo. **Leitura econômica dos Jogos Olímpicos: financiamento, organização e resultados**. Rio de Janeiro: IPEA, 2008b. 50p. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1356.pdf. Acesso 03 de fevereiro de 2012.

RAIL, G. Women's Sport in the Post-War Period. Report of the **Thirtieth Session of the International Olympic Academy: Women in the Olympic Movement**. Ancient Olympia: IOC, p. 111-123, 1990.

RIBEIRO, Sergio Dantas; PIRES, Giovani de Lorenzi. Da Fábrica ao Campo, Vender Tecido e Vender Espetáculo: Tecendo os Fios da História de um "Casamento Feliz". In: **XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, Porto Alegre, 2004. Disponível em:

<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/18302>. Acesso 01 de janeiro de 2012.

RUBIO, Kátia. **O atleta e o mito do herói**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2001. 225p.

_____. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. In: **Revista paul. Educ. Física**, São Paulo, 16(2), p. 130-43, julho-dezembro/2002. Disponível em:

<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v16%20n2%20artigo2.pdf>.

Acesso 12 de julho de 2012.

_____. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. In: **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 24, nº. 1, p.55-68, janeiro-março/2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v24n1/v24n1a06.pdf>. Acesso 14 de maio de 2011.

SENN, Alfred. **Power, Politics, and the Olympic Games: A History of the Power Brokers, Events, and Controversies that Shaped the Games**. Champaign: Human Kinetics, 1999. 315p.

SIMSON V. Y. V; JENNINGS Andrew. **Os senhores dos anéis: poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas**. São Paulo: Best Seller, 1992. 340p.

SIMONOVIC, Ljubodrag Duci. Philosophy of olympism. Strucna Knjiga, 2004. In: Disponível em:

http://www.cirqueminime.blogcollective.com/blog/_archives/2006/5/22/1977075

ptml#post_comment. Acesso em 29 de julho de 2011.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. 268p.

SOUZA, Candice Vidal de. V. de. A Folha de São Paulo e o “país do futebol”: narrativas jornalísticas da nação e o debate de 1997 sobre o futebol brasileiro. In: **Historia: Questões e Debates**, Curitiba, nº. 39, p.65-90, 2003. Disponível em: Acesso em 30 de julho de 2012.

TAVARES, Otávio. Comitê Olímpico Internacional In: FENSTERSEIFER, Paulo; GONZALES, Fernando (orgs.). **Dicionário crítico da educação Física**. 2ª Ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2008. p. 77-79.

THOMPSON, Edward. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Trabalho, educação e prática social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 45-93.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2004. 96p.

_____; TUBINO, Fábio; GARRIDO, Fernando. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. São Paulo: Editora Senac, 2007. 998p.

UVINHA, Ricardo. Os Megaeventos Esportivos e seus impactos: o caso das Olimpíadas da China. In: **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXI, nº. 32/33, p. 104-125, junho-dezembro/2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/15577>. Acesso 10 de novembro de 2012.

VALA, Jorge. A análise de conteúdo. In: Augusto Silva; José Madureira Pinto (orgs.). **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto: Afrontamento. 1986. p. 507-535.

VERONEZ, Luiz Fernando Camargo. **Quando o Estado joga a favor do privado: políticas de esporte após a Constituição de 1988**. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2005. 376 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

WADDINGTON, Ivan. A história recente do uso de drogas nos esportes: a caminho de uma compreensão sociológica. In: GEBARA, Ademir; PILATTI, Luiz Alberto (orgs). **Ensaio sobre história e sociologia nos esportes**. Jundiaí: Fontoura, 2006. p.13-43.

Jornais

“Folha de S. Paulo” de 1991 a 2012. Disponível em: <http://www.acervo.folha.com.br>.

APÊNDICE A-1

Grade do detalhamento das matérias da “Folha de S. Paulo” da edição dos Jogos Olímpicos em Barcelona: 25 de Julho a 09 de Agosto de 1992

Caderno/Página	Título da matéria	Data/Ano	Autor
Caderno de Esporte/06	Câmera corre os 400m	28/06/92	Da reportagem local
Caderno de Esporte/06	Brasileiro é maestro de imagens nos Jogos	28/06/92	Sérgio Kraselis
Caderno de Esporte/07	IAAF reafirma punição a Butch Reynolds	28/06/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/04	Viagem aos Jogos custa no máximo 5,7 mil dólares	06/07/92	Flávio Landi
Caderno de Esporte/04	Não perca Las Ramblas	06/07/92	Da redação
Caderno de Esporte/04	Livros mostram como se virar na cidade	06/07/92	Da redação
Caderno de Esporte/06	Fantasma de Munique orienta segurança	12/07/92	Clóvis Rossi
Caderno de Esporte/06	Prostitutas se revoltam	12/07/92	De Madri
Caderno de Esporte/06	Jogos mudam cara de cidade	12/07/92	De Madri
Caderno de Esporte/06	EUA aprovam esquema montado	12/07/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/04	Dirigente apela para João Paulo 2º por atletas	13/07/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/05	Cerimônia de abertura será festa catalã	19/07/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/05	Números chegam a TV em um segundo e meio	19/07/92	Da redação
Caderno Especial (Barcelona 92)/01	Olimpíada consagra nova ordem esportiva	19/07/92	Sérgio Sá Leitão
Caderno Especial (Barcelona 92)/02	TV transforma Jogos em espetáculo digital	19/07/92	Sérgio Kraselis
Caderno Especial (Barcelona 92)/02	Engenheiros e técnicos disputam 'medalhas'	19/07/92	Roberto de Oliveira
Caderno Especial (Barcelona 92)/03	<u>EUA exibem seu poderio</u>	19/07/92	De Madri
Caderno Especial (Barcelona 92)/03	Novos deuses do Olimpo começam a atacar	19/07/92	Clóvis Rossi
Caderno Especial (Barcelona 92)/05	Viagem dos brasileiros custa US\$900 mil	19/07/92	Mário Magalhães
Caderno Especial (Barcelona 92)/07	Vila Olímpica devolve mar a Barcelona	19/07/92	De Madri
Caderno Especial (Barcelona 92)/07	Aspirador gigante vai recolher o lixo	19/07/92	Das agências internacionais
Caderno Especial (Barcelona 92)/07	Cultura da Catalunha seduz fã da Olimpíada	19/07/92	Marcos Augusto Gonçalves
Caderno de Esporte/05	Possibilidades da Iugoslávia são reduzidas	20/07/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/01	Show catalão abre hoje Olimpíada	25/07/92	Da redação
Caderno de Esporte/03	Deficiente físico ascende pira com flecha	25/07/92	Clóvis Rossi
Caderno de Esporte/03	Coro grita 'hola' e a festa começa	25/07/92	Do enviado especial a Barcelona
Caderno de Esporte/03	Convidados ficam fora do palco real	25/07/92	Do enviado especial a Barcelona
Caderno de Esporte/04	Atletas desafiam todos os limites nos Jogos	25/07/92	Mário Magalhães
Caderno de Esporte/01	'Air Jordan' leva basquete ao Olimpo do esporte	26/07/92	Da reportagem local
Caderno de Esporte/02	Prins colore o público da Olimpíada	26/07/92	Do enviado especial a Barcelona e das agências

			internacionais
Caderno de Esporte/03	'Dream Team' pega Angola	26/07/92	Da reportagem local
Caderno de Esporte/03	NBA integra várias seleções	26/07/92	Da Folha ABCD SP
Caderno de Esporte/04	Jogos abrem com show de cultura espanhola	26/07/92	Da reportagem local
Caderno de Esporte/05	Mulheres reascendem o duelo EUA x CEI	26/07/92	Da redação
Caderno de Esporte/06	Basquete é o esporte de maior interesse nos Jogos	26/07/92	Paulo Ricardo
Caderno de Esporte/08	Natação mudou e criou novo tipo de atletas	26/07/92	Mark Spitz
Caderno de Esporte/08	Alemães querem vetar maiôs tipo 'aqualouco'	26/07/92	Da reportagem local
Caderno de Esporte/01	EUA viram um filme de terror para angolanos	27/07/92	Do enviado especial a Barcelona
Caderno de Esporte/03	EUA batem a 'menos fácil'	28/07/92	Do enviado especial a Barcelona
Caderno de Esporte/04	Recorde mundial livra EUA do vexame	29/07/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/04	China ganha sua quarta medalha	29/07/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/08	Basquete dos EUA torna impossível a competição	29/07/92	Do enviado especial a Barcelona
Caderno de Esporte/07	Ex-URSS 'renasce' na piscina de Barcelona	30/07/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/07	Barrawman bate recorte	30/07/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/01	Natação tem maratona de recordes em Barcelona 92	31/07/92	Da redação
Caderno de Esporte/06	EUA lideram 'corrida do ouro'	31/07/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/07	Novos equipamentos ajudam a derrubar marcas em Barcelona	31/07/92	Da redação
Caderno de Esporte/07	Grã-Bretanha expulsa três atletas dos Jogos	31/07/92	Leão Serva
Caderno de Esporte/05	Estatais fazem propaganda na Olimpíada	01/08/92	Dos enviados especiais a Barcelona
Caderno de Esporte/05	Torcedor já é profissional	01/08/92	Da redação
Caderno de Esporte/06	EUA não tem hegemonia avassaladora	01/08/92	Do enviado especial a Barcelona
Caderno de Esporte/06	Alemanha unificada fracassa	01/08/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/03	Samaranch diz que sua obra 'já está acabada'	02/08/92	El País
Caderno de Esporte/04	Tempos devem evoluir com água do mar	02/08/92	Da reportagem local
Caderno de Esporte/05	COI nega volta de acusados de doping	02/08/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/08	BB se apropria do novo campeão	03/08/92	Do enviado especial a Barcelona
Caderno de Esporte/03	'Dream Team' enfrenta time de Porto Rico	04/08/92	Da reportagem local
Caderno de Esporte/08	EUA estabelece duas marcas olímpicas	04/08/92	Da redação
Caderno de Esporte/07	Exames buscam novas drogas	05/08/92	Da reportagem local
Caderno de Esporte/07	Droga proibida tira chinesa da Olimpíada	05/08/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/05	Computador bate 'recorde' de enganos na Olimpíada	06/08/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/06	Barcelona registra o terceiro caso de doping	06/08/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/08	Marsh e Watts superam tempos	06/08/92	Das agências internacionais

Caderno de Esporte/04	'Dream Team' decide a medalha de ouro com equipe da Croácia	07/08/92	Da reportagem local
Caderno de Esporte/05	BB resolve patrocinar judoca	07/08/92	Da Sucursal do Rio e da reportagem local
Caderno de Esporte/07	Derrota dos EUA surpreende revista	07/08/92	Mário Magalhães
Caderno de Esporte/06	'Dream Team' x Croácia é o último show	08/08/92	Da reportagem local
Caderno de Esporte/07	Krabble diz ter usado substância proibida	08/08/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/04	'Dream Team' tem ouro, Brasil é 5º	09/08/92	Da reportagem local
Caderno de Esporte/04	TV é invadida por festival de besteiras	09/08/92	Henrique Mariante
Caderno de Esporte/05	Cerimônia final troca o mar pelo fogo	09/08/92	Do enviado especial a Barcelona e das agências internacionais
Caderno de Esporte/05	Amadores garantem a festa de profissionais	09/08/92	Clóvis Rossi
Caderno de Esporte/05	Atleta dos EUA usa clenbuterol e é expulsa	09/08/92	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/05	EUA quebram marca mundial no revezamento	09/08/92	Do enviado especial a Barcelona e das agências internacionais
Caderno de Esporte/09	'Dream Team' tem participação polêmica	10/08/92	Do enviado especial a Barcelona
Caderno de Esporte/10	Ex-URSS triunfa nos Jogos pela última vez	10/08/92	Mário Magalhães
Caderno de Esporte/10	Quatro atletas 'caem' no exame	10/08/92	Das agências internacionais

 Espetáculo/Entretenimento;
 Infraestrutura;
 Política;
 Midiatização;
 Marketing Olímpico;
 Manifestações Sociais;
 Nacionalismo;
 Atleta;
 Investimentos Econômicos

APÊNDICE A-2

Grade do detalhamento das matérias da “Folha de S. Paulo” da edição dos Jogos Olímpicos em Atlanta: 19 de Julho a 04 de Agosto de 1996

Caderno/Página	Título da matéria	Data/Ano	Autor
Caderno de Esporte/10	Atlanta herda desafios a recordes insuperáveis	10/08/92	Da reportagem local
Caderno de Esporte/11	Disputa passa a valer medalha	23/06/96	Do enviado de João Pessoa
Caderno de Esporte/11	Patrocinador rejuvenesce clientela com incentivo	23/06/96	Do enviado de João Pessoa
Caderno de Esporte/06	Doping pode suspender atleta por 04 anos	24/06/96	André Fontenelle
Caderno de Esporte/01	Dinheiro publico financia os brasileiros em Atlanta	30/06/96	Lucio Vaz e Sérgio Torres
Caderno de Esporte/05	Confederações usam o 'ouro' das estatais	30/06/96	Do Sucursal de Barcelona
Caderno de Esporte/10	Brasil vai ter antidoping de surpresa	07/07/96	Do enviado de Atlanta
Caderno de Esporte/06	Brasil abriga coleção rara sobre Jogos	08/07/96	Edgard Alves
Caderno de Esporte/16	Manual dá dicas á torcida em Atlanta	12/07/96	Da Sucursal de Brasília
Caderno de Esporte/05	Israel e Coreia pagam mais pelo ouro	14/07/96	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/01	Profissionais nos Jogos são inevitáveis, vê Samaranch	15/07/96	Andre Fontenelle
Caderno de Esporte/04	Para dirigentes, país pobre pode ser sede	15/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno de Esporte/04	Profissionalismo enfrenta resistências	15/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno de Esporte/04	Telefone dá informações sobre os Jogos	15/07/96	Da reportagem local
Caderno de Esporte/10	A partir de Atlanta, o importante é patrocinar	16/07/96	Matinas Suzuki Jr.
Caderno de Esporte/13	Doping de 06 atletas revive tema antes da Olimpíada	17/07/96	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/13	Tocha já está na região de Atlanta	17/07/96	Rodrigo Bueno
Caderno de Esporte/01	Parafernália eletrônica protege Vila	18/07/96	André Fontenelle
Caderno de Esporte/15	Jornalistas ganham dinheiro de brinde	18/07/96	Maurício Stycer
Caderno Especial (Guia Atlanta)01	No Ar!	18/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Guia Atlanta) 02	Internet	18/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Guia Atlanta)03	Telinha	18/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Guia Atlanta)04	Anfitriões	18/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Guia Atlanta)08	Livros	18/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Guia Atlanta)10	Dólar	18/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Guia Atlanta)11	Perigo	18/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Atlanta-96) /01	Megaevento recria geopolítica do esporte	19/07/96	André Fontenelle
Caderno Especial (Atlanta-96) /03	Caminhões roubaram a cena na cerimônia de abertura	19/07/96	Maurício Stycer
Caderno Especial (Atlanta-96) /04	Cambistas chegam a pedir 07 mil dólares por ingressos	19/07/96	Rodrigo Bueno
Caderno Especial (Atlanta-96) /12	Reebok sai à frente na luta pelo 'pódio' do marketing	19/07/96	Humberto Saccomandi
Caderno Especial (Atlanta-96) /12	Mizuno é favorita dos 100m	19/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /12	Empresas têm de participar	19/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial	Abertura mistura clima de carnaval, aeróbica e blues	20/07/96	Maurício Stycer

(Atlanta-96) /04			
Caderno Especial (Atlanta-96) /04	Alarme de bomba agita centro de TV	20/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /07	Banco estatal dá ingressos aos parentes de atletas	20/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /04	Guerra ou paz	21/07/96	Juca Kfourri
Caderno Especial (Atlanta-96) /06	'Sai das ruas para me proteger da polícia' diz sem-teto	21/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /06	Polícia nega ter feito repressão	21/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /07	Ação contra sem teto cria Olimpíada dos excluídos	21/07/96	Maurício Stycer
Caderno Especial (Atlanta-96) /07	Abrigos tem lotação esgotada	21/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /08	Sex e Money	21/07/96	Marcos Augusto Gonçalves
Caderno Especial (Atlanta-96) /08	FBI desmente ameaça de atentado	21/07/96	Das agências internacionais
Caderno Especial (Atlanta-96) /11	'Dream team' tem desfile 'vip'	21/07/96	Maurício Stycer
Caderno Especial (Atlanta-96) /03	Onze modalidades estão esgotadas	22/07/96	Humberto Saccomandi
Caderno Especial (Atlanta-96) /03	Torcida rejeita cinco esportes		Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /12	Olimpíada se torna "jogo de azar"	22/07/96	Rodrigo Bertollo
Caderno Especial (Atlanta-96) /12	Ali tremeu que pira não se ascendesce	22/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /07	Areia teve que ser importada	23/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /10	Atletas atraem fama e dinheiro	23/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Atlanta-96) /13	Jogos são recordistas em falhas	23/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Atlanta-96) /13	Remadoras 'sequestram' um dos poucos ônibus	23/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Atlanta-96) /03	Esquadrão faz caça a bombas em Miami	24/07/96	Dos enviados a Miami
Caderno Especial (Atlanta-96) /05	Falso vigilante burla segurança olímpica	24/07/96	Das agências internacionais
Caderno Especial (Atlanta-96) /05	Combate-videogame faz público vibrar	24/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Atlanta-96) /06	Regatas podem causar danos para tartarugas em extinção	24/07/96	Das agências internacionais
Caderno Especial (Atlanta-96) /11	Bicões fazem pirataria olímpica	24/07/96	Alexandre Gimenez
Caderno Especial (Atlanta-96) /11	Atletas também usam propaganda "irregular"	24/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Atlanta-96) /11	Banco distribui camisetas	24/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Atlanta-96) /12	Broche Olímpico atrai multidões	24/07/96	Do enviado especial a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /12	Preço pode ir a US\$ 300 mil	24/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /06	Por que não deserto	25/07/96	André Fontenelle
Caderno Especial (Atlanta-96) /09	Atlanta vira piada internacional	25/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /09	IBM acredita na recuperação	25/07/96	Rodolfo Lucena
Caderno Especial (Atlanta-96) /12	DJ eletriza estádio com música pop	25/07/96	Dos enviados a Miami
Caderno Especial (Atlanta-96) /12	Inspiração vem de clube noturno de Los Angeles	25/07/96	Dos enviados a Miami
Caderno Especial (Atlanta-96) /01	Folha lança ranking dos produtivos	26/07/96	Da redação
Caderno Especial (Atlanta-96) /03	Rodada vira programa de teen	26/07/96	Dos enviados a Miami
Caderno Especial (Atlanta-96) /03	Público médio supera o de Barcelona	26/07/96	Dos enviados a Miami
Caderno Especial	'Praia' entra em clima histórico	26/07/96	Do enviado a

(Atlanta-96) /09			Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /10	Pista será vendida em pedaços	26/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /10	Dois 'dopados' são admitidos	26/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /11	James Brown é 'atração olímpica'	26/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /11	Festival de artes tem perfil 'politicamente correto'	26/07/96	Do enviado especial a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /12	Um dia de fúria no caos de Atlanta	26/07/96	Maurício Stycer
Caderno Especial (Atlanta-96) /12	Comitê nega desorganização	26/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /01	Bomba mata 02 e abala os Jogos	28/07/96	Humberto Saccomandi e Marcos Augusto Gonçalves
Caderno Especial (Atlanta-96) /05	Patrocínio 'poliniza' Olimpíadas	28/07/96	Humberto Saccomandi
Caderno Especial (Atlanta-96) /05	Emergentes ganham espaço	28/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /05	'Polinização' é processo lento	28/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /05	Nova ordem esportiva mundial favorece o Brasil	28/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /06	Ex-soviéticos rejeitam passado	28/07/96	André Fontenelle
Caderno Especial (Atlanta-96) /06	Atletas das 15 republicas formariam maior equipe	28/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /11	Transmissões terão câmara nas flechas	28/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Atlanta-96) /13	FBI tenta evitar novos atentados	28/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /14	Peritos fazem vistoria nas sedes	28/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /14	Organização temia atentado	28/07/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Atlanta-96) /14	Órgão Olímpico promete 'lutar'	28/07/96	Das agências internacionais
Caderno Especial (Atlanta-96) /07	Doping tira medalha de 02 russos	29/07/96	Das agências internacionais
Caderno Especial (Atlanta-96) /07	Comitê anuncia novo aparato	29/07/96	Das agências internacionais
Caderno Especial (Atlanta-96) /09	Campeão dos 100m busca perfeição	29/07/96	André Fontenelle
Caderno Especial (Atlanta-96) /10	Super-revistas 'atrasam' a torcida	29/07/96	Humberto Saccomandi
Caderno Especial (Atlanta-96) /11	Atlanta vive paranoia do horror	29/07/96	Das agências internacionais
Caderno Especial (Atlanta-96) /11	Bomba afeta negócios e pode provocar prejuízos	29/07/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /12	EUA dizem ter pistas sobre a bomba	29/07/96	Das agências internacionais
Caderno Especial (Atlanta-96) /08	Lewis quer chance para ter 10º ouro	31/07/96	André Fontenelle
Caderno Especial (Atlanta-96) /09	Polícia admite 'erro' no horário	31/07/96	Das agências internacionais
Caderno Especial (Atlanta-96) /09	FBI segue trilha das milícias de direita dos EUA	31/07/96	Das agências internacionais
Caderno Especial (Atlanta-96) /09	TV pressiona por Lewis no revezamento	01/08/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /11	Voluntário ganha roupa e comida	01/08/96	Marcos Augusto Gonçalves
Caderno Especial (Atlanta-96) /12	Mascote 'Izzy' desaparece dos Jogos	01/08/96	Rodrigo Vergara
Caderno Especial (Atlanta-96) /07	Percurso exhibe atrações do país	02/08/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /08	Atlanta mais países premiados	02/08/96	Das agências internacionais
Caderno Especial (Atlanta-96) /09	Johnson quebra recorde e tabu	02/08/96	Maurício Stycer
Caderno Especial (Atlanta-96) /09	Carl Lewis pode buscar 10º ouro no revezamento	02/08/96	Do enviado a Atlanta

Caderno Especial (Atlanta-96) /10	Olimpíada muda 'cara' das férias	02/08/96	Alexandre Gimenez
Caderno Especial (Atlanta-96) /10	Jogos fazem estudante renunciar vida noturna	02/08/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Atlanta-96) /11	COB diz que a globo não tem preferência na Olimpíada	02/08/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /07	Canção de grupo gay e música latina são sucesso	03/08/96	Dos enviados a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /09	Jogos precisam de Estado, diz dirigente	03/08/96	Das agências internacionais
Caderno Especial (Atlanta-96) /10	Tecnologia desfila em uniformes em Atlanta	03/08/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Atlanta-96) /10	Guarda queria ser 'o herói' da Olimpíada	03/08/96	Das agências internacionais
Caderno Especial (Atlanta-96) /11	Lewis tenta hoje recorde de ouro	03/08/96	André Fontenelle
Caderno Especial (Atlanta-96) /04	Esporte tem publico recorde	04/08/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /08	A olimpíada dos negros na terra de Martin Luther King	04/08/96	Humberto Saccomandi
Caderno Especial (Atlanta-96) /09	Cidade abrigou protestos civis	04/08/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /12	Hollywood mira suas câmeras em Atlanta e equipe dos EUA	04/08/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Atlanta-96) /13	Little Richard e BB King cantam no encerramento	04/08/96	Marcos Augusto Gonçalves
Caderno Especial (Atlanta-96) /04	'Dream Team 3' fica com ouro anunciado	05/08/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /07	Russos têm 02 medalhas devolvidas	05/08/96	Das agências internacionais
Caderno Especial (Atlanta-96) /10	'Prins' rendem bons negócios	05/08/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /10	Local de explosão vira atração a turistas	05/08/96	Do enviado a Atlanta
Caderno Especial (Atlanta-96) /03	Olimpíada foi realizada em clima de caos	06/08/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Atlanta-96) /08	Adversário competitivo eleva drama nos Jogos	06/08/96	Da reportagem local
Caderno Especial (Atlanta-96) /08	Globalização e patriotismo	06/08/96	Maurício Stycer
Caderno de Esporte/09	Promessas de Atlanta ficam só no papel	11/08/96	Da reportagem local
Caderno de Esporte/10	Reebok vence a Olimpíada das marcas	11/08/96	Humberto Saccomandi
Caderno de Esporte/10	Cada empresa valoriza a sua matemática	11/08/96	Do enviado a Atlanta
Caderno de Esporte/10	Atlanta rende altos e baixos	11/08/96	Do enviado a Atlanta

■ Espetáculo/Entretenimento; ■ Infraestrutura; ■ Política; ■ Midiatização; ■ Marketing Olímpico; ■ Manifestações Sociais; ■ Nacionalismo; ■ Atleta; ■ Investimentos Econômicos

APÊNDICE A-3

Grade do detalhamento das matérias da “Folha de S. Paulo” da edição dos Jogos Olímpicos em Sydney: 15 de Setembro a 01 de Outubro de 2000

Caderno/Página	Título da matéria	Data/Ano	Autor
Caderno de Esporte/12	Sydney promete evitar erros de Atlanta	04/08/96	Maurício Stycer
Caderno de Esporte/12	Taekwondo e triatlo estreiam	04/08/96	Do enviado a Atlanta
Caderno de Esporte/12	Governo decide investir 1,2 bilhão	04/08/96	Do enviado a Atlanta
Caderno de Esporte/03	Sydney planeja jogos de 'mentira'	06/08/96	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/06	Acordo contra doping exclui 3 federações	15/08/00	
Caderno de Esporte/04	Protestos de esquerda assustam Sydney	23/08/00	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/04	Greenpeace dá início a atos pró-ecologia	23/08/00	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/04	Brasileiros trocam patrocínio por tempo	29/08/00	Edgard Alves e Roberto Dias
Caderno de Esporte/04	Antidoping duplo aumenta rigor	29/08/00	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/04	Sydney pode cassar medalha após Jogos	01/09/00	José Alan Dias
Caderno de Esporte/04	Para médico, o COI prepara surpresa em exame	01/09/00	Dos enviados a Canberra
Caderno de Esporte/04	COB clona estratégia do futebol	01/09/00	Edgard Alves e Roberto Dias
Caderno de Esporte/04	Complexo olímpico será 'trancado' hoje	01/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno de Esporte/05	Olimpíada impõe restrições a torcedores	01/09/00	Marcelo Diego
Caderno de Esporte/05	'Moralização' faz aumenta número de ingressos à venda	02/09/00	José Alan Dias e Rodrigo Bertolotto
Caderno de Esporte/05	Determinação anima torcedor e provoca fila	02/09/00	Dos enviados a Sydney
Caderno de Esporte/06	Exército tenta assegurar a paz Olímpica	03/09/00	José Alan Dias
Caderno de Esporte/06	Evento ganha linha 24h antiterrorismo	03/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno de Esporte/06	Vila olímpica recebe os primeiros hospedes	03/09/00	Do enviado especial a Sydney
Caderno de Esporte/06	Em nova fase, COI usa matemática	03/09/00	Roberto Dias
Caderno de Esporte/05	Protesto desafia festa em Arena	04/09/00	José Alan Dias
Caderno de Esporte/08	Greves ameaçam a organização dos Jogos	04/09/00	Rodrigo Bertolotto
Caderno de Esporte/05	COI quer mais mulheres na modalidade	05/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno de Esporte/05	Samaranch pede 'pente fino' na organização de seus últimos Jogos	05/09/00	Marcelo Diego
Caderno de Esporte/05	Espanhol não abre mão de requinte	05/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno de Esporte/01	Kuerten abre mão de ouro por dinheiro	06/09/00	Dos enviados a Canberra e da reportagem local
Caderno de Esporte/04	Sydney proíbe, mas 'apostas olímpicas' continuam no país	06/09/00	José Alan Dias
Caderno de Esporte/05	Rito pode afastar judeus de provas	06/09/00	Dos enviados a Sydney
Caderno de Esporte/05	Católicos combatem dispersão durante os Jogos	06/09/00	Dos enviados a Sydney
Caderno de Esporte/03	Diadora perde 'guerra de marcas'	07/09/00	Dos enviados a Sydney
Caderno de	Isolado, Nuzman cede e faz Olympikus aceitar Kuerten	08/09/00	Fernando Melo e

Esporte/02			José Alan Dias
Caderno de Esporte/08	Vídeo arruína ainda mais imagem do COI	08/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno de Esporte/01	Tudo certo na Olimpíada do 'politicamente correto'	10/09/00	Roberto Dias
Caderno de Esporte/01	Reivindicações sociais e minoria são destaque	10/09/00	Do Enviado a Canberra
Caderno de Esporte/06	Por que ler a(s) Folha na Olimpíada	10/09/00	Melchiades Filho
Caderno de Esporte/10	Trapalhadas marcam percurso da tocha	10/09/00	Rodrigo Bertolotto
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /01	A Olimpíada dos Pobres	11/09/00	
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /03	Por opção ou veto, ricos do esporte verão Jogos pela TV	11/09/00	Fábio Seixas e Paulo Cobos
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Dormir tarde, acordar cedo, não dormir	11/09/00	Alexandre Ozório de Almeida e Lúcio Ribeiro
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /04	COI deve anunciar Nuzman como novo membro hoje	12/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /05	Colapso do sistema se torna real	12/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	A mais feminina das Olimpíadas	12/09/00	José Alan Dias
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Das marcas à política, elas ganham espaço	12/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	Ásia e Oceania derrubam Europa e atraem o eixo mundial do esporte	13/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Uma cidade no centro da Terra	13/09/00	Marcelo Diego
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	Milícia vai fiscalizar marketing olímpico	13/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	Organizadores contratam espões para avaliação de serviços e preços	13/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	Torcedor está sujeito a multa	13/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	Passando a maça e água, 5.00 condutores ameaçam parar nos Jogos	14/09/00	Marcelo Diego
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	Taxistas também podem deixar de trabalhar	14/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /03	Polícia de Sydney prepara esquema de segurança para receber manifestantes	14/09/00	Das agências internacionais
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /03	Desfile faz retrato da geopolítica	14/09/00	Do enviado a Sydney e da reportagem local
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /03	Cerimônia de abertura é planejada para TV	14/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /03	Jornalistas denunciam uso político	14/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /04	Novo membro do COI, Nuzman crê em fortalecimento de Rio-2012	14/09/00	João Carlos Assumpção

Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /04	Aborígenes fazem manifestações	14/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Melbourne-56 e Sydney 2000: a mesma água	14/09/00	Lúcio Ribeiro
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /09	Expectativa de retomada do nível olímpico aquece piscina de Sydney	14/09/00	Roberto Dias
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /01	Um, dois, três e...já	15/09/00	
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /11	Exigência da TV altera formato de disputa	15/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /11	Thorpe nada por país e por século	15/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	Sydney reduz número de concorrentes	16/09/00	
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	Jogos do futuro excluem 2 bilhões de 'sem TV'	16/09/00	José Alberto Bombig
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /07	A festa	16/09/00	Fábio Seixas e João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /10	(E o outro lado da Festa)	16/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /13	Em juramento, atletas prometem pela primeira vez atuarem 'limpos'	16/09/00	Das agências internacionais
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /11	Relatório critica posição do COI	16/09/00	'The New York Times'
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	Rede larga mal em corrida de multimeios	17/09/00	José Alberto Bombig
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /05	Após assombra o mundo com 2 ouros e recordes mundiais, Thorpe diz obrigado	17/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /11	Exames positivos deixam 20 atletas fora da olimpíada	17/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /11	Espírito olímpico reaparece na eleição de atletas para o COI	17/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /12	50% de 'sorte' fez a pira olímpica subir	17/09/00	Marcelo Diego
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	Brasileiros saem do ar em Jogos Patrióticos	18/09/00	José Alberto Bombig
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Vitórias deixam discussões sobre doping de lado	18/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	Brasileiro quebra norma ao vestir seu patrocinador	18/09/00	Paulo Cobos
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /09	Popov tenta ouro nos 50m e 100m pela terceira vez	18/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /09	Thorpe busca mais um ouro no 4x200m livre	18/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /10	Análise de cabelo resulta em medalhas	18/09/00	Marcelo Diego
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	Alternativos sem alternativas na madrugada	19/09/00	José Alberto Bombig
Caderno Especial (Folha Sydney 2000)	Esporte volta à sede e espera visibilidade na TV	19/09/00	Do enviado a Sydney

/04			
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /07	COI absolve Valério de uso indevido de propaganda no maiô no 4x100m livre	19/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /07	Argentina paga US\$ 60 por uso de publicidade	19/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /10	Perfeição nas imagens é obra de laboratório	19/09/00	Marcelo Diego
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	TV empurra internet goela abaixo nos EUA	20/09/00	José Alberto Bombig
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Carrasco de australiano 'implode' marca mundial dos 100m livre	20/09/00	Roberto Dias
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /07	Thorpe conquista o 3º ouro e 3º recorde	20/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	Mina de ouro	20/09/00	João Carlos Assumpção e Roberto Dias
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /09	Escândalos abalaram credibilidade e evitam lucro maior	20/09/00	Dos enviados a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /10	DNA de atleta dá segurança e lucro ao Socog	20/09/00	Marcelo Diego
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /11	Atleta búlgaro tem sua medalha cassada	20/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	EUA tentam salvar os Jogos a partir de hoje	21/09/00	José Alberto Bombig
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Mais alto, mais rápido, mais forte e mais nobre	21/09/00	Fábio Seixas
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	Forte parceria, Coca defende Pequim 2008	21/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	Holandês acaba com a 'era Popov' nos 100m livre	21/09/00	Roberto Dias
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	Thorpe quer disputar novas provas em Atenas	21/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /09	Americana é a nova recordista de ouros	21/09/00	Das agências internacionais
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /10	Tecnologia ajuda atletas e bastidores	21/09/00	Marcelo Dias
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /01	A era da incerteza	22/09/00	
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	Com capitalismo, mas sem ouro	22/09/00	
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /05	Negros buscam recordes e domínio total em Sydney	22/09/00	Fábio Seixas
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /05	Estética hip hop invade as pistas na Austrália	22/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Banco 'aluga' torcedores nativos	22/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Natação estuda como limitar os convites	22/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /07	Pulverização de recordes ressurgiu depois de 24 anos	22/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial	Suspeitas de doping rondam piscinas	22/09/00	Do enviado a

(Folha Sydney 2000) /07			Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	As almas do negócio	22/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	TV é palco de disputa por telespectadores	22/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	Países dão prêmios a atletas com medalhas	22/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /09	Empresas lucram ao apostar no esporte brasileiro	22/09/00	Luís Souza e Rodrigo Bueno
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	A Bulgária leva ouro no doping	23/09/00	
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	Em Sydney, o homem é meio e mensagem	23/09/00	José Alberto Bombig
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Ingressos de cambistas são mais seguros	23/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	Fabricando Recordes	23/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	Atletismo testa roupas 'mutante' para 2004	23/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	Dos produtos olímpicos só 20% chegam ao mercado	23/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /10	Socog gastou 30 milhões em elefante branco	23/09/00	Marcelo Diego
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /10	Esquema com 15 mil homens protege torcida	24/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	EUA pedem, e comitê pode evitar Oriente	25/09/00	José Alberto Bombig
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /05	Torcedores viram atração à parte	25/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Imprensa vira instrumento dos organizadores	25/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /10	Câmera de R\$ 600 busca excelência	25/09/00	Marcelo Dias
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	Made in China	26/09/00	
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Na brincadeira, COI pede bis da Austrália	26/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /10	Grupo anteviu (e solucionou) erros dos Jogos	26/09/00	Marcelo Diego
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /10	Aborígene encanta nação pela 2ª vez	26/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /11	COI já cassou medalhas nos Jogos de Sydney	26/09/00	Da reportagem local
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	Heróis provam que TV dependem de medalhas	27/09/00	José Alberto Bombig
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	O mapa do ouro	27/09/00	Da reportagem local
Caderno Especial (Folha Sydney 2000)	Estrelas cadentes	28/09/00	

/02			
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Armistício	28/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /07	Coreias após desfilarem juntas torcem uma pela outra em Sydney	28/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /09	Comitê acusa os EUA de proteger atletas flagrados no antidoping	28/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	Expresso do Oriente	29/09/00	
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Sydney celebra os 'Jogos das mulheres'	29/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08d	Disputa de Spetz e Thorpe vai às telas de cinema	29/09/00	Marcelo Diego
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /02	Vencedores e vencidos ignoram TVs	30/09/00	José Alberto Bombig
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Jogos provocam ufanismo australiano	30/09/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Marcha lenta	30/09/00	Fábio Seixas
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /08	Encerramento mostra ícones australianos	30/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Colecionar pins vira mania australiana	01/10/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /04	EUA lideram, mas disputa pelo 2º lugar deve crescer	02/10/00	Do enviado especial a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /04	Desempenho do país-sede é chave para o sucesso	02/10/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /10	Jogos de Sydney terminam aclamados por Samaranch	02/10/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /10	Australianos invadem as ruas para celebrar	02/10/00	Do enviado a Sydney
Caderno de Esporte/06	Audiência na internet fica abaixo do previsto	03/10/00	José Alberto Bombig
Caderno de Esporte/06	Desfile reúne atletas e 250 mil pessoas e encerra de vez os Jogos	04/10/00	Do enviado a Sydney

■ Espetáculo/Entretenimento; ■ Infraestrutura; □ Política; ■ Midiatização; ■ Marketing Olímpico; ■ Manifestações Sociais; ■ Nacionalismo; ■ Atleta; ■ Investimentos Econômicos

APÊNDICE A-4

Grade do detalhamento das matérias da “Folha de S. Paulo” da edição dos Jogos Olímpicos em Atenas: 13 de Agosto a 29 de Agosto de 2004

Caderno/Página	Titulo da matéria	Data/Ano	Autor
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Tocha Olímpica deve passar por países em conflito	28/09/00	Do enviado a Sydney
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /06	Jogos de Atenas não serão como os de Sydney	02/10/00	João Carlos Assumpção
Caderno Especial (Folha Sydney 2000) /10	Fabricantes já trabalham para os Jogos de 2004	02/10/00	Marcelo Diego
Caderno de Esporte/06	COI pede ajuda do Estado em Atenas-2004	03/10/00	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/06	Olimpíada muda canais esportivos	08/10/00	Free-Lance para a Folha
Caderno de Esporte/04	COI venderá direitos para a Internet	06/12/00	Das agências internacionais
Caderno de Esporte/03	Megablecaute humilha os gregos	13/07/04	Da reportagem local
Caderno de Esporte/02	Atenas admite risco de apagão durante Jogos	14/07/04	Da reportagem local
Caderno de Esporte/02	Estatais dobram presença na delegação brasileira	14/07/04	Paulo Cobos
Caderno de Esporte/04	Mídia americana corre a caça de heróis	18/07/04	Fábio Seixas
Caderno de Esporte/04	Anunciantes seguem a mesma trilha	18/07/04	Da reportagem local
Caderno de Esporte/04	EUA viajam com armas e FBI à Olimpíada	22/07/04	Da reportagem local
Caderno de Esporte/04	Atenas poderá detectar uso de hGH em atletas	29/07/04	Da reportagem local
Caderno de Esporte/02	COI apura possível suborno nos Jogos que barraram o Rio	30/07/04	Da reportagem local
Caderno Especial (Anatomia do Esporte) /02	Camisa de força	01/08/04	
Caderno Especial (Anatomia do Esporte) /03	A conta de cada um	01/08/04	
Caderno Especial (Anatomia do Esporte) /04	O caminho para a Olimpíada	01/08/04	
Caderno Especial (Anatomia do Esporte) /05	A matemática de cada um	01/08/04	
Caderno Especial (Anatomia do Esporte) /05	Fôrma de gelo	01/08/04	
Caderno Especial (Anatomia do Esporte) /07	Sempre cabe mais um	01/08/04	
Caderno Especial (Anatomia do Esporte) /08	Valor agregado	01/08/04	
Caderno Especial (Anatomia do Esporte) /08	A história de cada um	01/08/04	

Caderno Especial (Anatomia do Esporte) /09	Sinapse olímpica	01/08/04	
Caderno Especial (Anatomia do Esporte) /10	Falsa Virgem	01/08/04	
Caderno de Esporte/01	Atenas prepara Olimpíada mais quente da história	03/08/04	Guilherme Roseguini e Roberto Dias
Caderno de Esporte/01	Por rendimento, atletas gelam roupas	03/08/04	Dos enviados a Atenas
Caderno de Esporte/02	Membro do COI ofereceu votos a Londres-2012	04/08/04	Da reportagem local
Caderno de Esporte/01	Atenas respira Olimpíada cinza	05/08/04	Guilherme Roseguini e Roberto Dias
Caderno de Esporte/02	Nova Atenas 'está pronta' afirma Rogge	05/08/04	Da reportagem local
Caderno de Esporte/03	Gregos correm para fazer maquiagem e mudar cor dos Jogos	05/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno de Esporte/03	Ambientalismo só teve atenção do COI nos anos 90	05/08/04	Dos enviados a Atenas
Caderno de Esporte/02	TV inglesa põe 25% do COI sob suspeita	06/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno de Esporte/04	COI suspende búlgaro acusado de suborno	08/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno de Esporte/05	Justiça e garra põem deficientes nos Jogos	08/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno de Esporte/02	Em Olimpia, Jogos deixam de lado propaganda e pódio	09/08/04	Fábio Seixas
Caderno de Esporte/03	Nem boom tardio salva fiasco de público	09/08/04	Dos enviados a Atenas
Caderno de Esporte/03	Finais, abertura e encerramento são um sucesso	09/08/04	Dos enviados a Atenas
Caderno de Esporte/03	Fuga dos americanos amplia vazio	09/08/04	Dos enviados a Atenas
Caderno de Esporte/01	Atenas, cidade grampeada	10/08/04	Fábio Seixas e Marcelo Diego
Caderno de Esporte/01	País consultou OTAN e Israel para enfrentar terror	10/08/04	Dos enviados a Atenas
Caderno de Esporte/01	Governo teme falta de água e energia elétrica	10/08/04	Dos enviados a Atenas
Caderno de Esporte/01	Gregos criam prisão especial para estrangeiros	10/08/04	Dos enviados a Atenas
Caderno de Esporte/02	Na Grécia, Iraque só quer provar que é país normal	10/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /01	Brasil cresce, China aparece	11/08/04	Marcelo Diego
Caderno Especial (Atenas 2004) /01	Olímpico não honra trégua que assinou	11/08/04	Roberto Dias
Caderno Especial (Atenas 2004) /02	G7 do dinheiro e dos pódios olímpicos	11/08/04	
Caderno Especial (Atenas 2004) /03	Eis o homem	11/08/04	Guilherme Roseguini
Caderno Especial (Atenas 2004) /06	COI anuncia tolerância zero e já faz vítimas	11/08/04	Do enviado a Atenas

Caderno Especial (Atenas 2004) /01	Subempregados deram lustre ao brilho grego	12/08/04	Marcelo Diego
Caderno Especial (Atenas 2004) /02	Passe a tocha	12/08/04	Paulo Sampaio
Caderno Especial (Atenas 2004) /06	Palestinos percorrem caminho até a Grécia entre pedras, tiros e cloro	12/08/04	Adalberto Leister Filho e Guilherme Roseguini
Caderno Especial (Atenas 2004) /06	COI veta pela 2ª vez entrada de Nuzman no executivo	12/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /01	Jogos Patrióticos	14/08/04	Fábio Seixas e Marcelo Diego
Caderno Especial (Atenas 2004) /01	Nadadores de elite dizem adeus à sunga	14/08/04	Guilherme Roseguini
Caderno Especial (Atenas 2004) /05	Piscinas roubam das pistas primazia nos Jogos	14/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /08	Festa reúne piscinão, deuses e megatocha	14/08/04	Dos enviados a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /03	Bonequinha de luxo	15/08/04	Adalberto Leister Filho e Fábio Seixas
Caderno Especial (Atenas 2004) /03	Do Softbol sai à musa que salva marqueteiros americanos	15/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /06	Phelps bate recorde em seu 1º ouro	15/08/04	Da reportagem local
Caderno Especial (Atenas 2004) /03	Respeitável Público	17/08/04	Dos enviados a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /03	Ouro grego pode atenuar fiasco	17/08/04	Dos enviados a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /07	Phelps vê fim do sonho de se igualar a lenda olímpica	17/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /08	Senhor dos Anéis vai à justiça	17/08/04	Cristiano Cipriano Pombo e Fernando Mello
Caderno Especial (Atenas 2004) /01	As gostosas e o gostosão da Olimpíada	18/08/04	Roberto Dias
Caderno Especial (Atenas 2004) /08	Jogos-2012 abrem caça aos elefantes	18/08/04	Marcelo Diego
Caderno Especial (Atenas 2004) /03	'Déjà vu'	19/08/04	Da reportagem local e do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /08	Antidoping põe gurus na mira	19/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /03	Beleza Americana	20/08/04	Adalberto Leister Filho, Marcelo Diego e Roberto Dias
Caderno Especial (Atenas 2004) /03	Preto no branco	20/08/04	Guilherme Roseguini
Caderno Especial (Atenas 2004) /03	Colorido, atletismo começa com etíope	20/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /08	Debutantes que desafiam homens	20/08/04	Mariana Lajolo
Caderno Especial (Atenas 2004) /04	Após conquistar 5º ouro, Phelps espera pelo 6º fora da piscina	21/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /05	Arapongas estagiam na Grécia	21/08/04	Iuri Dantas
Caderno Especial (Atenas 2004) /01	Presente Grego	22/08/04	Fábio Seixas e Paulo Cobos
Caderno Especial (Atenas 2004) /06	Phelps vê da arquibancada seu feito histórico de 8 pódios	22/08/04	Dos enviados a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /08	O mundo assiste a Olimpíada	22/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /04	Doping leva o ouro no retorno dos Jogos ao seu berço histórico	23/08/04	Dos enviados a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /10	Onde está Bin Laden	24/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /03	Solução Pacífica	25/08/04	Da reportagem local e do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /03	Atrás de aproximação, China leva campeões a Hong Kong	25/08/04	Da reportagem local
Caderno Especial (Atenas 2004) /08	Tapetão não dorme em Atenas	25/08/04	Do enviado a Atenas

Caderno Especial (Atenas 2004) /03	Corrente Migratória	26/08/04	Marcelo Diego
Caderno Especial (Atenas 2004) /10	Grécia valoriza medalha	26/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /09	Casos beiram recorde, mas comitê enxuga a conta dos flagrados	27/08/04	Dos enviados a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /10	Voto de atleta não empolga	27/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /01	Elefante grego é mais branco que os outros	28/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /03	Tesouro da Juventude	28/08/04	Marcelo Diego
Caderno Especial (Atenas 2004) /07	Gregos cham, e Powell desiste de ir a Atenas	29/08/04	Roberto Dias
Caderno Especial (Atenas 2004) /08	Intruso burla megasquema e arruína maratona de brasileiro	30/08/04	Adalberto Leister Filho e Fábio Seixas
Caderno Especial (Atenas 2004) /10	EUA e China fecham disputa por topo mais acirrada dos últimos 90 anos	30/08/04	Marcelo Diego
Caderno Especial (Atenas 2004) /10	Atenas bate recorde de medalhas cassadas	30/08/04	Do enviado a Atenas
Caderno Especial (Atenas 2004) /01	Golpe de Estado	31/08/04	Paulo Cobos
Caderno Especial (Atenas 2004) /02	Na Olimpíada dos heróis, China triunfa com exercito de anônimos	31/08/04	Da reportagem local
Caderno Especial (Atenas 2004) /06	Atenas assiste ao crepúsculo de estrelas de pistas, piscinas e ginásios	31/08/04	Mariana Lajolo e Tatiana Cunha
Caderno de Esporte/04	Bolhas protegem e aquecem piscinas	05/09/04	Da redação
Caderno de Esporte/01	Nuzman aciona dirigentes para construir lobby pela reeleição	19/09/04	Roberto Dias e Fernando Mello
Caderno de Esporte/02	Após lobby, limitação de mandato some do estatuto	19/09/04	Do painel FCE da redação
Caderno de Esporte/02	Após escândalo, COI impôs teto de 12 anos no poder	19/09/04	Do painel FCE da redação
Caderno de Esporte/02	Novo ciclo olímpico será o mais rico da história	19/09/04	Do painel FCE da redação
Caderno de Esporte/02	Doping ameaça ouro olímpico americano	22/09/04	Da reportagem local

■ Espetáculo/Entretenimento;
 ■ Infraestrutura;
 ■ Política;
 ■ Midiatização;
 ■ Marketing Olímpico;
 ■ Manifestações Sociais;
 ■ Nacionalismo;
 ■ Atleta;
 ■ Investimentos Econômicos

APÊNDICE A-5

Grade do detalhamento das matérias da “Folha de S. Paulo” da edição dos Jogos Olímpicos em Pequim: 08 de Agosto a 24 de Agosto de 2008

Caderno/Página	Título da matéria	Data/Ano	Autor
Caderno de Esporte/04	Arquitetura move revolução em Pequim	05/09/04	José Henrique Mariante
Caderno de Esporte/02	China corta em 50% o número de estádios	08/09/04	Da reportagem local
Caderno de Esporte/01	Hegemônico desde 1999, Mao abre espaço para os Jogos Olímpicos no dinheiro chinês	08/07/08	Da reportagem local
Caderno de Esporte/01	Competição terá 'Bíblia Oficial' com anéis olímpicos	08/07/08	
Caderno de Esporte/06	Pequim ganha ouro, com ressalvas	09/07/08	Da reportagem local
Caderno de Esporte/06	Tempo real	09/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/06	Obama critica Bush por visita olímpica	10/07/08	Da reportagem local
Caderno de Esporte/06	Ao vivo	10/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/06	Pente fino	10/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/04	Coletivo	11/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/05	EUA usam astros contra doping	12/07/08	Adalberto Leister Filho
Caderno de Esporte/05	Arapongas	12/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/05	Multidão	12/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/05	Mistério marca ensaio da festa de abertura	12/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/07	Caminho Livre	13/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/07	Capitalismo	13/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/05	Hora do rush	14/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/05	Leprosos	14/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/05	Segurança	14/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/05	Liberado	17/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/04	Pequim restringe carros e obras	19/07/08	Raul Juste Lores
Caderno de Esporte/04	Onda verde: China pune cidades e empresas por falhas ambientais	19/07/08	
Caderno de Esporte/07	Sudão corre para apagar marcas do Genocídio	20/07/08	Mariana Lojolo
Caderno de Esporte/01	Metrô de Pequim sofre consequência dos Jogos	22/07/08	Raul Juste Lores
Caderno de Esporte/01	China planeja fechar porta à Coreia do Norte	22/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/01	Indireta	22/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/01	Na mira	22/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/04	Tecnologia e talento	22/07/08	Fábio Grijó e Mariana Bastos
Caderno de Esporte/03	Pequim veta 'engajados' e cancela espetáculo	23/07/08	Raul Juste Lores
Caderno de Esporte/03	Efeito Bjork provoca cerco aos shows	23/07/08	De Pequim
Caderno de Esporte/03	Sucesso de Jogos define sucessão, afirma Rogge	23/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/03	China cria áreas de protesto	24/07/08	Raul Juste Lores

Caderno de Esporte/03	Privações já fazem chineses ironizar jogos	24/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/03	Sem apelo sexual	24/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/03	Guia de etiqueta	24/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/05	COI afasta Iraque da Olimpíada	25/07/08	Da reportagem local
Caderno de Esporte/05	Ingressos mostram 'China real'	26/07/08	Da reportagem local
Caderno de Esporte/05	China mostra maior equipe de todos os Jogos	26/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/05	Atração Bélica	26/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/06	COI espera até 40 casos de doping	27/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/07	Tóquio-16 lucra com treinos para Pequim-08	27/07/08	Luís Ferrari
Caderno de Esporte/04	As moscas, Vila Olímpica abre apenas para estrelas chinesas	28/07/08	Adalberto Leister Filho
Caderno de Esporte/04	Vale quanto pesa	28/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/04	Manual Chinês narra a história oficial	29/07/08	Adalberto Leister Filho e Eduardo Ohata
Caderno de Esporte/04	Governo exalta ações antipoluição	29/07/08	Dos enviados a Pequim
Caderno de Esporte/01	Brasil faz a rota da jogatina na Ásia	30/07/08	Paulo Cobos
Caderno de Esporte/05	COI recoloca o Iraque na Olimpíada	30/07/08	Da reportagem local
Caderno de Esporte/05	Governo endurece por ar limpo	30/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/05	Chineses manterão censura na internet	30/07/08	Da reportagem local
Caderno de Esporte/01	COI admite acordo com chineses para censurar internet	31/07/08	Adalberto Leister Filho e Eduardo Ohata
Caderno de Esporte/04	Na cerimônia, países seguiram ordem do alfabeto chinês	31/07/08	Made in China
Caderno de Esporte/06	Muro esconde parte pobre de Pequim que a China não conseguiu varrer	31/07/08	Dos enviados a Pequim
Caderno de Esporte/06	'Great Firewall' causa pane em computadores	31/07/08	Dos enviados a Pequim
Caderno de Esporte/02	'Anistia' chinesa na internet mantém restrição ao tibete	01/08/08	Adalberto Leister Filho e Eduardo Ohata
Caderno de Esporte/02	China aumenta repressão sobre críticos do sistema	01/08/08	Raul Juste Lores
Caderno de Esporte/02	País acusa EUA de tentar sabotar Jogos	01/08/08	Dos enviados a Pequim
Caderno de Esporte/03	Sete atletas russas são suspensas por doping	01/08/08	Dos enviados a Pequim
Caderno de Esporte/03	Cubo D'Água tem bunker escondido	02/08/08	Caio Guatelli, Eduardo Ohata e Adalberto Leister Filho
Caderno de Esporte/03	Abertura na internet deve ser parcial	02/08/08	Dos enviados a Pequim
Caderno de Esporte/03	Política não deve estar nos Jogos diz líder da China	02/08/08	Da reportagem local
Caderno de Esporte/08	COI diz que atletas têm direito de se manifestar	03/08/08	Adalberto Leister Filho
Caderno de Esporte/02	China condena passeios de pijama	04/08/08	Raul Juste Lores
Caderno de Esporte/04	Site vende US\$ 50 mi em ingressos inexistentes	04/08/08	Do enviado a Pequim
Caderno de Esporte/08	Voluntário estrangeiro faz figuração	04/08/08	Fábio Seixas
Caderno Especial (Pequim 2008) /06	Superestrelas x Superpopulação	04/08/08	Paulo Cobos, Mariana Lajolo e Tatiana Cunha

Caderno Especial (Pequim 2008) /04	You Tube se une com o COI contra pirataria	05/08/08	Da reportagem local
Caderno Especial (Pequim 2008) /05	Atentado revive medo do terror	05/08/08	Fábio Seixas
Caderno Especial (Pequim 2008) /05	Recuo: Bush vai à China e evita conflito	05/08/08	
Caderno Especial (Pequim 2008) /01	Bem vindo a Pequim	06/08/08	Dos enviados a Pequim
Caderno Especial (Pequim 2008) /02	Qualidade do ar chinês gera dúvida e máscaras	06/08/08	Do enviado a Pequim e da reportagem local
Caderno Especial (Pequim 2008) /03	China restringe entrevistas na praça célebre	06/08/08	Do enviado a Pequim
Caderno Especial (Pequim 2008) /03	Polícia chinesa bate em jornalistas japoneses	06/08/08	Fábio Seixas
Caderno Especial (Pequim 2008) /05	Déficit financeiro em prol da imagem	06/08/08	Paul Kitchin
Caderno Especial (Pequim 2008) /01	Bandeira	07/08/08	Fábio Seixas
Caderno Especial (Pequim 2008) /06	Lula chega Pequim para fazer campanha da Rio-2016	07/08/08	Edgard Alves
Caderno Especial (Pequim 2008) /06	Alegria, marchas e revistas marcaram o desfile em Pequim	07/08/08	Adalberto Leister Filho e Luis Ferrari
Caderno Especial (Pequim 2008) /02	Cidade se blinda para proteger autoridades	08/08/08	Fábio Seixas
Caderno Especial (Pequim 2008) /03	Lula compara Brasil à China por Rio-16	08/08/08	De Pequim
Caderno Especial (Pequim 2008) /01	Made in China	09/08/08	Fábio Seixas Mariana Lajolo e Raul Juste Lores
Caderno Especial (Pequim 2008) /02	Sem telão, multidão 'vê' a festa em praça lotada	09/08/08	Luis Ferrari
Caderno Especial (Pequim 2008) /02	Cerimônia merece 1º ouro olímpico	09/08/08	Sergio Rizzo
Caderno Especial (Pequim 2008) /07	A caça de recorde, Phelps busca hoje seu 1º ouro	09/08/08	Mariana Lajolo
Caderno Especial (Pequim 2008) /07	A Cerimônia Censurada	09/08/08	Sergio Dávila
Caderno Especial (Pequim 2008) /07	Reciclagem do passado	09/08/08	Raul Juste Lores
Caderno Especial (Pequim 2008) /04	Phelps pulveriza recorde e inicia contagem regressiva	10/08/08	Mariana Lajolo
Caderno Especial (Pequim 2008) /04	Em guerra, Geórgia deixa seus atletas na olimpíada	10/08/08	Do enviado a Pequim e da reportagem local
Caderno Especial (Pequim 2008) /06	Conflito afeta rendimento da Geórgia na Olimpíada	12/08/08	Adalberto Leister Filho e Raul Juste Lores
Caderno Especial (Pequim 2008) /01	Inédito Phelps ouro 11	13/08/08	Mariana Lajolo
Caderno Especial (Pequim 2008) /03	Em busca dos Jogos perfeitos, chineses usam retoques	13/08/08	Da reportagem local
Caderno Especial (Pequim 2008) /03	Operários pagam o preço da olimpíada	13/08/08	Tao Ran
Caderno Especial (Pequim 2008) /06	Phelps bate recorde à base de pizza e macarrão	13/08/08	Do enviado a Pequim
Caderno Especial (Pequim 2008) /07	Estados Unidos já tem seu garoto de ouro	13/08/08	Ricardo Prado
Caderno Especial (Pequim 2008) /07	Guerra entre Geórgia e Rússia cria tensão	14/08/08	Do enviado a Pequim
Caderno Especial (Pequim 2008) /01	A 50m	15/08/08	Mariana Lajolo
Caderno Especial (Pequim 2008) /03	Phelps ganha seu sexto ouro e pode iguala recorde hoje	15/08/08	Do enviado a Pequim
Caderno Especial (Pequim 2008) /01	Sou campeão	16/08/08	Mariana Lajolo
Caderno Especial (Pequim 2008) /03	Recordes alheios motivaram campeão	16/08/08	Do enviado a Pequim
Caderno Especial (Pequim 2008) /04	Por um centésimo Phelps iguala marca lendária de Spitz	16/08/08	Do enviado a Pequim
Caderno Especial	COI cassa medalhas de 'aliado' dos anfitriões	16/08/08	Dos enviados a

(Pequim 2008) /09			Pequim
Caderno Especial (Pequim 2008) /10	Melhor de três	16/08/08	Adalberto Leister Filho e Fábio Seixas
Caderno Especial (Pequim 2008) /01	9s69 Bolt fácil	17/08/08	Adalberto Leister Filho e Fábio Seixas
Caderno Especial (Pequim 2008) /08	Revezamento põe Phelps no Olimpo com oitavo ouro	17/08/08	Mariana Lajolo
Caderno Especial (Pequim 2008) /02	Obsessiva China já passou ouros de Atenas	18/08/08	Paulo Cobos
Caderno Especial (Pequim 2008) /09	Jamaicanos e etíopes criam hegemonias	18/08/08	Dos enviados a Pequim
Caderno Especial (Pequim 2008) /07	Futuro de patrocínio é desafio para o COB	20/08/08	Alessandro Martineli
Caderno Especial (Pequim 2008) /08	EUA veem performance fraca em sua maior seara	20/08/08	Do enviado a Pequim
Caderno Especial (Pequim 2008) /10	Tratado como celebridade César Cielo se surpreende	20/08/08	Guilliana Bianconi
Caderno Especial (Pequim 2008) /01	Absoluto	21/08/08	Adalberto Leister Filho
Caderno Especial (Pequim 2008) /07	China moderna não nega passado	22/08/08	TUWeiming
Caderno Especial (Pequim 2008) /01	7,04 m	23/08/08	Adalberto Leister Filho
Caderno Especial (Pequim 2008) /04	Pequim tem o recorde de diversidade em glória	23/08/08	Do enviado a Pequim
Caderno Especial (Pequim 2008) /04	Jamaica e Bolt faturam mais um ouro e recorde	23/08/08	Do enviado a Pequim
Caderno Especial (Pequim 2008) /08	EUA torcem números e se recusam a aceitar a derrota	23/08/08	Fábio Seixas
Caderno Especial (Pequim 2008) /01	Clímax	25/08/08	Dos enviados a Pequim e de Pequim
Caderno Especial (Pequim 2008) /02	Olimpíada marca fim da hegemonia e nova geopolítica	25/08/08	Paulo Cobos
Caderno Especial (Pequim 2008) /05	Olimpíada reforça apoio popular ao Partido Comunista	25/08/08	Raul Juste Lores
Caderno Especial (Pequim 2008) /06	COI enxerga só o que quer no adeus aos chineses	25/08/08	Fábio Seixas
Caderno Especial (Pequim 2008) /06	Cartola afirma que acertou ao escolher o país	25/08/08	De Pequim
Caderno Especial (Pequim 2008) /06	Jogos têm maior audiência da história	25/08/08	
Caderno Especial (Pequim 2008) /06	Cuba termina em 28º e confirma decadência	25/08/08	Guilliana Bianconi
Caderno de Esporte/03	À cubana, Venezuela naufraga	28/08/08	Fabiano Maisonnave
Caderno de Esporte/04	COI sustenta falsa democracia	29/08/08	Rodrigo Mattos
Caderno de Esporte/07	Atleta vive dias de ator e apresentador	29/08/08	Da reportagem local
Caderno de Esporte/06	Maurren curti dias de estrela	01/09/08	Mariana Bastos
Caderno de Esporte/03	Jamaicanos surgem em lista de doping	03/09/08	Da reportagem local
Caderno de Esporte/04	Governo congela os gastos com o esporte de elite	04/09/08	Fábio Zanini
Caderno de Esporte/05	No Brasil, bronze vale mais que ouro	10/09/08	Mariana Lajolo
Caderno de Esporte/05	Patrocinador faz premiação aumentar	10/09/08	Da reportagem local

■ Espetáculo/Entretenimento; ■ Infraestrutura; ■ Política; ■ Midiatização; ■ Marketing Olímpico; ■ Manifestações Sociais; ■ Nacionalismo; ■ Atleta; ■ Investimentos Econômicos

APÊNDICE A-6

Grade do detalhamento das matérias da “Folha de S. Paulo” da edição dos Jogos Olímpicos em Londres: 27 de Julho a 12 de Agosto de 2012

Caderno/Página	Título da matéria	Data/Ano	Autor
Caderno de Esporte/06	Londres faz a festa por 2012 e já tem despedida de Phelps como triunfo	25/08/08	Pedro Dias Leite
Caderno de Esporte/13	Doping tira nadadora da seleção e Flávia pega 3 meses	28/06/12	De São Paulo
Caderno de Esporte/16	Campanha expõe patrocinador que usa Jogos para ficar 'verde'	01/07/12	Mariana Bastos
Caderno de Esporte/12	Rico, Brasil vê delegação diminuir na Olimpíada	02/07/12	Daniel Brito
Caderno de Esporte/05	A 25 dias dos Jogos, crime alerta cidade	03/07/12	Tatiana Cunha
Caderno de Esporte/09	Batalha de derrotados	09/07/12	Edgard Alves
Caderno de Esporte/12	Londres se blinda contra a política	11/07/12	Daniel Brito
Caderno de Esporte/12	Justiça libera mísseis no topo dos edifícios	11/07/12	De São Paulo
Caderno de Esporte/08	Todos países levarão mulheres	13/07/12	De São Paulo
Caderno de Esporte/08	Tenistas viram objeto de desejo	14/07/12	De São Paulo
Caderno de Esporte/06	High-Tech	15/07/12	Bruno Romari
Caderno de Esporte/07	Patinho feio 3D ao vivo terá pouco espaço	15/07/12	Colaboração para a Folha
Caderno de Esporte/07	Transmissões no Brasil vão da Web ao cinema	15/07/12	Colaboração para a Folha
Caderno de Esporte/09	Segurança vira gargalo de Londres	15/07/12	Dos enviados a Londres
Caderno de Esporte/09	Aparato conta com mísseis, cerca de alta voltagem e porta-aviões	15/07/12	Dos enviados a Londres
Caderno de Esporte/02	Vai chover	16/07/12	Dos enviados a Londres
Caderno de Esporte/04	Instalações provisórias dão falsa impressão de atraso	16/07/12	Rodrigo Mattos
Caderno de Esporte/02	À margem	17/07/12	Daniel Brito e Rodrigo Mattos
Caderno de Esporte/03	Promessa de legado inclui lazer e novas moradias	17/07/12	Dos enviados a Londres
Caderno de Esporte/04	Consultor do COB condena longevidade	17/07/12	Mariana Bastos
Caderno de Esporte/04	Para receber brasileiros, CT transforma suas instalações	17/07/12	Da enviada a Londres
Caderno de Esporte/08	Desembarque	17/07/12	Rodrigo Russo
Caderno de Esporte/08	Organização prevê plano contra chuva	18/07/12	Rodrigo Mattos
Caderno de Esporte/08	Com 'puxadinho' centro aquático tem pontos cegos	18/07/12	Mariana Lajolo
Caderno de Esporte/12	Até chuva vira vedete nas casas de apostas	18/07/12	Eduardo Ohata
Caderno de Esporte/12	Premiação é dinâmica e varia conforme favoritismo envolvido	18/07/12	Do enviado a Londres
Caderno de Esporte/09	Folha lança site para cobertura dos Jogos	19/07/12	De São Paulo
Caderno de Esporte/011	Organização encurta evento de abertura em até 30 minutos	19/07/12	Mariana Bastos
Caderno de Esporte/06	Londres terá marmitta a adeptos do Ramadã	20/07/12	Mariana Lajolo
Caderno de Esporte/07	Brasil abre espaço de 23 milhões	20/07/12	Mariana Bastos
Caderno de Esporte/07	Tocha chega de helicóptero à Torre de Londres, e jovem tenta roubá-la	21/07/12	Das agências de notícias
Caderno de Esporte/02	Turismo	22/07/12	Sergio Rangel

Caderno de Esporte/05	Crise só vai afetar atletas espanhóis após Olimpíada	22/07/12	Daniel Brito
Caderno de Esporte/06	Bastão já esta com o Rio, avisa o COI	22/07/12	Do enviado a Londres
Caderno de Esporte/06	Problemas com a segurança são minimizados	22/07/12	Do enviado a Londres
Caderno de Esporte/07	Comitê aperta exames de feminilidade	22/07/12	Do enviado a Mônaco
Caderno de Esporte/07	Folha lança caderno para a cobertura de Londres	23/07/12	De São Paulo
Caderno de Esporte/03	Tocha faz QG do Brasil virar parque de diversões	24/07/12	Dos enviados a Londres
Caderno de Esporte/05	Taxistas protestam por não poderem usar a faixa olímpica	24/07/12	Rodrigo Russo
Caderno de Esporte/06	Linha dura	24/07/12	Mariana Lajolo
Caderno de Esporte/06	Nas redes sociais, é proibido falar de outros esportistas	24/07/12	Dos enviados a Londres
Caderno de Esporte/01	Quero ser...grande	25/07/12	Felipe Coutinho
Caderno de Esporte/02	Novos ricos	25/07/12	Daniel Brito
Caderno de Esporte/02	Russo promete 1 milhão a campeões	25/07/12	Dos enviados a Londres
Caderno de Esporte/03	COI já fatura 10 milhões com o ciclo dos Jogos do Rio	25/07/12	Rodrigo Mattos
Caderno de Esporte/04	Torcedores passarão por pente-fino de casa a estádio	25/07/12	Do enviado a Londres
Caderno de Esporte/10	Até mascote sofre com paranoia da segurança	25/07/12	Rodrigo Russo
Caderno de Esporte/04	Na 1º gafe diplomática dos Jogos, Comitê erra bandeira norte-coreana	26/07/12	Dos enviados a Londres
Caderno de Esporte/04	Mensagem racista no twitter tira saltadora da Grécia da competição	26/07/12	Daniel Brito
Caderno de Esporte/07	As vésperas de novo incentivo, governo cobra mais pódios	26/07/12	Leandro Colon
Caderno de Esporte/08	Arenas vão ter 'comentarista' em áudio e vídeo	26/07/12	Mariana Lajolo
Caderno de Esporte/09	Japão renova a equipe para recuperar hegemonia	26/07/12	Eduardo Ohata
Caderno de Esporte/02	Centro do Mundo	27/07/12	Rodrigo Mattos
Caderno de Esporte/02	Façam suas apostas	27/07/12	Vanessa Barbara
Caderno de Esporte/03	Multiétnica, equipe britânica recruta atletas de 35 países	27/07/12	Daniel Brito e Mariana Bastos
Caderno de Esporte/03	País apela até a internet para formar seleções	27/07/12	Dos enviados a Londres
Caderno de Esporte/04	Abertura incha gastos para superar a de Pequim	27/07/12	Da enviada a Londres
Caderno de Esporte/04	Britânicos tem bilhete premiado	27/07/12	Paulo Cobos
Caderno de Esporte/04	Coreia do Norte minimiza gafe, Ucrânia reclama	27/07/12	Dos enviados a Londres
Caderno de Esporte/10	Presidenciável dos EUA usa Jogos como trampolim eleitoral	27/07/12	Luciana Coelho
Caderno de Esporte/10	Primeira-dama e mulher de candidato disputam atenção	27/07/12	De Washington
Caderno de Esporte/11	Ultima fronteira	27/07/12	Mariana Lajolo
Caderno de Esporte/11	Em evento com ares de cinema Bolt evita falar sobre antidoping	27/07/12	Do enviado a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /02	Império britânico	28/07/12	Mariana Lajolo
Caderno Especial (Londres 2012) /04	UOL ganha liminar para obter imagem em tempo real	28/07/12	De São Paulo
Caderno Especial (Londres 2012) /04	País grande, mas não no pódio	28/07/12	Paulo Cobos
Caderno Especial (Londres 2012) /04	Dilma evita projetar medalhas, mas cobra esportes individuais	28/07/12	Leandro Colon
Caderno Especial (Londres 2012) /04	Para COI, legado de Londres é exemplo ao Rio	28/07/12	Do enviado a Londres

Caderno Especial (Londres 2012) /04	Ásia cresce em ritmo asiático	29/07/12	Paulo Cobos
Caderno Especial (Londres 2012) /09	Novela do véu	29/07/12	Edgard Alves
Caderno Especial (Londres 2012) /12	Surpresa, presença de Marina na abertura gera desconforto político	29/07/12	Leandro Colon
Caderno Especial (Londres 2012) /03	Escassez de transporte faz vôlei noturno esvaziar	30/07/12	Da enviada a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /03	Ou não	30/07/12	Mariana Lajolo e Rodrigo Mattos
Caderno Especial (Londres 2012) /04	O resultado da soma e da divisão	30/07/12	Paulo Cobos
Caderno Especial (Londres 2012) /07	Dama e homem nu	30/07/12	Edgard Alves
Caderno Especial (Londres 2012) /02	Quanto vale um ouro	31/07/12	Eduardo Ohata e Sérgio Rangel
Caderno Especial (Londres 2012) /03	Para COI, Brasil está 30 anos atrasado no combate do doping	31/07/12	Rodrigo Mattos
Caderno Especial (Londres 2012) /04	Venezuela gasta muito para pouco	31/07/12	Paulo Cobos
Caderno Especial (Londres 2012) /09	Geração de adolescentes brilha e se diverte nas piscinas de Londres	31/07/12	Da enviada a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /10	Transmissão com atraso gera revolta contra TV	31/07/12	Fernanda Ezabella
Caderno Especial (Londres 2012) /10	Atletas se rebelam contra proibição de menção a seus patrocinadores	31/07/12	Do enviado a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /02	Gigante	01/08/12	Mariana Lajolo
Caderno Especial (Londres 2012) /02	A casa é sua	01/08/12	Juca Kfourri
Caderno Especial (Londres 2012) /03	Teen vira questão de Estado para chineses	01/08/12	Da enviada a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /04	Para a África os Jogos não começaram	01/08/12	Paulo Cobos
Caderno Especial (Londres 2012) /08	Campanha tenta tornar esporte mais conhecido	01/08/12	Mariana Batos
Caderno Especial (Londres 2012) /09	Folha poderá exibir vídeos da Olimpíada	01/08/12	De São Paulo
Caderno Especial (Londres 2012) /10	Nobres e Plebeus	01/08/12	Sergio Rangel
Caderno Especial (Londres 2012) /11	Britânicos sofrem escassez de ouros e pedem calma	01/08/12	Do enviado a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /02	Convite à marmelada	02/08/12	Edgard Alves
Caderno Especial (Londres 2012) /03	As ditaduras vão bem em Londres	02/08/12	Paulo Cobos
Caderno Especial (Londres 2012) /11	Com que roupa eu vou	02/08/12	Do enviado a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /11	Modelo dos Brasileiros é quase copia do usado pelos americanos	02/08/12	Do enviado a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /03	Alvos, pais viram personalidades nas transmissões	03/08/12	Da enviada a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /04	Os EUA peitam a China	03/08/12	Paulo Cobos
Caderno Especial (Londres 2012) /12	EUA se diversificam para driblar a Jamaica	03/08/12	Do enviado a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /12	Estádio passa por mutação e deve receber multidão	03/08/12	Do enviado a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /04	Uma outra tragédia grega	04/08/12	Paulo Cobos
Caderno Especial (Londres 2012) /06	Polêmica por doping rende vaias a chinesa	04/08/12	Do enviado a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /09	Primos Pobres	04/08/12	Vanessa Barbara
Caderno Especial (Londres 2012) /04	O milagre sul-coreano no esporte	05/08/12	Paulo Cobos
Caderno Especial (Londres 2012) /08	Nova geração aparece, soma ouros e rouba atenção dentro da piscina	05/08/12	Da enviada a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /08	Ultimo Ato	05/08/12	Mariana Lajolo
Caderno Especial (Londres 2012) /09	Chinês cai na água antes, volta, bate recorde e vence nos 15000	05/08/12	Da enviada a Londres

Caderno Especial (Londres 2012) /10	Estreantes, mulheres lutam por mais espaço	05/08/12	Eduardo Ohata
Caderno Especial (Londres 2012) /11	Coreia do Sul bate a do Norte em duelo político-esportivo	05/08/12	Leandro Colon
Caderno Especial (Londres 2012) /02	9s 63	06/08/12	Rodrigo Mattos
Caderno Especial (Londres 2012) /06	Sem milagre	06/08/12	Mariana Lajolo
Caderno Especial (Londres 2012) /09	Esportes Alternativos	06/08/12	Vanessa Barbara
Caderno Especial (Londres 2012) /10	Público lota arena para assistir à volta das mulheres ao ringue	06/08/12	Eduardo Ohata
Caderno Especial (Londres 2012) /04	Nos Jogos, o euro também perde valor	07/08/12	Paulo Cobos
Caderno Especial (Londres 2012) /08	Ouro inédito pode valer ate 180 mil para cada jogador	07/08/12	Martin Fernandez
Caderno Especial (Londres 2012) /08	Marmelada	08/08/12	Daniel Brito e Rodrigo Mattos
Caderno Especial (Londres 2012) /09	Chinês cai 'pula' os 110 m e emociona o estádio	08/08/12	Do enviado a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /03	Projeto Estatal faz Cazaquistão se tornar potência	09/08/12	Daniel Brito e Leandro Colon
Caderno Especial (Londres 2012) /04	A exceção no mundo do petróleo	09/08/12	Paulo Cobos
Caderno Especial (Londres 2012) /08	Regras do COI para patrocínios pessoais provocam dúvida	09/08/12	Rodrigo Mattos
Caderno Especial (Londres 2012) /02	Lenda	10/08/12	Daniel Brito e Leandro Colon
Caderno Especial (Londres 2012) /08	Corpos Olímpicos	10/08/12	Antonio Prata
Caderno Especial (Londres 2012) /05	Político deve usar Londres em campanha	11/08/12	Do enviado a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /04	O menos importante são os 15 dias de Jogos	11/08/12	Sergio Rangel
Caderno Especial (Londres 2012) /07	Tempos de Gloria	11/08/12	Edgard Alves
Caderno Especial (Londres 2012) /09	Phelps ou Bolt	11/08/12	Juca Kfourri
Caderno Especial (Londres 2012) /10	Véu	11/08/12	De São Paulo
Caderno Especial (Londres 2012) /10	Na contramão de costumes, saudades matem clube	11/08/12	Do enviado a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /11	Potência regional, Irã edita Jogos e os mistura com política	11/08/12	Samy Adghirni
Caderno Especial (Londres 2012) /11	Luta volta a ser instrumento de diplomacia	11/08/12	Da enviada a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /12	Americanas derrubam recordes de 26 anos	11/08/12	Do enviado a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /04	A cortina de ferro virou sucata	12/08/12	Paulo Cobos
Caderno Especial (Londres 2012) /12	100%	12/08/12	Daniel Brito e Rodrigo Mattos
Caderno Especial (Londres 2012) /13	Britânico leva estádio a êxtase pela 2ª vez	12/08/12	Dos enviados a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /14	Brasil mistura clichês em festa de cerimônia	12/08/12	Sergio Rangel
Caderno Especial (Londres 2012) /02	22º	13/08/12	Paulo Cobos
Caderno Especial (Londres 2012) /02	País alcança meta com 'carros-chefe' e azarões	13/08/12	Eduardo Ohata e Sergio Rangel
Caderno Especial (Londres 2012) /03	COB mira esportes individuais para ter mais pódios no Rio	13/08/12	Dos enviados a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /03	Sem política nacional, ouro continuara sendo garimpo	13/08/12	José Henrique Mariente
Caderno Especial (Londres 2012) /12	EUA batem China e recorde de ouro fora de suas fronteiras	13/08/12	De São Paulo
Caderno Especial (Londres 2012) /13	Na Olimpíada da igualdade, mulheres puxam vitória	13/08/12	Do enviado a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /14	2012-2016	13/08/12	Da enviada a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /14	Festa vai de samba a maracatu eletrônico	13/08/12	Dos enviados a Londres

Caderno Especial (Londres 2012) /15	Sucesso esportivo e de organização da Grã-Bretanha aumenta pressão sobre o Brasil	13/08/12	Do enviado a Londres
Caderno Especial (Londres 2012) /15	Festa brasuca acerta ao fundir símbolos da cultura nacional	13/08/12	Leonardo Cruz
Caderno de Esporte/01	Governo pressiona o COB com meta única de pódios	14/08/12	Rodrigo Mattos
Caderno de Esporte/01	Investimento para 2016 gera discordância	14/08/12	Do enviado a Londres
Caderno de Esporte/01	Paes fala de obras na chegada da bandeira	14/08/12	Do Rio
Caderno de Esporte/03	Globo e Record esticam dados para ter os Jogos de 2020	14/08/12	Keila Jimenez e Rafael Reis
Caderno de Esporte/03	Londres dá marca histórica da TV americana à NBC	15/08/12	De São Paulo
Caderno de Esporte/03	Dilma recebe bandeira e cobra mais medalhas	13/08/12	Kelly Mattos
Caderno de Esporte/04	A bandeira olímpica	20/08/12	Edgard Alves
Caderno de Esporte/04	Comissão do governo visa alterar lei de incentivo	20/08/12	Marcel Rizzo
Caderno de Esporte/04	Ministério informa que recursos quadruplicaram em 04 anos	20/08/12	De São Paulo
Caderno de Esporte/03	Guardas com roupa de safári protegem bandeira olímpica e arrancam aplausos	08/09/12	Damaris Guiliana
Caderno de Esporte/02	Governo terá 1 bi para investir diretamente no treino de atletas	12/09/12	De Brasília

 Espetáculo/Entretenimento;
 Infraestrutura;
 Política;
 Midiatização;
 Marketing Olímpico;
 Manifestações Sociais;
 Nacionalismo;
 Atleta;
 Investimentos Econômicos

APÊNDICE B-1
Grade das dissertações e teses encontradas no Banco de Teses da CAPES

Universidade-Curso	Título	Autor	Ano
Dissertação, Universidade Federal do Rio de Janeiro - Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento	O legado dos megaeventos esportivos em questão: as mudanças ou as continuidades na cidade Rio de Janeiro pós-sede	Vittorio Leandro Oliveira Lo Bianco	2011
Dissertação, Centro Federal de Educação Tecn. Celso Suckow da Fonseca – Tecnologia	As Ações Organizacionais e a Orientação à Sustentabilidade nos Relatos dos Jogos Olímpicos	Yára Moema Da Silva Mellhem Haquim	2010
Dissertação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Urbanismo	PARADIGMAS E TEORIAS DA CIDADE DAS REFORMAS URBANAS AO URBANISMO CONTEMPORÂNEO – O CASO DE BARCELONA	Teresinha Maria Fortes Bustamante Debrassi	2006
Dissertação, Universidade Federal Fluminense - Geografia	Jogos e Cidades: ordenamento territorial urbano em grandes eventos esportivos	Sávio Túlio Oselieri Raeder	2007
Dissertação, Universidade Federal do Rio de Janeiro - Engenharia de Transportes	MEGAEVENTOS ESPORTIVOS, LEGADOS E TRANSPORTE	Rafaela Dias Romero	2011
Dissertação, Faculdade Cásper Líbero – Comunicação	CHINA E OLIMPIADAS ? A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS PELO DISCURSO TELEJORNALÍSTICO	Priscilla Piconi Tambucci	2011
Dissertação, Fundação Getúlio Vargas- Administração	Mega Evento Esportivo: Impactos no Turismo das Cidades Sedes	Paola Bastos Lohmann	2011
Dissertação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Ciências da Comunicação	A CONSTRUÇÃO DA CERIMÔNIA TELEVISIVA: ESTUDO DE CASO DAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA REDE GLOBO SOBRE A OLIMPÍADA DE ATLANTA – 1996	Miro Luiz dos Santos Bacin	1999
Dissertação, Instituto de Ensino e Pesquisa - Economia	Impactos econômicos dos megaeventos: uma abordagem econométrica	Luiz Alberto Rocha Junqueira	2011
Dissertação, Universidade Federal do Rio de Janeiro – Urbanismo	Gestão de Projetos Urbanos para Grandes Eventos: os casos de Barcelona, Sevilha e Genova	Luis Gabriel Denadai Ambrosio	2006
Dissertação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Ciências do Movimento Humano	Jogos de gênero em Pequim, representações de feminilidades e masculinidades (Re) reproduzidos pelo site Terra	Johanna Coelho Von Muhlen	2009
Dissertação, Universidade Gama Filho- Educação Física	Gestão da segurança pública em mega eventos esportivos	Jose da Silva.	2005
Dissertação, Universidade Salgado de Oliveira - Ciências da Atividade Física	Representações da Mídia Esportiva Impressa sobre a Visibilidade de mulheres atletas nos jogos olímpicos modernos de 2008: entre permanências e mudanças	Emerson da Mota Saint' Clair	2011
Dissertação, Universidade Federal do Paraná	O financiamento do esporte olímpico e suas relações com a política no Brasil	Barbara Schausteck de Almeida	2010
Dissertação,	O impacto dos jogos olímpicos no turismo das	Arianne	2004

Universidade Gama Filho- Educação Física	cidades sedes	Carvalho Dias dos Reis	
Dissertação, Universidade Federal do Paraná	Jornalismo esportivo: uma análise sociológica do caderno Atenas 2004 do jornal Folha de São Paulo	Alexandre Domingues	2006
Dissertação, Universidade Federal Fluminense- Engenharia de Produção	Análise de desempenho das delegações participantes dos Jogos Olímpicos de Pequim-2008	Fabio Gomes Lacerda	2008
Dissertação, Universidade de São Paulo- Educação Física	O boicote aos Jogos Olímpicos de Moscou-1980: uma análise da reação do movimento olímpico brasileiro e internacional	Flavio de Almeida Andrade Lico	2007
Dissertação, Universidade Federal Fluminense- Relações Internacionais	Esporte e relações internacionais: análise de não-adesão do Brasil aos boicotes aos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984)	Flávia Borges Varejão	2006.
Tese, Universidade Estadual de Campinas, Educação Física	Esporte-espetáculo e futebol-empresa	Marcelo Weishaupt Proni	1998
Tese, Universidade Gama Filho- Educação Física	Esporte, movimento olímpico e democracia: o atleta como mediador	Otávio Tavares	2003
Tese, Universidade Gama Filho- Educação Física	O Processo de Inclusão das Mulheres nos Jogos Olímpicos	Ana Maria de Freitas Miragaya	2006
Tese, Universidade Gama Filho- Educação Física	Respostas multiculturais ao olimpismo - uma pesquisa etnográfica em Olímpia Antiga - Grécia	Neise Gaudêncio Abreu	1999
Tese, Universidade de São Paulo - Educação Física	Entre o mito e a história: gênese e desenvolvimento das manifestações atléticas na Grécia antiga	Raoni Perrucci Toledo Machado	2010
Tese, Universidade Metodista de Piracicaba - Educação	Educação do corpo na esteira da racionalidade tecnológica: um convite nos cartazes olímpicos	Daniela Peixoto Rosa	2010

APÊNDICE B-2
Grade dos artigos encontrados nos periódicos científicos da área de Educação Física e em alguns relacionados às Ciências Sociais, e Relações Internacionais e Ciências Políticas

Periódico	Título do Artigo	Autor (es)	Vol./ Nº./ Ano
Movimento	Megaeventos Esportivos	Otávio Tavares	V.17, n.3, 2011
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização	Kátia Rubio	V. 24, n.1, 2010
Pensar a Prática	Olimpíadas Modernas: a historia de uma tradição inventada	Mariza Antunes de Lima, Clóvis J. Martins, André Mendes Capraro	V.12, n.1, 2009
Pensar a Prática	Quem são os vencedores e os perdedores dos Jogos olímpicos?	Otávio Tavares	V.8, n.1, 2005
Pensar a Prática	Os Jogos Olímpicos e o Fenômeno Esportivo”	Ari Lazzarotti Filho, Fernando Mascarenhas.	V. 8, n.1, 2005
Motrivivência	Observações sobre os impactos econômicos esperados dos Jogos Olímpicos de 2016	Marcelo Weishaupt Proni	Ano XXI, n.32/33, 2009
Motrivivência	Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos	Anderson Gurgel	Ano XXI, n.32/33, 2009
Motrivivência	Organismos internacionais e grandes eventos esportivos: novas dinâmicas da dominação burguesa para o século XXI	Marcelo Paula de Melo	Ano XXI, n.32/33, 2009
Motrivivência	Os megaeventos esportivos e seus impactos: o caso das Olimpíadas da China	Ricardo Ricci Uvinha	Ano XXI, n.32/33, 2009
Motrivivência	OLIMPÍADA 2016 – o desenvolvimento do subdesenvolvido	Nilso Ouriques	Ano XXI, n.32/33, 2009
Motrivivência	Considerações sociais e simbólicas sobre sedes de megaeventos esportivos	Bárbara Schausteck de Almeida, Fernando Marinho Mezzadri, Wanderley Marchi Júnior	Ano XXI, n.32/33, 2009
Motrivivência	Um banquete no Olimpo: o esporte nas ondas do radio.	Caroline Ferreira, Fernando Mascarenhas	N.18, 2001
Motrivivência	Os “legados” dos megaeventos Esportivos no Brasil: algumas Notas e reflexões	Juliano de Souza, Wanderley Marchi Júnior	Ano XXII, n.34, 2010
Esporte e Sociedade	Proteção à marca versus liberdade de expressão? Discursos emergentes a partir dos megaeventos esportivos no Brasil	Bárbara Schausteck de Almeida, Juliana Vlastuin, Wanderley Marchi Júnior.	Ano VI, n.18, 2009
Scripta Nova (REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES)	Os Jogos Olímpicos e a transformação das cidades: os custos sociais de um Megaevento	Katia Rubio	V. 9, n.194 (85), 2005
Scripta Nova (REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES)	O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo	Katia Rubio	V.6, n.119 (95), 2002
Confinés	Olimpiadas y Copa Mundial de	Karina G. García Reyes	V.3, n.6, 2007

	Fútbol: ¿Competencias deportivas o instrumentos políticos?		
--	--	--	--